

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.

HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

Apresentação: esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspetivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre a Coordenação do volume

José Luís Brandão é Professor Associado em Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CECH.

Cláudia Teixeira é Professora Associada da Universidade de Évora, doutorada em Literaturas Clássicas e investigadora do CECH.

Fábio Favarsani é Doutorado pela Unversidade de São Paulo e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Ália Rodrigues é Doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e foi Investigadora Pós-Doutoranda no Projecto BioRom sediado no CECH.

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

DIRETORES ADJUNTOS
EDITORIAL ASSISTANTS

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME
EDITORIAL BOARD FOR THIS VOLUME

Alexandre Agnolon (UFOP)
Armando Senra Martins (U. Évora)
Cristina Pimentel (U. Lisboa)
Francisco Oliveira (UC)

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.



SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

BIOGRAFIA E IDENTIDADE NO IMPÉRIO ROMANO
BIOGRAPHY AND IDENTITY IN THE ROMAN EMPIRE

COORD. ED.

J. L. Brandão, C. Teixeira, F. Favarsani, A. Rodrigues

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
<https://www.uc.pt/imprensa>

Contacto Contact
imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales
<https://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics
Pedro Bandeira

Impressão e Acabamento Printed by
Impressões de Coimbra

ISSN
2182-8814

ISBN
978-989-26-2658-1

ISBN Digital
978-989-26-2659-8

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2659-8>

Depósito Legal Legal Deposit
541570/24



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D
financiada por **fct** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia Criado em 1967
Projeto
UIDB/00196/2020



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Resultados do trabalho realizado no âmbito
do Proj. Rome our Home: (Auto)biographical
Tradition and the Shaping of Identity(ies)
(PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

Financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação
para a Ciência e a Tecnologia I.P. no âmbito do projeto
UIDB/00196/2020

Publicação financiada pelo projeto Geral do Centro de
Estudos Clássicos e Humanísticos

©Dezembro 2024

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

BIOGRAFIA E IDENTIDADE NO IMPÉRIO ROMANO

BIOGRAPHY AND IDENTITY IN THE ROMAN EMPIRE

COORDENADORES EDITORS

J. L. Brandão, C. Teixeira, F. Favarsani, A. Rodrigues

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra, Universidade de Évora, Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

O presente volume inclui estudos teóricos sobre a Biografia, as suas origens e desenvolvimentos na Grécia e em Roma, que convergem no tratamento biográfico do regime imperial romano. Além da referência a diversos biógrafos, são objeto especial de análise biografias de Josefo, Plutarco, Suetónio, Quinto Cúrcio, Tácito e *História Augusta*, bem como *Vidas* de governantes — Alexandre, Augusto, Tibério, Galba, Otão, Adriano e Cómodo — e de políticos influentes, como Germânico e Agrícola.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia, Identidade Romana, Império Romano, Roma Antiga, historiografia

ABSTRACT

This volume includes theoretical studies on Biography, its origins and developments in Greece and Rome, as well as its relationship with Ancient History, converging in the biographical treatment of the Roman imperial regime. In addition to references to various biographers, biographies by Josephus, Plutarch, Suetonius, Quintus Curtius, Tacitus and *Historia Augusta* are particularly analysed, as well as *Lives* of rulers - Alexander, Augustus, Tiberius, Galba, Otho, Hadrian and Commodus - and influential politicians, such as Germanicus and Agricola.

KEYWORDS

Biography, Roman Identity, Roman Empire, Ancient Rome, historiography

COORDENADORES EDITORS

José Luís Brandão é Professor Associado em Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CECH.

José Luís Brandão is Associate Professor of Classical Studies at the Faculty of Letters of the University of Coimbra and researcher at the CECH.

Cláudia Teixeira é Professora Associada da Universidade de Évora, doutorada em Literaturas Clássicas e investigadora do CECH.

Cláudia Teixeira is Associate Professor at the University of Évora, PhD in Classical Literatures and researcher at the CECH.

Fábio Favarsani é Doutorado pela Universidade de São Paulo e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Fábio Favarsani holds a PhD from the University of São Paulo and is professor of Ancient History at the Federal University of Ouro Preto, Brazil.

Ália Rodrigues é Doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e foi Investigadora Pós-Doutoranda no Projecto BioRom sediado no CECH.

Ália Rodrigues holds a PhD in Classical Studies from the University of Coimbra and was a Post-Doctoral Researcher at the BioRom Project based at the CECH.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I. BIOGRAFIA: HISTÓRIA, CONCEITOS E ESTRUTURA	
APONTAMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA BIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NOTES ON THE DEVELOPMENT OF BIOGRAPHY IN CLASSICAL ANTIQUITY Joaquim Pinheiro	15
SUETÓNIO E A BIOGRAFIA IMPERIAL: UMA RECONSTRUÇÃO ÉTICA DA HISTÓRIA POLÍTICA SUETONIUS AND IMPERIAL BIOGRAPHY: AN ETHICAL RECONSTRUCTION OF POLITICAL HISTORY José Luís Brandão	39
A HISTÓRIA E A SUA CONSTRUÇÃO NA <i>HISTÓRIA AUGUSTA</i> : ALGUNS PRESSUPOSTOS <i>HISTORIA AUGUSTA</i> REGARDING THE CHALLENGES INVOLVED IN CREATING A DEPENDABLE HISTORICAL NARRATIVE Cláudia Teixeira	73
II. ALEXANDRE: MODELO DE IMPÉRIO	
EVOLUÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO: PLUTARCO E A AÇÃO DE ALEXANDRE PERANTE OS BÁRBAROS DERROTADOS EVOLUTION OVER TIME AND SPACE: PLUTARCH AND ALEXANDER'S BEHAVIOUR TOWARDS THE DEFEATED BARBARIANS Delfim F. Leão Ália Rodrigues	101
ALEXANDRE EM QUINTO CÚRCIO E O PRINCIPADO ROMANO: UM ESTUDO DE ALLELOPOIESIS THE ALEXANDER OF QUINTUS CURTIUS AND THE ROMAN PRINCIPATE: A STUDY ON ALLELOPOIESIS Fábio Faversani Fábio Duarte Joly	119
III. AUGUSTO: BIOGRAFIA E A FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO	
AUGUSTO SEGUNDO FLÁVIO JOSEFO: UM CONTRIBUTO PARA A BIOGRAFIA DO <i>PRINCEPS</i> AUGUSTUS BY FLAVIUS JOSEPHUS: A CONTRIBUTION TO THE BIOGRAPHY OF THE <i>PRINCEPS</i> Nuno Simões Rodrigues	133

AUGUSTUS IN Suetonius AUGUSTO EM Suetónio	151
José Luís Brandão Delfim Leão	
IV. BIOGRAFIA IMPERIAL: EMULAÇÃO, IDENTIDADE E CONFLITO	
EN BUSCA DEL <i>PRINCEPS</i> IDEAL. TIBERIO vs. GERMÁNICO EN LOS <i>ANNALES</i> DE TÁCITO	177
IN SEARCH OF THE IDEAL <i>PRINCEPS</i> : TIBERIUS vs. GERMANICUS IN TACITUS' <i>ANNALS</i>	
Joaquín Villalba Álvarez	
GALBA E OTÃO: DUAS PERSPETIVAS BIOGRÁFICAS GALBA AND OTHO: TWO BIOGRAPHICAL PERSPECTIVES	195
José Luís Brandão	
HOW TO BE A ROMAN SENATOR: ANALYSING AGENCY IN TACITUS' <i>AGRICOLA</i> COMO SER UM SENADOR ROMANO: ANÁLISE DO PODER DE ATUAÇÃO NO <i>AGRICOLA</i> DE TÁCITO	211
Gerjanne Van Den Berg	
<i>SEMPER IN OMNIBUS VARIUS</i> : HADRIAN'S PORTRAYAL IN THE <i>HISTORIA AUGUSTA</i>	233
<i>SEMPER IN OMNIBUS VARIUS</i> : A REPRESENTAÇÃO DE ADRIANO NA <i>HISTORIA AUGUSTA</i>	
Cristiana Roffi	
CÓMODO: OUTRO CALÍGULA, OUTRO NERO COMMODUS: ANOTHER CALIGULA, ANOTHER NERO	257
José Luís Brandão	

INTRODUÇÃO

O presente volume tem origem nas atividades realizadas no âmbito do projeto «BioRom Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)», financiado pela FCT (Fundos nacionais) PTDC/LLT-OUT/28431/2017 e que tem como instituição beneficiária a Universidade de Coimbra, através de seu Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Tendo por objetivos analisar, nas fontes literárias, marcas de identidade e de alteridade no mundo romano, o escopo deste projeto incidiu na forma como os textos refletem definições e modelos da identidade romana, balizados entre duas perspetivas: a perspetiva ontológica que, assente nos valores, nos mitos e na realidade ‘comum a todos’, plasma uma perceção de *romanitas* com fronteiras delimitadas em relação ao(s) Outro(s); a perspetiva de construção, implicada, desde a génese da *romanitas*, na relação com a multiplicidade e com a diferença.

Parte dos contributos que formam este volume foram apresentados na *Conference in Classics and Ancient History* (Coimbra, 22-25 June 2020), mais especificamente no painel *Imperial (auto)biographies: narrating identity in the Roman Empire*, proposto e coordenado por dois investigadores do projeto BioRom (Ália Rodrigues e Fábio Faversani). Partindo do pressuposto de que o Império se constituiu como um período histórico no qual um grande número de comunidades e de indivíduos culturalmente distintos foram obrigados, por via da necessidade de se integrarem na cultura dominante, a negociar e renegociar a sua identidade no quadro de circunstâncias também elas muito díspares (alianças, contactos de fronteira, conflitos com Roma, etc.), o referido painel, que teve como propósito reunir investigadores de diferentes instituições e estádios de formação, visou refletir sobre o problema da identidade em textos (auto)biográficos do período imperial, discutir as perceções relativamente ao que é ‘ser romano’ e ser ‘Outro(s)’ plasmadas nesses textos bem como perceber se essas perceções refletem, em alguma medida, eventuais mutações na construção das fronteiras identitárias.

Além de contributos apresentados no âmbito do painel, o volume acabou por incluir outros textos já publicados e inéditos que guardam estreita relação com o escopo de análise do projeto BioRom, com o intuito de dar corpo a uma obra também pragmaticamente pensada para apoio à lecionação das áreas da História e Historiografia romanas em unidades curriculares de licenciatura e de pós-graduação.

*

Embora a (auto)biografia não se tenha afirmado como um género especialmente valorizado no âmbito dos estudos sobre a identidade romana, a verdade é que o *corpus* de textos produzidos, não obstante a sua diversidade e a circunstancialidade do seu escopo analítico, reduzido ao indivíduo, não deixa de emitir

valores identitários que ultrapassam ‘o particular’. Com efeito, se, no período republicano, políticos romanos escrevem biografias e autobiografias com objetivos propagandísticos e de forma a se posicionarem no quadro da competição no interior da elite, tais relatos não deixam, precisamente devido a esse enquadramento, de revelar o ajustamento a quadros morais e comportamentais que atestam um grau de alinhamento com os modelos de identidade valorizados. Na transição da República para o Império, a tradição literária (auto)biográfica, que inclui os *Commentarii* de César, as *Res gestae* de Augusto, e *De vita sua*, hoje perdida, consagraram modelos de atuação política, mas também percepções relativamente ao modelo identitário e cultural que se valoriza no quadro da gestão da *res publica*. De igual forma, as vidas de «homens ilustres» (*De viris illustribus*) que atuaram em um passado distante granjearam um enorme interesse no mundo romano, tendo sido, como bem o expressam as obras de Nepos e, mais tarde, de Nicolau de Damasco e Plutarco, alvo de paradigmaticização, em alguns casos, sublimada, na medida em que são biografados como modelos de virtude comportamental e acional, a maior parte das vezes em estreita acomodação aos valores da *Romanitas*.

Também a biografia imperial – de que são exemplos *As vidas dos doze Césares*, de Suetônio, as partes que chegaram até nós dos *Césares* de Plutarco e a *História Augusta* – julgou os comportamentos, as virtudes, os vícios, os hábitos, o comportamento social e religioso dos imperadores pela sua proximidade e fidelidade em relação à tradição romana, especialmente expressa nos termos do *mos maiorum*. E o mesmo se diga do tratamento biográfico de determinados políticos nas obras de historiografia, como é o caso de determinadas figuras dos *Anais* de Tácito, transformadas em exemplos paradigmáticos de modelos a seguir ou evitar. Trata-se, pois, de avaliar os estadistas no que respeita aos valores identitários romanos, isto é, verificar se preservam a tradição, se assimilam, de acordo com o pragmático espírito romano, novos elementos culturais, mas sem que deles resulte conflito com os usos, normas e práticas identitárias estabelecidas por essa tradição, ou se, pelo contrário, adotam elementos exóticos, contrários aos valores tradicionais, que comprometem não apenas a identidade, mas também a *dignitas* do governante, dos cidadãos e do Império. Basta pensar no significado de figuras contrastantes, como o caso dos modelos políticos e morais de Augusto, Germânico ou Agrícola, por um lado, e, por outro, das figuras supostamente degeneradas de Tibério, Calígula, Nero, Domiciano ou Cómodo, para mencionar alguns exemplos extremos presentes nos textos.

*

Da riqueza da discussão produzida no âmbito do projeto BioRom e da possibilidade de integrar trabalhos desenvolvidos neste contexto com outros convergentes já publicados resultou a organização deste volume miscelâneo, que reúne contributos centrados no tema da Biografia e da Identidade, divididos

por quatro blocos temáticos. Nestes se incluem perspectivas teóricas, análise de processos de construção de figuras identitárias e o inevitável confronto de caracteres característico do género biográfico.

O primeiro bloco («Biografia: história, conceitos e estrutura») inicia-se com o texto de Joaquim Pinheiro (Universidade da Madeira), intitulado «Apontamentos sobre a evolução da biografia na Antiguidade Clássica», no qual o autor teoriza sobre a evolução da biografia na Antiguidade, identificando e analisando as principais fontes e temas, além de relacionar a narrativa biográfica com a historiografia e a filosofia. A segunda contribuição, da autoria de José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), tem por título «Suetónio e a biografia imperial: uma reconstrução ética da história política». Neste capítulo, propõe-se um enquadramento de Suetónio na história do género e explicita-se a sua técnica biográfica e a consequência na estrutura e na consolidação da imagem dos imperadores biografados. Cláudia Teixeira (Universidade de Évora) assina o último texto deste bloco, intitulado «A História e a sua construção na *História Augusta*: alguns pressupostos», no qual analisa as perceções do autor da *História Augusta* relativamente aos desafios e aos elementos envolvidos na criação de uma narrativa histórico-biográfica por ele ideada como fidedigna.

O segundo bloco («Alexandre: modelo de império») é composto por duas contribuições que discutem a figura de Alexandre Magno. O primeiro texto, intitulado «O Alexandre de Plutarco», de Delfim Leão (Universidade de Coimbra) e Ália Rodrigues (Universidade de Coimbra), discute o retrato de Plutarco de um Alexandre retórico na oração epidíctica *Sobre a fortuna e virtude de Alexandre* e de um Alexandre biográfico na *Vida de Alexandre*. De autoria de Fabio Faversani (Universidade Federal de Ouro Preto) e Fábio Duarte Joly (Universidade Federal de Ouro Preto), «O Alexandre de Quinto Cúrcio» examina as relações de construção mútua entre passado e presente – *allelopoiesis* – na fabricação de um Alexandre em diálogo com o debate sobre o imperador romano ideal.

O terceiro bloco («Augusto: biografia e fundação do império») integra dois textos centrados em Augusto. Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa) assina «O Augusto de Josefo», argumentando que o autor, embora judeu, transmite do imperador uma imagem de bom príncipe e encarnação das virtudes greco-romanas, bem como garante da ordem e do bem-estar dos povos do império, o que corresponde precisamente à imagem que este imperador tentou transmitir de si. O segundo trabalho, de Delfim Leão (Universidade de Coimbra) e José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), e intitulado «Augustus in Suetonius», analisa a forma como Suetónio organiza a narrativa, seleciona os eventos e aborda os tópicos sobre os quais centra o relato, de maneira a desenhar um retrato fortemente ideológico de Augusto.

Completa a obra um último bloco intitulado «Biografia imperial: emulação, identidade e conflito». Joaquín Villalba Álvarez (Universidad de Extremadura) assina «En busca del Princeps ideal. Tiberio vs Germánico en los *Annales* de

Tácito», no qual analisa a «biografia enfrentada», ou seja, a forma moralmente contrastada como Tácito trata as duas personagens históricas. José Luís Brandão (Universidade de Coimbra) assina dois textos desta secção. No primeiro, «Galba e Otão: dos Césares de Plutarco aos de Suetónio», analisam-se as principais diferenças biográficas entre os dois autores sobre o período em questão; o segundo, intitulado «Cómodo: outro Calígula, outro Nero», trata a construção dos tópicos e reapropriações (que chegam até hoje) acerca das figuras dos «maus imperadores» onde se analisam as semelhanças entre a biografia de Cómodo e os textos de Suetónio relativos aos dois Júlio-Cláudios. Gerjanne Van Den Berg (University of St Andrews) assina «Tacitus' *Agricola* or how to be a Roman senator during an autocratic regime», oferecendo uma perspetiva da forma de ação de um senador romano sob imperadores tirânicos, como é o caso de Domiciano. Finalmente, «*Semper in omnibus varius: Hadrian's portrayal in the Historia Augusta*», da autoria de Cristiana Roffi (Università di Trento), discute a construção do retrato do imperador Adriano na *História Augusta*.

Os trabalhos reunidos neste volume, centrados na Biografia e na forma como a Identidade é percecionada nos textos biográficos, expressam a diversidade de abordagens e de metodologias passíveis de aplicar a um género que, não obstante as suas debilidades no que concerne à fidedignidade dos seus relatos, se encontra repleto de potencialidades de análise no que respeita aos valores e perceções que enformam os quadros culturais em que foram produzidos.

F. Faversoni, C. Teixeira, J. L. Brandão, A. Rodrigues

I
BIOGRAFIA:
HISTÓRIA, CONCEITOS E ESTRUTURA

(Página deixada propositadamente em branco)

APONTAMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA BIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA¹

NOTES ON THE DEVELOPMENT OF BIOGRAPHY IN CLASSICAL ANTIQUITY

JOAQUIM PINHEIRO

Universidade da Madeira, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-5425-9865

RESUMO: Durante a Antiguidade Clássica, a narrativa de vidas passou por várias fases e desenvolveu-se em âmbitos muitos diversos, mantendo uma relação próxima com a historiografia. Em forma de síntese, procuraremos identificar os vários momentos dessa evolução e caracterizar os temas principais do género biográfico.

PALAVRAS-CHAVE: biografia, vidas, literatura clássica, história

ABSTRACT: During the Classical Antiquity, the narrative of lives went through several phases and developed in many different domains, maintaining a close relationship with historiography. In summary, we will try to identify the various moments of this evolution and characterise the main themes of the biographical genre.

KEYWORDS: biography, lives, classical literature, history

«Tucídides, ao discorrer sobre a história, parece ter dito que a história é filosofia a partir dos exemplos» (Dionísio de Halicarnasso, *Ars rhet.*11.2)

1.1. ENQUADRAMENTO

Com uma assinalável presença na cultura greco-romana, a escrita de vidas foi-se consolidando ao longo dos séculos, conseguindo o género biográfico ganhar, gradualmente, autonomia e relevância, embora não seja possível reconstituir vários momentos desse processo por falta de fontes. Para essa presença na Antiguidade e na tradição literária muito contribuiu a capacidade que este género tem revelado para se adaptar aos mais diversos contextos socioculturais e às diferentes formas narrativas, bem como a receptividade por parte de leitores e estudiosos. Pela sua proximidade da historiografia ou pela partilha de várias características com outros géneros, foi considerado por alguns como género impuro ou impossível (como Jean Paul Sartre manifesta na obra *A Náusea*, mediante o herói Antoine Roquentin). Rousseau, por sua vez, no preâmbulo da obra *Confissões*, defendera que ninguém pode escrever sobre a vida de um

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto «BioRom – Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)» (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

homem, mas apenas sobre a sua. Numa outra perspectiva, confirma-se que a complexidade e a dimensão plural da biografia foi oscilando, ao longo dos tempos, entre *mimesis* e imaginação, ficção e realidade histórica, numa tensão entre romance e erudição. Boa parte dessa tensão deve-se à incerteza das fontes, facto que abre espaço a várias interpretações e, por vezes, a uma maior subjetividade por parte do biógrafo.

A arte de representar a vida tem na cultura clássica diversas manifestações, desde Xenofonte ou Suetónio a Eunápio de Sardes. Neste leque de autores inclui-se também Plutarco, autor da mais significativa coleção de vidas que a Antiguidade nos legou. Temos usado, propositadamente, o termo «vida» (βίος, em grego, *uita* em latim), uma vez que apenas numa obra de Damáscio, do século V, dedicada à vida de Isidoro, e, uns séculos mais tarde, na *Bibliotheca* do lexicógrafo Fócio² surge o vocábulo βιογραφία.

Nem sempre é fácil distinguir o que é tipicamente biográfico daquilo que caracteriza, em regra, a história ou o encómio. Acresce o facto de nem sempre a natureza da biografia ser semelhante: por exemplo, o *Agésilau* de Xenofonte³ encontra-se mais próximo do género historiográfico do que as vidas de filósofos escritas por Diógenes Laércio; de igual modo, o tom satírico e filosófico das biografias de Luciano (*Demonax*, *Nigrinus* e *Alexander*) não se encontra no *Evagoras* de Isócrates e muito menos na biografia religiosa e filosófica de Filon da Judeia, em *De vita Mosis*.

Também a cultura latina nos oferece significativos exemplos do género biográfico, como os epitáfios ou os elogios fúnebres. Além destes casos, é obrigatório referir as *Imagines* de Varrão, a coleção biográfica *Sobre homens ilustres* (*De viris illustribus*)⁴ e uma outra intitulada *Sobre generais de nações estrangeiras* de Cornélio Nepos, a biografia laudatória de Augusto escrita por Nicolau de Damasco⁵, o *Agricola* de Tácito⁶ e o *De vita Caesarum* de Suetónio. Tal como os exemplos

² Remetemos, a propósito de Fócio e dos extratos das *Vitae* na sua *Bibliotheca*, para o estudo de Schamp 1995: 155-84.

³ Também a *Cyropaidia* de Xenofonte é uma obra de difícil classificação quanto ao género: tratado educacional, história romanceada, biografia romanceada ou apenas história são algumas das hipóteses; refira-se que Xenofonte apenas dedica a primeira parte dessa obra à educação de Ciro, revelando como a educação entre os Persas era diferente daquela que se pratica em Atenas, uma vez que, além de simples e rudes exercícios físicos, não dedicavam nenhuma atenção à formação cultural.

⁴ A maioria das biografias de *Sobre homens ilustres* perdeu-se.

⁵ Cf. *FGrH* 90 F125-30.

⁶ Tal como sucede nas *Vitae* de Plutarco, também no *Agricola* de Tácito se detecta um confronto entre história e biografia como atestam as seguintes palavras de Marincola 1999: 320: «Similarly in the *Agricola*, although biography and history are present, the two genres are not amalgamated, nor does the work ever abandon its biographical form – even the annual campaigns are mined for what they reveal about Agricola's character. But biography and history do confront each other in the work, in the conflict engendered by autocratic government and the matrix of relationships that developed from it»; para Swain 1997: 24, por sua vez, a biografia

gregos, estamos perante um conjunto híbrido e heterogéneo de biografias, revelador da natureza compósita do género biográfico na Antiguidade, mesmo desde a sua origem. Essa natureza compósita da biografia confere-lhe uma dimensão cultural relevante, não só para a análise do indivíduo, mas também das realizações humanas⁷, pois carrega evidentes marcas sociais. Se a hermenêutica cultural implica, entre outros, o estudo do conhecimento de si e do outro, do contexto histórico-social e dos fatores de mudança (interiores e exteriores), de facto, o conteúdo da narrativa biográfica ultrapassa, em muito, a mera descrição da personalidade. Por conseguinte, o retrato biográfico é quase sempre plural e marcado pela diversidade.

Na cultura grega antiga, encontramos, desde cedo, material biográfico, sem que isso signifique que estejamos na presença de obras pertencentes ao género biográfico, porque só durante o período helenístico esse género ganhou autonomia. Antes, porém, tanto nos Poemas Homéricos, como nos poemas compostos por Hesíodo, se encontram dados biográficos e, no caso do poeta de Ascra, também apontamentos autobiográficos.⁸ Juntamos a estes exemplos os epítetos genealógicos, que também fornecem uma informação biográfica, ou a poesia de Arquíloco, Tirteu, Sólon ou Píndaro. No caso particular das referências sobre o *genos*, também Plutarco, em especial nos primeiros capítulos das biografias, descreve pormenores sobre a ascendência dos heróis, salientando, por vezes, o seu carácter aristocrático. Aliás, o interesse em narrar os feitos de figuras do passado é uma característica da literatura clássica que não é exclusiva da biografia, se tivermos em conta as obras de Heródoto, Tucídides ou mesmo a tragédia ática, que coloca no centro da sua trama figuras míticas. Registe-se, ainda, o interesse suscitado em diferentes épocas pelos Sete Sábios⁹, revelador de uma assinalável tendência biográfica.

Sem negligenciarmos a sua importância, não podemos deixar de verificar que estes elementos pouco nos ajudam a definir com acribia a origem da biografia grega¹⁰. O estudo de F. Leo¹¹, considerado o primeiro grande trabalho sobre a biografia na Antiguidade, refere que a estrutura das biografias de Plutarco é

experimental de Tácito merece o seguinte comentário: «That sophisticated but misjudged combination of family loyalty and high-style historiography (with full accounts of battle, general's orations, political history at Rome, geographical excursuses) apparently found no imitators», ao contrário do que acontecia com a biografia de Suetónio.

⁷ A representação do indivíduo teve, sem dúvida, uma expressão assinalável durante o período imperial; cf. Swain 1997: 1-37.

⁸ Sobre a autobiografia na Antiguidade, *vide* Baslez, Hoffmann & Pernot 1993.

⁹ Em Heródoto, Platão, Diógenes Laércio e o próprio Plutarco, que escreveu um tratado sobre este tema (*Sep. sap. conu.*); *vide*, e.g., Busine 2002 e Leão 2003: 23-41 e 2006: 35-78.

¹⁰ Sobre a historiografia e a biografia no período alexandrino, assim lhe chama o autor, *vide* Barbu 1976: 11-35.

¹¹ Leo 1901: este autor aplicou ao conjunto das biografias a metodologia de identificação das fontes proposto por Meyer 1899 para a biografia de Címon, que defende a tese de que Plutarco terá usado uma fonte intermédia.

cronológica, e que assenta numa caracterização indireta. Isto justifica-se pelo facto de as *Vitae* seguirem a tradição peripatética (Aristóteles e Teofrasto¹²), mais vocacionada para caracterizar os homens de ação e a sua psicologia, sem descurar uma certa preocupação artística¹³. Esta dependência de Plutarco parece negar a sua criatividade ou liberdade para estabelecer uma metodologia própria para as biografias.

A descoberta, em 1912, do fragmento Βίος Εὐριπίδου, de Sátiro¹⁴ (POxy. 1176), datado do século II a.C., e a de outros papiros¹⁵ colocaram, no entanto, a hipótese da existência de biografia política na época helenística. Esses textos confirmam que a produção biográfica continuou na época helenística e que, mais importante ainda, se terão escrito biografias políticas¹⁶. Logo, sem retirar mérito ao pioneiro estudo de F. Leo¹⁷, parece-nos que as fronteiras entre as duas tradições não seriam tão rígidas¹⁸. Qualquer estudo sobre a biografia antiga debate-se, contudo, com o problema da falta de *testimonia*, pois, com exceção de Cornélio Nepos, Suetónio e Plutarco, poucos são os textos completos que nos

¹² Atribui-se-lhe uma obra intitulada *historika hypomnemata*, fonte importante para os biógrafos; sobre o nome «peripatético», vide *An seni resp.* 796D. A influência peripatética é evidente no tratado que defende a participação dos anciãos na atividade política, tal como os Estoicos; é curioso que na biografia de Cícero (cf. *Cic.* 24.5-6) surjam referências a Platão, Aristóteles e Teofrasto, autores imprescindíveis para se perceber a obra de Plutarco.

¹³ Leo 1901 contrapõe à biografia de Plutarco a de Suetónio, baseada numa estrutura temática, com uma caracterização direta, crítica e mais exata, por seguir a tradição alexandrina. Duff 2002r: 7-8 discorda quando escreve: «The differences between Plutarch and Suetonius should be assigned not to the influence of literary traditions or sources which they blindly followed, but to their own choice, their own conception of the biographer's task and their own cultural identity». No caso de Suetónio, influenciou a sua biografia a ideologia do Principado e a tradição retórica romana do *encomium*.

¹⁴ Cf. Gallo 1997: 167-84 e 1997r: 7-39; o mesmo filólogo italiano refere-se ao Βίος Εὐριπίδου com as seguintes palavras: «L'estremo interesse della *Vita di Euripide* di Satiro, pur nella sua frammentarietà, era ed è dovuto principalmente al fatto che essa costituisce il più antico esempio di biografia costituita in genere letterario, con sue regole, strutture e funzione» (*op. cit.*: 168); Paton 1913: 131-2, pouco depois da descoberta do papiro, aponta algumas reminiscências verbais entre este e *De adul.* 68B e *Coniug. praec.* 141B.

¹⁵ Cf. Larsen 1942.

¹⁶ Geiger 1985, apesar disso, afirma que «political biographies of this kind [refere-se às de Plutarco] did not exist in the Hellenistic age».

¹⁷ O estudo deste filólogo admite a influência de biografias helenísticas no esquema plutarquiano, nomeadamente por meio de Aristóxeno, discípulo de Aristóteles; Momigliano 1991: 111 ss. chega mesmo a considerar plausível ter sido Aristóxeno o primeiro autor de biografias no Liceu e que a introdução de histórias anedóticas no género biográfico se deve a ele; parece-nos, no entanto, que a falta de textos não permite atribuir um papel tão relevante a este discípulo de Aristóteles, mas compreende-se que a intenção de F. Leo e A. Momigliano era a de provar a existência de biografias políticas na época helenística, uma teoria com a qual Geiger 1985: 57 não concorda.

¹⁸ Cf. Gentili & Cerri 1983: 80 ss., que mostram como é difícil distinguir biografia, encómio e historiografia antes da época helenística.

auxiliam neste campo de investigação. Por isso, alguns estudos¹⁹ procuraram comparar as obras desses três biógrafos, evidenciando as semelhanças e o facto de terem usado as mesmas fontes biográficas, de cariz político. Dessa forma, colocam a hipótese de ter havido uma escola dessas biografias no século II. M. A. Levi²⁰, mais atento às diferenças, admite a existência de biografias políticas antes do século I a. C., mas defende que Cornélio Nepos fez um trabalho de síntese, enquanto Plutarco ampliou a informação que lhe serviu de base.

Outros estudiosos tentam desvalorizar a influência da tradição peripatética no florescimento da biografia grega: A. Dihle²¹, observando o papel de Sócrates, considera o diálogo platónico *Apologia de Sócrates* uma biografia; H. Homeyer²², por sua vez, sustenta que as primeiras manifestações biográficas são as narrações sobre Ciro e Cambises em Heródoto, que considera o «pai da biografia»; A. Momigliano²³, seguindo esta corrente, propõe Cílix como o primeiro biógrafo. Acertada nos parece a opinião de I. Gallo²⁴, que defende ser pouco provável que a biografia grega se tenha iniciado na escola peripatética, mas que teria surgido numa fase anterior, em paralelo com a historiografia, tendo mais tarde sido estabelecida a canonização da biografia, embora o próprio estudioso italiano não precise o autor ou a data em que isso ocorreu.

Ainda que algumas dessas obras nos ajudem a perceber os primórdios da caracterização de uma personalidade, as teorias que interpretam essas realizações literárias como biografias têm sido, com o tempo, rejeitadas, pelo facto de faltar aos exemplos indicados uma clara intenção por parte dos autores de escrever uma biografia e por nem sempre, do ponto de vista formal, tais obras se poderem enquadrar nesse género. Contudo, de uma forma indireta e inconsciente, elas introduziram a ideia de individualização que nos levaria mais tarde à biografia. Ao contributo dos autores já referidos, juntamos o de Teágenes de Régio, autor de uma biografia de Homero (VI a. C.)²⁵, o de Cílix de Carianda que escreveu uma biografia, de cariz político, sobre Heraclides (início do século V a. C.), o de Xanto da Lídia que dedicou uma biografia a Empédocles²⁶ (finais do século V a. C.), e as obras de Íon de Quios e Estesímbroto de Taso²⁷. Com estes exemplos podemos verificar que a narrativa biográfica terá criado as suas raízes entre os séculos VI e V a. C.,

¹⁹ Por exemplo, Uxkull-Gyllenband 1927: 91-112.

²⁰ Levi 1955: 196-227.

²¹ Dihle 1956: 34.

²² Homeyer 1962: 75-85.

²³ Momigliano 1991t.

²⁴ Gallo 1997r: 169 e 2000: 12.

²⁵ Para Gallo 1997r: 175: «La prima attestazione di una biografia greca (...) che fa iniziarle la produzione biografica com Scilace di Carianda.»

²⁶ Cf. Diog. Laert. 8.63. e *FGrHist* 765 F 32-33.

²⁷ Sobre o contributo destes dois autores para o género biográfico, Mazzarino 1966: 86 s. nota que o valor e o significado que o *ethos* ganha na biografia se deve a estes autores.

sofrendo posteriormente diversas mutações e aperfeiçoamentos até ao momento em que se assumiu como género. Esse momento é difícil de precisar, ainda que haja a tendência para indicar os séculos IV e III a. C. como a altura provável para o início dessa produção enquanto género autónomo.

Gostaríamos ainda de referir o estudo de J. Bollansée²⁸ sobre os fragmentos de Hermipo de Esmirna (III a. C.), autor de uma obra intitulada Βίου τῶν ἐν παιδείᾳ διαλαμπάντων, que reúne numa obra, ou mais, a vida de ilustres oradores, filósofos e legisladores, como Pitágoras, Aristóteles, Teofrasto, Isócrates, entre outros. J. Bollansée chega à conclusão de que Hermipo terá sido o primeiro biógrafo grego. Este estudo só não é mais conclusivo porque se baseia em fragmentos, embora ajude a perceber que a atividade biográfica existiu e se terá mesmo intensificado na época helenística. Além disso, a obra de Hermipo foi influenciada na sua conceção e metodologia por Aristóteles e Calímaco. Sublinhe-se, ainda, que Plutarco recorre diversas vezes a Hermipo²⁹, discípulo de Calímaco pertencente à escola peripatética, facto que assume um significado que não deve ser menosprezado na análise das influências que recebeu dessa escola na composição das suas biografias.

Sem termos total certeza, acreditamos que os autores referidos terão desempenhado um papel relevante na criação e consolidação da biografia. Digno de nota é o facto de São Jerónimo, no prefácio à obra *Sobre homens ilustres* 1-2, além de confessar que pretende seguir Suetónio (Tranquilo), cita os seguintes autores gregos: Hermipo, Antígono, Sátiro, Aristóxeno; da parte dos autores latinos, refere Varrão, Santra, Nepos e Higino.

Em resumo, listamos os primeiros autores que escreveram obras de cariz biográfico:

VI-V a.C.	Teágenes de Régio ³⁰ , biografia de Homero
VI-V a.C.	Cílix de Carianda, <i>Vida de Heraclides</i> ³¹
V a.C.	Xanto da Lídia, biografia de Empédocles
V a.C.	Estesímbroto de Taso, <i>Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles</i>

²⁸ Bollansée 1999; trata-se de um filólogo que incorpora o projeto que visa dar continuidade à monumental obra *Die Fragmente der griechischen Historiker* de F. Jacoby.

²⁹ Cf. *Lyc.* 5.4, 23.2, *Sol.* 2.1, 6.7, 11.2, *Per.* 32.1, 33.8, *Alex.* 54.1, *Dem.* 11.4, 28.3, 30.1; *De gen. Socr.* 586E e 598E, *X or. uit.* 839E e 849C; Cf. Piccirilli 1977: 1007-16 e Bearzot 1985: 31-34 (Hermipo, fonte usada por Plutarco para o *bios* de Fócion); em *Dem.* 5.7 faz referência a umas memórias anónimas (ἀδῆσποτα ὑπομνήματα) consultadas por Hermipo; segundo alguns, a biografia que Ctesíbio de Cálcis escreveu sobre Demóstenes terá chegado ao conhecimento de Plutarco por intermédio de Hermipo.

³⁰ Citado por Taciano, autor cristão do séc. II, por ter sido um dos autores a escrever a biografia de Homero: «Quanto à poesia de Homero, o seu género de vida (*genos*) e sobre a época em que viveu, os mais antigos foram Teágenes de Régio, Estesímbroto de Taso, Antímaco de Cólofon, Heródoto de Halicarnasso, Dionísio de Olinto (...); Taciano, *Graec.* 31.

³¹ Trata-se de Heraclides de Milasa; cf. *FGrHist* 709 T1.

V a.C.	Íon de Quios, <i>Fundação de Quios, Memórias</i> (faría parte da obra <i>Epidemiai</i>)
V a.C. (c.445)	Antístenes de Atenas ³²
V a.C.	Timeu de Locros, <i>Vida de Pitágoras</i>
V a.C.	Isócrates, <i>Evágoras</i>
V. a.C.	Xenofonte, <i>Memoráveis, Ciropedia, Agesilau</i>
V. a.C.	Platão, <i>Apologia de Sócrates, Fédon e Górgias</i>
IV a.C.	Hermodoro de Siracusa, <i>Sobre Platão</i>

São identificadas, deste modo, duas tradições biográficas: a Peripatética (ético-política; a narrativa segue uma linha cronológica), talvez inventada por Aristóxeno, e a Alexandrina (mais erudita; sem sequência cronológica e que expõe o carácter e as conquistas dos biografados), como sucede em Suetónio. Ainda que tenha vantagens metodológicas, esta classificação das narrativas biográficas omite contudo, a possibilidade de existência da tradição biográfica já no período pré-clássico e clássico e, além disso, não considera a hipótese de a biografia combinar as duas teorias.

1.2. AS PRINCIPAIS FONTES

As principais fontes para o estudo das origens do género biográfico são *testimonia* e *fragmenta*, uma vez que as obras se perderam e restam apenas alusões, referências ou citações. Tal como a produção historiográfica do período helenístico, também a escrita de vidas sofreu semelhantes problemas de transmissão, salvo algumas exceções. Incluímos na lista das principais fontes os seguintes autores: Aristóxeno de Tarento, Fânias de Éreso, Hermodoro de Siracusa, Hermipo de Esmirna, Antígono de Caristo, Dicearco, Pseudo-Calístenes, Sátiro e já do século I, muito provavelmente, a biografia *Vida de Esopo* de autoria desconhecida. Quando abordarmos a produção biográfica no período helenístico, salientaremos alguns aspectos sobre este conjunto de autores e respectivos textos.

Uma outra fonte importante é precisamente Diógenes Laércio, ele próprio autor de uma coleção de biografias filosóficas, intitulada *Vidas e opiniões de filósofos ilustres*. Nos dez livros, podemos encontrar várias referências, a saber: Dicearco, como autor de vidas (1.40,41; 3.4, 38, 46; 8.40); Timóteo, *Sobre Vidas* (3.5, 4.4, 5.1, 7.1); Antígono de Caristo³³ («escreveu biografias»; 4.17, 9.110) autor de uma obra intitulada *Vida dos filósofos* que serviu de fonte para muitos historiadores e doxógrafos, com a particularidade de os filósofos referidos nessa obra serem quase todos contemporâneos e de o autor conhecer pessoalmente

³² Cf. Diog. Laert. 6.15-18.

³³ Dorandi 1999.

alguns; Xenócrates, *Sobre Vidas* (4.12); Hermipo (*passim*, um dos autores mais vezes referido); Sátiro («nas suas *Vidas*»; 2.12, 6.80, 8.53, 8.58); Díocles, autor de *Vidas dos filósofos* (2.54, 2.82); Teofrasto, *Vidas*, em 3 livros (5.42) e *Sobre Empédocles* (5.43); Estráton, *Sobre Vidas* (5.59); Heraclides, *Sobre as Vidas*, em dois livros (5.87); *Epítome às Vidas de Sátiro* (8.40); Antístenes de Atenas (6.15-18).

De facto, nem só as narrativas de vidas ou a historiografia contêm material biográfico. Também as entradas de enciclopédias, como a *Suda* ou a *Biblioteca* de Fócio, os epitáfios, os livros *De viris illustribus*, as cartas ou as *laudationes* são preciosas fontes para estudar a ampla latitude da biografia na Antiguidade. Saliente-se que as próprias obras biográficas se tornam uma fonte crucial, uma vez que os autores citam outros autores, permitindo, com algumas limitações, reconstituir o *corpus* principal da biografia antiga.

1.3. BIOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA

A biografia tem, sem dúvida, um carácter híbrido e convoca a intertextualidade, pois toca o mito, a épica, a tragédia e a retórica, entre outros. Apesar de se concentrar numa vida, o biógrafo mantém um olhar atento ao contexto político, cultural e social, estabelecendo paralelismos, mais ou menos explícitos, com outras épocas.

Antes de estabelecermos a relação entre biografia e historiografia, refira-se que o género encomiástico³⁴, cultivado em especial no século IV a. C., terá dado um contributo decisivo para a génese da biografia. Os exemplos geralmente referidos são dois encómios: o *Evagoras* (*orat.* 9) de Isócrates³⁵ e o *Agésilau* de Xenofonte³⁶ – com diferenças no seu esquema formal, uma vez que o primeiro está mais de acordo com o *epainos* e o segundo com o *enkomion* –, que procedem à caracterização histórica de uma personagem, em função dos seus feitos, descrevendo diversos traços do carácter dos protagonistas. Apesar das semelhanças, porém, não podemos confundir encómio com biografia³⁷, pois enquanto o encómio tem claramente como objetivo a idealização da personagem, o que condiciona a seleção das fontes, a biografia procura descrever o *ethos* das personagens, com as suas virtudes e defeitos, ora elogiando, ora criticando, concentrando nesse aspecto a força persuasiva dos princípios enunciados, como Aristóteles defende na *Retórica*³⁸.

³⁴ Há quem estabeleça uma relação entre este género e o epitáfio, as *imagines maiorum* ou a *laudatio funebris* dos Romanos.

³⁵ ἄνδρος ἀρετὴν διὰ λόγων ἐγκωμιάζειν (*Evag.* [9] 8.2); Race 1987: 131-55 compara este texto com alguns epinícios de Píndaro.

³⁶ Xenofonte descreve o carácter de Agésilau ἀπὸ γὰρ τῶν ἔργων (1.6); refira-se, ainda, que algum do material historiográfico usado no *Ages.* é partilhado com as *Hell.*, sinal da proximidade dos géneros e da metodologia de trabalho do autor.

³⁷ Jenkinson 1973: 703-19, num artigo que ajuda a contextualizar a biografia de Cornélio Nepos, classifica os referidos textos de Isócrates e Xenofonte como «biografia encomiástica».

³⁸ Cf. *Rhet.* 1356a.

Historiografia, encómio e biografia partilham, de facto, várias semelhanças e, em especial, debruçam-se sobre povos, personagens, acontecimentos e caracteres, enfatizando cada um desses géneros aspectos distintos³⁹.

Biografia e historiografia partilham o uso da prosa, o recurso a discursos, o uso de fontes, a referência aos intervenientes na ação e destinam-se a um público semelhante. Tendo em conta este conjunto de similitudes, não nos surpreende a proximidade que mantiveram na Antiguidade Clássica. Também se podem identificar diferenças, ainda que pouco acentuadas e com limites muito ténues.⁴⁰ Por norma, a biografia dedica-se mais a assuntos privados, do nascimento até à morte, enquanto a historiografia, numa visão mais macro e trans-temporal, prefere enfatizar os assuntos públicos, da ascensão até à queda ou morte dos protagonistas. No fundo, a biografia estrutura-se a partir de uma vida, enquanto a historiografia se concentra mais na ação, nas suas causas e consequências. Estas diferenças têm implicações na própria estrutura interna e na sequência de temas.

Para problematizarmos um pouco esta questão da proximidade entre os dois géneros, consideramos que Políbio e Dionísio de Halicarnasso nos oferecem dois bons testemunhos da complexa relação entre biografia e historiografia⁴¹. É elucidativo o que escreve Políbio sobre a biografia que dedicou a Filopémen e a relação dessa obra com as *Historiae*⁴², palavras que encontram eco na conceção das biografias de Plutarco⁴³. Políbio, de facto, pretende que se dê mais valor ao

³⁹ Em *Sol.* 27, por exemplo, reivindica a utilidade e o benefício de utilizar fontes tradicionais sobre o encontro simbólico entre Sólon e Cresos, isto é, entre duas civilizações diferentes.

⁴⁰ Sobre este assunto, *vide* Press 1982, Kraus 1999 e McGing & Mossman 2006.

⁴¹ Refira-se que também Tito Lívio, na *praefatio* da sua narrativa histórica, afirma que irá contar como o Império se gerou e como cresceu por meio da forma de vida, dos costumes, dos homens e das políticas.

⁴² 10.21.2-7 (cf. 16.14.6): Uma vez que o percurso da narração nos colocou no início da atividade pública de Filopémen, julgamos ser conveniente fazer para ele algo semelhante ao que tentámos para outros homens distintos, que foi apresentar a formação e a natureza de cada um deles. Na verdade, é absurdo que os historiadores de fundações de cidades expliquem quando, como e por quem foram fundadas, e ainda revelem, para demonstração, as condições e as vicissitudes em que isso sucedeu, mas dos homens que dirigiram estas empresas silenciam a sua formação e as suas ambições, as quais têm uma grande variedade de proveitos, na medida em que é mais profícuo admirar e imitar os homens vivos do que as construções sem vida. Desse modo, é mais conveniente para o aperfeiçoamento dos ouvintes a obra que trate dessas coisas. Se, no entanto, não tivéssemos composto sobre esse homem [Filopémen] uma obra à parte, na qual explicávamos quem era, de quem descendia e a formação que recebeu enquanto jovem, era necessário ter em conta o que havia sido dito sobre cada um destes assuntos. Mas como antes, excetuando esta obra, escrevemos uma sobre este homem em três livros, onde expusemos a sua formação na infância e as ações mais famosas, torna-se evidente que, na presente narração, conviria tirar o que concerne à formação e às ambições na juventude. No entanto, ao que na outra obra apresentámos de forma sumária juntamos agora o que diz respeito ao momento alto da vida dele, uma vez que convém respeitar cada uma das duas obras. (salvo outra indicação, as traduções neste artigo são da nossa autoria).

⁴³ Não esqueçamos que as variadas referências a Políbio provam o conhecimento que Plutarco tinha da sua obra (cf. Helmbold & O'Neil 1959: 63-4), usando o historiador de Megalópolis

homem, quer à sua formação quer às suas ambições, e não apenas às ações que empreendeu, uma vez que a sua obra tem por objetivo a *epanorthosis* dos ouvintes ou leitores por meio de coisas vivas, ou seja, o homem, autor da ação. Em verdade, entendia o historiador de Megalópolis que escrever história deveria ter um *telos* didático que os leitores entendessem, objetivo que estava acima da beleza estética do texto. Além disso, é o próprio Políbio que nos fala da obra que dedicou a Filopémen, e que na obra que está a escrever no momento não pretende repetir o que já havia escrito, apenas dar agora mais relevo à *akme*. Infelizmente os três livros dedicados a Filopémen não chegaram até nós para permitirem uma maior avaliação do seu conteúdo. Ainda assim, por aquilo que o historiador regista haveria certamente pontos de contacto entre as formas biográficas dos dois autores.

No caso de Dionísio de Halicarnasso, também as suas palavras se revelam muito significativas, pois defendia que a escrita histórica não podia alhear-se da descrição do carácter⁴⁴, valorizando a exposição de aspectos relacionados com a conduta de vida dos protagonistas da História.

Quanto à relação entre os dois géneros, recordamos que Políbio e Dionísio de Halicarnasso provam essa proximidade⁴⁵, pois pretenderam aprofundar nas suas obras aspectos intimamente relacionados com o indivíduo (a génese, a formação, o carácter, a conduta, *inter alia*), aquilo que na biografia de Plutarco ocupa o primeiro plano. Na verdade, Políbio e Dionísio de Halicarnasso mostram como num registo literário distinto existem elementos que se repetem, na medida em que o autor de história ou de biografia trabalha com ações e indivíduos, cabendo-lhe determinar uma metodologia própria para os seus propósitos, sem deixar de ter um fim educativo, embora a biografia procure uma educação mais moral e a história, por sua vez, uma educação mais direcionada para a política⁴⁶.

Sobre este tópico, gostaríamos de sublinhar que a conciliação das duas artes narrativas é possível e até desejável, uma vez que ambas desenvolvem junto dos leitores perspectivas interpretativas complementares. O facto de os autores antigos terem a necessidade de afirmar que escreviam vidas e não história, como é o caso de Cornélio Nepos e Plutarco, permite-nos concluir que o prestígio da

como fonte válida: e.g. *Phil.* 16.4 (cf. *Pol.* 21.32.3) e *Cat. Ma.* 10.3 (cf. *Pol.* 19.1), embora também haja casos em que o critique: *De fort. Rom.* 325F (cf. *Pol.* 2.18.3) e *Aem.* 15.5 (cf. *Pol.* 29.14).

⁴⁴ *Ant. rom.* 5.48.1: Durante o consulado destes, morreu de doença Públio Valério, chamado Públicola, considerado superior em virtude a todos os homens do seu tempo. Não preciso de referir outras ações deste homem, pelas quais é digno de ser admirado e recordado, pois no início desta narração referi muitas delas. Porém, o que é mais admirável de todos os elogios deste homem ainda não o mencionei, o que penso que não se deve omitir, pois, acima de tudo, considero que interessa ao que escreve histórias não apenas expor as ações guerreiras de distintos generais, nem somente se por sua iniciativa estabeleceram uma política conveniente e segura para as suas cidades, mas também descrever abertamente as suas vidas, se levaram uma vida com mesura e temperança, permanecendo fiéis aos costumes da pátria.

⁴⁵ Cf. *Nic.* 1.5 (história e biografia).

⁴⁶ Cf. Desideri 1992a: 4473.

biografia era menor e se foi consolidando. Tal como a historiografia, a biografia resulta da combinação equilibrada de forma e temática, constituindo os dois géneros, com estilos distintos, uma forma de imortalização de feitos. Se Plutarco recorreu a fontes historiográficas para compor as vidas, também as suas biografias se transformaram numa enciclopédia com elevado valor cultural e histórico.

1.4. BIOGRAFIA E FILOSOFIA

A dimensão multifacetada da biografia também advém da sua relação com o pensamento filosófico.⁴⁷ Esta interligação merece várias interpretações que, de forma sucinta, passaremos a enunciar.

Desde logo, a evolução da escrita de vidas foi influenciada, na Antiguidade, por preceitos filosóficos, nomeadamente da escola peripatética e do estoicismo, tanto ao nível da forma, como, em especial, do conteúdo. Na história da biografia antiga, regista-se uma tendência para narrar vidas de filósofos, seja de forma isolada, como a *Vida de Pitágoras* de Porfírio, seja de forma coletiva como Eunápio de Sardes. Se esta marca da biografia antiga demonstra a importância da filosofia, também pode significar a necessidade de registar os ensinamentos dos filósofos, na maioria dos casos transmitidos sobretudo por meio da oralidade.

Tomando por base Nepos, Suetónio e Plutarco, a própria narrativa de vidas pode abrir um espaço de reflexão filosófica, a saber: a) as circunstâncias do nascimento e do crescimento podem determinar o carácter do indivíduo; b) a *physis* pode ser moldada ao longo da vida, por ação própria ou por vivências determinantes (por exemplo, a guerra); c) a influência da *paideia* no *ethos* e os limites da *paideia*; d) perante as adversidades, torna-se complexo conter o excesso e manter a razão, de forma a optar pelas melhores decisões, enfatizando-se o valor da racionalidade na ação; e) a ação humana está dependente de fatores externos que muitas vezes não se conseguem prever nem amenizar; f) o sucesso depende mais da natureza do indivíduo ou da própria *tyche/fortuna*?; g) a morte constitui um final trágico ou é simplesmente a constatação da finitude humana? Estas e outras reflexões ou questões contribuem para a densidade filosófica de muitas biografias e constituem por si, um dos temas que suscita a curiosidade do leitor.

1.5. TEMÁTICAS

Na verdade, a leitura de vidas guia-nos por temáticas diversas com o objetivo de caracterizar o biografado. Do nascimento à morte, o conjunto de temáticas pode variar, tal como a sua valorização na estrutura interna. Por conseguinte, a categoria de biografia e a abordagem temática estão interligadas. Como metodologia,

⁴⁷ Recomenda-se sobre a relação entre biografia e filosofia o conjunto de estudos editados por Bonazzi & Schorn 2016.

seguimos as categorias da biografia antiga definidas por Momigliano e Stadter: biografia filosófica, biografia literária, biografia escolar ou por referências (semelhante às nossas enciclopédias), encómios, vidas de quem faleceu recentemente, autobiografias, comentários e memórias, biografia política ou histórica. Esta classificação dá um apoio importante, no entanto não nos permite superar problemas de categorização de algumas biografias: por exemplo, a vida de Sólon, de Plutarco, aborda temas políticos, filosóficos e também literários, sucedendo o mesmo com a vida de outras figuras relevantes. Ou seja, as biografias combinam, muitas vezes, temas, por meio de diferentes formas, com ou sem comparação, com ou sem diálogo, com ou sem discursos longos.

Em linhas gerais, selecionaríamos como principais temas os seguintes: a) a complexidade da natureza humana; b) o papel da educação ou de outros contributos para a formação do indivíduo (família ou vivências especiais); c) os aspectos políticos ou relacionados com a participação cívica; d) a caracterização ética, com referência a valores culturais; e) a mobilidade dos biografados, por meio da relação com o espaço e as suas consequências no *ethos*; f) o sentido da condição humana. Estes temas e a sua valorização na narrativa não são constantes em todas as biografias. Por regra, a caracterização do *ethos*, por meio da descrição de ações, torna-se estruturante, mas é acompanhada por outros tópicos, como a ascendência ou origem, o nascimento e as circunstâncias em que o biografado cresceu, bem como a educação, tanto física como mental. São também importantes os temas da natureza do indivíduo e factores de mutabilidade ou a morte e o pós-morte (por exemplo, o legado do biografado é um tema muito presente em Suetónio ou nas hagiografias). Para a construção do retrato, não só recorre o biógrafo a fontes históricas, mas a pequenas histórias (*chreiai*), de carácter anedótico, que auxiliam a narrativa e que fariam parte da tradição, sobretudo oral.

Quando se aborda o tema estruturante da biografia, importa ter em conta um aspecto que poderá ter condicionado um autor na selecção de temas: o destinatário da vida, seja ou não identificado de forma explícita. Assim, há em certos casos um destinatário definido, como sucede nas *Vidas* de Plutarco, que dedica as biografias ao seu amigo romano Q. Sósio Senecião ou as *Vidas de Sofistas* de Filóstrato, dedicadas a António Gordiano, um procônsul, que teve como antepassado o sofista Herodes. Noutras biografias, o destinatário não é identificado, mas seriam do interesse de políticos, de eruditos ou de quem exercia atividade direta na educação.

2.1. A BIOGRAFIA NO PERÍODO HELENÍSTICO

O período helenístico terá sido, como referimos, decisivo para a consolidação e autonomia do género biográfico, convivendo de perto com uma riquíssima e vasta produção historiográfica, como prova a recolha dos fragmentos de F. Jacoby e da equipa que continua a trabalhar os textos.

c. 370 a.C.	Aristóxeno de Tarento ⁴⁸ , <i>Vida de Pítágoras; Vida de Sócrates; Vida de Arquitas</i>
IV a.C.	Fânias de Éreso
2. ^a metade do séc. III a.C.	Hermipo de Esmirna, <i>Sobre legisladores; Sobre os sete sábios; Sobre Pitágoras; Sobre Aristóteles; Sobre Górgias; Sobre Isócrates; Sobre Hipónax</i>
c. 290 a.C.	Antígono de Caristo, <i>Vida de Pirro, Vida de Tímon, Vida de Pólemo, Vida de Crantor, Vida de Crates, Vida de Adimanto, Vida de Arcesilao, Vida de Lícon, Vida de Menedemo, Vida de Zenão</i>
c. 290 a.C.	Dicearco de Messana, <i>Sobre vidas</i> ⁴⁹ ; <i>Vida de Grécia</i> ⁵⁰
III a.C. (?)	Pseudo-Calístenes, <i>Vida de Alexandre</i>
2. ^a metade do séc. II a.C.	Sátiro ⁵¹ , <i>Vida de Eurípides</i>
I d.C. (?)	<i>Vida de Esopo</i> ⁵²

Embora a maioria dos textos sejam fragmentos, é possível verificar uma tendência para a biografia de filósofos. Há a realçar a biografia coletiva *Os legisladores* ou a dos sete sábios, de Hermipo, mas também o facto de Dicearco ter escrito uma biografia da Grécia, obra que teria certamente um marcado cariz histórico. Há mais dois apontamentos que merecem referência: por um lado, o facto de Sátiro ter escrito um texto narrativo em forma de diálogo, algo singular neste conjunto de textos, num estilo que mistura biografia e crítica literária; por outro lado, a *Vida de Esopo* acentua os elementos cómicos ou anedóticos na biografia, num romance com tendência biográfica, uma forma narrativa muito explorada nos nossos dias. Num registo diferente, a biografia de Alexandre de Quinto Cúrcio conjuga o registo de uma biografia romanceada com elementos históricos.

2.2. A BIOGRAFIA ROMANA

Em geral, os estudos costumam agrupar a produção biográfica romana (Nepos, Nicolau de Damasco, Tácito, Suetónio) sob o título: ‘Biografia política’.

⁴⁸ Plut. *Non posse suaviter* 1093C, refere a sua obra *Βίους ἀνδρῶν*.

⁴⁹ Coleção de biografias reagrupadas sob um único título ou entendido como um tratado ético sobre géneros de vida. Também Crisipo e Epicuro escreveram tratados com o mesmo título, mas que são tratados éticos.

⁵⁰ Obra sobre a história da Grécia e a sua evolução cultural.

⁵¹ Schorn 2004.

⁵² A maioria dos especialistas data o texto do fim do século I d. C. ou séc. II. Para Adrados 1979, o arquétipo seria uma vida helenística do século III a. C., por causa das fábulas que integram o relato, pertencente à coleção de fábulas de Demétrio de Faleros; no entanto, Andria 1995, considerando vários testemunhos de Esopo contidos em Heródoto, Aristóteles, Heraclides de Samos ou Aristófanes, defende que este relato retoma uma Vida de Esopo composta no século V ou mesmo no séc. VI a. C.

Contudo, como veremos, essa designação genérica não significa que os processos de narrativa biográfica sejam iguais.⁵³

Quanto a Nepos (100-27), das mais de trezentas biografias da coleção *Sobre homens ilustres (De viris illustribus)* quase nada nos chegou.⁵⁴ Do conjunto intitulado *Sobre generais de nações estrangeiras*, temos 22 biografias (de gregos), com uma parte no final sobre reis e as biografias de Amílcar e Aníbal. De um outro livro, restam as biografias de Catão Censor e Ático. A conceção de Nepos terá desempenhado um papel crucial na tradição biográfica, seja pelo uso das fontes, seleção de biografados, extensão da narrativa, organização temática e também pela sua tendência comparativa. No prólogo programático da vida de Epaminondas, consciente da diferença cultural entre Gregos e Romanos, Nepos avisa os seus leitores romanos de que devem ter em conta que descreverá costumes estrangeiros e o estilo de vida, alguns deles escandalosos, mas que pertencem ao domínio privado, acrescentando outras ações, as *res gestae*. Esses dois contextos, o privado e o público, são a base da *imago vitae*, que se estrutura desde a ascendência (*genus*), a educação, os costumes (*mores*) até às *res gestae*. Enfatizando o princípio da *brevitas*, Nepos, ao estilo da historiografia, entende que a biografia deve compreender a totalidade na narrativa da vida, por meio de uma ordem cronológica bem estabelecida, em que seja possível descrever costumes e características pessoais. Também para esclarecer o propósito da sua obra, Nepos, no prólogo da biografia de Pelópidas, revela ter a intenção de escrever biografia e não história, o que para alguns estudiosos significa que o leitor romano estaria mais familiarizado com a historiografia do que com a biografia. Ora, a diferença, para Nepos, reside sobretudo no facto de a história se deter de forma exaustiva na explicação das *res gestae*, enquanto a biografia seleciona e resume. Da leitura da biografia plutarquiiana, conseguimos facilmente estabelecer uma relação com a conceção biográfica de Nepos, um tema que nem sempre foi valorizado no estudo da biografia antiga. Na verdade, deve-se sobretudo a J. Geiger⁵⁵ a revitalização do posicionamento fundamental de Nepos na tradição biográfica antiga.

Composta provavelmente em 98 d.C., a biografia de Agrícola⁵⁶ é um bom exemplo da proximidade dos dois géneros (história e biografia). Tácito, num tom encomiástico⁵⁷ e próximo do registo de uma *laudatio funebris*⁵⁸, celebra o exemplo de um homem reto que se empenhou na carreira política, num momento em que

⁵³ Cf. Baldwin 1983 e Brugnoli 1995.

⁵⁴ Sobre a biografia de Nepos, *vide* ainda Ramon Palerm 1992, Titchener 2003, Beneker 2009 e Stem 2012.

⁵⁵ Geiger 1985.

⁵⁶ Sobre esta biografia, remetemos para o estudo de Gerjanne van den Berg que integra este volume de estudos.

⁵⁷ Na linha da homenagem, recorde-se a biografia *De vita patris*, de Séneca.

⁵⁸ Birley 2009: 49 classifica esta obra com as seguintes palavras: «a belated funerary encomium».

o Império vivia uma fase conturbada. Nesta biografia, explora-se a oposição entre a *pietas* e a política imperial ou entre o serviço público e o poder de Domiciano. Com marcas do estilo de Cícero, Salústio e Tito Lívio, a biografia de Agrícola não tem apenas um tom laudatório, mas é um documento com relevante valor político, uma vez que deixa vários avisos a Trajano e também à classe aristocrática. Como refere no prefácio (1.1), a intenção de Tácito é legar às gerações futuras os feitos e os costumes de um homem, constituindo-se esta biografia como um tributo às *virtutes* que Agrícola manifestou na sua ação política. Além da caracterização de Agrícola, sogro de Tácito, a estrutura da narrativa segue o percurso da sua carreira, com vários apontamentos culturais interessantes, nomeadamente sobre etnografia, processo de romanização e geografia da Britânia, facto que tem sido examinado com interesse pelos arqueólogos.

Ao contrário de Tácito, que se dedicou, sobretudo à historiografia, Suetónio (69-141) passa da narrativa histórica para a biografia histórica.⁵⁹ Na sua maioria, perderam-se as vidas da série *De viris illustribus* (ou *Catalogus virorum illustrium*), mas felizmente conservaram-se as doze biografias imperiais, quase completas, salvo o prólogo, o título, a dedicatória a Septício Claro e os primeiros capítulos da vida de César. Seguindo uma *ars* biográfica *per species* (*Aug.* 9.1), que se sobrepõe ao critério cronológico, Suetónio recolhe nas suas biografias muitas ações e características dos Imperadores, nomeadamente rumores e escândalos, com recurso a anedotas, que alimentam a curiosidade dos leitores. Entre vícios associados ao abuso de poder (luxúria, ganância ou crueldade) e virtudes (*honor* ou *pietas*), concentra-se a narrativa na individualidade de cada Imperador. Sendo uma obra que cumpre todos os requisitos da biografia, é de notar a metodologia própria da historiografia, com recurso a diversas fontes, inclusive a cartas e à própria tradição oral. Quanto à influência dos modelos gregos, mais do que a biografia encomiástica e a peripatética, Suetónio parece seguir, nas biografias imperiais, o estilo alexandrino, mas aplicando esse modelo a homens de ação política e não a filósofos ou a poetas. Na série *De viris illustribus*, em cinco livros, o modelo pode ter sido outro, uma vez que inclui poetas, oradores, historiadores, gramáticos e retores. Ainda que as biografias dos Imperadores variem na sua estrutura interna, podemos, de uma forma geral, considerar a seguinte sequência: *nomen* e ascendência, *res gestae*, *vita* e *mors*. Na parte relativa à vida, Suetónio costuma separar as ações privadas das públicas. Além disso, regista-se que algumas biografias não terminam com a descrição da morte, mas com o momento *post mortem*, nomeadamente com a referência ao *testamentum* ou à forma como o povo reagiu à morte do

⁵⁹ Para as características da biografia de Suetónio, *vide* Cizek 1977, Syme 1980, Gascou 1984, Brandão 2009 e 2004, Power & Gibson 2014; remeto, ainda, para o estudo de J. L. Brandão sobre Suetónio que integra este volume.

Imperador. Ao longo da vida, Suetónio é, por norma, mais analítico quando se dedica às ações privadas do que às públicas.

Estes breves apontamentos têm o objetivo de valorizar a produção biográfica romana na Antiguidade, também pelo seu papel na recepção deste género, podendo-se encontrar entre Nepos, sobretudo, e Plutarco várias semelhanças. Se Plutarco, um grego romanizado, escreveu para uma elite grega e romana, Nepos, um romano, fê-lo para romanos, numa perspectiva romanocêntrica⁶⁰, mas os dois pretendem escrever vidas e não histórias. Têm igualmente em comum a intencionalidade didático-moralizante, ainda que em contextos históricos e culturais distintos, sendo de registar que 12 biografados de Plutarco se encontrem em Nepos. Por fim, salientamos a influência retórica na composição das biografias: por um lado, o carácter epidíctico em jeito de *progymnasmata* e, por outro, o recurso à *chreia*, ao *enkomion* e à *synkrisis*.

2.3. A BIOGRAFIA GREGA (I D.C. A V D.C.)

O percurso e a diversidade da biografia grega, entre os séculos I d. C. e V d. C., comprovam as potencialidades do género e o seu valor cultural. Por isso, enunciaremos algumas das principais características da biografia durante esse período, no âmbito do contexto cultural da Segunda Sofística.

Neste período, é de Plutarco que temos a produção biográfica mais completa. Oscilando entre a dimensão ética e a política, Plutarco, num registo comparativo (Grego-Romano, raras vezes por ordem inversa), legou-nos uma narrativa biográfica que é também um exercício identitário fundamental para entender a cultura da época. A biopsicografia⁶¹ de Plutarco transforma a indagação histórica num meio para o objetivo central: aprofundar o *ethos*, na sua dimensão social e cultural. Na verdade, as biografias, com toda a profundidade filosófica e moral, não servem apenas para o próprio Plutarco encontrar paradigmas, no espelho da história, para a sua vida⁶², mas também para conseguir persuadir a sua audiência⁶³, constituída sobretudo pela elite grega e romana⁶⁴.

⁶⁰ Sobre a vontade romana de afirmar a igualdade com a cultura literária grega, *vide* Quint. 10.1.46-131, Luc. 1.926-30, Verg. *Ecl.* 6.1-2, Prop. 4.1.64, 2.34.65-6, 3.1.1-2; mais elementos sobre esta matéria no último capítulo.

⁶¹ Inspiramo-nos na designação «biopsicologia» usada por Becchi 2001.

⁶² Cf. *Aem.* 1.

⁶³ Para Pelling 2002: 253-65, o efeito que Plutarco procura criar é similar ao da tragédia junto da audiência; Stadter 2000: 494, contudo, sem contradizer esta opinião, prefere fazer uma leitura mais positiva e educativa do conteúdo das biografias e da retórica da persuasão.

⁶⁴ Segundo E. Valgiglio 1992: 4027: «Pare verosimile che il pubblico di Plutarco non sia in maggioranza un pubblico popolare, strumento di ampia divulgazione delle opere, ma sostanzialmente ristretto ad una minoranza, ad una élite, soprattutto ai giovani che intraprendono lo studio della filosofia e ad essa attendono...».

Num registo literário muito versátil, que recorre sobretudo ao diálogo, mas também a declamações ou a discursos, Luciano (*ca.* 125-181) dedica-se à narrativa biográfica, especialmente em três obras: *Alexandre ou o falso profeta*; *Sobre a morte de Peregrino*; *A vida de Demónax*. Realce-se o tom jocoso e paródico, por vezes irónico ou ainda elogioso, sem a intenção de narrar a vida desde o início. Em *Alexandre ou o falso profeta*, Luciano não refere a genealogia, nem o contexto familiar, nem as circunstâncias do nascimento; no caso de *Sobre a morte de Peregrino*, enfatiza a morte melodramática de Peregrino (imolação) e, na *Vida de Demónax*, escreve-a com a intenção de preservar a sua memória e de ele se tornar um paradigma para os jovens pela sua capacidade filosófica. Estamos, deste modo, perante uma biografia de temática filosófica.

Próxima do romance, temos a *Vida do filósofo Secundo* (II ou III d.C.), na linha da tradição popular da biografia, como a *Vida de Esopo*. Trata da vida de um filósofo cínico grego do tempo de Adriano (117-38) que, após o episódio com a mãe que se suicidara⁶⁵, faz voto de silêncio, respondendo a questões por escrito. A biografia que nos chegou, em estado fragmentário, denota uma elevada tendência ficcional e uma maior preocupação com o artificialismo retórico do que com a reflexão filosófica, numa sequência de pergunta-resposta, por regra, breve. Do ponto de vista cultural, esta narrativa de valor biográfico reflete, como tem sido apontado⁶⁶, uma perspectiva pessimista. Filóstrato refere um filósofo Secundo de Atenas que poderá ser o mesmo, mas não há certeza sobre isso.

Também de temática filosófica é a obra de Diógenes Laércio, de cariz enciclopédico. Quanto a Filóstrato (*ca.* 170-250), repete a temática, tanto na biografia individual intitulada *Apolónio de Tiana*, como na coletiva, *Vida dos Sofistas*. Por sua vez, tanto Porfírio como Jâmblico escreveram uma biografia de Pitágoras. Na linha de Diógenes Laércio e Filóstrato, Eunápio de Sardes escreveu uma extensa obra intitulada *Vida de Filósofos e Sofistas* (IV d. C.), pouco estudada entre nós. Sabemos que Hesíquio foi autor de biografias literárias (V d. C.), uma espécie de dicionário de biografias. Por fim, refira-se a *Vida de Tucídides* (VI d. C.) atribuída a Marcelino. Realçamos, de novo, a valorização da filosofia neste conjunto de biografias, a influência da retórica e uma tendência para acentuar a ficcionalização da narrativa de vidas.

⁶⁵ A história que nos chegou conta que Secundo, para provar que todas as mulheres eram prostitutas, regressou a casa, disfarçado de filósofo cínico. Terá, então, persuadido a mãe a dormir com ele a troco de moedas de ouro. Dormiram juntos, sem qualquer contacto, mas quando revelou à mãe a sua identidade, ela, por pudor, enforca-se. Depois deste episódio, Secundo decide cumprir voto de silêncio.

⁶⁶ Hägg 2012: 303.

3. CONCLUSÃO

Da Antiguidade aos nossos dias, a biografia tem desempenhado um papel literário e cultural significativo e também constante na História da Cultura Ocidental: fornece modelos inspiradores de imitação; celebra grandes feitos humanos ou de sociedades (biografia individual ou coletiva); exalta a própria imagem da arte; demonstra como uma vida individual toma uma forma significativa, ou seja, a decisão pessoal pode ter consequências coletivas, assim como o inverso; permite ou dilata o significado que se atribuiu ao papel do indivíduo na sociedade.

Desde a Antiguidade que a biografia, nas suas várias vertentes, gera conhecimento e oferece possibilidades de compreensão do Outro e do contexto sociocultural. Por um lado, cria significado cultural e, por outro, constitui-se como um reflexo da cultura de uma ou mais épocas. No caso da biografia de Plutarco, o retrato de vidas e ações, com ênfase na dimensão ética, permite lançar uma ponte entre duas culturas, colocadas em paralelo e com uma forte marca identitária⁶⁷.

Para muitos, a biografia, na sua génese, tem uma dimensão mais individual do que coletiva: prefere enfatizar a ação do indivíduo na sociedade e no seu tempo, ao passo que a História descreve e interpreta a ação protagonizada por indivíduos (micro *versus* macro). Não pretendemos ser tão assertivos nesta forma de distinção. Da conjugação entre Biografia e História resulta um quadro mais completo da ação humana. A biografia não dispensa a historiografia e o inverso também é verdade. Com registos e objetivos distintos, as duas complementam-se. Sem estar obrigada à descrição da totalidade, a biografia, tal como a história, contribui para a preservação da memória. Não visa, geralmente, o presente, mas alicerça-se na visão cultural de que o passado muito nos ensina. Por esta relação de proximidade e afastamento, a biografia é um exemplo de intergenerecidade, combinado a imagem do retrato e a ação.

Será toda a biografia autobiográfica? Evitando generalizações, um dos exercícios da análise de uma biografia é avaliar a presença do Autor, da sua conceção de cultura e do grau de subjetividade que imprime à narrativa, ou seja, se o tom é, por exemplo, excessivamente encomiástico ou, pelo contrário, incorre, de forma consciente, na manipulação histórica. Nesta relação de dependência e recíproca influência entre escrita e sociedade, a biografia assume-se como um valioso registo cultural – por exemplo, alguns estudos têm realçado o facto de a escrita, em tempos de pandemia, se tornar um pouco mais introspetiva. Também os mecanismos para criar uma relação com o leitor são muito relevantes. Na atual escrita de vidas, por exemplo, torna-se inevitável ter em conta o facto de a narrativa biográfica servir como forma de propaganda política ou de afirmação social, à semelhança do que acontecia na Antiguidade, se recordamos, por exemplo, Júlio César que escreveu, na 3.^a pessoa, a contar os seus próprios feitos. Nesses casos, é fundamental saber

⁶⁷ Cf. *De tranq. an.* 467E.

separar a verdade da ficção e educar os leitores para a correta leitura de vidas. Outro aspecto a ter em conta na atualidade é a quantidade e a variedade de paratextos. Por exemplo, a Rede X tem valor documental caso alguém queira escrever a vida de um político atual, se tivermos em conta que uma parte substancial da mensagem política é feita por meio dessa, ou de outras, redes sociais, com o objetivo de chegar a mais cidadãos.

Como vimos, a biografia assume-se como espaço de História pelo valor documental da sua narrativa, ainda que não seja apenas uma fonte de informação, mas também um instrumento de *mimesis*. Recorde-se que a informação sobre a vida de um filósofo ou de uma figura histórica não é um exclusivo da narrativa biográfica, pois outros registos contêm informações relevantes, como a prosopografia, a autobiografia, o panegírico, o encómio, a *laudatio funebris*, os epitáfios, os *exitus illustrium virorum*, a epistolografia ou a hagiografia e o relato de martírios. Acrescento a esta lista dois registos que são merecedores de menção pelo seu valor na tradição biográfica ocidental: as memórias e os diários, duas formas narrativas a explorar, em especial, na análise da atual narrativa biográfica, mas com origem na Antiguidade Clássica⁶⁸.

Concluimos com a ideia genérica de que a biografia é também uma forma de construção cultural a partir de paradigmas. Enquanto micro-história, construto cultural e pensamento estruturado, a biografia regista a pluralidade do passado, uma memória com vocação pedagógica e indagadora da personalidade humana: a natureza e a origem do indivíduo, o papel da *paideia*, as marcas identitárias, os valores éticos e morais, o sentido da condição humana, as razões do sucesso do indivíduo e a relação do biografado com a morte.

BIBLIOGRAFIA

- Aalders, G. (1982), *Plutarch's Political Thought*. Amsterdam, Oxford/New York: North-Holland Publishing Company.
- Adrados, F. R. (1979), *Historia de la fábula greco-latina*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.
- Andria, R. (1995), «Il bios di Esopo e i primordi della biografia», in I. Gallo & L. Nicastrì (eds.), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 41-56.
- Baldwin, B. (1983), «Biography at Rome», in B. Baldwin, *Suetonius*. Amsterdam: 66-100.
- Barbu, N. (1976), *Les Procédés de la peinture des caractères et la Verité historique dans les biographies de Plutarque*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Baslez, M.-F., Hoffmann, P. & Pernot, L. (1993), *L'Invention de l'Autobiographie: d'Hésiode à Saint Augustin*. Paris: Presses de l'École normale supérieure.

⁶⁸ Recorde-se, por exemplo, as memórias de Agripina, mãe de Nero.

- Bearzot (1985), *Focione tra storia e trafigurazione ideale*. Milano: Vita e Pensiero.
- Becchi, F. (2001), «Biopsicologia e giustizia verso gli animali in Teofrasto e Plutarco», *Prometheus* 27: 119-35.
- Beck, M. (ed.) (2014), *A Companion to Plutarch*. Malden/Oxford: Blackwell.
- Beneker, J. (2009), «Nepos' biographical method in the *Lives of foreign generals*», *CJ* 105.2: 109-21.
- Birley, A. R. (2009), «The *Agricola*», in A. J. Woodman (ed.), *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 47-58.
- Bollansée, J., Engels, J., Schepens, G. & Theys, E. (eds.) (1998), *Felix Jacoby: Die Fragmente der griechischen Historiker Continued; Part Four; Biography and antiquarian literature; IVa; Biography; Fascicle 1; The Pre-Hellenistic period*. Leiden/Boston: Brill.
- Bollansée, J. (1999), *Hermippos of Smyrna and his biographical writings: A reappraisal*. *Studia Hellenistica* 35. Leuven: Peeters.
- Bonazzi, M. & Schorn, S. (eds.) (2016), *Bios Philosophos. Philosophy in Ancient Greek Biography*. Turnhout: Brepols.
- Brandão, J. L. (2004), «Retratos dos Césares em Suetónio: do *Eidos* ao *Ethos*», in A. Pérez Jiménez, J. R. Ferreira & M. C. Fialho (eds.), *O Retrato Literário e a Biografia como Estratégia de Teorização Política*. Coimbra/Málaga: Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidad de Málaga, 83-114.
- Brandão, J. L. (2009), *Máscaras dos Césares: Teatro e Moralidade nas Vidas Suetonianas*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Brugnoli, G. (1995), «Nascita e sviluppo della biografia romana: Aspetti e problemi», in I. Gallo & L. Nicastrì (eds.), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, 79-107.
- Burdiel, I. & Foster, R. (eds.) (2015), *La Historia Biográfica en Europa. Nuevas Perspectivas*. Zaragoza: IFC.
- Busine (2002), *Les Sept Sages de la Grèce antique. Transmission et utilisation d'un patrimoine légendaire, d'Hérodote à Plutarque*. Paris: De Boccard.
- Burridge, R. (1997), «Biography», in S. Porter (ed.), *Handbook of Classical Rhetoric in the Hellenistic Period 330 B.C.-A.D. 400*. Leiden/New York/Köln: Brill, 371-91.
- Cerri, G. (2001), «Biografia, storiografia, dialogo: I generi letterari in Plutarco», *MediterrAnt* 4: 413-26.
- Cizek, E. (1977), *Structures et idéologie dans «Les vies de douze Césars» de Suétone*. Paris: Les Belles Lettres.
- De Lacy, P. (1952), «Biography and Tragedy in Plutarch», *AJPh* 73: 159-71.
- De Temmerman, K. (2020), *The Oxford Handbook of Ancient Biography*. New York: Oxford University Press.

- De Temmerman, K. & Demoen, K. (ed.) (2016), *Writing Biography in Greece and Rome. Narrative Technique and Fictionalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Desideri, P. (1989), «Teoria e Prassi storiografica in Plutarco: una proposta di lettura della coppia Emilio Paolo-Timoleonte», *Maia* 41: 199-215.
- . (1992a), «La Formazione delle Coppie nelle ‘Vite’ plutarchee», *ANRW II.33.6*: 4470-86.
- . (1992b), «I documenti di Plutarco», *ANRW II.33.6*: 4536-67.
- Dihle, A. (1956), *Studien zur Entstehung der griechischen Biographie*. Göttingen: Vandenhoeck u. Ruprecht.
- Dorandi, T. (1999), *Antigone de Caryste: Fragments*. Collection des Universités de France. Paris: Les Belles Lettres.
- Duff, T. (2002r), *Plutarch's Lives. Exploring Virtue and Vice*. Oxford: Oxford University Press.
- Edwards, M. & Swain, S. (eds.) (1997), *Portraits. Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press.
- Ehlers, W. (ed.) (1998), *La Biographie Antique*. Entretiens sur l'Antiquité Classique 44. Vandoeuvres-Genève: Fondation Hardt.
- Frazier, F. (2016²), *Histoire et morale dans les Vies Parallèles de Plutarque*. Paris: Les Belles Lettres.
- Fuscagni (2000), «Le Vite come genere letterario ovvero Plutarco: uno storico e il suo genere», in I. Gallo & C. Moreschini (Eds.), *I generi Letterari in Plutarco (Atti del VIII Convegno Plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*. Napoli: M. D'Auria Editore, 19-28.
- Gallo, I. (1974), «L'origine e lo sviluppo della biografia greca», *QUCC* 18: 173-86.
- . (1990), «Problemi vecchi e nuovi della biografia greca», *Quad. Del Liceo Class* 13: 9-27.
- . (1997), «Nascita e Sviluppo della Biografia Greca: Aspetti e Problemi», in *Studi Sulla Biografia Greca*. Napoli: M. D'Auria Editore, 167-84.
- . (1997r), *Studi sulla biografia greca*. Napoli: M. D'Auria Editore.
- . (2000), «I generi Letterari nel Corpus Plutarco: Aspetti e Problemi», in I. Gallo & C. Moreschini (eds.), *I generi Letterari in Plutarco (Atti del VIII Convegno Plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*. Napoli: M. D'Auria Editore, 9-17.
- . (ed.) (2004), *La Biblioteca di Plutarco. Atti del IX Convegno plutarco (Pavia, 13-15 giugno 2002)*. Napoli: M. D'Auria Editore.

- Gallo, I. & Scardigli, B. (eds.) (1995), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno plutarco (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*. Napoli: M. D'Auria Editore.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Rome: École Française de Rome.
- Geiger, J. (1985), *Cornelius Nepos and the Ancient Political Biography*. Stuttgart: Franz Steiner.
- . (1988), «Nepos and Plutarch: from Latin to Greek Political Biography», *ICS* 13: 245-56.
- Gentili, B. & Cerri, E. (1983), *Storia e biografia nel pensiero antico*. Bari: Laterza.
- Hägg, T. (2012), *The Art of Biography*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Helmbold, W. & O'Neil, E. (1959), *Plutarch's quotations*. Baltimore: The American Philological Association (Oxford: B. H. Blackwell.)
- Homeyer, H. (1962), «Zu den Anfängen der griechischen Biographie», *Phil.* 106: 75-85.
- Jenkinson, E. (1973), «Genus scripturae leve: Cornelius Nepos and the Early History of Biography at Rome», *ANRW* 1.3: 703-19.
- Jennings, V. & Kotsaros, A. (eds.) (2007), *The world of Ion of Chios*. Leiden/Boston: Brill.
- Kraus, C. (ed.) (1999), *The limits of historiography: genre and narrative in ancient historical texts*. Leiden-Boston-Köln: Brill.
- Larsen, T. (1942), *Papyri Graecae Haunienses*. Copenhagen: Einar Munksgaard.
- Leão, D. (2003), «Os Sete Sábios como agentes de formação», *Biblos. Culturas em Diálogo* n.s. 1: 23-41.
- . (2006), «A tradição dos Sete Sábios: o *sapiens* enquanto paradigma de uma identidade», in D. Leão, J. Ribeiro Ferreira & M^a do Céu Fialho, *Paideia e Cidadania*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 35-78.
- Leo, F. (1901), *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*. Leipzig: Georg Olms Verlag.
- Levi, M. A. (1955), *Plutarco e il V secolo*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino.
- Marincola, J. (1999), «Genre, convention, and innovation in Greco-roman historiography», in C. Kraus (ed.), *The Limits of Historiography: genre and narrative in ancient historical texts*. Leiden/Boston/Köln, 281-324.
- McGing, B. & Mossman, J. (2006), *The Limits of Ancient Biography*. Swansea: Classical Press of Wales.
- Meyer (2011r), «Die Biographie Kimons», *Forschungen zur alten Geschichte*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1-87.
- Momigliano (1991t), *La naissance de la biographie en Grèce ancienne*. Strasbourg: Circé.

- Paton, W. (1913), «Plutarch and Satyrus», *CR* 27.4: 131-2.
- Pelling, C. (2002), «Plutarch's Caesar: a Caesar for the Caesars?», in *Plutarch and History*. London: The Classical Press of Wales and Duckworth, 253-65.
- Pinheiro, J. (2008), «A escrita biográfica de Plutarco», in P. Morão & C. Infante do Carmo (orgs.), *ACT 16 – Escrever a vida: Verdade e ficção*. Porto: Campo das Letras, 317-37.
- . (2013), *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Power, T. & R. Gibson (eds.) (2014), *Suetonius the biographer: Studies in Roman lives*. Oxford: Oxford University Press.
- Press, G. (1982), *The Development of the Idea of History in Antiquity*. Kingston/Montreal: McGill-Queen's University Press.
- Race, W. (1987), «Pindaric encomium and Isokrates' *Evagoras*», *TAPhA* 117: 131-55.
- Ramon Palerm, V. (1992), *Plutarco y Nepote: Fuentes e Interpretación del Modelo Biográfico Plutarqueo*. Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad de la Universidad de Zaragoza.
- Renders, H., Haan, B. de & Harmsma, J. (eds.) (2017), *The Biographical Turn: Lives in History*. London/New York: Routledge.
- Rossi, L. E. (1971), «I generi letterari e le loro scritte e non scritte nelle letterature classiche», *BICS* 18: 69-94.
- Sánchez Marín, J. A. (1982), «Conceptos de biografía en Nepote, Plutarco y Suetonio», *Estudios de Filología Latina* 3: 211-20.
- Schamp, J. (1995), «Le Plutarque de Photios», *AC* LXIV: 155-84.
- Schorn, S. (2004), *Satyros aus Kalliatis: Sammlung der Fragmente mit Kommentar*. Basel: Schwabe.
- Schrader, C. et al. (eds.) (1997), *Plutarco y la Historia. Actas del V Simposio Español sobre Plutarco (Zaragoza, 20-22 de junio de 1996)*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza.
- Stadter, P. (ed.) (1992), *Plutarch and the Historical Tradition*. London/New York: Routledge.
- . (2000), «The Rhetoric of Virtue in Plutarch's Lives», in L. Van der Stockt (ed.), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch, Acta of IVth International Congress of The International Plutarch Society, Leuven, July 3-6, 1996*. Louvain: Peeters Publishers, 493-510.
- . (2007), «Biography and history», in J. Marincola (ed.), *A companion to Greek and Roman historiography*. Vol. 2. Malden/MA/ Oxford: Blackwell, 528-40.
- Stem, R. (2012), *The political biographies of Cornelius Nepos*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

- Swain, S. (1997), «Biography and biographic in the literature of the Roman Empire», in M. Edwards & S. Swain (ed.), *Portraits: Biographical representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1-37.
- . (1998r), *Hellenism and Empire. Language, Classicism, and Power in the Greek World, ad 50-250*. Oxford: Clarendon Press.
- Syme, R. (1980), «Biographers of the Caesars», *Museum Helveticum* 37: 104-28.
- Titchener, F. (1992), «Critical Trends in Plutarch's Roman Lives, 1975-1990», *ANRW II.33.6*: 4128-53.
- . (2003), «Cornelius Nepos and the biographical tradition», *G&R* 50.1: 85-99.
- Uxkull-Gyllenband (1927), *Plutarch und die griechische Biographie. Studien zu Plutarchischen Lebensbeschreibungen des V. Jahrhunderts*. Stuttgart: Verlag von W. Kohlhammer.
- Valcárcel Martínez, V. (ed.) (2009), *Las biografías griega y latina como género literario: De la Antigüedad al Renacimiento. Algunas calas*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- Valgiglio, E. (1987), «Historia e bios in Plutarco», *Orpheus* VIII, 50-70.
- . (1992), «Dagli 'Ethicà' ai 'Bioi' in Plutarco», *ANRW II.33.6*: 3963-4051.
- Winslow, D. J. (1980), *Life-writing. A glossary of terms in biography, autobiography, and related forms*. Honolulu. (disponível em <https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/42312/LifeWriting.pdf>; acesso a 15 jun. 2021)
- Zaccaria, P. (2021), *Die Fragmente der griechischen Historiker IV: Biography and antiquarian literature A. Biography. Fascicle 5. The first century BC and Hellenistic authors of uncertain date [nos. 1035-1045]*. Leiden: Brill.
- Ziegler (1951), «Plutarchos von Chaironeia», *RE* 21.1: 636-962.

**SUETÓNIO E A BIOGRAFIA IMPERIAL:
UMA RECONSTRUÇÃO ÉTICA DA HISTÓRIA POLÍTICA**

**SUETONIUS AND IMPERIAL BIOGRAPHY:
AN ETHICAL RECONSTRUCTION OF POLITICAL HISTORY**

JOSÉ LUÍS BRANDÃO
Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
ORCID: 0000-0002-3383-2474¹

RESUMO: Neste capítulo, procura-se inserir *As Vidas dos Césares* de Suetónio no contexto da história da biografia e explorar as escolhas do biógrafo no que respeita à estrutura e aos temas desenvolvidos. Nesse sentido, é analisada a forma como Suetónio subordina os dados históricos aos princípios biográficos. Uma vez que o carácter (*ethos*) do imperador assume um peso determinante na avaliação do governo e do respeito pela *maiestas* do império, é passada em revista a forma como os imperadores se posicionam face aos costumes identitários da elite romana e à adoção de costumes estrangeiros.

PALAVRAS-CHAVE: biografia, Suetónio, imperadores, carácter, costumes

ABSTRACT: This chapter seeks to place Suetonius's *Lives of the Caesars* within the context of the history of biography and explore the biographer's choices regarding structure and themes. In this sense, we analyse how Suetonius subordinates historical data to biographical principles. Since the emperor's character (*ethos*) plays a decisive role in the evaluation of the government and respect for the *maiestas* of the empire, we examine how the emperors positioned themselves in relation to the identity customs of the Roman elite and the adoption of foreign.

KEYWORDS: biography, Suetonius, emperors, character, customs

«É que não é História o que me proponho escrever, mas sim Biografia. A verdade é que nem sempre os atos mais relevantes são os mais reveladores de excelência ou de vício; em contrapartida, muitas vezes um episódio insignificante, um dito ou uma anedota, pode ser mais expressivo de um carácter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares, ou cercos a cidades.»
(Plutarco, *Vida de César* 1.2. Trad. de Maria de Fátima Silva)

Suetónio conclui as suas *Vidas dos Césares*, depois da violenta narrativa do assassinato de Domiciano, com uma afirmação que demonstra o seu entendimento sobre a relação entre a personalidade do *princeps* e a fortuna do Estado (*Dom.* 23.2):

¹ Trabalho realizado no âmbito do Proj. *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

Ipsam etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone cervicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorem post se laetioemque portendi rei publicae statum, sicut sane brevi evenit abstinentia et moderatione insequentium principum.

Contam que o próprio Domiciano sonhou que uma giba de ouro lhe nascera por detrás da nuca, e teve como certo que prognosticava, para depois dele, um estado mais feliz e mais próspero, tal como efetivamente aconteceu em breve, graças ao carácter íntegro e moderado² dos príncipes que se lhe seguiram.

Com a evocação das virtudes da *abstinentia* e *moderatio*, Suetónio retoma, através do contraste, a ideia que lançara na sùmula introdutória às *Vidas* dos Flávios, no início do Livro VIII, quando dissera que Domiciano seria castigado pelos vícios opostos àquelas qualidades: *cupiditas* e *saevitia*³:

Rebellige trium principum et caede incertum diu et quasi vagum imperium suscepit firmavitque tandem gens Flavia, obscura illa quidem ac sine ullis maiorum imaginibus, sed tamen rei p. nequaquam paenitenda, constet licet Domitianum cupiditatis ac saevitiae merito poenas luisse:

Ao império, que por longo tempo⁴ esteve titubeante e como que errante, por causa da sublevação e assassínio de três príncipes⁵, susteve-o e refirmou-o, por fim, a família dos Flávios, desconhecida, por certo, e sem quaisquer retratos de antepassados⁶, mas de modo algum indigna do Estado, embora seja sabido que Domiciano foi justamente castigado pela sua cobiça e crueldade.

Percebe-se nesta afirmação uma tónica colocada não tanto nas grandes realizações, como a condução da guerra, e menos ainda nos antepassados, mas sobretudo nas qualidades do carácter, na linha do que disse Plutarco na sua introdução à vida de Alexandre. Por outro lado, torna-se patente o peso que as qualidades morais têm no exercício do poder e na prosperidade da *res publica*.

Suetónio, portanto, não escreve história, mas *Vidas* de figuras históricas. Deste modo, os grandes eventos são colocados ao serviço da ilustração dos vários

² Suetónio refere-se certamente aos primeiros Antoninos: Nerva, Trajano e Adriano.

³ *Ves. 1.1: ... constet licet Domitianum cupiditatis ac saevitiae merito poenas luisse.* Brandão 2023b: 11; 58-9.

⁴ Por 18 meses, entre o suicídio de Nero em junho de 68 e o assassínio de Vitélio em dezembro de 69.

⁵ Galba, Otão e Vitélio.

⁶ As máscaras em cera dos antepassados importantes que costumavam ser expostas no átrio das casas dos poderosos, acompanhadas das inscrições (*tituli*) onde se mencionavam as honras. Eram levadas nos funerais. Poderemos ver aqui um contraste com a linhagem dos Júlio-Cláudios, que se diziam descendentes de Vénus e dos reis, mas também de Galba, ilustre e antiga, e a de Otão e Vitélio, que se tornou ilustre sobretudo durante o governo dos Júlio-Cláudios.

aspectos previamente estabelecidos da figura do biografado: ele é o centro e o critério de seleção ou exclusão de material, bem como da sua organização.

1. SUETÓNIO E A TRADIÇÃO BIOGRÁFICA⁷

Suetónio é herdeiro de uma longa tradição e não segue um modelo único⁸. Antes parece acolher elementos tradicionalmente gregos e tradicionalmente romanos⁹. O problema de um modelo a designar para a biografia suetoniana tem suscitado diversas tentativas de solução.

Suetónio era um conhecedor da cultura helénica e escreveu monografias em grego. Segundo o testemunho de Jerónimo¹⁰, o biógrafo indica uma lista (certamente mais exemplificativa que exaustiva¹¹) dos predecessores gregos e romanos, o que contribui para equilibrar a balança das influências e das disputas entre a originalidade latina e a imitação dos Gregos. Entre os gregos indica três peripatéticos (Hermipo, Sátiro e Aristóxeno) e um académico (Antígono de Caristo); entre os latinos, menciona Varrão, Santra, Higino e Cornélio Nepos. Com efeito, o mérito do aperfeiçoamento da biografia tem sido atribuído aos peripatéticos¹². Em resultado do interesse pelos caracteres, estas *Vidas* centram-se na análise dos tipos humanos. Stuart procurou demonstrar que a *Vida de Eurípidés* de Sátiro já seguia a organização estrutural que encontramos nas *Vidas* de Suetónio¹³.

Quanto aos latinos referidos pelo biógrafo, M. Terêncio Varrão é autor de uma obra monumental, na linha dos tradicionais arquivos dos átrios dos aristocratas romanos¹⁴. Deste modo, transfere para o âmbito da esfera pública da erudição, uma matéria que era privada: as *imagines* das famílias mais poderosas

⁷ Sobre a biografia grega e romana, *vide cap. anterior*: Pinheiro, *Apontamentos sobre a evolução da biografia na Antiguidade Clássica*.

⁸ Retomamos aqui material já publicado em Brandão 2009: 15-27.

⁹ Stuart 1928: 232, segue esta opinião de compromisso: «I am persuaded that the manner of Suetonian biography is as much Roman as Greek, as truly autogenic as mediated».

¹⁰ Jerónimo no prefácio ao seu próprio *De uiris illustribus* (frag. 1 Reifferscheid).

¹¹ Como observa Stuart 1928: 135. A divisão simétrica do cânone dos predecessores em quatro gregos e quatro latinos será, segundo este autor (p 193), devida, em parte, aos métodos de organização de Suetónio.

¹² Entre os seguidores desta escola, a biografia tende a refletir o interesse pela pesquisa histórica e pela filosofia ética, na linha do livro IV da *Ética* a Nicómaco de Aristóteles e do impulso do estudo dos caracteres, cujo seguidor mais célebre é Teofrasto.

¹³ A organização cronológica abreviada, no início e na parte final; categorias em vez de cronologia no delineamento da figura ao chegar à idade adulta –, bem como os tópicos essenciais de abordagem; mas, acrescenta Stuart, Sátiro não seria certamente o único a usar tal esquema. *Vide* Stuart 1928 : 185-86.

¹⁴ *Imagines* ou *Hebdomades*, talvez a mais antiga obra ilustrada da antiguidade. Composta por quinze livros, continha setecentos retratos de homens célebres, acompanhados, para cada caso, de um epigrama de louvor e resumo da vida e obra. O texto poético seria completado com discussões eruditas em prosa, como notas de rodapé. Aulo Gélio (3.11) refere discussões sobre a cronologia de Homero e Hesíodo.

de Roma¹⁵. De Santra pouco se sabe¹⁶. Quanto a Higino, Suetónio menciona-o de passagem, em *De grammaticis*, sem citar os seus escritos¹⁷.

Cornélio Nepos, membro do círculo de Pompónio Ático (cuja biografia escreve), é autor de três livros de história universal e antecipou Plutarco ao escrever uma coleção de biografias em que comparava gregos e romanos e outros (cartagineses e persas)¹⁸. Mostra ter consciência da distinção metodológica entre história e biografia¹⁹, e revela uma espécie de imparcialidade no que toca à compreensão dos costumes gregos, mesmo quando contraditórios com os romanos²⁰. Um traço da erudição helenística é o facto de Nepos incluir cartas nas suas biografias, como fará Suetónio. Na linha da tradição peripatética, escreve para divertir e moralizar: objetivo que também Suetónio revela nas inúmeras anedotas que apresenta sobre os biografados. Além disso, Nepos combina os capítulos relativos à vida privada com os da vida pública e os que seguem a ordem cronológica com os de carácter sistemático²¹.

Muitos tópicos recorrentes e estruturais em Suetónio constituíam já a base das *laudationes funebres*: a origem familiar e antepassados, o lugar de nascimento, acompanhado de presságios da fortuna futura, infância, a entrada na vida pública,

¹⁵ Ali figuravam gregos e romanos; não só homens de letras, mas também monarcas, políticos, comandantes, artistas. Também escreveu três volumes de autobiografia (*De uita sua*). No *De poetis* daquele polígrafo, poderá Suetónio ter encontrado inspiração para o seu *De uiris illustribus*. Vide Baldwin 1983: 79 e 83; Jenkinson 1967: 4-5; Momigliano 1993: 96-7.

¹⁶ Suetónio conheceria, por certo, o juízo de Marcial, 11.2.6: *lectores tetrici, salebrosum ediscite Santram*. Também Quintiliano (11.2.46) refere a sua *resistens ac salebrosa oratio*. Santra terá provavelmente contribuído com um *De uiris illustribus* ou um mais restrito *De poetis*, ou até com ambos, uma vez que Suetónio o refere em *Ter.* 4, e *Gram.* 14.4; Mas, além de biógrafo, era tragediógrafo. Vide Baldwin 1983: 83-4; Bardon 1952: 297-8 e 328.

¹⁷ *Gram.* 20. Vide Kaster 1995: 205-14. Aulo Gélío, 1.14.1; 1.21.2; 16.6.14, louva o seu trabalho de *grammaticus* e diz que ele escreveu seis volumes de *De uita rebusque inlustrium uirorum*. Vide Baldwin 1983: 84.

¹⁸ Da coletânea sobrevive, completa, a parte dos generais estrangeiros, além de duas *Vidas* (*Catão Maior* e Ático) e alguns fragmentos da parte dos historiadores. Além disso, imitou Varrão, ao publicar uma espécie de álbum de homens ilustres, cujos retratos eram acompanhados de um epigrama. O seu *De uiris illustribus* e as suas vidas de Catão e de Cícero serão fontes de Suetónio.

¹⁹ *Pel.* 1.1: *Pelopidas Thebanus, magis historicis quam uulgo notus. Cuius de uirtutibus dubito quem ad modum exponam, quod uereor; si res explicare incipiam, ne non uitam eius enarrare, sed historiam uidetur scribere*. Nepos parece aludir ao conceito de subalternidade atribuído à biografia.

²⁰ *Prol.* 1.1: *Non dubito fore plerosque, Attice, qui hoc genus scripturae leue et non satis dignum summorum uirorum personis iudicent, cum relatum legent, quis musicam docuerit Epaminondam aut in eius uirtutibus commemorari, saltasse eum commode scienterque tibi cantasse*. Trata-se de prevenir a estranheza ou reprovação que os costumes gregos pudessem despertar nos leitores em confronto com a *grauitas* romana. Vide Tuplin 2000: 124-42; Momigliano 1993: 99 n. 40; Giua 1990: 536-7. Vide neste volume, Pinheiro, 27-28.

²¹ Afirma Wardle 1994: 18: «The overall structure of *Atticus* anticipates that of *Diuius Iulius, Augustus* and *Caligula*, so it seem that Nepos offered a basic structure which Suetonius could adapt for his emperors». Mas só a estrutura, porque Nepos é encomiástico. Vide Stuart 1928: 228; Jenkinson 1967: 1-15; Cizek 1977: 28-9; Tuplin 2000: 145-51; Momigliano 1993: 97-9.

aspectos de governação, obras públicas e jogos oferecidos, campanhas, aspectos da vida privada, cena de morte²². Esta tradição, cultivada pela retórica, parece ter reflexos em alguns passos de Suetónio: assumem tom laudatório a abordagem de Germânico, no início da *Vida* de Calígula (*Cal.* 1-6), e de Druso, no início da *Vida* de Cláudio (*Cl.* 1), e a forma de começar a *Vida* de Tito (*Tit.* 1)²³.

Além disso, a ideia da felicidade e da bênção do *encomium* grego, com paralelo na *laudatio* latina²⁴, parece estar presente em Suetónio, quando refere a *felicitas* como atributo que, desde o início, se manifesta nos bons imperadores (como Augusto, Vespasiano ou Tito)²⁵, bem como nos sucessores não biografados de Domiciano, como vimos (*Dom.* 23.2), e a *infelicitas* nos maus (como Nero)²⁶; e quando abençoa os bons com uma boa morte e condena os maus a uma morte terrível e solitária.

No que respeita à lista de virtudes e vícios, alguns autores reconhecem a tradição literária presente no *Panegírico de Trajano* da autoria de Plínio o Moço²⁷, nas *Res gestae* de Augusto, na versão documental que encontrava nos arquivos²⁸, ou a influência das lendas das cunhagens, resultados de reflexões sobre o *ethos* do Principado²⁹. Outros vêem a retoma dos *topoi* da oratória forense romana, seja controversa ou apologética³⁰, ou mesmo uma representação imperial apolítica mais próxima da miscelânea e literatura enciclopédica³¹.

À parte o caso das autobiografias, a biografia, antes de se centrar nos imperadores, tende para a oposição senatorial. Surgiram relatos laudatórios sobre as vítimas de Nero e dos Flávios³² que antecedem e podem ter influenciado Suetónio³³.

²² Temas que aparecem também em obras como o *Panegírico de Trajano*, da autoria de Plínio-o-Moço, ou nas *Res gestae* de Augusto, como nota Warmington 1999: ix. Segundo Lewis (1991: 3661-2), que acentua a influência autóctone em Suetónio, a colocação da aparência física associada ao relato da morte é um reflexo da tradição dos discursos fúnebres.

²³ Vide Lewis 1991: 3643; 3648; 3655. Segundo Lewis (1991: 3664), a apresentação do material relativo a Tito faz lembrar o *encomium* grego.

²⁴ Como procura demonstrar Stuart 1928: 242-3; vide também 85 ss.

²⁵ *Aug.* 94.1: (...) *quibus futura magnitudo eius et perpetua felicitas sperari animaduertique posset.* *Ves.* 5.5: *At in Achaia somniauit initium sibi suisque felicitatis futurum...* Ideia semelhante ocorre em *Tit.* 1: (...) *tantum... uel ingenii uel artis uel fortunae superfuit.* A felicidade de Tibério revela-se ilusória – *Tib.* 5: (...) *et quod mox simulacrum Felicitatis ex s. c. publicatum ibi sit. Sed...*

²⁶ *Nero* 6.2: *Eiusdem futurae infelicitatis signum euidentis die lustrico extitit.*

²⁷ Vide Della Corte 1967: 79-80; Wallace-Hadrill 1984: 154-5; Baldwin 1983: 269-70.

²⁸ Teoria de Niessen (1886), exposta por Stuart 1928: 226-7; vide Giua 1990: 543.

²⁹ Vide Bradley 1991: 3701-32.

³⁰ Vide Lewis 1991: 3623-74.

³¹ Schulz 2019: 269-357.

³² Fânio escreve sobre *occisi aut relegati a Neroni*: cf. *Plin. Ep.* 5.5.2. Titínio Capitão tinha em casa retratos de Bruto, Cássio e Catão, acompanhados de *laudationes* em verso. Escreveu relatos da morte de vários amigos: *exitus illustrium uirorum* (um género em voga): Cf. *Plin. Ep.* 8.12.5. O próprio Plínio escreve *de ultione Heluidi Prisci* (o jovem) (*Ep.* 9.13; 5.8).

³³ Vide Lewis 1991: 3657-9.

Mas transformar a biografia em veículo de transmissão de ideias filosóficas e políticas tornava-se arriscado durante o Império. Suetónio refere um historiador³⁴ que foi condenado por Tibério por dizer que Cássio e Bruto tinham sido os últimos dos Romanos (*Tib.* 61.3). E, no principado de Domiciano, as *laudationes* de Peto Trásea e Helvídio Prisco ditaram o exílio para os autores, Aruleno Rústico e Herénio Senecião³⁵.

Era difícil de prever a reação de um imperador perante a escrita de biografias de governantes anteriores: havia sempre o perigo de ser interpretado de forma hostil³⁶. Talvez por isso, Suetónio, o primeiro escritor latino a aplicar a biografia aos imperadores, termina as *Vidas dos Césares* com a apreciação moral favorável aos Antoninos que vimos atrás³⁷. Parece ser uma forma de transmitir a mensagem, sem correr riscos demasiados e garantir a fortuna da obra, embora alguns estudiosos modernos também vislumbrem sinais velados de crítica em Suetónio³⁸. De qualquer modo, a *libertas*, entendida como liberdade de expressão, é, para Suetónio, um dos tópicos de avaliação dos imperadores.

A dificuldade em encontrar um modelo para a biografia suetoniana torna-se manifesta na diversidade de soluções apresentadas pelos estudiosos³⁹. Todos, no entanto, estão de acordo no que respeita ao desenvolvimento precedente. Constatamos que, ao longo da história da biografia, existem modelos diferentes, quanto ao conteúdo e quanto à estrutura. O género foi-se adaptando às necessidades dos tempos e aos objetivos dos diversos autores. No esquema usado por Suetónio não se percebe nem especial inovação, nem especial dependência de um autor em

³⁴ Cremúcio Cordo, segundo Tácito (*Ann.* 4.34-35) e Díon Cássio (57.24.3).

³⁵ Cf. Suet. *Dom.* 10.3; D.C. 67.13.2; Tac. *Ag.* 2; Plin. *Ep.* 1.5.

³⁶ Vide Baldwin 1983: 80-1.

³⁷ *Dom.* 23.2: *Ipsum etiam Domitianum ferunt somniasse gibbam sibi pone ceruicem auream enatam, pro certoque habuisse beatiorem post se laetioremque portendi rei publicae statum, sicut sane breui euenit abstinentia et moderatione insequentium principum.*

³⁸ Carney (1968: 7-24) vê nas *Vidas dos Césares* uma série de críticas indiretas a Adriano; e Cizek (1977: 181-92) crê que certos conselhos discretos foram mal recebidos pelo imperador e, por isso, contribuíram para a desgraça de Suetónio. Contra, Bradley 1976: 245-53; Gascou (1984: 758-73); o último procura demonstrar que, nas *Vidas dos Césares*, os aspetos favoráveis a Adriano predominam largamente sobre os desfavoráveis.

³⁹ Na opinião de Leo (1901), a biografia, no período helenístico e romano, apresentava, em geral, dois modelos distintos: as *Vidas* dos políticos e gerais estavam normalmente organizadas de forma cronológica, enquanto as *Vidas* dos filósofos, artistas e poetas se apresentavam organizadas de forma sistemática. Segundo a tese de Leo, Suetónio, ao organizar de forma sistemática as *Vidas dos Césares*, transfere para homens de ação um tipo de biografia alexandrina, que era usada normalmente em escritores e artistas, e fora importada para Roma por Varrão. Mas a descoberta do papiro, que continha a *Vida de Eurípides* de Sático, veio provar que este esquema biográfico já existia antes de aparecerem as biografias eruditas alexandrinas, que herdaram a estrutura dos peripatéticos: vide Stuart, D. R. 1928, 186-7. Vide também Ailloud 1931-2: xxv-xxxii; Della Corte 1967: 199-200; Momigliano (1993: 87-8; Wallace-Hadrill 1984: 70; Wardle 1994: 18; Guastella 1992: 11-2 n. 3.

particular⁴⁰. Mais do que seguir este ou aquele modelo, Suetónio parece fazer o cruzamento da tradição biográfica greco-latina, no seu ponto de chegada, com a evolução do governo da Roma imperial do primeiro século d.C.

A biografia, enquanto género humilde, foi, por vezes, considerada o parente pobre da historiografia; e Suetónio é por vezes desvalorizado pela inevitável comparação com Tácito⁴¹. Por vezes, faz-se uma abordagem histórica da exposição do biógrafo, o que leva o texto de Suetónio a ser desmembrado, em vez de ser estudado no seu conjunto, e assim desvalorizado⁴². Mas Suetónio não pretende emular Tácito; opta por escrever biografia. O biógrafo é apresentado por Plínio-o-Moço como *eruditissimus* e seu *contubernalis*⁴³; é autor de vasta obra e um competente funcionário imperial, que acumulou os cargos de *a studiis*, de *a bibliothecis*, de *ab epistulis*⁴⁴. Tinha ao seu dispor quer o material necessário para obras de grande fôlego e rigor, bem como os conhecimentos retóricos para tal requeridos.

A profusão de pormenores biográficos dá vida ao texto e serve para seduzir o leitor. Conhecedor do gosto do seu público pelo típico *italum acetum*, pelo romanesco de uma *bella fabella*, pelas *curiositates* da vida dos ricos e famosos e pelos escândalos da vida social, o biógrafo procura seduzir os curiosos⁴⁵. A indicação de fontes suporta as afirmações de Suetónio. O biógrafo evoca amiúde documentos escritos (legais, epistolares, pessoais, literários), frequentemente à letra, bem como ditos célebres, testemunhos arqueológicos e epigráficos etc. Neste sentido, Suetónio parece estar mais próximo da mentalidade do historiador moderno do que da do historiador antigo, se o compararmos, por exemplo, com o seu contemporâneo Tácito, que citava sobretudo discursos, modificando-os, como observa Gasco (1984: 545-7)⁴⁶. Em vez do estilo elevado da história, Suetónio adota um estilo desadornado e conciso. A estrutura do relato, funcional e adequada, submete-se não à cronologia, mas aos diversos aspetos, divididos por tópicos, da personalidade dos biografados.

⁴⁰ Vide Lindsay 1995: 5.

⁴¹ Vide Bradley 1985: 255.

⁴² Vide Guastella 1992: 13-4.

⁴³ Plínio, ao solicitar a Trajano, para o amigo, o *ius trium liberorum*, descreve-o nestes termos: *Suetonium Tranquillum, probissimum honestissimum eruditissimum uirum* (*Ep.*, 10.94.1). Além disso, ao interceder em seu favor na compra de um campo, considera-o *contubernalis meus* (1.24.1) e *scholasticus* (1.24.4). É ainda recordado por Plínio em *Ep.* 5.10 e 10.95.

⁴⁴ O estudo da carreira de Suetónio sofreu grande impulso com a descoberta, em 1950, nas escavações do foro de Hipona, dos fragmentos de uma inscrição, reconstituída e publicada por Marec & Pflaum (1952: 76-85), que veio confirmar algumas conjeturas de Sanders (1944: 113-23). Tratava-se, talvez, da base de uma estátua do biógrafo. Sobre carreira de Suetónio, vide Della Corte 1954: 133-6; Grosso 1959: 26396; Baurain 1976: 124-44; Townend 1961: 99-109; Dack 1963: 177-84; McDermott 1971: 92-5; Baldwin 1975a: 22-6 e 1975b: 61-70; Brugnoli 1993: 47-61; Lindsay 1994: 454-69; Della Corte 1967: 9-28 e 219-31.

⁴⁵ Vide Cizek 1977: 41-2.

⁴⁶ Vide Brandão 2009: 37-53.

2. A PRIMAZIA DAS SPECIES: CONSEQUÊNCIAS ESTRUTURAIS

2.1. SACRIFÍCIO DA CRONOLOGIA AO ETHOS

Perdeu-se a dedicatória das *Vidas* a Septício Claro⁴⁷ e os capítulos iniciais da *Vida* de César – talvez aí estivessem expostas as linhas programáticas da biografia de Suetónio. Mas, no texto sobrevivente, percebe-se claramente o uso que Suetónio dá à cronologia: *Ordo et summa rerum, quas deinceps gessit, sic se habent* (*Jul.* 34.1) («O resumo pela ordem das acções, que ele a seguir praticou, é o seguinte»). Com a expressão *ordo et summa*, «a súmula ordenada», Suetónio sugere a forma epitomática como usa a cronologia nas *Vidas*, ao mesmo tempo que introduz uma subdivisão na biografia de César: seguem-se factos apresentados cronologicamente por meio de uma narrativa fluente e resumida. Mas, mais à frente, introduz outra forma de exposição (*Jul.* 44.4):

Talia agentem atque meditantem mors praeuenit. De qua prius quam dicam, ea quae ad formam et habitum et cultum et mores, nec minus quae ad ciuilia et bellica eius studia pertineant, non alienum erit summatim exponere.

Realizava e projectava ele tais acções quando a morte o surpreendeu. Antes de falar desta, não será inoportuno expor aqui, em traços gerais, o que à sua figura e ao vestuário e à apresentação e aos costumes e, não menos, o que às suas ocupações civis e militares disser respeito.

A partir deste ponto, e até encetar a narrativa da morte, o discurso apresenta-se sistematizado por tópicos: predomina a descrição. O assunto desta é claro: *habitus, cultus e mores, ciuilia et bellica studia...* portanto uma súmula de aspetos relacionados com a aparência, comportamentos, carácter e aptidões. Está, portanto, delineada a distinção que se tornará explícita na *Vida* de Augusto:

Proposita uitae eius uelut summa, partes singillatim neque per tempora, sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint (*Aug.* 9.1).⁴⁸

Apresentado que foi uma espécie de resumo da sua vida, vou agora prosseguir com os vários aspectos, um por um, não pela ordem cronológica, mas através de rubricas, para que se possa tornar mais evidente quer a exposição, quer a compreensão.

Deste modo, apresenta-se um tema em cabeçalho, que depois será ilustrado com os dados (acontecimentos, atitudes, ditos, etc.) que o comprovam. Portanto

⁴⁷ Como testemunha João Lido (*de Mag.* 2.6).

⁴⁸ Cf. *Aug.* 61.1, onde enumera as rubricas tratadas e a tratar.

os acontecimentos, quando organizados na sua ordem cronológica, são apresentados de forma resumida; os diversos aspetos da vida pública e privada serão dissecados um por um (*singillatim*). Tal método é de novo reiterado na *Vida de Tibério*:

Ceterum secreti licentiam nanctus et quasi ciuitatis oculis remotis, cuncta simul uitia male diu dissimulata tandem profudit; de quibus singillatim ab exordio referam (Tib. 42.1).

Mas, tendo encontrado a convivência do retiro e com os olhares da cidade, por assim dizer, afastados, deu largas, por fim, de uma assentada, a todos os vícios há longo tempo mal dissimulados; desses vícios vou eu agora falar, um a um, desde o início.

A menção dos *uitia* é a motivação para introduzir uma série de rubricas (*species*) que serão tratadas *singillatim*. Por vezes, esta análise corre o risco de se tornar fastidiosa se as *species* se multiplicam. Nesse caso, é preciso escolher as que melhor sirvam de *exempla* para determinado aspecto: *singillatim crudeliter facta eius exsequi longum est; genera, uelut exemplaria saeuitiae, enumerare sat erit*⁴⁹ («analisar, um por um, os seus atos de crueldade tornar-se-ia longo; será suficiente enumerar, a título de exemplo, os tipos de violências»). Mas também esta restrição é reveladora do caráter, uma vez que sugere uma multiplicação de vícios.

Assim, a narrativa dos grandes acontecimentos históricos acaba por se reduzir a favor do alargamento da parte descritiva do protagonista. Constatamos que é em resumo que Suetónio apresenta os grandes acontecimentos políticos e militares, que são o objeto tradicional da história e com a qual o biógrafo não pretende competir⁵⁰. Por conseguinte, a guerra da Gália, apesar da sua importância na *Vida de César*, vem condensada em um parágrafo (*Jul.* 25.1), ao passo que outro biógrafo, Plutarco, que usa um método diferente, se alonga (*Caes.*, 18-27)⁵¹. Mas é *singillatim* que se enumeram e exemplificam as qualidades militares (*Jul.* 57-67), a culminar na devoção dos soldados (*Jul.* 68) e na autoridade inquestionável do general (*Jul.* 69-70).

Em Plutarco, o *ethos* infere-se a partir das ações e de ditos apresentados normalmente em contexto narrativo, pelo que o retrato é na maior parte das

⁴⁹ *Tib.* 61.2. Cf. *Cl.* 29. 1: *Ac ne singillatim minora quoque enumerem*; e *Cal.* 37.3: *Ac ne singula enumerem*.

⁵⁰ Tibério, segundo Suetónio, usa este método na sua autobiografia, o *Commentarius de uita sua*, pois se diz que *summatim breuiterque composuit*. *Tib.* 61.1.

⁵¹ Este tipo de informações poderia o leitor encontrá-las nos *Commentarii* de César. Já no que diz respeito a tais obras, Suetónio mostra-se mais prolixo ao fazer o balanço das críticas (*Jul.* 56.1-4), porque isso está dentro do objeto de estudo de um autor erudito de biografias literárias. Vide Wallace-Hadrill 1984: 10-5; Cizek 1977: 49-52; Della Corte 1967: 191-3; Townend 1967: 84-6; Grimal 1986: 730; Lounsbury 1987: 79-81.

vezes indireto. Em termos de método, Plutarco aproxima-se mais que Suetónio dos historiadores antigos. É consensual que Plutarco dá mais espaço à dita «história pragmática» que outros biógrafos⁵². Não quer isto dizer que o Quenonense não use a explanação por rubricas: usa claramente este método por exemplo numas secções da *Vida de César* (15-17)⁵³, onde inclui referências à saúde do general e algumas anedotas relativas à sua vida diária⁵⁴. Mas o conteúdo encomiástico deste trecho encontra um paralelo bastante mais amplo e mais copioso de *exempla* em Suetónio (*Jul.* 57-70), integrado num conjunto de rubricas que ele próprio anuncia em 55.1 e engloba em *eloquentia militarisque res*.

Sendo a cronologia colocada em segundo lugar, ou mesmo sacrificada, o biógrafo poderá fragmentar ou repetir os acontecimentos, se necessário, ou atribuir um valor desproporcionado a factos menores. Como não está centrado nos acontecimentos, mas no *ethos*, os factos podem ser retirados da ordem temporal, ou mesmo fragmentados, para se repartirem pelas rubricas. Muitas ações, e até os maiores acontecimentos, são, por vezes, colocados ao serviço das *species*, ficando reduzidos a *exempla* das características ilustradas, mesmo que, para isso, seja preciso deslocá-los do seu contexto político e da ordem temporal⁵⁵.

Por exemplo, no que diz respeito à morte de Trásea Peto, enquanto Tácito (*Ann.* 16.21ss) nos oferece um relato minucioso das causas e circunstâncias, Suetónio (*Nero* 37.1.) menciona-a apenas para ilustrar a crueldade gratuita de Nero e as mortes sob pretextos fúteis, e retira-a do contexto da oposição estoica, bastante relevante no principado⁵⁶. O biógrafo não pretende analisar a conjuntura histórico-política – objeto privilegiado do historiador –, mas fazer uma abordagem ética: demonstrar, por meio de casos exemplares, até que ponto ia, neste caso, a crueldade de Nero. E muitos outros de exemplos se poderiam apresentar sobre a submissão dos acontecimentos históricos ao esquema do biógrafo⁵⁷.

⁵² Vide La Penna 1987: 283; Jacobs 2018: 84-5.

⁵³ Além de outros pedaços descritivos muito breves intercalados na narrativa (3.1; 3.2; 69.2; 69.12). Vide La Penna 1987: 232-3. Mas o retrato direto apresentado neste segmento não abarca toda a personalidade de César; descreve sobretudo as suas qualidades de comandante e de soldado, pelo que funciona como introdução à guerra da Gália e à guerra civil, como nota La Penna (1987: 234).

⁵⁴ Há similitude de tratamento e de conteúdo com o excuro descritivo de Alexandre (*Alex.* 22-23), apresentado depois da narrativa da batalha de Isso.

⁵⁵ Vide Gasco 1984: 343-446; Grimal 1986: 729; Lounsbury 1987: 80-9; Wallace-Hadrill 1984: 8-22.

⁵⁶ Trásea Peto foi eliminado porque tinha *tristior et paedagogi uultus*. Este pormenor de natureza marginal aponta para a tradicional descrição dos estóicos como *tristes*. Suetónio deve tê-lo encontrado numa das fontes: vide Warmington 1999: 70-1.

⁵⁷ Gasco (1984: 390-436) analisa numerosos exemplos do sacrifício da cronologia e do esmagamento da perspectiva histórica, devido à escolha literária de Suetónio, que se revela como justaposição de materiais díspares, na sobrevalorização de um facto de menor importância em prejuízo de um grande acontecimento, na apresentação de pequenas causas para grandes efeitos, na transformação de certas ações em produtos de uma índole boa ou má.

Quanto à narrativa cronológica, Suetónio usa-a normalmente para tratar a ascensão ao trono imperial e retoma-a para introduzir a narrativa da morte, com as suas causas. Entre estes dois momentos, privilegia a abordagem *per species*. Dentro das *species* encontramos habitualmente uma cronologia relativa dos exemplos, o que implica por vezes analepses para tratar os tópicos *ab initio*. Mas Suetónio segue de preferência a *gradatio* dos *exempla*, dos menos para os mais expressivos, segundo o âmbito da rubrica em questão, como veremos à frente⁵⁸.

Como consequência do tratamento *per species*, que pode implicar o emprego dos mesmos exemplos em rubricas diferentes, há relatos que se tornam ambíguos. Nero mostra-se modelo de piedade filial no elogio fúnebre de Cláudio (*Nero* 9), mas, mais à frente, aparece como cúmplice da morte do antecessor (*Nero* 33.1); demonstra *pietas* no facto de passear de liteira com a mãe em público (*Nero* 9), mas somos, depois, confrontados com manchas na roupa denunciadoras de práticas incestuosas durante os referidos passeios (*Nero* 28.2), e com um agravamento do relacionamento que conduzirá ao matricídio (*Nero* 34). A majestosa recepção a Tiridates introduzida na parte positiva da *Vida* (*Nero* 13) revela-se, na parte negativa (onde se trata os *probra* e *scelera*), um espetáculo ruinoso (*Nero* 30.2). Há como que repartição da informação dada ao leitor de acordo com o assunto da rubrica, o que pode constituir um meio de expôr diferentes perspetivas sobre os factos.

2.2. SUBMISSÃO DOS DADOS HISTÓRICOS AOS OBJETIVOS BIOGRÁFICOS

O biógrafo adota procedimentos que ajudam a potenciar os factos colocados ao serviço das rubricas. Uma forma é tornar frequente o que é caso único; outra a ordenação dos exemplos de acordo com o seu grau de gravidade ou de interesse para o público.

Um procedimento frequente em Suetónio é a generalização⁵⁹. É um meio de potenciar o impacto de um ato isolado, com o objetivo de intensificar a imagem que o biógrafo quer fazer passar de determinado imperador. Por exemplo, com o objetivo de salientar a popularidade de Augusto, Suetónio parece generalizar, quando afirma que os reis aliados fundaram «cada qual em seu respetivo reino» (*et singuli in suo quisque regno*) cidades com o nome de Cesareia (*Aug.* 60)⁶⁰.

O efeito contrário visa empolar os exemplos da crueldade de Tibério. O biógrafo parece transformar casos particulares em gerais, quando se refere à execução de condenados no primeiro dia do ano e aos filhos que acusam os pais,

⁵⁸ Vide Cizek 1977: 118-20.

⁵⁹ Vide Townend 1967: 87; Baldwin 1983: 256-7; Gascou 1984: 450-6.

⁶⁰ Além disso, não se trata propriamente de fundação, mas, na sua maior parte, de mudança de nome. Vide Gascou 1984: 232-5.

(*Tib.* 61.2), pois só conhecemos um caso para cada situação⁶¹; e faz uma amálgama quando fala dos condenados que se suicidaram, se feriram ou se envenenaram e foram conduzidos à prisão ainda palpitantes (*Tib.* 61.4)⁶². Bastante esclarecedor é o caso da violação das virgens: fala-se genericamente de *immaturae puellae* (*Tib.* 61.5) vítimas de violação pelo carrasco antes da execução, para contornar o costume que considerava nefando estrangular virgens (*quia more tradito nefas esset uirgines strangulari*), facto que só terá acontecido com a filha de Sejano⁶³. Desta forma, o *pathos* é potenciado. Torna-se mais trágico dizer que, dos assassinos de César, *nonnulli* se suicidaram com o mesmo punhal com que atacaram o ditador, quando Plutarco (*Caes.* 69.3) imputa tal ato apenas a Cássio.

Está implícito o âmbito do género e a forma como Suetónio organiza o seu material. O biógrafo instrumentaliza os dados históricos ao serviço da mensagem: a ilustração do carácter de cada imperador. Um facto único, se significativo – como a violação de uma virgem que vai ser executada –, pode valer por muitos e, na linha da introdução à *Vida de Alexandre* de Plutarco, é importante para definir o carácter de um imperador. A generalização constitui uma forma de Suetónio potenciar certos factos, transformando o que é circunstancial (*factum*) em habitual (*mos*) e, portanto, definidor do *ethos*: qualquer ato, por acidental que seja, torna-se assim manifestação da essência do indivíduo.

Por outro lado, como fazer uma narração cronológica não era o objetivo do biógrafo, o processo que vai seguir é o da acumulação progressiva, em crescendo, de forma a criar uma espécie de progressão. O crescendo pode ser indicado por expressões, como advérbios⁶⁴; comparativos⁶⁵; expressões sugestivas da progressão do tempo⁶⁶; verbos que indicam intensificação ou degeneração⁶⁷; etc.

⁶¹ Tácito (*Ann.* 4.70.1) diz que Tito Sabino, amigo de Germânico, foi acusado e executado nas calendas de 28, e (em *Ann.* 4.28.1) informa que Víbio Sereno teve como acusador o filho do mesmo nome.

⁶² Situações diferentes entre si, que Gascou 1984: 452-5, procura destrinçar. Além disso, diz que foram destruídas as obras de um poeta e de um historiador, com a agravante de já serem conhecidas de Augusto (*Tib.* 61.3.). Como não menciona os nomes, generaliza: trata-se de Mamerco Escauro (*Tac. Ann.* 6.29.3 e D.C. 58.24.3-5) e Cremúcio Cordo (*Tac. Ann.* 4.34-35) e só as do segundo eram conhecidas de Augusto (cf. D.C. 57.24.3).

⁶³ Como afirma Tácito (*Ann.* 5.9.2). E poderíamos acrescentar muitos outros exemplos, analisados por Gascou (1984: 450-6).

⁶⁴ *Paulatim* (*Tib.* 33; *Nero* 27.1; *Gal.* 9.1).

⁶⁵ *maiora etiam indicia* (*Jul.* 63); *Maiore adhuc ac turpiore infamia* (*Tib.* 44.1); *Nihilo lenior* (*Tib.* 56); *nec minore saeuitia foris* (*Nero* 36.1); *ad maiora palam erupit* (*Nero* 27.1); *damniosior* (*Nero* 31.1); *saeuior* (*Dom.* 10.5); *contemptius* (*Dom.* 11.2).

⁶⁶ *Procedente mox tempore* (*Tib.* 49.1); *in puero... aliquanto magis in principe* (*Tib.* 57.1); *In paucis diebus* (*Tib.* 60)... *mox* (*Tib.* 61.1); *aliquam diu ... donec* (*Dom.* 3.2); *inter initia* (*Dom.* 9.1); *ab iuuenta* (*Dom.* 12.3)... *principatus uero adeptus* (*Dom.* 13.1)

⁶⁷ *Auxit intenditque saeuitiam* (*Tib.* 62.1); *Immanissima facta augebat* (*Cal.* 29.1); *ad saeuitiam desciuit* (*Dom.* 10.1); *ea fama et confirmata et aucta est* (*Gal.* 12.2).

Muitas vezes, os crescendos são reforçados por adversativas, ou por negações como *nec*, *nullus*, *nihilo*, ou por verbos que exprimem mudança: *conuertit*, *conuersus*. Mas o que verdadeiramente estabelece a gradação é a qualidade dos factos: as ações mais horrendas de Tibério, Calígula, Nero e Domiciano tendem a ser apresentadas em último lugar, enquanto para Augusto, Vespasiano e Tito se apresentam em último lugar as mais favoráveis.

A gradação pode aparecer numa frase, numa rubrica, num conjunto de rubricas, ao longo de uma vida ou ao longo de várias *Vidas*. Como exemplo de gradação num período, temos, por exemplo, a seguinte da *Vida de Calígula* (*Cal.* 52): *Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque ciuili, ac ne uirili quidem ac denique humano semper usus est* («roupas e calçado e restante trajar nunca usou o tradicional do seu país, nem o habitual dos cidadãos, nem masculino, nem sequer humano»). Outro exemplo de gradação é a enumeração dos presentes distribuídos por Nero durante os jogos (*Nero* 11.2):

Sparsa et populo missilia omnium rerum per omnes dies: singula cotidie milia auium cuiusque generis, multiplex penus, tesseræ frumentariæ, uestis, aurum, argentum, gemmæ, margaritæ, tabulæ pictæ, mancipia, iumenta atque etiam mansuetæ feræ, nouissime naues, insulæ, agrî.

Todos os dias se atiravam ao povo brindes de todo o género: por dia, um milhar de aves de cada espécie, muitas provisões, senhas de trigo, roupas, ouro, prata, gemas, pérolas, quadros, escravos, bestas de carga e até feras amestradas; por último, navios, blocos de apartamentos, terras.

Os exemplos de gradação em uma rubrica são comuns: como a narração dos crimes sexuais de Tibério em Cápreas (*Tib.* 44); ou a morte de Agripina (*Nero* 34). Ao longo de vários capítulos evolui a intriga da relação homossexual de César com Nicomedes⁶⁸; A gradação torna-se particularmente significativa na parte das *Vidas* que se debruça sobre os vícios dos césares. Os vícios dos maus imperadores tendem a ser organizados em clímax e os dos bons em anticlímax⁶⁹;

Na *Vida* de Tibério, depois da retirada para Cápreas, a gradação vai sendo sublinhada nitidamente pelas expressões introdutórias, como que «cabeçalhos»: *etiam sellaria excogitauit* (*Tib.* 43.1), *maiore adhuc infamia flagrauit* (*Tib.* 44.1), *feminarum quoque, et quidem illustrium capitibus quanto opere solitus sit inludere* (*Tib.* 45); *procedente mox tempore etiam ad rapinas conuertit animum* (*Tib.* 49.1). E, em nova progressão sobre a sua natureza *sæua ac lenta* (*Tib.* 57.1), *sed aliquanto*

⁶⁸ *Jul.* 2; 49.1 e 52.3.

⁶⁹ *Vide* Cizek 1977: 118-34. Este autor ilustra este processo nas *Vidas dos Césares*, à exceção das *Vidas* de Cláudio, de Vespasiano e Domiciano, nas quais não encontra gradações, mas antes uma narrativa linear; e, na *Vida de Tito*, põe em relevo a gradação descendente dos vícios.

magis in principe eluxit (Tib. 57.1); *mox in omne genus crudelitatis erupit* (Tib. 61.1), *auxit intenditque saeuitiam* (Tib. 62.1).

No que respeita a Calígula, percebe-se um crescendo na narrativa dos atos do *monstrum* (Cal. 22-49), sobretudo no que respeita à crueldade, uma vez que a *superbia uiolentiaque* (Cal. 26.4) é aumentada, a seguir, por recurso ao superlativo – *Saeuitiam ingenii per haec maxime ostendit* (Cal. 27.1) –, e um superlativo intensificado pelo significado do verbo – *Immanissima facta augebat atrocitate uerborum* (29.1): a crueldade parece culminar, já no final, na *nefanda atrocitas* (Cal. 48.1).

Na biografia de Nero, a gradação dos vícios é bastante marcada. O biógrafo sugere explicitamente que tais vícios se manifestam de forma gradual, primeiro às escondidas: *sensim quidem primo et occulte* (Nero 26.1); depois às claras: *Paulatim uero inualescentibus uitiiis iocularia et latebras omisit nullaue disimulandi cura ad maiora palam erupit*⁷⁰ («Mas gradualmente, com o crescimento dos vícios, deixou-se de brincadeiras e segredos e, sem nenhuma preocupação em dissimular, irrompeu às claras nas maiores enormidades»)⁷¹. Em relação ao carácter perdulário, começa por falar da conceção de Nero de *profusio* como melhor forma de usufruir (Nero 30.1), para, no capítulo seguinte, apresentar a situação em que foi *damnosior*⁷², e, como resultado, a ruína, que implica novas consequências, cujo último grau é a dilapidação dos tempos⁷³.

Também os crimes de sangue deste imperador – *parricidia et caedes* – começam em Cláudio e, no que respeita às suas motivações, são enumerados, ao longo de vários capítulos, num crescendo que põe em realce o carácter cada vez mais absurdo e gratuito, sublinhado, no termo, por uma adversativa, que destaca do incêndio da Urbe, crime improvável, mas que Suetónio não põe em dúvida, por causa da coerência do *ethos* (Nero 33-38)⁷⁴: *Sed nec populo aut moenibus patriae pepercit* («mas nem poupou o povo ou os muros da pátria»).

A respeito de Domiciano sugere-se um aumento da crueldade (*saeuitia*), depois da vitória na guerra civil movida por L. António (*Verum aliquanto ... saeuior*) (Dom. 10.5). Para conseguir este efeito, Suetónio sacrifica a cronologia relativa das execuções ao longo deste principado.

⁷⁰ Nero 27.1.

⁷¹ Se já é motivo de espanto o casamento farsesco, *cum dote et flammeo*, de Nero com Esporo, a quem *pro uxore habuit* (Nero 28.1), mais gravosas se tornam, por se tratar de passividade, as núpcias com Doríforo, apresentadas no capítulo seguinte: *suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit* – pois que fez de mulher – *nupsit* – e imitou os gemidos das virgens desfloradas (Nero 29). De facto, a ordem cronológica destes acontecimentos terá sido a inversa: *vide* Verdière 1975: 17-9.

⁷² Nero 31.1: *Non in alia re tamen damnosior quam in aedificando*.

⁷³ Nero 32.4: *Vltimo templis compluribus dona detraxit...*

⁷⁴ *Vide* Gascou 1984: 697-700.

Nestes quatro imperadores (Tibério, Calígula, Nero Domiciano), o facto de a governação começar com ações claramente positivas e terminar com factos atrozes, sugere uma degradação, que, associada à desproporção entre a quantidade de factos louváveis e censuráveis, começa por provocar a desilusão do leitor e, por fim, conduz à indignação. Neste processo, concorre, como vimos, uma frequente indicação de rumores não confirmados.

Efeito contrário tem a organização das *Vidas* de Augusto, Tito e Otão, nas quais os factos positivos, apresentados em último lugar, conquistam a simpatia do leitor. No que diz respeito a Augusto, a crueldade da juventude, durante as guerras civis (*Aug.* 10-17) e as proscricções (*Aug.* 27), contrasta com a clemência posterior⁷⁵. Em Tito, há um volte-face nitidamente delineado, mas ao invés de Tibério, Calígula, Nero, Domiciano. Antes descrito como *inciuilius et uiolentius* (*Tit.* 6.2), e dado à *saeuitia, luxuria, profusio, libido, rapacitas*, ao ponto de se pensar que seria «outro Nero»⁷⁶, Tito muda radicalmente, pelo que esta fama *pro bono cessit* (*Tit.* 7.1). A partir daqui, Suetónio descreve um imperador *natura autem beniuolentissimus* (*Tit.* 8.1), que corresponde ao *amor ac deliciae generis humani*, expressão com que fora apresentado logo na abertura da *Vida*.

No caso dos maus imperadores, Suetónio parece desejar que, no momento da morte, o leitor tenha chegado ao cúmulo do *pathos*, que o levará a ver a morte como um castigo (Calígula, Nero, Vitélio, Domiciano). Noutros casos, a morte aparece como o prémio de uma existência digna (Augusto); como uma injustiça (Tito); como uma decisão altruísta (Otão), ou como um crime que requer nova expiação (Júlio César).

O verdadeiro carácter de Otão revela-se na altura da morte, quando decide pôr fim à vida, mais por *pudor* do que por necessidade (*Otho* 9.3). Para atestar a veracidade desta afirmação, Suetónio afirma que seu pai esteve no exército deste imperador e que testemunhara repetidamente o ódio de Otão às guerras civis (*Otho* 10.1). Mas as verdadeiras qualidades do carácter de Otão já se adivinhavam quando administrou a província da Lusitânia, durante dez anos, com *moderatio atque abstinentia singularis* (*Otho* 3.2).

Estas mudanças, até certo ponto forjadas por Suetónio – na medida em que nem sempre correspondem a uma evolução rigorosamente cronológica –, condicionam e enriquecem a trama narrativa. De modo diverso, na *Vida* de Cláudio, a alternância de motivos favoráveis e desfavoráveis sugere a incoerência e a fraqueza do imperador. A distribuição do material pelas rubricas leva a que o leitor tenha de ajustar constantemente os seus próprios juízos: as aparências do início podem não corresponder a uma realidade definitiva.

⁷⁵ *Aug.* 51.1: *Clementiae ciuilitatisque eius multa et magna documenta sunt.*

⁷⁶ *Vide* Marastoni 1983: 110-1; Levi 1954: 291-2; Baldwin 1983: 293; Martin1991: 118.

Percebe-se que a gradação é majoritariamente centrada na revelação dos verdadeiros traços de carácter, isto é, quando o protagonista revela plenamente a sua índole, seja ela boa ou má. Quando Suetónio se refere à essência individual, usa frequentemente a palavra *natura* para assinalar que um determinado traço é imutável e genuíno, mesmo que possa ter sido dissimulado⁷⁷. Quanto às virtudes intrínsecas, que o biógrafo considera verdadeiras, temos os exemplos da clemência de César, da moderação de Augusto na bebida e da benevolência de Tito⁷⁸. Mas, na maior parte das vezes o termo *natura* aparece a sublinhar um vício. E a essência cruel (*natura saeua*) é o traço mais comum dos piores imperadores⁷⁹. Tibério é caracterizado por uma *saeua ac lenta natura* («natureza cruel e inflexível») (*Tib.* 57.1), que, segundo Augusto, está na raiz dos seus vícios⁸⁰. Desde cedo, Calígula revela uma *natura saeua ac probrosa* («natureza cruel e depravada»)⁸¹; e, tal como Tibério, parece manifestar uma consciência da sua natureza, mas, longe de sentir arrependimento, orgulha-se dos seus vícios⁸². A sua *natura saeua* manifesta-se na «horrenda e sinistra» expressão do rosto⁸³, uma característica que continua em Cláudio, de quem se diz: *saeuum ac sanguinarium natura fuisse, magnis minimisque apparuit rebus* («Que ele tinha uma natureza cruel e sanguinária ficou patente em assuntos grandes e pequenos») (*Cl.* 34.1).

Podemos, portanto, dizer que, no que respeita aos Júlio-Cláudios, se assinala um processo de degeneração que culmina em Nero, em quem os vícios da natureza se multiplicam: *petulantia, libido, luxuria, auaritia, crudelitas*⁸⁴. Neste imperador, a degeneração está, pois, ligada ao carácter da sua família⁸⁵, pelo que assume e encarna os vícios familiares ampliados ao mais alto grau, o que o leva a projetar *multa et inmania non abhorrentia natura sua*: («muitos planos de maldade monstruosa, mas de forma alguma incongruentes com a sua natureza») (*Nero* 43.1).

Entre os Flávios, Domiciano representa um caso claro de degeneração como resultado dos seus vícios, e, na *Vida de Vespasiano*, fica claro desde o início que aquele será punido pela sua *cupiditas* e *saeuitia* (*Ves.*1.1). Enquanto a

⁷⁷ Vide Wallace-Hadrill1984: 159 n. 26.

⁷⁸ *Jul.* 74.1: *sed et in ulciscendo natura lenissimus*; *Aug.* 77: *uini quoque natura parcissimus erat*; *Titus* 8.1: *natura beniuolentissimus*.

⁷⁹ Vide Wardle 2014: 467.

⁸⁰ *Tib.* 68.3: *naturae uitia esse, non animi*.

⁸¹ *Cal.* 11: *Naturam tamen saeuam atque probrosam ne tunc quidam inhibere poterat*. Uma tendência que estará na base da sua *saeuitia ingenii* (*Cal.* 27.1).

⁸² *Nihil magis in natura sua laudare se ac probare dicebat quam, ut ipsius uerbo utar, ἀδιαιτρεψία, hoc est inuerecundiam* (*Cal.* 29.1). Vide Dubuisson 1998: 589-94. O termo *inuerecundia* é considerado glosa pelos editores.

⁸³ *Cal.* 50.1: *Vultum uero natura horridum ac taetrum etiam ex industria efferabat*.

⁸⁴ *Nero* 26.1: *... sed ut tunc quoque dubium nemini foret naturae illa uitia, non aetatis esse*.

⁸⁵ *Pluris e familia cognosci referre arbitror, quo facilius appareat ita degenerasse a suorum uirtutibus Nero, ut tamen uitia cuiusque quasi tradita et ingenua rettulerit* (*Nero* 1.2).

ganância (*cupiditas*) da *natura* da Vespasiano se apresenta controversa entre as fontes de Suetónio, e, segundo algumas delas, justificada pela *necessitas* (*Ves.* 16.3)⁸⁶, a propensão para o saque (*rapacitas*) é, no caso de Domiciano, uma característica da natureza agravada por restrições financeiras (*Dom.* 3.2)⁸⁷. Além disso, a crueldade de Tito, apresentada desde logo como suspeitada, e a revelação final da sua natureza muito amável⁸⁸ contrasta com a manifestação progressiva da crueldade natural do irmão mais novo, agravada pelo medo⁸⁹.

Uma vez que cada *Vida* tende a centrar-se na pessoa do biografado, há acontecimentos que são relatados de modo diferente de *Vida* para *Vida*. No relato da morte de Tibério, a culpa de Gaio figura apenas como uma conjetura (*Tib.* 73.2), mas na *Vida de Calígula* acrescentam-se provas da suspeição, o que aumenta a veracidade do rumor (*Cal.* 12.2-3). No que respeita aos crimes de Nero, o biógrafo diz que começaram pela morte de Cláudio, *cuius necis non auctor, at conscius fuit* (*Nero* 33.1). Este é, na verdade, um dado novo, algo surpreendente para o leitor, porque, na *Vida de Cláudio* (*Cl.*44), apenas é descrito o crime de Agripina, sem qualquer menção da cumplicidade Nero. Fica assim traçada uma espécie de destino trágico, no sentido de propensão para o parricídio, que cai sobre a dinastia júlio-cláudia e que se vai adensando de geração em geração, até à sua perda. De modo algo semelhante, só na *Vida* de Domiciano é que o leitor é informado de que este imperador mandou abandonar o irmão Tito, como se já estivesse morto, antes que ele expirasse (*Dom.* 2.3).

Portanto, tomada no seu todo, a estrutura das *Vidas*, em termos retóricos, é constituída por *gradatio* ou clímax, que culmina no momento da plenitude do biografado, isto é a morte, lugar habitualmente atribuído à revelação plena do *ethos*⁹⁰, ou talvez mais corretamente à sua confirmação. O fim da vida tende a surgir como resposta a uma tensão que se vai acumulando e como restabelecimento do equilíbrio e da ordem.

É desta forma que Suetónio concebe a qualidade de cada governo: o resultado da dialética entre as qualidades de carácter do imperador e as exigências políticas, sociais e culturais em que ele se move. Do ponto de vista de Suetónio, o carácter (*ethos*) do imperador torna-se assim decisivo para a evolução do governo e o respeito pela *maiestas* do império⁹¹.

⁸⁶ *Quidam natura cupidissimum tradunt... Sunt contra qui opinentur ad manubias et rapinae necessitate compulsus summa aerarii fiscique inopia.*

⁸⁷ ... *donec uirtutes in uitia deflexit: quantum coniectare licet, super ingenii naturam inopia rapax, metu saeuus.* On the interpretation of *super ingenii naturam*, vide Gascou 1976: 271; Wallace-Hadrill 1984: 13; Jones 1996: 34.

⁸⁸ *Tit.* 7.1. *Praeter saeuitiam suspecta in eo etiam luxuria erat...; Tit.* 8.1: *Natura autem beniuolentissimus...*

⁸⁹ *Dom.* 3.2 and 10.1. Vide Brandão 2009: 90-1, 123.

⁹⁰ Vide Pennacini 1984: 87.

⁹¹ Sobre o conceito de *maiestas*. Vide Rodrigues 2022: 335-69.

3. BIOGRAFIA, COSTUMES E COMPORTAMENTOS: *FORMA, HABITUS, CULTUS, MORES...*

A identidade cultural romana é marcadamente moral nos seus traços; é suportada pela fórmula que traduz «a forma de ver dos antepassados», os *mores maiorum*, como salienta Emma Dench⁹². Tal expressão traz consigo um conjunto implícito de valores assumidos e defendidos, sobretudo pela aristocracia romana, que usa estas categorias éticas para julgar os seus pares e assim estabelecer os limites da identidade dentro da sociedade romana e delimitar as fronteiras em relação aos não romanos, como salienta Roller⁹³. Como são os aristocratas que escrevem a história de Roma e constituem as principais fontes do biógrafo, os valores desta elite são usados como critério para julgar o imperador, isto é, para analisar até que ponto ele se comporta como um verdadeiro *princeps* ou se desvia do modelo de Augusto, tornando-se um *dominus*, isto é um tirano.

A biografia é uma boa fonte para os costumes de uma época, como afirma Wallace-Hadrill⁹⁴. Ao analisar as ocorrências do conceito de *mos* em Suetónio (hábitos, costumes, tradição), podemos distinguir entre os costumes da sociedade e os costumes do imperador. No que diz respeito ao imperador, em termos individuais, os costumes são caracterizadores e, como tal, podem sugerir semelhanças de carácter entre os diferentes governantes. Otão é caracterizado negativamente através da partilha de costumes com Nero (*Otho* 2.2)⁹⁵. Da mesma forma, Vitélio caracteriza-se por associação às práticas censuráveis de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero (*Vit.* 3.2; 4). Em certa medida, os Júlio-Cláudios tornaram-se um termo de comparação, e os comportamentos de imperadores como Calígula ou Nero tornaram-se estereótipos aplicados doravante a tiranos.

No que diz respeito à sociedade, espera-se que uma das preocupações do imperador seja, pois, a manutenção dos valores paternos e cívicos. Por exemplo, na sua propaganda contra António, Augusto acusa-o de divergir do *ciuilis mos*, ou seja, de se comportar inadequadamente para com um cidadão romano (*Aug.* 17.1)⁹⁶.

Portanto, uma questão que se levanta é a de avaliar até que ponto o imperador está preocupado com a manutenção ou restauração dos antigos costumes; outra

⁹² Dench 2005: 139.

⁹³ Roller 2001: 20-1. Cf. Wallace-Hadrill 1984: 174.

⁹⁴ Wallace-Hadrill 1984: 187.

⁹⁵ *Per hanc insinuat Neroni facile summum inter amicos locum tenuit congruentia morum, ut uero quidam tradunt, et consuetudine mutui stupri.*

⁹⁶ *M. Antoni[i] societatem semper dubiam et incertam reconciliationibusque uariis male focialatam abruptit tandem, et quo magis degenerasse eum a ciuili more approbaret, testamentum, quod is Romae etiam de Cleopatra liberis inter heredes nuncupatis reliquerat, aperiendum recitandumque pro contione curauit.* Vide Wardle 2014: 146-7.

questão é aferir em que medida o comportamento dos imperadores se aproxima ou se afasta dos valores identitários da moralidade romana⁹⁷.

3.1. A RELAÇÃO DOS IMPERADORES COM OS COSTUMES ROMANOS

Suetônio, como aristocrata que era, prezava a restauração de costumes romanos e refere-se frequentemente aos costumes antigos para exemplificar a conformação, a restauração ou, pelo contrário, a rejeição por parte dos imperadores. Nesse sentido, salienta amiúde os esforços feitos para restaurar os costumes pátrios. E Augusto representa um renascimento de tais costumes: no exército (*Aug.* 24.1)⁹⁸, na recuperação da revisão anual dos cavaleiros (*Aug.* 38.3)⁹⁹, bem como na prática de propor candidatos às eleições (*Aug.* 56.1)¹⁰⁰. Também na parte positiva da biografia de Calígula se refere a intenção de retomar as eleições, retomando o costume do voto popular nos *comitia* (*Cal.*16.2)¹⁰¹, prática que, sob o governo de Tibério, se tinha transformado numa mera confirmação das escolhas do imperador ratificadas pelo Senado.

Uma preocupação recorrente é a correção de costumes corrompidos pelas vicissitudes dos tempos, tal como Augusto fez em relação à distribuição dos espectadores no teatro (*Aug.* 44.1)¹⁰². Domiciano fará algo semelhante, no exercício dos poderes de censor (*Dom.* 8.3)¹⁰³, a fim de pôr fim à desordem que, segundo a insinuação de Suetônio, Calígula encorajou (*Cal.* 26.4). A correção dos costumes corruptos está também presente na parte positiva da *Vida de Tibério* (*Tib.* 33.1)¹⁰⁴. Na *Vida de Cláudio*, a correção dos costumes é complementada pela restauração de antigas práticas religiosas, cívicas e militares (*Cl.* 22.1)¹⁰⁵. Domiciano segue o mesmo caminho no que diz respeito à punição das Vestais que traíram os votos de castidade (*Dom.* 8.4)¹⁰⁶.

Tal como Augusto, os Flávios chegam ao poder depois de um período de crise motivado por guerras civis. Suetônio salienta a origem sabina desta família

⁹⁷ Questões mais desenvolvidas em Brandão 2022: 188-206.

⁹⁸ *In re militari et commutavit multa et instituit atque etiam ad antiquum morem nonnulla reuocavit.*

⁹⁹ *Equitum turmas frequenter recognouit, post longam intercapedinem reducto more trauectionis.*

¹⁰⁰ *quotiens magistratum comitiis interesset, tribus cum candidatis suis circuibat supplicabatque more sollempni.*

¹⁰¹ *Temptavit et comitiorum more reuocato suffragia populo reddere.* Cf. D.C. 59.9.6.

¹⁰² *Spectandi confusissimum ac solutissimum morem correxit ordinavitque motus iniuria senatoris, quem Puteolis per celeberrimos ludos consessu frequenti nemo receperat.*

¹⁰³ *Suscepta correctione morum licentiam theatralem promiscue in equite spectandi inhibuit.*

¹⁰⁴ *Atque etiam, si qua in publicis moribus desidia aut mala consuetudine labarent, corrigenda suscepit.*

¹⁰⁵ *Quaedam circa caerimonias ciuilemque et militarem morem, item circa omnium ordinum statum domi forisque aut correxit aut exoleta reuocavit aut etiam noua instituit.*

¹⁰⁶ *Incesta Vestalium uirginum, a patre quoque suo et fratre neglecta, uarie ac seuerè coercuit, priora capitali supplicio, posteriora more ueteri.*

(*Ves.* 2.1), um símbolo étnico, evidente para qualquer leitor romano, de virtudes ancestrais que há muito tinham sido assimiladas pela cultura latina¹⁰⁷. As origens modestas aproximam Vespasiano de Augusto (*Aug.* 5-6), que também é mencionado neste contexto¹⁰⁸. O facto de Vespasiano não esconder as suas origens é evidente não só pela afirmação de que, depois de se ter tornado imperador, visitou e preservou o *locus incunabulorum* (*Ves.* 2.1), mas também pela forma como conserva a *uilla* onde foi criado na Etrúria e a memória da sua avó – uma clara exibição de *pietas*¹⁰⁹ – e pelo orgulho que manifesta na sua modesta origem, o que é explicitamente considerado um sinal de *ciuilitas* e *clementia*¹¹⁰, qualidades enquadradas nos identificadores de romanidade e opostas aos traços de um carácter tirânico¹¹¹.

Suetónio sublinha a purga e renovação que o próprio Vespasiano operou nas ordens senatorial e equestre, afastando os mais indignos e promovendo os mais destacados da Itália e das províncias¹¹². E as razões apresentadas para esta reformulação são contextuais e morais: os assassinatos e a contaminação por negligência de longa data¹¹³.

Tácito (*Ann.* 3.55) apresenta-nos as causas de tal transformação: antes de mais, a eliminação da antiga aristocracia, cujos membros estavam habituados à vida sumptuosa, e, em contrapartida, a elevação de uma nobreza municipal e colonial mais austera; em segundo lugar, a aclamação de Vespasiano, uma vez que este imperador seguia um estilo de vida antigo¹¹⁴. E o historiador salienta que a emulação de Vespasiano se mostrava mais eficaz do que a legislação proibitiva¹¹⁵, denotando, deste modo, a influência da casa imperial na fixação das modas, atitudes e valores.

Assistimos, deste modo, à emergência de uma nova aristocracia que, não estando tão corrompida pelos vícios da elite anterior, apresenta as condições para regressar aos velhos costumes. Portanto, parece que o garante da identidade romana começa a providir, não tanto na cidade, mas de fora dela, o que parece abrir a porta para futuros imperadores de outras paragens.

¹⁰⁷ Vide Lazzerini 2022: 279-312.

¹⁰⁸ Salienta-se que Vespasiano nasceu cinco anos antes da morte do fundador do Principado, sugerindo-se assim uma espécie de relação de continuidade.

¹⁰⁹ Suetónio aduz como prova um detalhe curioso, típico deste biógrafo: em dias festivos, Vespasiano costumava beber pelo cálice que a sua avó tinha usado. Vide Cesa 200: 43.

¹¹⁰ *Ves.* 12: *Ceteris in rebus statim ab initio principatus usque ad exitium ciuilis et clemens, mediocritatem pristinam neque dissimulavit umquam ac frequenter etiam prae se tulit.*

¹¹¹ Vide Roller 2001: 241-3.

¹¹² Mrozewicz 2010: 13-27.

¹¹³ *Ves.* 9.2 *Amplissimos ordines et exhaustos caede uaria et contaminatos ueteri negligentia purgavit suppleuitque recenso senatu et equite, summotis indignissimis et honestissimo quoque Italicorum ac prouincialium Alecto*

¹¹⁴ Wallace-Hadrill 1984: 187-8.

¹¹⁵ *Obsequium inde in principem et aemulandi amor validior quam poena ex legibus et metus.*

No que toca ao filho mais novo de Vespasiano – Domiciano – apesar da imagem predominantemente negativa que perpassa pela sua *Vida*, o biógrafo salienta, na parte positiva, a expulsão de um antigo questor do Senado, devido à sua afeição à pantomima e à dança¹¹⁶, precisamente os dotes que Calígula ostentava (*Cal.* 54.1)¹¹⁷. É também com aprovação que o biógrafo refere a severidade de Domiciano no que respeita a crimes sexuais: adultério, pederastia e os *incesta* das virgens Vestais (*Dom.* 8.3-4)¹¹⁸. Trata-se da restauração da *lex Iulia de adulteriis*, também celebrada por Marcial (6.2; 6.7; 6.22; 6.91).

Esta versão positiva destas medidas de Domiciano não é universalmente aceite. Na verdade, a condenação do adultério, que em Suetónio está subordinada à *correctio morum*, é mais tarde relatada por Díon Cássio numa perspectiva negativa¹¹⁹. Além disso, Suetónio faz uma leitura favorável da proibição da castração e a contenção do preço dos eunucos (*Dom.* 7.1.) – medidas que Díon Cássio não vê a uma luz tão positiva – e, por outro lado, omite a paixão de Domiciano por Eáirino, o eunuco celebrado por Marcial e Estácio¹²⁰. A este respeito, Suetónio difere, portanto, de Díon Cássio no seu objetivo de demonstrar, na parte positiva da biografia, a preocupação moral do imperador.

Por vezes, os antigos costumes podem tornar-se desajustados aos tempos. Por isso, Augusto os mudou quando o considerou necessário: por exemplo, quando introduziu nas reuniões do senado a intervenção aleatória de oradores em vez da ordem habitual (*Aug.* 35.4), com o fito de conter a influência dos senadores que tinham mais autoridade sobre a opinião pública¹²¹. Tal reforma do procedimento senatorial parece sublinhar uma mudança no sistema político aristocrático: a articulação horizontal republicana evolui para uma piramidal; e a competição entre grandes famílias, bem como a sua influência, passam a ser arbitradas pelo *princeps*.

Mas o regresso aos costumes antigos também pode ser mesmo negativo, quando implica práticas de um passado remoto, consideradas já desumanas.

¹¹⁶ *Dom.* 8.3: *Quod gesticulandi saltandique studio teneretur*. Cf. D.C. 67.13.1.

¹¹⁷ A imitação dos gestos dos Pantomimos e a dança são consideradas indecorosas por Plínio-o-Moço: *Pan.* 46.4. e 56.1. Vide Jones 1996: 74-5.

¹¹⁸ *Dom.* 8.3: *Suscepta correctione morum... probrosis feminis lecticae usum ademit iusque capiendis legata hereditatesque; equitem R. ob reductam in matrimonium uxorem, cui dimissae adulterii crimen intenderat, erasit iudicum album*.

¹¹⁹ Segundo Díon Cássio (67.12.1), Domiciano condenou muitos homens e mulheres por adultério, mas – acrescenta-se – o próprio imperador tinha relações ilícitas com algumas destas mulheres. Vide Grelle 1980: 345-6; Jones 1996: 75; Jones & Milns 2002: 141.

¹²⁰ Cf. D.C. 67.2.3; Mart. 9.11; 9.12; 9.13; 9.16; 9.17; 9.36; Stat., *Silv.* 3.4. Vide Grelle 1980: 340-5; Jones 1996: 64.

¹²¹ *Sententias de maiore negotio non more atque ordine sed prout libuisset perrogabat, ut perinde quisque animum intenderet ac si censendum magis quam adsentiendum esset*. Provavelmente para assegurar a primazia do conhecimento especializado sobre a antiguidade, como sugere Wardle (2014: 284).

Neste sentido, um costume antigo também pode ser utilizado para acentuar a crueldade quando se trata de práticas rudes e primitivas. É o caso de Cláudio e Domiciano, quando aplicam castigos corporais de acordo com métodos tradicionais¹²², uma prática cruel e fora de moda, que mesmo Nero mostra não conhecer (*Nero* 49.2). Também no caso de Tibério, a correção dos costumes é apresentada como um pretexto para o exercício da sua crueldade natural (*Tib.* 59.1)¹²³.

3.2. ADOÇÃO DE COSTUMES NÃO ROMANOS

O que é esperado de um cidadão romano torna-se o critério para avaliar o comportamento do imperador durante o Principado. A adoção de costumes não romanos pode ser vista como clara transgressão e traição dos costumes pátrios, daí a importância que elementos visuais e simbólicos assumem nas rubricas descritivas. Como se viu pela *diuisio* da *Vida de César* (*Jul.* 44.4), nas rubricas destaca-se a importância que o visual tem para a definição de *ethos*, patente na atenção prestada ao vestuário, frequentemente tratado em conjunto com o retrato físico e amiúde apresentado como um reflexo visual dos outros aspetos da vida¹²⁴. Acresce que Suetónio foi o autor de um *De genere uestium*, o que faz dele um perito no assunto¹²⁵. As roupas definem-nos, cobrem-nos com um sistema de sinais que nos situam no mundo, como sugere o filósofo Boris Groys¹²⁶.

Quanto a César, a nota negativa está precisamente no excesso de zelo com o físico, e na forma extravagante como usa as roupas (*Jul.* 45.2-3)¹²⁷. Por estes hábitos, César torna-se algo transgressor em relação a um romano tradicional¹²⁸. Sem que o biógrafo precise de o explicitar, o excessivo cuidado de César com o

¹²² *Cl.* 34.1: *cum spectare antiqui moris supplicium Tiburi concupisset et deligatis ad palum noxiis carnifex deesset, accitum ab urbe uesperam usque opperiri perseuerauit. Dom.* 11.2: *quosdam maiestatis reos in curiam induxerat, et cum praedixisset experturum se illa die quam carus senatui esset, facile perfecerat ut etiam more maiorum puniendi condemnarentur.*

¹²³ *Multa praeterea specie grauitatis ac morum corrigendorum, sed et magis naturae optemperans, ita saeue et atrociter factitauit, ut nonnulli uersiculis quoque et praesentia exprobrarent et futura denuntiarent mala.* Tiberius likes ancestral punishments: cf. *Tib.* 35.1.

¹²⁴ Vide Brandão 2004: 83-113; 2009: 341-56.

¹²⁵ Wardle 1994: 191-2.

¹²⁶ «Clothes and language are both ways in which we cover our body by a sign-system. Clothes and language are the means to shift the attention of the world from our body towards our self – our self as formulated by different versions of sign-language, that can be discourse, that can be clothes» Groys-Nabais 2023: 31.

¹²⁷ *Circa corporis curam morosior, ut non solum tonderetur diligenter ac raderetur, sed uelleretur etiam, ut quidam exprobrauerunt, caluitii uero deformitatem iniquissime ferret saepe obtractatorum iocis obnoxiam expertus. Ideoque et deficientem capillum reuocare a uertice adseuerat et ex omnibus decretis sibi a senatu populoque honoribus non aliud aut recepit aut usurpauit libentius quam ius laureae coronae perpetuo gestandae. Etiam cultu notabilem ferunt: usum enim lato clauo ad manus fimbriato nec umquam aliter quam <ut> super eum cingeretur, et quidem fluxiore cinctura...*

¹²⁸ Cf. *Jul.* 45.3; D.C. 43.43.4; *Plu. Caes.* 4.4.

corpo e modo de vestir insinuam feminismo e orientalismo ou uma suposta aspiração a uma monarquia, como sugere Díon Cássio (43.43.2), quando relaciona o estilo das suas roupas com o dos reis de Alba Longa, dos quais César se afirmava descendente¹²⁹. Tal retrato contrasta de modo flagrante com o apresentado por Plutarco (*Caes.* 17.2), que é muito mais sóbrio e sem tais conotações¹³⁰.

Também a descrição das roupas e adereços de Calígula denota, antes de mais, a rejeição do vestuário pátrio e civil em prol de tendências orientalizantes e atributos divinos (*Cal.* 52)¹³¹. Representa, pois, o oposto da atitude de Augusto que tinha procurado encorajar o uso da toga (*Aug.* 40.5). De igual modo, a forma de Nero se apresentar em público é interpretada como uma violação dos códigos de vestuário e comportamento (*Nero* 51)¹³². Quebra esta linha de continuidade a descrição do físico frágil e os modos pouco ortodoxos do traje de Otão, elementos apresentados em flagrante contraste com a coragem inesperada demonstrada na morte (*Otho* 12.1)¹³³.

A continuidade (ou não) entre os retratos e o carácter de cada imperador contribui para assegurar a unidade de cada *Vida* e apoia a técnica e os objetivos de composição de Suetónio. Dada a importância do retrato e do traje, o biógrafo tende a estabelecer uma relação entre o aspeto visual e o carácter – sublinhada pelo facto de situar amiúde tal descrição nas imediações do relato da morte – a ponto de expressar surpresa quando tal não é possível, como no caso de Otão. Neste sentido, os desvios à norma correspondem a uma alienação da identidade.

A «natureza viciosa» de Calígula e Nero integra e explica, além do vestuário, práticas exóticas consideradas inadequadas e indignas para uma certa aristocracia e, sobretudo, para o imperador (*Cal.* 11). Com efeito na *natura probrosa* incluem-se as *scaenicae saltandi canendi artes* (*Cal.* 11)¹³⁴, desonrosas para um cidadão romano¹³⁵. Calígula é acusado de se dedicar às artes de gladiador, auriga, cantor e dançarino: como exemplo da sua paixão (*uoluptas*), Suetónio diz que ele imitava os atores com o canto e os gestos (*Cal.* 54.1)¹³⁶, e que chega a convocar senadores

¹²⁹ Vide Weinstock 1971: 338-40; Gascou 1984: 733; Pelling 2011: 213-5; Brandão 2009: 341-2 e 353-4.

¹³⁰ Vide Gascou 1984: 733; Brandão 2009: 341-2; 353-4. Alguns sugerem que Suetónio é influenciado por teorias fisiognomónicas: vide Evans 1950: 277-82; Couissin 1953: 234-56; Stok 1995: 109-35; contra, Gascou 1984: 592-616; Baldwin 1983: 498-501.

¹³¹ *Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque ciuili, ac ne uirili quidem ac denique humano semper usus est.*

¹³² *Circa cultum habitumque adeo pudendus, ut comam semper in gradus formatam peregrinatione Achaica etiam pone uerticem summiserit ac plerumque synthesinam indutus ligato circum collum sudario prodierit in publicum sine cinctu et discalciatus.*

¹³³ *Tanto Othonis animo necquaquam corpus aut habitus competit...*

¹³⁴ *Naturam tamen saeuam atque probrosam ne tunc quidem inhibere poterat, quin (...) ac scaenicas saltandi canendique artes studiosissime appeteret...*

¹³⁵ cf. *Nero* 26.1 (*naturae uitia*) e 43.1.

¹³⁶ Cf. *Cal.* 18.3; 32.2.

a meio da noite para o verem dançar em trajes de cena (*Cal.* 54.2), revelando também falta de respeito para com o senado.

A *Vida de Nero* (19.3) divide-se explicitamente entre *probra* (atos vergonhosos, no centro dos quais se incluem as atividades cénicas) e *scelera* (crimes). Nesta *partitio* (*Nero* 19.3), e nas rubricas que lhe sucedem, o biógrafo parece sugerir que os vícios de Nero decorrem do seu carácter histriónico. Com efeito, o biógrafo introduz de seguida a história da devoção de Nero à música, desde o início (*pueritiae tempore*) (*Nero* 20.1), deixando implícito que este é este o primeiro estágio de uma progressão para um comportamento mais monstruoso, os crimes (*scelera*) relatados a seguir (*Nero* 26.1ss)¹³⁷. De modo semelhante ao usado na descrição dos efeitos da *natura probrosa* de Calígula, Suetónio inclui entre as infâmias (*probra*) de Nero atividades relacionadas com a música (*Nero* 20.21.2), representação teatral (*Nero* 21.3-25) e condução de quadrigas (*Nero* 22.1-3), a culminar na viagem do imperador à Grécia, onde ele dá livre curso a este tipo de desempenhos (*Nero* 22.3-25)¹³⁸. Assim, o comportamento de Nero enquadra-se melhor fora do espaço tradicional romano, isto é, em ambiente grego.

Portanto, a adopção de costumes e comportamentos exóticos, indignos de um cidadão romano, decorre também do carácter. A manutenção da identidade de costumes está relacionada com as virtudes tradicionais da *ciuilitas*, *dignitas*, *pudicitia*. Os tiranos tendem, como já vimos, a mostrar *inciuilitas*, *indignitas* e *impudicitia*.

4. CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DA ANÁLISE DO CARÁCTER: ENTRE A URBE E O ORBE

A natureza do imperador tem consequências para o império, como é sugerido no caso de Vitélio, a propósito da sua chegada a Roma: *egregie prorsus atque magnifice et ut summi principis spem ostenderet, nisi cetera magis ex natura et priore uita sua quam ex imperii maiestate gessisset* (*Vit.* 10.1) («Procedia com nobreza, no fim de contas, e com grandeza, ao ponto de criar até a esperança num eminente príncipe, se, quanto ao resto, não agisse mais segundo a natureza e a vida anterior do que segundo a majestade do império»).

Como não há formas constitucionais de controlar o poder do imperador, as restrições são apenas de ordem ética: dependem do carácter pessoal, objeto privilegiado de análise da biografia. Palavras atribuídas a Calígula e a Nero revelam o deslumbramento que pode causar este poder ilimitado. O primeiro, a uma repreensão da avó Antónia, responde: *Cal.* 29.1: '*memento*', *ait*, '*omnia mihi et <in>omnis licere*'. («hás-de lembrar-te que tudo me é permitido contra todos!»)¹³⁹:

¹³⁷ Vide Bradley 1978: 119.

¹³⁸ Vide Schulz 2019: 272, 278-9.

¹³⁹ Também ao primo Gemelo, suspeitando de que ele tomava um contraveneno: '*Antidotum*', *inquit*, '*aduersus Caesarem?*' Ameaça as irmãs relegadas de que não dispunha só de ilhas, mas

Nero, perante a impunidade com que comete *parricidia et caedes* (Nero 33 ss), mostra-se arrogante: *Elatus inflatusque tantis uelut successibus negauit 'quemquam principum scisse quid sibi liceret'* (Nero 37.3). («arreatado e inchado com tais êxitos, disse que nenhum dos príncipes fazia ideia do que lhe era permitido»). Tal afirmação introduz ações de desrespeito para com o senado e antecede a descrição do incêndio de Roma, considerada pelo biógrafo obra do imperador (Nero 38).

O autocontrolo e equilíbrio são difíceis de manter, quando se possui tal poder (*in imperio*), diz o biógrafo¹⁴⁰. Há o risco de enveredar pela *inpotentia* ou *arrogantia* ou *superbia*¹⁴¹. A intenção de substituir a *species principatus* pelo *regnum*¹⁴² e o desejo de autodivinização¹⁴³ iniciam a narrativa da parte que diz respeito à descrição de Calígula enquanto *monstrum*. Quanto a Domiciano, a propensão para a tirania (*dominatio*) manifesta-se desde a juventude¹⁴⁴; depois, quando imperador, aceita com agrado que o apelidem de *dominus* (Dom. 13.1), e com a mesma *arrogantia* autoproclama-se *dominus et deus* (Dom. 13.2), recebe honras, que, como César e Calígula, ultrapassam os limites humanos (Dom. 13.2-3), ao ponto de, como eles, se tornar odiado e ser castigado com a morte violenta que impende sobre os tiranos¹⁴⁵. Sintomática é, por isso, a relação dos imperadores com o senado, que de algum modo é símbolo da *libertas* republicana. Nero chega a pensar em eliminar este órgão (Nero 37.3), e Calígula não mostra para com ele *reuerentia* ou *lenitas*¹⁴⁶.

Pelo contrário, o bom *princeps* sabe moderar a sua cólera contra os inimigos e respeita a propriedade. No exercício do poder, a *moderatio* opõe-se à arrogância da atuação tirânica e à crueldade¹⁴⁷. Implica a prática da *clementia*, cujo vício

também de espadas; repete um verso trágico típico de um carácter tirânico (Cal. 30.1): *oderint, dum metuant*, expressão retirada do *Atreu* de Ácio. Cf. Tib 59.2: *oderint, dum probent*.

¹⁴⁰ Esta constatação encarece o carácter de Tito – Tit. 1: (...) *tantum illi ad promerendam omnium uoluntatem uel ingenii uel artis uel fortunae superfuit, et quod difficillimum est, in imperio...*

¹⁴¹ O traço típico do comportamento tirânico. Vide, a propósito de Plínio-o-Velho, Oliveira 1992: 26-7.

¹⁴² Cal. 22.1: *Nec multum afruit quin statim diadema sumeret speciemque principatus in regni formam conuerteret*.

¹⁴³ Cal. 22.2: *Verum admonitus et principum et regum se excessisse fastigium, diuinam ex eo maiestatem asserere sibi coepit*.

¹⁴⁴ Dom. 1.3: *ceterum omnem uim dominationis tam licenter exercuit, ut iam tum qualis futurus esset ostenderet*. Dom. 12.3: *Ab iuuenta minime ciuilibus animi, confidens etiam et cum uerbis tum rebus immodicus*.

¹⁴⁵ Dom. 14.1: *Per haec terribilis cunctis et inuisus, tandem oppressus est*.

¹⁴⁶ Cal. 26.2: *Nihilo reuerentior leniorue erga senatum (...) Cal. 49.1: Edixit et reuertit se, sed iis qui optarent, equestri ordini et populo; nam se neque ciuem neque principem senatui amplius fore*. Cf. Cal. 26.2. A *superbia* e a *uiolentia* qualificam, em geral, a sua relação com as diferentes classes (Cal. 26.4; 30.2). Na altura da morte, projetava *facinora maiora*, como a eliminação dos membros mais eminentes das classes senatorial e equestre (Cal. 8).

¹⁴⁷ Vide Gascou 1984: 724-5.

oposto é a *saeuitia* ou *crudelitas*. Esta é uma virtude que César evidencia, o que o afasta da imagem de um tirano completo. A par da *moderatio*, Suetónio, no final da *Vida* de Domiciano (*Dom.* 23.2), coloca a *abstinentia* como virtude fundamental para o desempenho do bom príncipe, como vimos no início deste capítulo. Esta virtude implica o respeito pela propriedade alheia; impede que o imperador use o seu poder para conseguir lucros indevidos.

É especialmente sublinhado, portanto, nas *Vida dos Césares* um conjunto de valores que caracterizam positivamente a atitude do príncipe em relação ao poder (*moderatio*, *ciuilitas* ou *comitas*, *pietas*, *abstinentia*, *liberalitas*, *dignitas*, *castitas*), e um conjunto oposto de vícios (*arrogantia*, *superbia*, *inpotentia* e *immanitas*; *inciuilitas*; *saeuitia*, *crudelitas*, *uiolentia* e *atrocitas*; *auaritia*, *cupiditas* e *rapacitas*; *impudicitia*) que caracterizam os tiranos e moldam uma *dominatio*, pondo assim em causa a identidade (tanto constitucional como cultural) do Principado¹⁴⁸.

Como consequência, o grau de presença ou ausência dessas virtudes e vícios em cada imperador (ou seja, os seus traços de carácter) também determinará a forma como se comportará no que respeita à identificação de elementos da cultura nacional e estrangeira, tais como língua, vestuário, educação, lazer, práticas religiosas e regras sociais, em suma, elementos, em grande parte, mencionados na referida *diuisio* que introduz a parte descritiva sistemática de César (*Jul.* 44.4)¹⁴⁹, e implícitos nas de Augusto, Tibério etc. Dependendo da prevalência de certas virtudes ou vícios, a identidade de um principado pode aproximar-se mais da tradição romana ou de uma tirania de tipo oriental¹⁵⁰.

Constatamos que a posse de uma «natureza cruel» (*natura saeua*) explica o afastamento de vários imperadores do modelo constitucional inaugurado por Augusto, que visava a moderação no uso do poder face a uma aristocracia tradicional habituada a ser escutada.

Suetónio, que escrevia no tempo dos primeiros «Antoninos», oriundos da Hispânia, deveria sentir ao seu redor o carácter universal do poder imperial. Além disso, Adriano gostava de viagens. Trata-se de um poder que afeta o orbe, e este mostra-se reconhecido perante os bons príncipes. Tal é o caso do reconhecimento público da obra de Augusto, apresentado em gradação: manifestações de «alguns pais de família», «algumas cidades de Itália», «a maior parte das províncias» e, por fim, «reis amigos e aliados» (*Aug.* 59-60), honras acaso encarecidas

¹⁴⁸ Vide Wallace-Hadrill 1984: 145-74; Brandão 2009: 357-80; Roller 2001: 253-64.

¹⁴⁹ ... *ea quae ad formam et habitum et cultum et mores, nec minus quae ad ciuilia et bellica eius studia.*

¹⁵⁰ Vide Dunkle 1971: 12-20; Wallace-Hadrill 1982: 32-48; Brandão 2008: 115-37; Hulls 2014: 180-4; Schulz 2019: 272.

pela generalização, como vimos¹⁵¹. É já em contexto próximo da narrativa da morte, na viagem para Cápreas, que se insere um episódio que significa o reconhecimento do mundo ao poder de Augusto (*Aug.* 98.2):

Forte Puteolanum sinum praeteruehenti uectores nautaeque de nauí Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura libantes fausta omina et eximias laudes congesserant: 'per illum se uiuere, per illum nauigare, libertate atque fortunis per illum frui'.

Quando atravessava, um dia, a baía de Putéolos, os passageiros e os tripulantes de um navio de Alexandria, que acabara justamente de aportar, vestidos de branco e coroados com grinaldas, não só lhe ofereceram incenso, como também o cumularam de bons augúrios e de extraordinários louvores: 'Por ele viviam, por ele navegavam; da liberdade e da felicidade por ele fruía'.

Trata-se de uma cerimónia litúrgica, como sugere o aparato (roupas, flores, incenso) e o ritmo da invocação: a celebração da paz universal e da segurança nos mares e um reconhecimento ritual da obra de Augusto¹⁵².

No polo oposto, o fim de Nero fica a dever-se a uma destituição levada a cabo pelo orbe: *talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit (Nero 40.1)*¹⁵³ («após ter suportado tal príncipe pouco menos que catorze anos, o orbe da terra destituiu-o finalmente»). Na sequência da revolta que eclodira na Gália, e numa altura em que aquele ainda estava vivo, Galba organiza a sua aclamação como uma espécie libertação (*manumissio*) universal¹⁵⁴ (*Gal.* 10.1):

Igitur cum quasi manumissioni uacaturus conscendisset tribunal, propositis ante se damnatorum occisorumque a Nerone quam plurimis imaginibus et astante nobili puero, quem exulantem e proxima Baliari insula ob id ipsum acciuerat, deplorauit temporum statum consalutatusque imperator legatum se senatus ac populi R. professus est.

Então, como se fosse tratar de uma manumissão de escravos, subiu ao palanque. Diante dele, foi colocado o maior número possível de retratos de condenados e executados de Nero; e ao seu lado, de pé, estava um jovem nobre que, expressamente para este efeito, mandara vir da mais próxima das ilhas

¹⁵¹ Como o exagero de afirmar que cada rei fundou uma cidade com o nome de Cesareia. *Vide* Gascoú 1984: 232-8; 240-1.

¹⁵² *Vide* Rocca-Serra 1974: 671-80; Benario 1975: 84.

¹⁵³ Cf. *Cal.* 56: *Ita bacchantem atque grassantem non defuit plerisque animus adoriri.*

¹⁵⁴ *Vide* Venini 1974: 996-7.

Baleares, onde estava exilado. Deplorou a situação dos tempos e, depois de ser saudado como imperador, declarou-se legado do senado e do povo romano¹⁵⁵.

Tácito (*Hist.* 1.4) dissera que a crise de 68-69 veio revelar algo novo: que o imperador podia ser aclamado em qualquer outro sítio que não Roma, como acontece com Galba, Vitélio e Vespasiano. No que respeita a Vespasiano, é o prefeito do Egipto, Tibério Alexandre, que leva as suas legiões a prestarem juramento nas calendas de Julho, dia que passou a ser a data oficial do *principatus dies*. Seguiu-se-lhe o exército da Judeia¹⁵⁶. Além disso, Vespasiano, antes de se dirigir para Roma, dirige-se a Alexandria para «tomar posse da chave do Egipto» (*Ves.* 7.1)¹⁵⁷, o que denota a importância estratégica do controlo do Egipto para garantir o abastecimento de cereais a Roma¹⁵⁸.

Mas no centro estava a Urbe romana, de onde todo o poder emanava e para onde todos os povos confluíam. Alterar este estatuto da Urbe ainda é desvario de tiranos. Sintomático das aspirações autocráticas de César e de Calígula será a suspeita de que tencionam transferir a residência para Alexandria (*Jul.* 79.3; *Cal.* 49.2)¹⁵⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia revela-se o género apropriado para historiar o governo de Roma imperial, em que havia coincidência das instituições do Estado com a pessoa do imperador: pelo que as qualidades de carácter do príncipe – as virtudes e os vícios – se refletem na condução da história. Com o Império, tornava-se difícil seguir o princípio de Catão de relatar os factos sem nomear os protagonistas¹⁶⁰.

Tácito expressa os reveses por que passa a historiografia tradicional na nova situação política: por um lado, a falta de objetividade dos relatos (*Hist.* 1.1)¹⁶¹ e, por outro, a falta da matéria tradicional da historiografia no império pacificado e

¹⁵⁵ Cf. *Plu. Galb.* 5.2. Vide Venini 1977: 35-6 e 38; Brandão 2023: 21-2.

¹⁵⁶ Cf. *Tac. Hist.* 2.79. A versão de Josefo (*BJ* 4.601), segundo a qual Vespasiano foi aclamado na Judeia, é rejeitada pelos autores modernos como tendenciosa. Vide Cesa 2000: 64.

¹⁵⁷ Cf. *Tac. Hist.* 3.8; *Ann.* 2.59.

¹⁵⁸ Vide Rodrigues 2020: 115.

¹⁵⁹ Boato levantado provavelmente a partir da projetada viagem de Calígula a Alexandria, referida por Flávio Josefo (*AJ* 19.81). Segundo Filon (*Leg.* 162), Calígula mantinha boas relações com os habitantes de Alexandria e considerava aquela cidade como a única adequada para consagrar a sua divinização (*Leg.* 338). Vide Guastella 1992: 261. Nero, perante a revolta da Gália, chega a sonhar com um reino no Oriente (*Nero* 40.2), ou que lhe confiem, ao menos, a prefeitura do Egipto (*Nero* 47.2).

¹⁶⁰ Cf. Cornélio Nepos, *Ca.* 3.4.

¹⁶¹ Por desconhecimento ou o afastamento dos cidadãos da prática política, por bajulação ou por aversão aos dirigentes, o rigor é pervertido, e os relatos ficam marcados pela hostilidade ou pela subserviência

não expansionista (*Ann.* 4.32-33)¹⁶², leva os historiadores a lançarem mão de assuntos que, tradicionalmente, eram objeto da biografia. Assim atenua-se a distinção entre biografia e historiografia, dois géneros considerados distintos, mas cujas fronteiras se cruzavam frequentemente¹⁶³.

A estrutura utilizada por Suetónio para catalogar comportamentos, sob “palavras-chave” constituídas por virtudes e vícios, permite-nos ter uma ideia sobre o ponto de vista do autor em relação a certos elementos culturais. A lista de virtudes representa um conjunto de traços de identidade do ser romano, defendido por uma aristocracia tradicional, no topo da qual se ergue o imperador.

As circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, podem atuar como desencadeadores de certos traços de carácter, como aconteceu com Domiciano, a quem a falta de fundos (*necessitas*) tornou ganancioso (*rapax*), e o medo (*metus*) tornou cruel (*saeuus*) (*Dom.* 3.2), ou com Tibério, cuja crueldade natural é aumentada pela morte do seu filho Druso (*Tib.* 62.1).

O peso relativo das virtudes e vícios define o *ethos* de cada imperador e, conseqüentemente, o seu desempenho a nível político, cultural e social. Assim, na biografia de Suetónio, é principalmente do carácter que emana a forma como o imperador se posiciona em relação aos identificadores constitucionais, culturais e sociais de ser romano: se se comporta como príncipe ou como tirano, se promove a língua pátria ou uma estrangeira, se veste trajes nacionais ou exóticos, se cultiva artes e desportos tradicionais ou importados, se encoraja práticas religiosas tradicionais ou promove novos cultos e superstições, se preserva a ordem social e a *dignitas* das classes altas ou encoraja a subversão social. Estando no topo da pirâmide social, o imperador é ao mesmo tempo o maior símbolo da identidade romana, o agente da sua definição e o garante da sua conservação.

Para Suetónio o poder imperial é uma nova realidade, que substituiu com vantagem a crise política do final da República, mas que não equivalia a um reinado; um poder que assenta numa sucessão indefinida e que depende em muito quer de uma espécie de determinismo cósmico representado pelo *fatum* ou *fortuna*, quer do carácter de quem o detém, o que justifica também a opção pela biografia como meio privilegiado para analisar sistematicamente o *ethos* dos *principes*.

Enquanto dependente do carácter do governante, o poder tende a ser encarado de forma paternalista pela atuação sobre os súbditos. Sem perder de vista a tradicional ligação à cidade, o poder tem o seu fundamento na Urbe com a sua vocação universalista, mas está cada vez mais dependente também da aceitação, e por vezes imposição, do orbe. Se as cidades das províncias imitam a Urbe,

¹⁶² Como as guerras, cercos de cidades, deposição de reis, conflitos sociais, isto é, as habituais temáticas da história pragmática ou história política na linha de Políbio.

¹⁶³ Para Dion Cássio já não existe este dilema: organiza a sua obra segundo o esquema analítico, mas não hesita em usar elementos biográficos. *Vide* Giua 1990: 544-50.

esta acaba por ser representação cosmopolita do mundo de que é centro. O papel das províncias revela-se cada vez mais importante, mas, por enquanto, a possibilidade de outra capital imperial é considerada uma loucura tirânica.

BIBLIOGRAFIA

- Ailloud, H. (1931-1932), *Suétone. Vie des douze Césars*, texte établi et traduit, vol. I-III, [2nd ed., 1989 (vol. I); 1993 (vol. II); 1980 (vol. III)], Paris: Les Belles-Lettres.
- Baldwin, B. (1975a), «Was Suetonius disgraced?», *EMC* 19: 22-6.
- . (1975b), «Suetonius: birth, disgrace and death», *AClass.* 18: 61-70.
- . (1983), *Suetonius*. Amsterdam: Hakkert.
- Bardon, H. (1952), *La littérature latine inconnue*. Paris: Klincksieck.
- Baurain, C. (1976), «Suétone et l'inscription d'Hippone», *LEC* 44: 124-44.
- Benario, H. W. (1975), «Augustus princeps», *ANRW* II.2: 75-85.
- Bradley, K. (1976), «Imperial virtues in Suetonius' *Caesares*», *JIES* 4: 245-53.
- . (1978), *Suetonius' Life of Nero. An historical commentary*. Bruxelles: Latomus.
- . (1985), «The rediscovery of Suetonius», *CPh* 80: 254-65.
- . (1991), «The imperial ideal in Suetonius' *Caesares*», *ANRW* II, 33.5: 3701-32.
- Brandão J. L. (2004), «Retratos dos Césares em Suetónio», in A. Pérez Jiménez, J. R., Ferreira & M. C. Fialho (coord.), *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*. Málaga: Imprensa da Universidade de Coimbra / Universidade de Málaga, 83-113.
- . (2008), «*Tirano ao tibre!* Estereótipos de tirania nas *Vidas dos Césares* de Suetónio», *Humanitas* 60: 115-37.
- . (2009), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- . (2022), «Performing Roman Identity in Suetonius' *Caesares*», in L. R. Lanzillota, J. Brandão, C. Teixeira & Á. Rodrigues (eds.), *Roman Identity: Between Ideal and Performance*. Turnhout: Brepols, N. 8 series *Antiquité et sciences humaines* (ASH), 185-223.
- . (2023), Gaio Suetónio Tranquilo, *Vidas dos Césares*. Livro VII. *Galba, Otão e Vitélio*. Introdução, tradução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, série de Autores Gregos e Latinos.
- . (2023b), Gaio Suetónio Tranquilo, *Vidas dos Césares*. Livro VIII. *Os Flávios: Vespasiano, Tito e Domiciano*. Introdução, tradução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, série de Autores Gregos e Latinos.
- Brugnoli, G. (1993), «Svetonio *eques Romanus*»: *Giornate filologiche F. Della Corte, Atti*. Genova: U. di Genova, Facoltà di Lettere, 47-61.

- Carney, T. F. (1968), «How Suetonius' lives reflect on Hadrian», *PACA* 11: 7-24.
- Cesa, M. (2000), *Svetonio. Vita di Vespasiano*. Bologna: Cappelli.
- Cizek, E. (1977), *Structure et idéologie dans les Vies des douze Césars de Suétone*. Paris: Les Belles Lettres.
- Couissin, J. (1953), «Suétone physiognomoniste dans les *Vies des XII Césars*», *REL* 31: 234-56.
- Dack, E. Van't (1963), «*A studiis, a bybliotheccis*», *Historia* 12: 177-84.
- Della Corte, F. (1954), «Marmor Hipporegium Suetonianum», *Orpheus* 1: 133-6.
- . (1967), *Svetonio eques Romanus*. Firenze: La Nuova Italia.
- Dench E. (2005), *Romulus' Asylum. Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian*. Oxford: University Press.
- Dubuisson, M. (1998), «L' ἀδιατρεψία de Caligula (Suét., *Cal.* 29.1)», *Latomus* 57: 589-94.
- Dunkle, J. R. (1971), «The rethorical tyrant in Roman Historiography: Sallust, Livy and Tacitus», *CW* 65: 12-20.
- Evans, E. C. (1950), «Physiognomics in the Roman empire», *CJ* 45: 277-82.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Paris: De Boccard.
- . (1976), «Suétone et l'ordre équestre», *REL* 54: 257-77.
- Giua, M. A. (1990), «Aspetti della biografia latina del primo impero», *RSI* 12: 535-59.
- Grelle, F. (1980), «La *correctio morum* nella legislazione flavia», *ANRW* II. 13: 340-65.
- Grimal, P. (1986), «Suétone historien dans la *Vie d'Auguste*», *Rome. La littérature et l'histoire* 2, Paris / Rome: École Française de Rome, II, 729-38.
- Grosso, F. (1959), «L'epigrafe di Ippona e la vita di Suetonio con i *Fasti dei pontefici di Vulcano a Ostia*», *RAL* 14: 263-96.
- Groys, Boris – Nabais, Catarina Pombo (2023), *Philosophical Conversations. Towards Self-Design*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guastella, G. (1992), *Gaio Svetonio Tranquillo, La vita di Caligola*. Testo, trad. e comm. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Hulls J.-M. (2014), «The Mirror in the Text: Privacy, Performance and the Power of Suetonius' Domitian», in T. Power & R. Gibson (eds.), *Suetonius the Biographer. Studies in Roman Lives*. Oxford: OUP, 178-96.
- Jacobs, S. (2018), *Plutarch's Pragmatic Biographies. Lessons for Statesmen and Generals in the Parallel Lives*. Leiden/Boston: Brill Academic.
- Jenkinson, E. (1967), «Nepos. An introduction to Latin biography», in T. A. Dorey (ed.), *Latin biography*. London: Routledge & Kegan Paul, 1-15.

- Jones B. & Milns R. (2002), *Suetonius: the Flavian emperors, a historical commentary*. London: Bristol Classical Press.
- Jones, B. W. (1996), *Suetonius. Domitian*. Edited with introduction commentary and bibliography. London: Bristol Classical Press.
- Kaster, R. A. (1995), *C. Suetonius Tranquillus. De grammaticis et rhetoribus*. Ed. with transl., intr., and com. Oxford: Clarendon Press.
- La Penna, A. (1987), «Callimaco e i paradossi dell'imperatore Tiberio (Svetonio, *Tib.* lxx, 6; lxii, 6)», *SIFC* 5: 181-5.
- Lazzerini, F. (2022), «Rome in the mirror: Varro's quest for the past, for a present goal», in L. R. Lanzillota, J. Brandão, C. Teixeira & Á. Rodrigues (eds.), *Roman Identity: Between Ideal and Performance*. Turnhout: Brepols, N. 8 series *Antiquité et sciences humaines* (ASH), 279-312.
- Leo, F. (1901), *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*. Leipzig: Teubner.
- Levi, M. A. (1954), «La clemenza di Tito», *PP* 9: 288-93.
- Levick, B. (1999), *Vespasian*. London / New York: Routledge.
- Lewis, R. G. (1991), «Suetonius' *Caesares* and their literary antecedents», *ANRW* II, 33.5: 362-74.
- Lindsay, H. (1994), «Suetonius as *ab epistulis* to Hadrian and the early history of the imperial correspondence», *Historia* 43: 454-68.
- . (1995), *Suetonius, Tiberius*. Edited with intr., com. and bibliography. London: Bristol Classical Press.
- Lounsbury, R. C. (1987), *The arts of Suetonius; an introduction*. New York / Bern / Frankfurt am Main / Paris: Lang.
- Marastoni, A. (1983), «La biografia suetoniana di Tito e il discorso sulla regalità», *Atti del Congresso Internazionale di Studi Flaviani, Rieti, settembre 1981*. I. Rieti: Centro di Studi Varroniani, 105-23.
- Marec, E. & Pflaum, H. G. (1952), «Nouvelle inscription sur la carrière de Suétone l'historien», *CRAI* 96.1: 76-85.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris: Les Belles Lettres.
- McDermott, W. C. (1971), «Pliny the younger and inscriptions», *CW* 65: 84-94.
- Momigliano, A. (1993), *The development of Greek biography*. Cambridge (Mass.) / London: Harvard University Press (ampliação, com mais um capítulo, da edição de 1971).
- Mrozewicz, L. (2010), *Roman Empire During the Reign of The Flavians. Principal Trends of Development and Threats*. Warsaw: Akme Studia Historica.
- Pelling, C. (2011), *Plutarch. Caesar*. Translated with an introduction and commentary. Oxford: OUP.

- Pennacini, A. (1985), «Strutture retoriche nelle biografie di Svetonio», in A. Pennacini (a cura di), *Retorica e storia nella cultura classica*. Bologna: Pitagora, 81-8.
- Rocca-Serra, G. (1974), «Une formule culturelle chez Suétone (*Divus Augustus*, 98,2)», in *Mélanges de philosophie, de littérature et d'histoire ancienne offerts à P. Boyancé*. Rome: Palais Farnèse, 671-80.
- Rodrigues, A. (2022), «Roman *Maiestas*: Becoming Imperial, Staying Republican», in L. Lanzillota, J. Brandão, C. Teixeira & Á. Rodrigues (eds.), *Roman Identity: Between Ideal and Performance*. Turnhout: Brepols, N. 8 series *Antiquité et sciences humaines* (ASH), 335-69.
- Rodrigues, N. S. (2020), «Os Flávios» in J. L. Brandão & F. Oliveira, *História de Roma Antiga*. II. Império e romanidade hispânica. Coimbra: Imprensa da Universidade, 111-42.
- Roller, M. B. (2001), *Constructing Autocracy. Aristocrats and Emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press.
- Sanders, H. A. (1944), «Suetonius in the civil service under Hadrian», *AJPh* 64: 113-23.
- Schulz, V. (2019), *Deconstructing Imperial Representation. Tacitus, Cassius Dio and Suetonius on Nero and Domitian*. Leiden-Boston: Brill.
- Silva, M. F. & Brandão, J. L. (2019), *Plutarco, Vidas Paralelas. Alexandre e César*. Tradução, introdução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Stok, F. (1995), «Ritratti fisiognomici in Svetonio», in I. Gallo & L. Nicastrì (a cura di), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Napoli: Ed. Scientifiche Italiane, 109-35.
- Stuart, D. R. (1928), *Epochs of Greek and Roman biography*. New York: Biblo and Tannen (repr. 1967).
- Townend, G. B. (1961), «The Hippo inscription and the career of Suetonius», *Historia* 10: 99-109.
- . (1967), «Suetonius and his influence», in T. A. Dorey (ed.), *Latin biography*. London: Routledge & Kegan Paul, 79-111.
- Tuplin, C. (2000), «Nepos and the origins of political biography», in C. Deroux (ed.), *Studies in Latin literature and Roman history* 10. Bruxelles, 124-61.
- Venini, P. (1974), «Sulle Vite suetoniane di Galba, Otone e Vitellio», *RIL* 108: 991-1014.
- . (1977), *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio*. Con comm. Torino: Paravia.
- Verdière, R. (1975), «À verser au dossier sexuel de Néron», *PP* 30: 5-22.
- Wallace-Hadrill, A. (1984), *Suetonius. The scholar and his Caesars*. New Haven (Conn.): Yale Univ. Pr.

- . (1984), *Suetonius. The scholar and his Caesars*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Wallace-Hadrill, A. F. (1982), «*Civilis princeps*: Between Citizen and king», *JRS* 72: 32-48.
- Wardle, D. (2014), *Suetonius. Life of Augustus*. Transl. with intr. and historical commentary. Oxford: OUP.
- . (1994), *Suetonius. Life of Caligula. A commentary*. Brussels: Latomus.
- Warmington, B. H. (1999), *Suetonius. Nero*. Text, with intr. & notes. London: Bristol Classical Press (2.^a ed.).
- Weinstock, S. (1971), *Divus Julius*. Oxford: Clarendon Press.

A HISTÓRIA E A SUA CONSTRUÇÃO NA *HISTÓRIA AUGUSTA*: ALGUNS PRESSUPOSTOS¹

THE CHALLENGES OF CONSTRUCTING A RELIABLE HISTORICAL NARRATIVE IN THE *HISTORIA AUGUSTA*: SOME CONSIDERATIONS

CLÁUDIA TEIXEIRA

Universidade de Évora, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-1282-2568

RESUMO: Este trabalho aborda a perceção do autor da *História Augusta* relativamente aos desafios envolvidos na criação de uma narrativa histórica fidedigna. Analisam-se as soluções usadas pelo biógrafo para superar esses desafios, nomeadamente as estratégias de composição relacionadas com a integração na obra das vidas de imperadores, césares e usurpadores (*Av. Cás.* 2 1-3; *Él.* 1.1) e os critérios que adota para o tratamento dos *trivia* (*Macr.* 1. 2-5; *Gord.* 21. 3-4). Argumenta-se que estes elementos desempenham um papel fundamental na construção dos biografados como modelos de vício e virtude e que esta construção, por sua vez, é crucial para tornar compreensível o papel do elemento humano no devir da História Romana, conceptualmente vista como uma série alternada de períodos positivos e negativos (*Car.* 2.1-7).

PALAVRAS-CHAVE: *História Augusta*, redação histórica, conceito de História

ABSTRACT: This paper addresses the author's perception in the *Historia Augusta* regarding the challenges involved in creating a reliable historical narrative. It analyzes the solutions employed by the biographer to overcome these challenges, specifically the compositional strategies related to the integration of the lives of emperors, Caesars, and usurpers (*Av. Cas.* 2.1-3; *Ael.* 1.1) and the criteria he adopts for handling the *trivia* (*Macr.* 1.2-5; *Gord.* 21.3-4). It is argued that these elements play a fundamental role in shaping the biographees as models of vice and virtue, and that this construction is crucial for understanding the role of the human element in the course of Roman History, conceptually viewed as an alternating series of positive and negative periods (*Car.* 2.1-7).

KEYWORDS: *Historia Augusta*, History writing, History concept

A *Historia Augusta*, uma coletânea de biografias de imperadores, césares e usurpadores, que se inicia com a *Vita* de Adriano e termina com as biografias conjuntas de Caro e dos seus filhos, Carino e Numeriano,² ganhou, nos últimos

¹ Trabalho realizado no âmbito do Proj. *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017). Expresso o meu agradecimento aos meus colegas José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues pelos comentários e sugestões que gentilmente me deram no momento da redação deste texto.

² A continuidade do relato é interrompida no que respeita aos anos de 244 a 253 d.C., razão pela qual as biografias dos imperadores Filipe, o Árabe, Décio e Treboniano Galo não constam

cem anos, o estatuto de uma das mais intrigantes obras da literatura latina tardia.³ A sua autoria, data de composição, génese e intenção programática têm sido alvo de controvérsia e, apesar de, na atualidade, se registarem consensos mais ou menos generalizados sobre algumas destas matérias, mantêm-se, sobre outras, dúvidas e indagações substantivas. No tocante à autoria, desde que H. Dessau propôs, em 1889,⁴ a tese de que a obra teria sido escrita por um único autor, postergando a atribuição tradicional a seis autores (Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélíio Polião e Flávio Vopisco), coletivamente conhecidos como *Scriptores Historiae Augusta* (SHA), a *História Augusta* passou a avolumar o grupo de obras anónimas, não obstante as tentativas realizadas para identificar, senão o autor, pelo menos o círculo cultural da sua origem.⁵ Além disso, reconhece-se que a obra partilha relações de semelhança com o *Breviarium Historiae Romanae* de Eutrópio, com o *Liber de Caesaribus* de Aurélio Víctor e com o também anónimo *Epitome de Caesaribus*, mas desconhece-se se estas obras integram, a par de Mário Máximo, o conjunto de fontes usadas pelo autor da *História Augusta* ou se todas seguem uma *Kaisergeschichte* anterior.⁶ No que respeita à data, aponta-se hoje o final do século IV ou o início do V como a data mais provável da sua redação,⁷ embora haja autores que tenham indicado datações distintas.⁸ Iguamente discutida é a intenção programática da obra. Neste particular, as propostas apresentam uma amplitude que varia entre o reconhecimento de que a composição da HA prosseguiu, de facto, algum propósito (fosse ele lúdico, paródico, satírico, religioso, literário, etc.) e a assunção de que o biógrafo «(...) was not just interested in heresy, Julian, Germans, or Constantinople. His political views, if they deserve to be so described, were utopian fantasies such as good emperors respecting the Senate and choosing the best men to succeed them. The author of the HA was a frivolous, ignorant person with no agenda worthy of the name at all.»⁹

da obra. Esta omissão tem sido interpretada quer como parte do desenho da obra e, portanto, propositada, quer como fruto de ocorrência accidental. *Vide* resumo desta discussão em Chastagnol 1994: XLII-XLV.

³ Syme 1971, 1: «The *Historia Augusta* is without question or rival the most enigmatic work that Antiquity has transmitted».

⁴ Dessau 1889: 391-2.

⁵ *Vide* discussão em Chastagnol 1994: CLI-CLIII; e também Ratti 2007; Cameron 2011, Thomson 2012, Savino 2017.

⁶ *Vide* Burgess 1993 e 1995.

⁷ Entre os autores que defendem o final do século IV, encontram-se Chastagnol 1994, Ratti 2010: 261-9; Paschoud 1996: XIII, defendeu que uma parte da obra teria sido escrita entre 395-393 e a outra entre 404-406; o início do século V é proposto, entre outros, por Neri 2002, Rohrbacher 2016, Savino 2017.

⁸ Mommsen 1890, Momigliano 1954, Lippold 1998: 1-14, defenderam a era de Constantino; Domaszewski 1918, o século VI. *Vide* a história desta discussão, desde os finais do século XIX e ao longo do XX, em Chastagnol 1994: XV-XXXIV.

⁹ Cameron 2011: 781.

A relação da *HA* com a História constitui outra questão abundantemente discutida pela crítica. Como já exposto anteriormente neste volume,¹⁰ os textos que formam a tradição biográfica na Antiguidade apresentam hibridismos de distintas naturezas que atestam a sua relação, a vários níveis, com outros géneros. Entre esses géneros, a História assume particular relevância, uma vez que ambos incidem sobre a realidade, partilham fontes, elementos discursivos e uma dimensão interpretativa de factos e agentes históricos, elementos que, de acordo com alguns autores, impõem inclusive dificuldades às suas delimitações: «We can only speak of separate genres of history and biography if we remain aware of the fluidity of the boundary between them, and the difficulty of drawing any neat demarcation. The notion of a genre of biography separate from history is useful only insofar as it helps the reader to understand the nature of the work, but depends upon a pact between author and reader which is renegotiated in every work.»¹¹ A dificuldade na demarcação das fronteiras entre Biografia e História foi também sucedânea do facto de na Antiguidade, e ao contrário do que sucedeu para outros géneros, não se ter estabelecido um quadro normativo suficientemente firme para cada tipologia.¹² No entanto, tal não obstou a que se reconhecesse que História e Biografia desenvolvem distintas perspetivas de análise, tal como nos dá conta Plutarco, na *Vida de Alexandre*:

I.1. É à vida de Alexandre, o monarca, e à de César, o vencedor de Pompeu, que vou dedicar este livro. Dado que a quantidade de realizações a considerar é enorme, não vou fazer qualquer outra introdução que não seja pedir a benevolência dos meus leitores; se eu não incluir todos os feitos notáveis destes homens ou não fizer uma descrição exaustiva em cada caso, e me ficar, na maior parte dos assuntos, por uma síntese, que não reclamem. 2. É que não é História o que me proponho escrever, mas sim Biografia. A verdade é que nem sempre os atos mais relevantes são os mais reveladores de excelência ou de vício; em contrapartida, muitas vezes um episódio insignificante, um dito ou uma anedota, pode ser mais expressivo de um caráter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares, ou cercos a cidades. 3. Assim, do mesmo modo que os pintores, ao produzirem um retrato, se fixam no rosto ou na expressão dos olhos, que são o espelho do caráter, e pouca atenção prestam às restantes partes do corpo, seja-me também permitido dedicar-me sobretudo aos sinais da alma e, a partir daí, retratar a vida de cada um deles. As grandes façanhas e lutas que travaram deixo-as para outros.¹³

¹⁰ *Vide*, neste volume, Pinheiro: 22-25; Brandão: 46-55.

¹¹ Stadter 2007: 528.

¹² Não obstante, como esclarecer Codoñer 1986: 5, esta ausência de um quadro normativo não impede o reconhecimento de que é possível deduzir da historiografia algumas «normas de género que se mantienem relativamente inmutables a lo largo de los siglos que van de Salustio a Tácito.»

¹³ Tradução de Silva 2019: 51.

Embora não desenvolvida, a distinção que Plutarco nos oferece entre biografia e história assume que, apesar de ambos os gêneros tomarem por objeto a realidade histórica, ambos apresentam também diferenças conceituais. Assim, se a História tem por objeto o ‘todo’, isto é, o estudo integrado das ações humanas ao longo da cadeia histórica, fazendo incidir a sua análise sobre os grandes acontecimentos, as causalidades que os determinam e as consequências que deles se geram, a biografia privilegia o indivíduo e, muito particularmente, o seu *ethos*.¹⁴ Deste modo, a preferência pelo carácter do indivíduo ou, para usar a metáfora plutarquiana, pelos ‘olhos’, em detrimento de uma abordagem holística que privilegiasse todas as ‘partes do corpo’, faz com que a Biografia opere analiticamente sobre quadros históricos filtrados por lente individual. Isto não significa que a Biografia inclua no discurso apenas episódios menores ou somente episódios da vida privada, extinguindo toda e qualquer relação com os acontecimentos políticos, históricos e militares que ocorreram no âmbito da vida do biografado. Pelo contrário, os grandes acontecimentos marcam igualmente presença na Biografia, mas a sua integração ou não na composição dos retratos é feita em função das necessidades de avaliação do carácter do sujeito histórico e não da sua relevância no quadro da História ou da sua importância para o conhecimento das dinâmicas do processo histórico. É essa circunstância que justifica, por exemplo, que a descrição da guerra da Gália ocupe apenas parte de um parágrafo na *Vida de César* suetoniana (c. 25), mas que, pelo contrário, o tratamento da sua *libido* seja extenso, ou que a proclamação da *Constitutio Antoniniana* seja omitida na *Vida de Caracala* na HA, pois nela se priorizam os vícios do imperador e não as suas ações políticas. Assim, em um género que tem por objeto o *ethos* do indivíduo, não é de estranhar que ‘vícios e virtudes’ se tenham imposto como as megacategorias do discurso, isto é, como os tópicos que estruturam a narrativa biográfica e, por conseguinte, como o «critério de seleção ou exclusão de material»¹⁵. É, pois, em função da demonstração desse *ethos* que o biógrafo recorta e integra a matéria histórica na narrativa, organizando-a discursivamente de acordo com os modelos que a tradição consagrara, nomeadamente *per tempora*, isto é, de forma cronologicamente ordenada, ou *per species*,¹⁶ isto é, por catálogos de vícios e

¹⁴ Stadter 2007: 540: «Speaking generally, political biography represents the personal approach to history. Its focus is not on larger elements of causation, such as the constant seesaw of action and retribution and the limits of human nature seen in Herodotus and Thucydides, but on the personal. It asks what kind of character a historical actor possessed, what motivated his behavior, what he accomplished or failed to achieve.» Temmerman 2020: 7-8: «It comes as no surprise, then, that opinions vary on how precisely to define biography as a part of ancient textual production. It never was a rigidly defined genre, and much ink has flowed over the question of what it was (and what it was not). It is a recurrent pattern that modern definitions tend to impose boundaries which do not seem to be justified by the ancient material, which is too sprawling and diverse to be captured under one single definition unless a very general one».

¹⁵ Brandão 2010: 31.

¹⁶ De acordo com a divisão estabelecida em Suetónio, *Aug.* 9.1.

virtudes, sacrificando a ordenação cronológica.¹⁷ Esta estratégia permite que a biografia, mais do que analisar interpretativamente os acontecimentos, ajuste a sua função textual ao objetivo de produzir ‘louvor’ e ‘censura’, de forma a motivar – e este seria o último efeito por si visado – a adesão ou a rejeição do leitor relativamente aos sujeitos históricos biografados.

Esta abordagem da realidade não significa, como se disse, que os textos biográficos não contenham elementos que se oferecem à análise histórica quer elementos que atestam o posicionamento interpretativo por parte do biógrafo face à História, mesmo a despeito do elevado de grau de subjetividade que o tratamento de matérias morais, características particulares e acessórias implica. Além disso, mesmo quando divorciada da explicação causal dos acontecimentos e das forças que os estruturam, a Biografia não deixa de se constituir como um objeto contextual, revelador do meio e das circunstâncias em que foi criado, mas, mais importante, como um objeto que nos oferece uma construção cultural integrada a partir da dinâmica que se estabelece entre indivíduo e contexto. No entanto, o caso particular da *HA* é mais problemático. O seu valor documental, sobretudo no que respeita às vidas menores, é reconhecidamente escasso. Se, por um lado, a matéria histórica resumadamente vertida no texto e o fundo contextual das *Vidas* concedem o acesso ao contexto histórico, político e institucional do tempo situado entre os Antoninos e o ascenso de Diocleciano, permitindo «(...) trazar un panorama claro sobre los avatares del poder y sobre otros multiples aspectos de la sociedad imperial desde el punto de vista histórico, cultural, institucional, político, religioso, costumbrista, etc.»¹⁸, por outro lado os limites ao seu estatuto de fonte fidedigna são extensos e severos: a organização da matéria privilegia recortes temáticos de baixa intensidade e, por isso, de fraca pertinência para uma leitura acurada do processo histórico, mas, mais importante, grande parte dessa matéria denota a infiltração de expansões ficcionais¹⁹ que fazem com que o discurso, globalmente considerado, se afaste das normas subjacentes à narrativa histórica, pelo menos tal como Cícero as enunciou no *De oratore* e que Cizek sintetiza da seguinte forma: «La première était de ne rien dire de faux, la seconde d’oser dire tout ce qui est vrai. A son tour, la troisième loi serait d’éviter

¹⁷ A *História Augusta*, e a despeito de o seu autor declarar a intenção de seguir o modelo *per species* usado por Suetónio, apresenta um grande grau de liberdade no tocante à organização das matérias. Sobre as diferenças relativas à estrutura das *Vidas* na *HA* e em Suetónio, *vide* Picón 1989: 25-8.

¹⁸ Picón 1989: 29-30.

¹⁹ Birley 2006: 23: «But the ‘secondary lives’ in the first part and those from *Val.* onwards were predominantly fictional. As calculated by Paschoud, the amount of serious historical information in the last five *vitae* is as follows: 26.6% in *Aur.*, 15.3% in *Tac.*, 16.8 % in *Prob.*; nil in *QT*; 17.2% in *Car.* On a rapid count, one might add approximate percentages for some other *vitae*: *Ael.* c. 25%; *AC*, *G* and *Dd* just over 5%; *PN* 28.8%; *ClA* 32.1%; *OM* c. 33.3%; *Hel.* c. 24%; *AS* just over 4%; *Cl.* c. 10.25%»

tout soupçon de partialité, de faveur ou de haine.»²⁰ Portanto, a ineficácia da *HA* como documento histórico não resulta apenas do facto de a composição das *Vidas*, porquanto centrada no indivíduo, tender a obliterar ou a condensar a informação histórica em ajuste à necessidade de amplificar o discurso moral e valorativo, mas também da presença de elementos ficcionais, usados para (re) criar desde episódios a vidas completas (e cuja composição denota, além disso, a prática intertextual e alusiva),²¹ bem como do recurso a pseudo-fontes, que incluem autores muito presumivelmente inventados e uma série bastante extensa de elementos forjados e de documentação falsa, entre os quais se contam cartas, discursos, documentos oficiais, epígrafes, etc., e ainda do facto de se registarem na obra múltiplos anacronismos, incoerências e segmentos de texto repetidos em distintos contextos.²²

Se estes elementos concorrem para avaliação de que a *HA* é uma obra mais próxima da ficção do que da História, as reflexões metodológicas que o biógrafo introduz ao longo da narrativa também não escaparam ao selo da falta de seriedade. Contudo, essas reflexões não deixam de revelar uma ideação complexa sobre o papel do historiador na construção da História e sobre o tipo de matérias que a devem integrar, que, no nosso entender, se ajusta ao plano interno da obra e aos objetivos que o biógrafo assume prosseguir. Para decompor esta questão, valerá a pena começar por equacionar a perceção que o autor tem sobre a posição que a *HA* ocupa no plano da tradição historiográfica. No prefácio à *Vida de Probo*, o biógrafo chama à colação os grandes nomes da Historiografia e da Biografia, para depois sintetizar o escopo da sua própria narrativa:

Prob. 2. 6 Eu quero apenas deixar testemunho de que também eu escrevi sobre um assunto que qualquer um, se o desejasse, poderia expor mais dignamente e com um discurso mais elevado. *7* No que me diz respeito, a minha intenção, ao relatar as vidas e épocas dos imperadores, foi, na verdade, imitar não os Salústios, os Lívios, os Tácitos, os Trogos e todos os escritores mais eloquentes, mas sim Mário Máximo, Suetónio Tranquilo, Fábio Marcelino, Gargílio Marcial, Júlio Capitolino, Élio Lamprídio e outros que transmitiram à posteridade estes e outros factos semelhantes, não tanto com eloquência, mas com veracidade.

²⁰ Cizek 1988: 22: «Pour des raisons de propagande politique de bon aloi, l'historien peut donc faire une entorse aux lois de l'histoire ou plutôt les interpréter d'une manière personnelle. C'est ainsi qu'il atteint une vérité subjective, voire partielle, mais qui saurait être plus profonde qu'une *veritas* de surface. Cette *veritas* n'est qu'un volet de la *fides*, de la loyauté à l'égard de l'histoire profonde (...)».

²¹ Vide Roherback 2016.

²² Cameron 2011: 743, no seguimento de uma longa tradição que contesta a autenticidade da *HA*, sintetiza esse carácter ao salientar que a obra se encontra «(...) full of errors, absurdities, and manifestly forged documents, they cite as authorities no fewer than thirty-five otherwise unknown and for the most part surely bogus historians and biographers.»

Este excerto põe em relevo a distinção entre dois modos de discurso, que, embora não identificados, o leitor consegue deduzir a partir dos nomes dos autores aduzidos. Assim, se, de um lado, temos Salústio, Lívio, Tácito, Trogo e outros historiadores implicados pelo uso metonímico do plural, do outro lado surgem os nomes de Mário Máximo, Suetónio Tranquilo, Fábio Marcelino, Gargílio Marcial, Júlio Capitolino e Êlio Lamprídio,²³ isto é, um conjunto de biógrafos que se agrupam para sugerir um modo de escrita distinto do dos anteriores. Esta segmentação opõe, conseqüentemente, História a Biografia, dois géneros que partilham semelhanças, mas também inúmeras diferenças, como atrás explicitado. Mas, curiosamente, na perspetiva do autor da *HA*, aquilo que os separaria seria apenas a *eloquência*. A sua biografia distanciar-se-ia, portanto, da historiografia no estilo, porquanto segue a *breuitas*²⁴ em detrimento da erudição, mas não no propósito de fazer um relato verídico.²⁵

A noção de veracidade do relato histórico é, ao longo da obra, sujeita a diferentes estratos analíticos. No prefácio da *Vida de Aureliano*, quando entregava a Júnio Tiberino a biografia do imperador, previamente solicitada por aquele para que a memória do *Princeps* se não perdesse no tempo, a veracidade, que anteriormente evocara como objetivo, torna-se motivo de controvérsia:

Aur. 2. 1 E, quando na mesma carruagem, a nossa conversa recaiu sobre Trebélío Polião, que transmitiu à posteridade os imperadores, tanto ilustres como obscuros, desde os dois Filipes até ao Divino Cláudio e ao seu irmão Quintilo, Tiberiano afirmou que Polião relatou muitas coisas de forma descuidada e outras de forma abreviada, eu ripostei que não havia nenhum escritor, pelo menos no que respeita à História, que não tivesse mentido em alguma coisa e até identifiquei em que é que Lívio, em que é que Salústio, em que é que Cornélio Tácito e, por fim, em que é que Trogo podiam ser contraditados com provas claras, ele mudou de opinião e, levantando as mãos, disse ainda em tom de brincadeira 2 «Escreve como te aprouver. Estarás defendido para dizer o que quiseres; terás como companheiros da mentira os autores que admiramos pela eloquência das suas obras históricas.»

Na perceção do autor da *HA* os historiadores *mentem*. A tradição que discutia a separação entre História e ficção era já longa. Aristóteles celebrizara-a na *Poética* (IX,1451b), ao escrever que o poeta e o historiador se distinguem «(...)

²³ Vide a discussão sobre a distinção entre História e Biografia e respetivas implicações na *HA* em Hengst 1981: 97-98; 127-128; 134-136.

²⁴ Sobre o problema da *breuitas* e da eloquência, vide Burian 1977: 288; Hengst 1981: 73-78, 126-127; Cizek 1996: 289-290.

²⁵ Este objetivo é, ademais, reiterado em outros passos da obra: *Tr. Tyr.* 11.6, 33.8; *Car.* 21.2. Sobre o problema da 'verdade' historiográfica na *HA*, vide discussão em Hengst 1981: 97, 107, 135-136, 159, 161-163.

pelo facto de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer.»²⁶; Luciano, em *Como se deve escrever História* (8-9), traçara a necessidade de observar essa divisão como condição para evitar deformações na relação verdade-utilidade que, do seu ponto de vista, conformaria o objeto e a finalidade da História: «Incorre, portanto, num grande, ou melhor, num enormíssimo defeito, quem não souber separar a História da Poética – o mito, o encómio e o exagero a estes inerente –, é como se alguém vestisse de púrpura e com uma indumentária de cortesã um desses atletas fortes (...). Ó Hércules! Como o tornarias ridículo e o desfigurarias com tal indumentária! (...) De facto, uma e só uma é a tarefa e a finalidade da História – a *utilidade*, a qual deriva unicamente da *verdade*.»²⁷

A consideração generalista, por parte do autor da *HA*, de que a historiografia, incluindo os autores que citara antes como modelos do género, integra elementos que podem ser contraditados não permite avaliar a extensão ou o grau de mendacidade pressuposto na sua acusação. Mas o que é curioso é que autor não responde ao comentário de Tiberino, que considera jocoso, de que também ele (admitindo aqui a tese da autoria única) apresentara matéria de forma descuidada e, mais importante, de que também ele, escudado pela defesa que faz de Polião, estaria autorizado a *mentir*. Logo de seguida, o biógrafo introduz o tópico do local de nascimento de Aureliano, dizendo que, para a maioria dos autores, ele nascera em Sírmio, para outros, na Dácia, e para um, na Mésia. A dessintonia é explicada como decorrente de dois factos (*Aur.* 3.2): o frequente desconhecimento da origem daqueles que nasceram em lugar humilde; a autorecriação que os próprios agentes históricos fazem dessa origem para *dar aos seus descendentes um esplendor resultante do brilho da localidade*²⁸. A consideração que faz sobre a disparidade das informações obtidas nas fontes, e que pode ser lida como resposta à acusação de Tiberino, revela o seu posicionamento relativamente ao tratamento de uma das dificuldades que se põem ao historiador e que consiste precisamente no tratamento dos elementos incertos ou lacunares²⁹. Ao expressar a dispersão que o local de nascimento de Aureliano adquire nos autores que leu, o biógrafo admite assim não só que as lacunas e as incertezas são passíveis de preenchimento com matéria não fidedigna como ainda que os factos que passam para a historiografia se podem encontrar alterados por mecanismos de ficcionalização, neste caso, autoficcionalização, que os consolidam como factuais previamente à sua

²⁶ Tradução de Valente 2008: 54.

²⁷ Tradução de Magueijo 2013: 28-9.

²⁸ O local de nascimento, mesmo admitindo a importância que o mundo antigo lhe atribuíra e a despeito de constituir também uma das espécies importantes no esquema das biografias da *HA*, não representa, segundo o autor, um dado histórico de especial relevância para a apreciação qualitativa do *ethos* (cf. *Aur.* 3.3-5). Sobre esta contradição, *vide* Pausch 2010: 126.

²⁹ O papel que a incerteza das matérias tem para a construção da História é referenciado mais vezes ao longo da obra. No que respeita à incerteza relativa ao número e à ascendência dos Gordianos e à morte de Auréolo, *vide* Burian 1977: 291-2.

importação para a escrita. Se, para o biógrafo, a incerteza e a lacuna configuram o espaço em que o historiador recria a informação, isto é, *mente* (Aur. 2.1), ou se a sua acusação é mais abrangente e se estende a outros elementos, não é possível determiná-lo. O facto de não ter acrescentado qualquer prova à consideração que faz de Lívio, Salústio, Tácito e Trogo abona, na nossa perspectiva, a favor da primeira hipótese. Mas, para todos os efeitos, o que importa salientar é que o autor da *HA*, perante a pluralidade de opiniões expressa pelas fontes, admite que alguns factos históricos estão sujeitos a reinvenção e que essa reinvenção produz novas significações. Portanto, para o autor da *HA*, a incerteza e/ou a lacuna não só são assumidas como um espaço privilegiado para a interpretação, mas também como elementos que, uma vez interpretados, produzem uma cadeia de erro que interfere na fidedignidade do relato histórico. Por conseguinte, ao explicar que essa é uma das razões que leva à produção de informação divergente, o biógrafo assume que existem condicionamentos à prossecução de relatos históricos plenamente isentos de erro. Mas, mais importante, ao resumir o erro à construção historiográfica que se faz a partir da lacuna ou da incerteza, indulgenciando os historiadores de responsabilidades mais substantivas no tocante à produção de falsidades, o autor da *HA* – e, mais uma vez, assumindo que esta reflexão ocorre na sequência da sugestão de Tiberino de que também ele poderia mentir – não deixa também de subsumir as falsidades presentes na sua própria obra,³⁰ que apresenta uma expressiva quantidade de informação inautêntica e ficcional, no argumento de que as mentiras historiográficas são circunstancialmente motivadas e ocasionais, quando, na verdade, os desvios à *fides* nas suas *Vidas* são regulares, persistentes e sistemáticos.

Não obstante, para o autor da *HA*, a responsabilidade do historiador na construção da História é mais ampla do que a denotada pela produção de informação falsa. No prefácio da *Vida de Probo*, o biógrafo, para justificar a inexistência de uma biografia do imperador, traz à colação as consequências das suas decisões no que respeita à seleção dos objetos:

Prob. 1. 1 É verdade que – como Salústio Crispo e os historiadores Marco Catão e Gélíio escreveram nas suas obras em jeito de máxima – todas as virtudes de qualquer homem são tão grandes quanto o engenho daqueles que relataram os seus feitos as fez parecer. (...) *3* Talvez perguntes a que respeitam estas palavras, caro Celsino. É que, por falta de escritores, desconhecemos o imperador Probo, cujo governo reconduziu o Oriente, o Ocidente, o Sul e o Norte e todas as partes do orbe a uma perfeita segurança.»

Prob. 2. 3 A Gneu Pompeio, coberto de brilho pelos três triunfos obtidos pela guerra contra os piratas, pela guerra contra Sertório e pela guerra contra

³⁰ Vide Cizek 1996: 287-9.

Mitrídates, e glorioso pela grandeza de suas muitas conquistas – quem o conheceria se Marco Túlio e Tito Lívio os não tivessem trazido para as suas obras? 4 E quanto a Públio Cipião Africano, ou mais ainda, a todos os Cipiões, quer chamados Lúcio ou Násica –, a escuridão não os teria arrebatado e ocultado se não tivessem existido historiadores, tanto famosos como desconhecidos, que enaltecessem os seu feitos?

Estas declarações voltam a pôr em evidência a visão do autor da *História Augusta* relativamente ao papel do historiador no processo de construção da memória. De acordo com o biógrafo, o resgate de figuras e acontecimentos do oblívio depende, em primeiro lugar, da decisão autoral, que os seleciona, ou não, para objeto das suas obras. Os *exempla* escolhidos para ilustrar este preceito não poderiam ser mais eloquentes, dado não se tratarem de figuras menores no quadro da História de Roma: Cipião Africano (sécs. III-II a.C.) fora general, cônsul e, mais importante, o vencedor de Zama, batalha que pôs fim à segunda guerra púnica e lançou as bases para a futura hegemonia de Roma sobre o Mediterrâneo; Pompeio Magno (106 a.C. – 48 a.C.), um dos mais importantes generais e estadistas da conturbada primeira metade do século I a.C., devolveu a Roma o domínio da Hispânia, o controle sobre o Este e, uma vez libertos da pirataria, a soberania sobre os mares; foi triúmviro e o herói de Farsalo que, mesmo a despeito da sua derrota, a posteridade continuaria a evocar como símbolo de oposição às orientações e tendências da política romana a partir do período de César. Todavia, ao tomá-los como exemplo das figuras históricas cujo resgate da obscuridade se deve apenas à ação de quem sobre eles escreveu, o autor da *HA* argumenta que não é a relevância dos sujeitos históricos e dos acontecimentos que protagonizam que impõe a sua inclusão nos registos historiográfico e biográfico, mas sim o historiador. A decisão *subjetiva*, como notou Burian³¹, é para o biógrafo a variável determinante para o processo de construção do passado e da sua cadeia de referencialidade, pois tudo o que é memorializado, incluindo os sujeitos e acontecimentos mais relevantes para o processo histórico, depende da existência de um historiador que lhe dê forma e conteúdo. Mas mais. Se é dele que depende a memória do passado também é dele que depende o valor que esses sujeitos históricos adquirem na narrativa, pois, segundo o autor da *HA*, é o seu *ingenium*, isto é, a sua habilidade, o seu potencial inato, subentenda-se, para descrever e retratar, que determina a valoração que adquirem no âmbito do processo dessa construção memorialística.

Estas duas reflexões, vistas conjuntamente, produzem um entendimento sobre o papel dos textos na cristalização da História. Para o autor da *HA*, a História, isto é, a narrativa transmitida pela historiografia, traduz-se no saldo que resulta

³¹ Burian 1977: 286.

da relação entre realidade histórica e comunicação. Essa relação é, no seu entender, determinadamente mediada pelo historiador: por um lado, ele é condição para a existência da História – não da História vista como a sucessão de acontecimentos ocorridos em um determinado espaço e tempo, mas da História literariamente construída, que, passada pelo crivo da transmissão, é reconhecida pelo leitor como História; por outro lado, é também do seu talento que depende a valoração e a credibilidade da matéria que se transmite e, por consequência, o posicionamento de acontecimentos e sujeitos históricos na cadeia de relevância. Estas considerações, não obstante a singeleza de que se revestem, deixam-nos uma constatação que alimenta, até aos dias de hoje, o debate sobre a natureza da relação da História com a sua representação em obras históricas, ou seja, a de que a História como narrativa é, por contraponto à História como acontecimento, um produto não só instanciado como valorativamente instanciado.

Em passo anterior, no início da vida de Pescênio Nigro, o biógrafo introduzira também uma reflexão conexas relativamente ao distinto tratamento que as obras historiográficas dão aos sujeitos históricos:

P. N. 1. 1 É raro e difícil serem bem tratadas em obras escritas as vidas daqueles que a vitória de outros tornou tiranos e dificilmente se encontra uma exposição completa sobre eles em obras literárias e anais. 2 Em primeiro lugar, os grandes feitos que abonam a sua honra são deformados pelos escritores; depois, outros são suprimidos; finalmente, não se fazem pesquisas assaz diligentes sobre a sua linhagem e a sua vida, pelo que se toma como suficiente mencionar a audácia deles e a guerra em que foram vencidos, bem como o castigo que sofreram.³²

Independentemente de esta reflexão aparecer deslocada da anterior, isto é, na décima sétima *Vida* anterior à de Probo, o assunto autoriza, no nosso entender, a sua análise conjunta. Deste modo, se a reflexão feita na *Vida de Probo* deixa claro que era pelo labor literário, e não pela sua própria importância, que os sujeitos históricos seriam resgatados da obscuridade e outorgados de presença e relevância na História, neste passo o biógrafo introduz uma nova questão que se centra na diferença de tratamento dada pelos historiadores a esses sujeitos em função dos seus estatutos de vencedores e vencidos. Os autores, prossegue o biógrafo, relatam as vidas destes últimos, imprimindo-lhes deformações, supressões e reduções em função dos êxitos que não tiveram e das derrotas sofridas – o que significa que fornecem visões adulteradas e incompletas da História. O catálogo de mecanismos discursivos que aponta às narrativas que tomam por objeto os vencidos é importante, mais uma vez, para a percepção que

³² Tradução de Brandão 2021: 103. A consciência de que a redação da História minoriza a importância dos vencidos pode ler-se também em Salústio, *Cat. 3*.

o autor da *HA* tem do papel desempenhado pela escrita no processo de transmissão da História: em primeiro lugar, se na reflexão anterior ficara clara a ideia de que a História transmitida resulta da seleção da realidade operada por quem escreve, neste passo, o autor acrescenta mais um nível a essa ideia ao dizer que essa seleção se encontra previamente condicionada por um critério que privilegia os vencedores em detrimento dos vencidos ou, nos casos em que se tomam a ambos por objeto, que lhes impõe um tratamento desigual em função dessa condição. Ao enunciar esta percepção, o biógrafo revela, mais uma vez, a consciência não só de que quem escreve é, de facto, o organizador da memória, mas também de que o discurso, incluindo o historiográfico, tem, *ex natura*, poder de modelação da realidade, porquanto se revela capaz de modificar, amplificar e reduzir os objetos no processo da sua cristalização na memória. Em estreita oposição a esse redimensionar da realidade, o autor da *HA* propõe-se tratar a totalidade, entendida como o conjunto dos sujeitos históricos que, de uma forma ou de outra, com ou sem êxito, reivindicaram ou obtiveram o poder imperial:

Él. 1. 1 Ao Augusto Diocleciano, a quem o seu Élio Esparciano saúda. Está no meu ânimo, ó Augusto Diocleciano, o maior de todos os príncipes, levar ao conhecimento da tua divindade não apenas aqueles que governaram como príncipes, estatuto que manténs, tal como fiz em relação ao divino Adriano, mas também aqueles que ou foram chamados pelo nome de «Césares», sem que no entanto tenham sido príncipes ou «Augustos», ou que de alguma outra forma vieram a ter a fama ou a esperança do principado.»³³

Av. Cás. 3. 3 pois propus-me, ó Augusto Diocleciano, passar a escrito as vidas de todos os que por justa ou injusta causa possuíram o nome de ‘imperadores’, para que assim conheças, ó Augusto, todos os que usaram a púrpura.³⁴

O impulso totalizante, que justifica a integração na *HA* das vidas não só de imperadores, mas também de usurpadores, incluindo mulheres, como refere misoginisticamente em *Claud.* I.2,³⁵ e de Césares, é frequentemente reiterado pelo biógrafo ao longo da obra.³⁶ Na sua apreciação, tal impulso constitui a resposta

³³ Tradução de Rodrigues 2013: 73.

³⁴ Tradução de Rodrigues 2013: 175-6.

³⁵ *Cl.* 1. 2: *si quidem eo res processit ut mulierum etiam vitas scribi Gallieni comparatio effecerit.* «Pois as coisas chegaram a tal ponto que, para fazer a comparação com Galieno, fui compelido a escrever até a vida de mulheres.»

³⁶ *Prob.* 1. 5-6: *Sed non patiar ego ille, a quo dudum solus Aurelianus est expetitus, cuius uitam quantum potui persecutus, Tacito Florianoque iam scriptis non me ad Probi facta conscendere, si uita suppetet, omnes qui supersunt usque ad Maximianum Diocletianumque dicturus.* 6 *Neque ego nunc facultatem eloquentiamque polliceor sed res gestas, quas perire non patior.* «Mas eu que há pouco tempo apenas tinha em vista Aureliano, cuja vida relatei o melhor que pude, e tendo já escrito sobre Tácito e Floriano, não suportarei não me lançar aos feitos de Probo, propondo-me, se a minha vida chegar para tanto, falar de todos os que restam até Maximiano e Diocleciano.

necessária aos problemas encontrados na maioria dos discursos históricos e, por conseguinte, uma forma de minorar as segmentações arbitrariamente decididas pelos historiadores que preferencialmente importam para as suas narrativas os vencedores. É também, na sua perspetiva, uma forma de robustecer a *fides* histórica, porquanto o cabal entendimento da História implica o conhecimento não apenas dos seus protagonistas, mas também dos inúmeros antagonistas suplantados e derrotados que, frequentemente, são votados ao esquecimento ou relegados para a condição de figurante ou, quando muito, de elemento acessório, das narrativas biográficas dos primeiros. No entanto, a decisão de incluir na obra as biografias de figuras secundárias não se acomoda apenas à constatação de que a fidedignidade histórica é maior quanto mais abrangente for o tratamento da realidade, pois a insistência na totalidade reforça, na verdade, o objetivo da obra, que visa fazer a demonstração programática dos *ethe* dos distintos sujeitos históricos. Essa demonstração, embora primordialmente ativada a partir dos vícios e virtudes de cada um dos biografados, avulta-se igualmente por meio do contraste com as dimensões morais e qualitativas de outros sujeitos, nomeadamente dos que viveram nos mesmos períodos. Basta pensar, por exemplo, nas segmentações que opõem Geta a Caracala, Maximino a Máximo, os usurpadores a Galieno, para que se perceba que a introdução destas figuras menores concede ao biógrafo a possibilidade de ativar a comparação, quer direta quer indireta, e assim amplificar os vícios e as virtudes que se pretendem fazer salientar nas figuras maiores em função das diferenças e oposições que se estabelecem na narrativa. Esta estratégia, por sua vez, evidencia um enorme potencial no que respeita ao reforço dos ideários promovidos pelo autor da *HA*. Com efeito, os vícios de Vero, mesmo a despeito de o biógrafo o não colocar nem entre os bons nem entre os maus Príncipes,³⁷ amplificam o ideário pró-Marco Aurélio; o retrato de Máximo reforça, também por contraste, a indignidade do pai e o ideário que associa os bons imperadores ao seu posicionamento no sistema de valores da *Romanitas*; as qualidades de Geta e dos trinta usurpadores, mais do que dizerem algo de substantivo de si próprios, alimentam respetivamente o ideário anti-Caracala e anti-Galieno, ambos marcados pelo afastamento das virtudes, quer naturais quer da ação política, que caracterizam o ‘bom governante’.

Ao impulso da totalidade não corresponde, todavia, o da universalidade. Se conhecer a vida de todos é condição para uma narrativa fidedigna, a matéria a desenvolver no quadro de cada biografia deve restringir-se aos elementos ‘dignos de menção’:

6 Agora, não prometo elegância e eloquência, mas apenas os seus feitos, que não permito que pereçam». E igualmente, no prefácio (1.1-4) às *Vidas* conjuntas de Firmo, Saturnino, Prócuro e Bonoso.

³⁷ *Ver.* 1.3.

Macr. 1. 2 (...) No entanto, é dever daquele que começa a escrever biografias alheias contar apenas o que é digno de ser conhecido. 3 Júlio Cordo, por exemplo, dedicou-se a publicar as biografias daqueles imperadores que considerava mais obscuros, mas não teve grande êxito. 4 Na verdade, as informações que recolheu foram poucas e não eram dignas de menção. Asseverava ele que era seu desígnio esquadrihar todas as minudências, como se, no caso de um Trajano ou de um Pio ou de um Marco, fosse preciso saber quantas vezes apareciam em público, quando alteravam a dieta, quando mudavam de roupa e a quem, e quando, promoviam. 5 Ao enumerar tudo isto, registrando pormenores de tal natureza, encheu os seus livros com mito-histórias, quando absolutamente nada, ou então muito pouco, daquilo que é trivial deve ser registrado, a não ser que a partir daí se possa avaliar o caráter, que é na verdade o que importa conhecer ... mas apenas em parte, para que daí se infira o restante.

Gord. 21. 3 Isto é o que descobrimos sobre Gordiano, o Jovem, que é digno de menção. Com efeito, no nosso entender, não se deve transmitir histórias como aquelas que Júlio Cordo, ridícula e estultamente, escreveu, sobre os prazeres domésticos e outras coisas insignificantes. 4 Quem quiser saber essas coisas que leia Cordo, que conta que escravos é que cada imperador tinha e que amigos e quantas capas e quantos mantos. O conhecimento destas coisas não é útil a ninguém, porque é dever dos historiadores pôr na sua História as coisas que devem ser evitadas ou seguidas.

Portanto, se todos são dignos de menção, nem tudo é digno de ser mencionado. Como bem explicado pelo autor da *HA*, as *uoluptates domesticae ceteraque infimae res* («os prazeres domésticos e outras coisas insignificantes») e um conjunto de *trivia*, que o autor exemplifica com elementos protocolares, regime alimentar, estilo e política de promoções, são explicitamente condenados não apenas por serem insignificantes e sem utilidade, mas também por darem origem a mito-histórias, isto é, histórias ficcionais, ordenadas segundo uma lógica discursiva semelhante à da História. Neste particular, e ao contrário do que, de forma crítica, diz relativamente à seleção de uns sujeitos em detrimento de outros, o escritor não só é autorizado a imprimir recortes sobre a realidade como lhe é imposto o controle do impulso integrador no tocante a estas matérias, sob pena de vir a produzir um relato de forma *ridícula e estulta*.

Como exhaustivamente observado pela crítica, a delimitação que o autor da *HA* impõe entre o que é matéria aceitável e útil e matéria a evitar não deixa de ser surpreendente, sobretudo tendo em conta que a sua própria obra integra um vasto conjunto de informação trivial. Com efeito, saber, entre outras referências semelhantes profusamente transmitidas, que Heliogábalo comia peixes sempre cozinhados em um preparado de cor azul (*Elag.* 24.1), nunca repetia calçado (*Elag.* 32.1) e havia capturado uma baleia (*Elag.* 32.1), ou que Galieno preservava uvas por três anos (*Gal.* 16.2) e aspergia o cabelo com pó de ouro para realçar o

brilho dos cabelos (*Gal.* 16.4), ou que Aureliano tinha sido o único cidadão privado a possuir um elefante (*Aur.* 5.6) ou que Carino tomava banhos arrefecidos com neve (17.4) gera não só uma tensão com o princípio de contenção que defende como também perturba o próprio compromisso autoral relativamente à necessidade de comedimento no tocante à integração destas matérias. Todavia, a ressalva feita, em *Macr.* 1.5, mobiliza outra explicação: o biógrafo acrescenta que *nada, ou então muito pouco, daquilo que é trivial deve ser registado, a não ser que a partir daí se possa avaliar o caráter, que é na verdade o que importa conhecer.* Sobre os historiadores, prossegue o autor da *HA* em *Gord.* 21.4, impende, assim, a obrigação de *registar as coisas que devem ser evitadas ou seguidas, subentendase, no plano dos mores.*

A recusa das trivialidades não constitui, portanto, uma recusa universal, mas sim uma recusa condicionada pelo grau de contributo que esses elementos dão à demonstração do caráter moral dos biografados e à sua consequente paradigmaticização.³⁸ Na verdade, e mesmo nas *Vidas* que apresentam caracteres matizados, isso raramente ou mesmo nunca cancela a possibilidade de os enquadrar em paradigmas de vício ou de virtude: por exemplo, se as vidas de Marco Aurélio e de Probo fazem das figuras destes imperadores os modelos por excelência do bom Príncipe, a de Aureliano, não obstante a imperfeição da *crudelitas* (36. 2-3) e de o biógrafo lançar sobre ele a sentença de que foi um Príncipe *mais necessário do que bom* (*Aur.* 37.1), não deixa de o emoldurar com um conjunto expressivo de virtudes que o retiram do conjunto dos maus imperadores; de igual forma, se na vida de Caracala o biógrafo fala expressivamente das virtudes que revelou deter na infância, isso em nada obsta a que, a partir daí o seu retrato seja construído como um repositório de vícios, que o situam no grupo dos imperadores indignos; de igual forma, se na vida de Maximino, as suas qualidades militares (*Max.* 8. 2-4) são amplamente elogiadas, isso não basta para o resgatar do grupo dos maus príncipes; e até Vero, que, no início da biografia, o autor da *HA* considera (1.3) não se integrar *nem entre os bons, nem entre os maus príncipes*, é, no final da mesma *Vida*, comparado a Nero, excetuando no que respeita à *crudelidade e aos fingimentos* (*V.* 10.8). Portanto, a arquitetura das biografias é sempre valorativa e, como tal, a organização discursiva tende também sempre a concorrer para a segmentação dos modelos que, invariavelmente, se constituem como positivos ou negativos, independentemente das gradações implicadas no desenho de cada figura. E, neste sentido, se os ‘vícios’ e as ‘virtudes’ são para o autor da *HA* as *species* por meio das quais cria, recria ou interpreta os sujeitos históricos sobre quem escreve, os *trivia*, na circunstância em que favorecem a demonstração do

³⁸ Em sentido contrário, esta restrição, em associação com a asserção sobre os *trivia*, tem sido interpretada como prova da falta de uma intenção séria por parte do autor da *HA*. Vide discussão em Hengst 1981: 44-46, 161; Roherback 2016: 65.

ethos, são não só apêndices temáticos de grande expressividade pelos quais enfatiza as características morais que quer fazer denotar em cada sujeito histórico, mas também o instrumento pelo qual vícios e virtudes são dotados de um corpo ainda mais objetivável e concreto na narrativa. Por conseguinte, não obstante comprometerem a veracidade da construção biográfica e se firmarem como elementos perturbadores do entendimento da História, para o biógrafo os *trivia* constituiriam, a despeito de eivados de ficcionalidade, preconceitos e erros históricos, peças importantes para promover a verosimilhança interna da narrativa, porquanto ativam e confirmam a paradigmática das figuras em modelos e anti-modelos de valores, favorecendo, por conseguinte, a adesão ou rejeição do leitor a cada uma dessas figuras paradigmaticamente construídas.

Como referido atrás, os factos transmitidos pela *HA* estão longe da acurácia e da precisão exigida a uma narrativa histórica. Mas tal não significa que não haja, por parte do seu autor, um entendimento historicizante da realidade e do devir histórico. No prefácio da *Vida de Caro*, o autor apresenta-nos esse entendimento, ao explicar a evolução da *respublica* romana:

Car. 1 1 Que o *Fatum* é quem rege a República, ora elevando-a às alturas ora arrastando-a de volta para as profundezas, é bem demonstrado pela morte de Probo. (...) ³⁹ 2. 1 Com efeito, se quisermos passar em revista, a começar pela origem da cidade, todas as mudanças que República sofreu, descobriremos que nenhuma outra que tivesse florescido mais nos bons momentos e sofrido mais nos maus. 2 Assim, para começar com Rómulo, o verdadeiro pai e criador da República, que felicidade foi a dele, que fundou, constituiu e fortaleceu um estado, sendo também o único que, entre todos os fundadores, deixou uma cidade completa! 3 Em seguida, que direi de Numa, que fortificou uma cidade alvoroçada pelas guerras e envaidecida pelos triunfos com a religião? 4 E assim a nossa República prosperou até a época de Tarquínio Soberbo, quando sofreu uma tempestade por causa do caráter deste rei e que por si mesma foi vingada, mas não sem causar grave ruína. 5 Então continuou a crescer até ao tempo da guerra gaulesa, quando, como se afundada por um naufrágio, a cidade,

³⁹ No segmento de texto omitido, o biógrafo desenvolve o tema da divisão das idades por meio da comparação com a evolução biológica dos seres humanos. Esta associação contava já com uma larga tradição, como explica Paschoud 2001: 24-325: «Le schéma biologique des âges de Rome nous est connu au travers de quatre textes: Sénèque cité et coomplété par Lactance (*inst.* 7,15,14-17), Florus, *Epitome* 1 *praef.* 4-8, Ammien 14,6,4-6 et notre passage. Ce motif c'est auparavant élaboré progressivement, à partir notamment de Polybe (6,51,4), Cicéron (*rep.* 2,3 et 2,21) et Velléius Paterculus (2,11,3).» Relativamente à divisão biológica das idades, Chastagnol 1994: 1136, associa a infância de Roma ao período compreendido entre Rómulo até ao final da Monarquia; a adolescência, ao período que se inicia com a República até ao final da segunda guerra púnica; a idade adulta, que se iniciaria após este evento, corresponderia ao período da expansão romana e terminaria, já na velhice, no período das guerras civis. A partir de então, Roma voltaria a nascer, como criança, com o principado de Augusto. Sobre a forma como esta tema foi desenvolvido na *HA*, *vide* Paschoud 2001: 324-30; Hengst 1981: 150-153.

com exceção da cidadela, foi capturada e sentiu males quase maiores do que os êxitos de que se inflara. 6 Depois, regressou à sua integridade, mas a tal ponto foi agravada pelas Guerras Púnicas e pelo terror de Pirro que sentiu, no temor do seu coração, os males da mortalidade. 3.1 Em seguida, depois de conquistada Cartago e de dilatado o império para além dos mares, voltou a prosperar, mas afligida pelas discórdias com os aliados, perdeu o sentido da felicidade e definhou, atormentada por guerras civis, até ao tempo de Augusto. De seguida, foi reparada por Augusto, se é que se pode falar de reparação quando a liberdade é deposta. 2 De qualquer forma, embora lamentada em casa, ganhou prestígio junto das nações estrangeiras. Seguidamente, depois de suportar tantos Neros, ergueu a cabeça com Vespasiano. Impossibilitada de gozar por inteiro a felicidade de Tito e ferida pela ferocidade de Domiciano, esteve melhor do que o que era costume com Nerva, Trajano, até ao principado de Marco, quando foi lacerada pela loucura e crueldade de Cómodo. 4 Depois disto, com exceção da diligência de Severo, nada sentiu de bom até Alexandre, filho de Mameia. 5 Seria muito demorado acrescentar todos os acontecimentos que se seguiram; na verdade, não lhe foi permitido desfrutar de um príncipe como Valeriano e teve de suportar Galieno durante quinze anos. 6 A Fortuna, amante da mudança e sempre perto de inimiga da justiça, privou Cláudio de um governo longo. 7 Com efeito, Aureliano foi assassinado de tal forma, Tácito destruído de tal maneira e Probo aniquilado de tal modo que parece que nada é tão grato à Fortuna como alterar, por meio da vicissitude dos acontecimentos, as coisas que respeitam à administração do estado.

A visão expressa pelo texto convoca e articula elementos históricos e a-históricos para produzir uma síntese qualitativa da evolução da história de Roma.⁴⁰ O recurso a entidades a-históricas para a explicação causal dos acontecimentos e da sucessão dos tempos não é também exclusivo do autor da *HA*. A premissa de que o *Fatum* é uma entidade que determina os sucessivos compassos da ascensão e da decadência e de que a Fortuna, que sela a reflexão, é um agente que aciona sucessivas mudanças na História, integrava quer o pensamento filosófico quer o

⁴⁰ Burgersdijk 2010: 83: «The author of the *HA* uses the same *aetates* metaphor as his predecessors, but solves the problem differently: he simply abandons the metaphor halfway through his survey of Roman history, while replacing it by considerations about the mutability of Fortune. This replacement is obscured by a literary tactic that we have come across before: he tries to evade the issue that Lactantius and Florus were confronted with: that history continues where life ends sooner or later. He does so, by introducing a second metaphor, which is all about shipwrecks and storms when bad times afflict the state. In chapter 1.1-4, the three elements (fate, shipwreck and human life) are introduced and applied to the times from Valerian to the death of Probus (which is 253 to 282 AD). In passage 2.1-3.1 the theme of the *aetates Romae* prevails, as applied to the times from Romulus to Augustus (753 BC-14 AD). Passage 3.2-8 is chiefly concerned with the theme of the vagaries of fate in the imperial period, from Augustus to Probus (14-282 AD).»

discurso dos historiadores desde há largos séculos.⁴¹ Salústio incluíra a ação da Fortuna entre as causas do declínio de Roma,⁴² Políbio enfatizara a sua relação com os ‘assuntos do mundo’,⁴³ Tito Lívio usara-a como alavanca explicativa da causalidade histórica,⁴⁴ Tácito equacionara-a como uma força poderosa que traduz «(...) the pleasure or anger of the gods with Rome into events (...)».⁴⁵ Mas, contrariamente ao que sucedia com estes historiadores que incorporaram estas entidades na suas visões da História sempre a par da agência humana, o autor da *História Augusta* atribui-lhes por inteiro o peso da causalidade no que respeita à sucessão das eras. No seu entender, as distintas eras sucedem-se na cadeia histórica sem que haja qualquer relação causal que as ligue e que explique, de forma integrada, o modo como se encadearam e se articularam na continuidade. Pelo contrário, cada um dos tempos emerge sem qualquer relação de dependência com o anterior nem de influência relativamente ao seguinte, como se se tratassem de blocos isolados de uma construção caprichosamente organizada pela Fortuna segundo um único critério: o da alternância entre bons e maus períodos. O fator humano não se encontra, todavia, totalmente ausente da sua reflexão, na medida em que a maioria desses períodos históricos é explicitamente vinculada a um ou a um conjunto de governantes. Esse vínculo é traduzido por uma única significação: períodos históricos e respetivos governantes são detentores do mesmo grau de qualidade. Assim, a *respublica* sofreu e entrou em decadência sob Tarquínio Soberbo, os ‘Neros’, Domiciano, Cómodo, todos os *principes* que governaram entre Severo e Alexandre, e Galieno; e prosperou sob Rómulo, Numa, Augusto (a despeito da sempre lamentada perda da liberdade), Vespasiano, os Antoninos (excetuando Cómodo), Severo e Alexandre; e teria prosperado também, ou ainda

⁴¹ Paschoud 2001: 331, observa que a palavra «(...) *fatum*, ses dérivés, ainsi que le terme de sens apparenté *fortuna*, jouent un rôle important dans l’ensemble de l’*HA* (...). Il est clair que cette notion occupe une place centrale dans les conceptions religieuses de l’Anonyme. Chez Ammien Marcellin, le *fatum* joue un rôle identique, mais moins frappant et plus conventionnel.»

⁴² *Cat.* 10.1. Todavia, Vassiliades 2020: 310, observa: «En accordant à la *fortuna* une place aussi marginale dans son interprétation de l’histoire, Salluste se distingue d’une tradition, ayant comme représentants Cicéron et Polybe, qui admettaient de façon plus ou moins affirmative l’influence de la *fortuna* dans l’histoire des États.»

⁴³ *Pol.* 1.4.1. Sobre as definições do conceito em Políbio, vide Phillips 2016.

⁴⁴ Vassiliades 2020: 341: «Les dieux, leur volonté (*fatum*) et la *fortuna*, s’identifiant à un instrument des dieux, occupent une place importante dans le schéma livien de causalité historique. En effet, le progrès de Rome n’aurait sans doute pas été possible, s’il n’avait pas représenté un *fatum* décidé par les dieux; la *fortuna* favorable a été souvent offerte aux hommes en tant que cadeau des dieux, notamment lors des circonstances difficiles pour Rome. Toutefois, l’assistance divine n’aurait pas été obtenue par les Romains, s’ils n’avaient pas fait preuve de leurs qualités morales. L’homme avec ses *mores* apparaît donc comme l’agent principal du progrès de Rome. Les facteurs extra-humains sont un complément important, mais qui vient en récompense de la vertu des hommes. Ainsi l’historien tend à concilier la liberté humaine et la providence divine, en attribuant aux deux un rôle dans la formation de l’histoire.»

⁴⁵ Scott 1968: 86, n. 24. Sobre a relação entre estas identidades e a *virtus*, vide Lacroix 1951: 247-64.

mais, sob Valeriano e os ilírios Cláudio, Aureliano, Tácito e Probo⁴⁶ se a Fortuna os não tivesse privado de governos mais longos. Não é perceptível, nesta reflexão, se o autor considera que a *Fortuna* concede liberdade ao governante, e em que grau, para criar a qualidade do tempo que governa ou se, pelo contrário, esse governante se constitui como um mero sucedâneo da qualidade desse tempo previamente por ela trazido no movimento de eterna oscilação entre decadência e elevação. De qualquer forma, e independentemente de ser o homem que cria a dimensão qualitativa do tempo ou de ser o tempo que, ao cumprir-se nessa dimensão qualitativa, traz consigo um governante com as características correspondentes, a verdade é que, na percepção do autor do biógrafo, ambos se encontram associados em uma relação mimética que faz do tempo o reflexo do homem e do homem o reflexo do tempo. O elemento que, do ponto de vista humano, dá expressão a essa relação qualitativa é o *ethos*. Com efeito, e apesar de, no passo citado, a referência direta a características morais ser escassa, não é despiciente notar que, para ilustrar a felicidade e a ruína das eras, o autor escolheu, de entre as figuras sobre as quais escreveu, Marco Aurélio,⁴⁷ Cómodo, Alexandre, Valeriano, Galieno, Cláudio, Aureliano, Tácito, Probo, isto é, figuras claramente representativas da segmentação que opõe bons imperadores a maus imperadores; já, no caso dos Júlio-Cláudios e dos Flávios, a escolha recaiu sobre Augusto, os ‘Neros’,⁴⁸ Vespasiano, Tito e Domiciano, isto é, de figuras sobre as quais não escreveu mas que ocasionalmente referencia, e cuja avaliação coincide com a de Suétônio; no que respeita a Rómulo, Numa e Tarquínio Soberbo, a apreciação ajusta-se à de Tito Lívio. Assim, ao vincular esses homens – que, nas respetivas *Vidas*, havia construído como modelos de bons e maus príncipes em função das qualidades dos respetivos *ethes* – à qualidade da *respublica* no tempo de cada dos seus governos, o autor da *HA* transforma o *ethos* no elemento que permite confirmar o conteúdo qualitativo, positivo ou negativo, de cada um dos blocos de tempo alternadamente trazidos pela *Fortuna*. Neste sentido, ao constituir-se como o elemento que permite dar corpo interpretativo à felicidade e à infelicidade que caracteriza essas eras, o *ethos*, modelado a partir de um conjunto de vícios e de virtudes, é o elemento por meio do qual o fator humano adquire integração e representação na História. Mesmo admitindo que para o autor da *HA* o plano humano não tem qualquer intervenção na emergência e na sucessão das eras e que os governantes são apenas réplicas qualitativas da arquitetura previamente

⁴⁶ Vide análise de cada uma destas eras em Hengst 1981:150-156; Paschoud 2001: 332-7; Burgersdijk 2010: 83-93.

⁴⁷ Saliente-se que, a despeito de a *HA* não incluir as vidas de Nerva e de Trajano, é por eles que inicia a referência aos Antoninos. Sobre a ausência destas vidas na *HA*, vide Meckler 1996: esp. 365-8.

⁴⁸ Isto é, os imperadores descendentes de Tibério Cláudio Nero e Lúvia Drusila: Tibério (filho), Calígula (bisneto), Cláudio (neto) e Nero (trineto). Vide Paschoud 2001: 334.

desenhada pelo *fatum* e pela *Fortuna*, o *ethos* mitiga o determinismo cego, que o biógrafo faz subjazer ao devir histórico, ao associar a cada uma das eras nascidas e percidas os padrões morais e as construções ideológicas que produz ao desenhar o perfil dos governantes. Na verdade, se a associação entre o valor das eras e dos governantes se extinguisse, a relação do homem com a História desenvolver-se-ia em um plano incompreensivelmente aleatório. Deter vícios ou virtudes, neste quadro, não teria qualquer importância: as eras seriam alternadamente felizes ou infelizes de acordo com os ditames do *fatum* e da ação da *Fortuna*, independentemente da qualidade moral dos *Principes* que as governassem – o que, em última análise, tornaria também ineficaz e inútil o valor do próprio sistema de oposição entre bons e maus governantes que o autor da *HA* desenvolve ao escrever as suas biografias.

Mas a construção dos *ethe* não ativa apenas a relação com a qualidade das eras, mas também a demonstração de que essas eras, e não obstante a forma como o autor as apresenta no prefácio à vida de *Caro*, não são estáticas. Vícios e virtudes mobilizam, na verdade, as dinâmicas intrínsecas a cada um dos tempos, resgatando-os não do determinismo que os faz emergir e desaparecer, mas da noção de que esse determinismo aniquila a contingência e a movimentação humana no interior de cada tempo: Geta não se constitui apenas como um repositório das virtudes que enfatiza as que Caracala não demonstra ter, mas, tendo em conta o registo profundamente encomiástico do seu *ethos*, avulta-se também como a oportunidade, que não se cumpre, de a *respublica* poder ter tido um governante qualitativamente diferente; Heliogábalo, o *Princeps* sobre o qual o biógrafo expressa o desejo de não ter escrito,⁴⁹ ao ilustrar o protótipo do tirano confirma, por extensão, as ações humanas que levaram a que este período descesse ao patamar mais baixo da degeneração da *respublica*, que vinha a ocorrer desde o governo de Severo;⁵⁰ as qualidades atribuídas aos trinta usurpadores, que falam, por contraste, mais da degradação moral de Galieno do que de si próprios, permitem retratar também uma das eras de decadência extrema trazida pela *Fortuna* como um tempo repleto de ações que visaram não apenas substituir o *Princeps*, mas também a sobrevivência do Estado⁵¹; a composição moral que o biógrafo faz para Marco Aurélio redundava em um retrato encomiástico,⁵² mas esse retrato contribuiu para a construção da ideia de que o tempo do seu governo

⁴⁹ *Elag.* 1.1: *Vitam Heliogabali Antonini, qui Varius etiam dictus est, numquam in litteras misissem, ne quis fuisse Romanorum principem sciret, nisi ante Caligulas et Neronis et Vitellios hoc idem habuisset imperium.* «Jamais teria escrito a vida de Antonino Heliogábalo, também chamado Vário, para que se não soubesse que ele foi príncipe dos romanos, se antes dele o império não tivesse tido Calígulas, Neros e Vitélios.»

⁵⁰ *Vide* Mader 2005: 139-40.

⁵¹ Sobre o tratamento dos usurpadores pelo autor da *HA*, *vide* Burian 1977: 290-1.

⁵² Sobre a construção do retrato de Marco Aurélio na *HA*, incluindo os aspetos em que esse retrato se desvia pontualmente do registo encomiástico, *vide* Adams 2013: 185-207.

foi, a despeito das dificuldades, da instabilidade e da sordidez de alguns dos seus próximos, um auge moral na cadeia histórica que opôs o governo dos cinco bons antoninos a Cómodo; o *ethos* de Vero, além de reforçar, por contraste, o modelo idealizado que o autor da *HA* constrói de Marco Aurélio, traz também consigo a ideia de que, mesmo nos bons períodos, a ameaça de um tempo diferente nunca está totalmente ausente; e o de Avidio Cássio, a noção de que, por vezes, no interior de cada uma das eras há mais do que um homem que pode assumir a boa-ventura dos tempos trazidos pela Fortuna⁵³.

A importância dos vícios e virtudes para a construção destes sentidos permite reequacionar o alcance dos princípios que o autor da *HA* define para a composição das suas biografias, nomeadamente o da representação da totalidade e o levantamento da censura aos *trivia* quando abonam o caráter moral. A insistência na totalidade, expressa pela intenção de passar a escrito as vidas de imperadores, césores e usurpadores, se, por um lado, assegura ao leitor que, ao contrário das obras dos historiadores que critica, a sua obra não transmite uma visão incompleta, modelizada ou instanciada da realidade, por outro lado, é também o princípio que lhe permite integrar, no esquema das biografias, uma significativa plêiade de figuras menores e acentuar, por meio das oposições criadas, as caracterizações das figuras maiores. De igual modo, a aceitação dos *trivia* apenas quando estes contribuem para o desenho do caráter moral se, por um lado, é um expediente pelo qual garante ao leitor que as suas narrativas biográficas não incluirão *inutilia*, por outro lado, é o mecanismo que lhe permite reivindicar a possibilidade de introduzir nas *Vidas* todas as matérias que avalia como essenciais para a demonstração moral, incluindo o que é ficcional, ilógico, absurdo, ou oriundo de contextos intertextuais. Neste sentido, os princípios da ‘totalidade’ e da ‘essencialidade’ permitem ao autor da *HA* expandir e reforçar as dimensões morais dos biografados, dimensões essas que não se revelam apenas como fundamentais para a construir os modelos paradigmáticos de bom e mau governante, mas também para que essa paradigmática funcione como um elemento que promove a compreensão, em termos humanos, das regularidades que conformam a sucessão da História por meio da convergência qualitativa entre governante e tempo de governação.

Este pressuposto permite-nos, por sua vez, enquadrar também a noção de ‘verdade histórica’ do autor da *História Augusta*. Que a *HA* é uma obra mais

⁵³ Av. Cass. 13. 8-10: *Haec sunt quae de Cassio Avidio comperimus. 9 cuius ipsius mores, ut supra diximus, varii semper fuerunt sed ad censuram crudelitatemque propensiores. 10 qui, si optinuisset imperium, fuisset non clemens et bonus, sed utilis et optimus imperator.* «8 Isto é o que soubemos acerca de Avidio Cássio, 9 cujas atitudes, como dissemos, foram sempre variadas, mas com preponderância da severidade e da crueldade. 10 Mas se tivesse possuído o poder, teria sido não apenas clemente e bom mas também um justo e excelente imperador.» Tradução de Rodrigues 2013: 189.

próxima da ficção do que da História é hoje um pressuposto indiscutível. No entanto, e embora o seu caráter fidedigno tenha sido sucessivamente desmascarado desde que Dessau⁵⁴ alertou para as falsificações produzidas pelo seu autor, isso não significa, como advertiu Momigliano, que seja fácil compreender a mente do falsificador.⁵⁵ Sabemos, contudo, que é comum os falsificadores criarem mecanismos de credibilização para as suas contrafações. O autor da *HA* não parece ter atuado de forma diferente. O maior instrumento a que o biógrafo recorre para este efeito assenta precisamente na forma como mimetiza a tradição discursiva historiográfica, que tinha consagrado a apresentação prefacial dos princípios programáticos que orientavam a produção das obras. Os excertos metadiscursivos que introduz na obra permitem-lhe, deste modo, imitar esses autores, por meio de uma construção que combina o comentário (pseudo)crítico aos elementos que condicionam a redação de uma História verdadeira com a defesa da fidedignidade da sua obra, que escuda na ‘totalidade’ e na ‘essencialidade’ das matérias. A crítica tem denunciado o caráter ilusório desta estratégia, pois, ao fazer o discurso sobre o seu discurso, expondo os princípios da sua produção, o autor da *HA* não só desvia a atenção do leitor da verdadeira natureza da obra, na qual esses princípios são interrogados pela enorme quantidade de elementos ficcionais, inverosímeis e falsos que introduz no texto, como o tenta convencer de que está a ler História, quando, na verdade, esse leitor estaria a ler, maioritariamente, ficção.⁵⁶

Contudo, e embora os excertos programáticos possam seguramente ser interpretados à luz de uma estratégia que visaria dar credibilidade a um relato histórico maioritariamente não verdadeiro, também não é possível desconsiderar que o pressuposto, assumido pelo biógrafo, de que pretende escrever *com veracidade* se ajusta a uma noção de verdade que, embora diferente da noção de *fides* que, pelo menos desde Tucídides, se encontrava associada ao labor historiográfico, se ajusta ao plano interno da obra, nomeadamente à relação que nela se produz entre *ethos* e História. Com efeito, se tivermos em conta que, para o autor da *HA*, a História é formada por uma sucessão alternada de bons e maus períodos cuja qualidade reflete o valor dos homens que os governam (*Car.* 2.1-7), escrever *com veracidade* implicaria dar corpo e substância a essa demonstração. Para a objetivar, o biógrafo assume princípios como os da ‘totalidade’ e da ‘aceitação dos *trivia* quando abonam o caráter moral dos biografados’, que lhe asseguram a possibilidade de introduzir na obra todos os sujeitos que, a despeito de recriados como miragens históricas, e todas as matérias, que, a despeito de ilógica e absurdamente darem corpo à expressão dos vícios mais reprováveis e das virtudes mais

⁵⁴ Vide Dessau 1889: esp. 348, 350-2; 392.

⁵⁵ Momigliano 1954: 23.

⁵⁶ Burian 1977: 288-9, 297. Sobre as ‘técnicas de autenticação’ na *HA* e na literatura, vide Rohrbacher 2016: 70-73; sobre a imitação prefacial na *HA*, vide Hengst 1981: 159-163.

encomiásticas, favorecem a construção expressiva do elemento-base dessa relação, isto é, os *ethe*. Portanto, embora os princípios assumidos pelo autor da *HA*, redundem na criação de uma fantasia programática que, como observa Burian, objetiva o ficcional⁵⁷ e, por consequência, descredibiliza ainda mais a seriedade da sua obra, tal não obsta a que, subjacente ao seu empreendimento, não existisse uma intenção de assumir um compromisso com uma noção de verdade que repousaria inteiramente na ideia de que a História é uma realidade que se compreende pelo vínculo, simetricamente reflexo, entre a qualidade dos governantes e a qualidade das eras. Uma ideia singela e insuficiente, mas que, todavia, não deixa de conter, como magnificamente expressa M. Yourcenar, um aviso às limitações que, a cada tempo, enquadram as percepções humanas relativamente ao mundo que as rodeia:

«Nós, sempre tão míopes quando se trata de apreciar a nossa própria civilização, os seus erros, as suas possibilidades de sobrevivência e a opinião que dela terá a posteridade, não temos o direito de nos admirarmos que os Romanos dos séculos III ou IV se tenham contentado até ao fim com vagas meditações sobre as vicissitudes da Fortuna, em vez de interpretarem mais claramente os sinais do fim do seu mundo. Nada mais complexo do que a curva de uma decadência. O gráfico incompleto que dela nos oferece a *História Augusta* é necessariamente inconclusivo: o reinado de Adriano é ainda um auge; o do lamentável Carino não representa um fim. A cada período de declínio vertiginoso seguiu-se uma paragem, ou até um reganhar temporário do vigor, que sempre se julgou duradouro. Cada salvador pareceu satisfazer a tudo.»⁵⁸

BIBLIOGRAFIA

- Adams, G. W. (2012), *Marcus Aurelius in the Historia Augusta and beyond*. Plymouth: Lexington Books.
- Birley, A. R. (2006), «Rewriting second-and third-century history in late antique Rome: the *Historia Augusta*», *Classica* (Brasil) 19: 19-29.
- Brandão, J. L. (2010), *Máscaras dos Césares. Teatro e Moralidade nas «Vidas» Suetonianas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Brandão, J. L., Rodrigues, N. & Teixeira, C. (2013), *História Augusta Vol. I: Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avidio Cássio e Cómodo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Burgersdijk, D. W. P. (2010), *Style and structure of the Historia Augusta*. [Thesis, externally prepared, Universiteit van Amsterdam]. Eigen Beheer.

⁵⁷ Burian 1977: 297.

⁵⁸ Yourcenar 1962: 21.

- Burgess, R. W. (1993), «*Principes cum Tyrannis*: two studies on the *Kaisergeschichte* and its tradition», *CQ* 43: 491-500.
- . (1995), «On the Date of the *Kaisergeschichte*», *CPh* 90.2: 111-28.
- Burian, J. (1977), «*Fides historica* als methodologischer Grundsatz der *Historia Augusta*», *Klio* 59: 285-98.
- Cameron, A. (2011), *The last pagans of Rome*. Oxford: Oxford University Press.
- Chastagnol, A. (1994), *Histoire auguste. Les empereurs romains des IIe et IIIe siècles*. Traduction du latin par A. et J. Chastagnol; ed. établie par A. Chastagnol. Paris: Robert Laffon.
- Cizek, E. (1988), «La poétique cicéronienne de l' *histoire*», *BAGB* 1: 16-25.
- . (1996), «La poétique de l'histoire dans l'*Histoire Augusta*», *REL* 74: 282-98.
- Codoñer, C. (1986), *Evolución del concepto de historiografía en Roma*. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona.
- Dessau, H. (1889), «Über Zeit und Persönlichkeit der *Scriptores Historiae Augustae*», *Hermes* 24: 337-92.
- Hengst, D. den (1981). *The prefaces in the Historia Augusta*. Amsterdam: B. R. Grüner.
- Lacroix, J. (1951), ««Fatum» et «Fortuna» dans l'œuvre de Tacite», *REL* 129: 247-64.
- Lippold, A. & Waldherr, G. H. (eds.) (1998), *Die Historia Augusta: eine Sammlung römischer Kaiserbiographien aus der Zeit Konstantins*. Stuttgart: Steiner.
- Mader, G. (2005), «History as Carnival, or Method and Madness in the *Vita Heliogabali*», *ClAnt* 24: 131-72.
- Magie, D. (1921), *Scriptores Historiae Augustae – Volume I*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . (1924), *Scriptores Historiae Augustae – Volume II*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . (1932), *Scriptores Historiae Augustae – Volume III*. With an English Translation. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Magueijo, C. (2013), *Luciano de Samósata. Como se deve escrever história*. In *Luciano V*. Tradução do grego, introdução e notas de C. Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Meckler, M. L. (1996), «The beginning of the *Historia Augusta*», *Historia* 45: 364-75.
- Momigliano, A. (1954), «An unsolved problem of historical forgery: the *Scriptores Historiae Augustae*», *JWI* 17: 22-46.
- Mommsen, T. (1890), «Die *Scriptores Historiae Augustae*», *Hermes* 25: 228-92.
- Neri, V. (2002), «L'imperatore come miles: Tacito, Attalo e la datazione dell'*Historia Augusta*», *HAC* 8: 373-96.

- Paschoud, F. (1996), *Histoire Auguste tome V 1ère partie: Vies d'Aurélien et de Tacite*. Texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres.
- . (2001), *Histoire Auguste tome V 2ère partie: Vies de Probus, Firmus, Saturnin, Proculus et Bonose, Carus, Numérien et Carin*. Texte établi et traduit par François Paschoud. Paris: Les Belles Lettres.
- Pausch, D. (2008), «*Libellus non tam diserte quam fideliter scriptus? Unreliable narration in the Historia Augusta*», *Ancient Narrative* 8: 115-35.
- Phillips, D. (2016). *Polybius, Book 1. A Commentary*. Ann Arbor: Michigan Classical Press.
- Picón, V. & Cascón, A. (1989), *Historia Augusta*. Madrid: Ediciones AKAL.
- Ratti, S. (2007), «Nicomaque Flavien Senior auteur de l'*Histoire Auguste*», in G. Bonamente & H. Brandt (eds.), *Historiae Augustae Colloquium Bambergense. Atti dei Convegno sulla Historia Augusta X*. Bari: Edipuglia, 305-17.
- . (2010), *Antiquus error. Les ultimes feux de la résistance païenne*. Turnhout: Brepols.
- Rodrigues, N. S, Teixeira, C., Oliveira, F. & Brandão, J. L. (2021), *História Augusta. Vol. II: Vidas de Hélvio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rohrbacher, D. (2016), *The Play of Allusion in the Historia Augusta*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Savino, E. (2017), *Ricerche sull'Historia Augusta*. Napoli: Naus.
- Scott, R. T. (1968), *Religion and philosophy in the Histories of Tacitus*. American Academy in Rome, vol. XXII.
- Sousa e Silva, M. F. & Brandão, J. L. (2019), *Plutarco. Vidas paralelas, Alexandre e César*. Tradução, introdução e comentário de M. F. Sousa e Silva, J. L. Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Stadter, P. (2007), «Biography and History», in J. Marincola (ed.), *A companion to Greek and Roman historiography*. Malden, Ma: Blackwell, 528-40.
- Syme, R. (1971), *Emperors and Biography. Studies in the Historia Augusta*. Oxford: Clarendon Press.
- . (1971a), *The Historia Augusta. A Call of Clarity*. Bonn: Habelt.
- Temmerman, K. de (ed.) (2020), *The Oxford handbook of Ancient Biography*. Oxford: Oxford University Press.
- Thomson, M. (2012), *Studies in the Historia Augusta*. Brussels: Éditions Latomus.
- Valente, A. M. (2008), *Aristóteles, Poética*. Prefácio de M. H. da R. Pereira. Tradução e notas de A. M. Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vassiliades, G. (2023), *La Res publica et sa décadence: de Salluste à Tite-Live*.
Bordeaux: Ausonius éditions.

Yourcenar, M. (1962), *A benefício do inventário*. Tradução de Rafael Gomes
Filipe. Lisboa: Difel.

II
ALEXANDRE: MODELO DE IMPÉRIO

(Página deixada propositadamente em branco)

**EVOLUÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO:
PLUTARCO E A AÇÃO DE ALEXANDRE PERANTE
OS BÁRBAROS DERROTADOS¹**

**EVOLUTION OVER TIME AND SPACE:
PLUTARCH AND ALEXANDER'S BEHAVIOUR TOWARDS
THE DEFEATED BARBARIANS**

DELFIM F. LEÃO

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
ORCID: 0000-0002-8107-9165

ÁLIA RODRIGUES

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
ORCID: 0000-0002-9787-4331

RESUMO: O artigo começa por discutir o retrato de Plutarco de um Alexandre *retórico* na oração epidíctica *Sobre a fortuna e virtude de Alexandre* e na *Vida de Alexandre*. Em particular, vamos focar-nos sobre o retrato de Alexandre como uma ilustração do *nomothetes* platónico, sobretudo no primeiro caso. Discutimos depois a campanha pan-helénica que o tornou *hegemon* dos Helenos, analisando a forma como a política de Alexandre – ou a do Alexandre *retórico* figurado por Plutarco – evoluiu da oposição tradicional de gregos e bárbaros para um programa de fusão étnica e cultural marcado pela *homonoia* e *koinonia*. Assim, quer intencionalmente ou não, estes princípios motivados por mudanças potenciadas ao longo do tempo e do espaço acabariam por se tornar na base do cosmopolitismo do período helenístico. Este programa filosófico e ético, porém, corresponde sobretudo a um exercício de ‘soft power’, estando claramente ao serviço do reforço da presença e consolidação do poder grego na Ásia. A abordagem alternativa, nota Plutarco, seria o recurso à força (*Alex.* 47.5; *De Al. Magn. fort.* 329c).

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre, *nomothetes*, ‘Grecidade’, bárbaros, cosmopolitismo

ABSTRACT: The paper starts by discussing Plutarch's portrait of a *rhetorical* Alexander in the epideictic oration, *On the Fortune and Virtue of Alexander*, and in the *Life of Alexander*. In particular, we wish to focus on Alexander portrayal as an illustration of the Platonic *nomothetes*, especially in the former. We will then discuss the panhellenic campaign that made Alexander *hegemon* of Hellas, analysing the ways in which his

¹ Investigação desenvolvida no âmbito do projeto «Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)» (PTDC/LLT-OUT/28431/2017), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia. Este trabalho faz também parte do projeto «Crises (*staseis*) e mudanças (*metabolai*). A democracia ateniense na contemporaneidade», apoiado por CAPES (Brasil) e FCT (Portugal) (2019-2021). Foi publicado inicialmente como Leão & Rodrigues 2022, tendo agora sido feitas somente ligeiras atualizações, nomeadamente em termos de referências bibliográficas.

policy – or that of the Plutarchan *rhetorical* Alexander – evolved from the traditional Greek-barbarian binary into a programme of ethnic and cultural fusion marked by *homonoia* and *koinonia*. Intentionally or not, these principles were motivated by changes over time and space that would become the basis of the cosmopolitanism of the Hellenistic period. This philosophical and ethical programme, however, was above all an exercise in ‘soft power’, clearly intended to strengthen the presence and consolidation of Greek power in Asia. The alternative approach, Plutarch notes, would have been the use of force (*Alex.* 47.5; *De Al. Magn. fort.* 329c).

KEYWORDS: Alexander, *nomothetes*, Greekness, Barbarians, cosmopolitanism

«Não se lhe pode [a Plutarco] negar, no entanto, atrativo e uma fidelidade evidente a uma tradição de que Heródoto, o pai da História, foi o fundador: a par da narrativa dos factos, importa avaliar a tradição acerca deles.»

(Maria de Fátima Silva 2019: 15 sobre a *Vida de Alexandre* de Plutarco)

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: PLUTARCO E O ALEXANDRE RETÓRICO² COMO NOMOTHETES PLATÓNICO

Plutarco explora a figura de Alexandre em dois contextos diferentes: na oração epidíctica *Sobre a fortuna e virtude de Alexandre* e ainda nas *Vidas de Alexandre e de César*, a versão biográfica que o compara com o governante romano. Em ambos os relatos, Alexandre é caracterizado como tendo conseguido exportar a ideia da «Grecidade», através do ensino e conhecimento da língua grega, do treino militar e do governo pela lei (*Alex.* 47.5-6; *De Al. Magn. fort.* 328E, 343a13a-c). Contudo, fora da Grécia continental, ele não procura apenas agir como os bárbaros agem, mas segue também o procedimento e as sanções de um código sócio-legal estrangeiro, como é exemplo no caso do casamento com Roxana (47.8). No entanto, ambos os relatos sublinham também aspetos diferentes do macedónio: enquanto o primeiro explora a imagem do governante como um *hellenikos nomothetes* e um ‘filósofo em armas’ num discurso mais estilizado e apologético, no caso do Alexandre *biografado*, o efeito domador ou civilizador sobre os conquistados é mais complexo³. Whitmarsh (2002) já abordou especificamente este desenho plutarqueano de um Alexandre-Jano, argumentando que a representação de Plutarco cria mais incertezas do que o esperado pelo simples dualismo grego/bárbaro. Para usar as palavras do próprio (*ib.* 191): «Alexander is both Hellenizing barbarians and barbarizing Hellenes». Pelling (2016: 46),

² Expressão utilizada por Koulakiotis 2008: 411.

³ Liparotti 2017b argumenta que, na *Vida de Alexandre* como no *Sobre a virtude ou fortuna de Alexandre Magno*, Plutarco desenha a imagem de um rei-filósofo inspirada sobretudo nas filosofias de Platão, Aristóteles e Diógenes.

por outro lado, nota que nada há de controverso seja em relação ao ‘helenismo’ de Alexandre seja com o mundo que ele conquistou, mas que a ênfase é colocada no próprio Alexandre, ou seja, «it is Alexander that has gone to pieces»⁴.

Assim, no caso do par Alexandre – César, os protagonistas inspiram as pessoas não por causa das suas leis ou instituições, mas sim pelo seu carisma (*Caes.* 16.1; *Alex.* 41.1). Consequentemente, o narrador não presta tanta atenção às conquistas legislativas como aos duros desafios éticos colocados por circunstâncias políticas específicas, de forma que a glória ética não depende tanto do seu papel enquanto educadores como do carisma político revelado pelas suas ações.

A visão de Alexandre como civilizador e libertador da barbárie é veiculada sobretudo na oração epidíctica, ou seja, no contexto de uma narrativa de cariz triunfalista e apologético. É, também, neste contexto que surge a primeira ocorrência do paralelo entre a atividade colonizadora de Alexandre e a cidade cósmica de Zenão (*De Al. Magn. fort.* 329A-F)⁵, tendo sido esta a primeira vez que o império de Alexandre é interpretado como a sublimação histórica do projeto filosófico de Zenão, contemporâneo do próprio Alexandre. Antes de Plutarco, outros autores tinham já veiculado esta imagem de Alexandre como o embaixador da união entre Gregos e Bárbaros⁶, mas Plutarco é o primeiro a integrar este evento numa narrativa do cosmopolitismo, talvez com o intuito de emular o exemplo romano com a criação de um precedente ético⁷. O embaixador

⁴ Tal como Pelling 2011: 23 observa: «under Caesar as under Alexander, history comes close to being the story of this one man». As diferenças entre o Alexandre retórico e o Alexandre biografado é nítida. Esta discrepância deriva sobretudo das diferenças dos géneros epidíctico e biográfico. Sobre este último, Sorabji 2006: 10, 172-7, no seu estudo de teorias sobre o ‘self’, refere que Plutarco foi o primeiro pensador a estabelecer a ligação entre ‘self’ ou narrativa quando, no seu tratado *Sobre a Tranquilidade* (473B-474B), observa que, para alcançar a tranquilidade, precisamos de usar as memórias para tecer a vida num todo unificado, tanto o bom como o mau. Sobre outras tensões presentes na *Vida de Alexandre*, vide também Mossman 2006: 292.

⁵ Plutarco estabelece também este paralelo em relação à figura de Licurgo (*Lyc.* 31.2), embora de forma menos desenvolvida. Para a citação completa, vide infra nota 14. De acordo com Baldry (1959), além de Diogénis de Laércio (7.32-3), Plutarco é uma das poucas fontes para o pensamento político de Zenão e, segundo o mesmo, esta analogia de Plutarco teria gerado uma tradição de interpretações erróneas sobre o pensamento político de Zenão. Vide também Schofield 2000. Este último 2000: 453 também notou que a ideia de que a ‘cidade cósmica’ é mais vantajosa do que o oposto é um «later development» no contexto do pensamento político helenístico, tal como, de resto, este trabalho procura igualmente demonstrar.

⁶ Erastótenes apud Estrabão 1.4.9 e Arriano 7.11.9. Estrabão (1.4.9), aliás, nota que Erastótenes critica a divisão de Alexandre entre gregos e bárbaros, devendo a distinção antes ser entre maus e civilizados, na medida em que tanto há ‘maus’ entre gregos e ‘civilizados’ entre os bárbaros (πολλοὺς γὰρ καὶ τῶν Ἑλλήνων εἶναι κακοὺς καὶ τῶν βαρβάρων ἀσείους).

⁷ Algo semelhante sucedeu na vida do rei-legislador Numa Pompílio. Nota Gabba 1984: 84 que Plutarco, além de ser a primeira fonte a atribuir a criação de todos os *collegia* a Numa, é também o primeiro a avançar com uma explicação de cariz filosófico e sociológico, integrando assim esta reforma num plano político maior que visava criar uma estrutura para a paz social e doméstica, através da eliminação de diferenças étnicas pela introdução de uma diferenciação de outra natureza, neste caso, a profissional.

humano da cidade cósmica de Zenão (*De Al. Magn. fort.* 329A-F) é assim mais visível na versão retórica que Plutarco faz de Alexandre do que na *Vida*⁸. Isto também se aplica à interpretação de Plutarco (*De Al. Magn. fort.* 329A-C) da comunidade ideal de Zenão, na medida em que Alexandre conseguiu não só substituir as comunidades locais pelo modelo cosmopolita, mas também colocar gregos e bárbaros sob a sua própria autoridade (grega). É assim, por esta razão, como nota Pelling (2016: 43) que não podemos confundir a interpretação plutarquiana do legado de Alexandre, ou seja, ‘o modelo cosmopolita’, com um projeto político ‘multicultural’ de horizontalidade social e política entre Gregos e Bárbaros, na medida em que os pontos de partida e de chegada não se alteram: «os Gregos e os bárbaros que os não distinguem (...) pelo vestuário, mas que reconhecessem o helénico pela virtude (*arete*) e o bárbaro pelo vício (*kakia*); (*Al. Magn. Fort.* 329C)»⁹.

A versão plutarquiana retórica de Alexandre como fundador de cidades e criador de leis tem como objetivo enquadrar Alexandre na categoria mais ampla do *hellenikos nomothetes* utilizada noutras passagens da obra de Plutarco (e.g. *Num.* 1.5; *Sol.* 16.4-5). O traço de *nomothetes* atribuído ao Alexandre retórico, nota Koulationis (2008: 411), não tem qualquer precedente na tradição sobre o próprio Alexandre, conforme o mesmo autor acrescenta «this image is not found in the rest of the Plutarchan corpus and is probably an innovation by the ‘rhetorical’ Plutarch». Esta inusitada justaposição entre Alexandre e a figura do legislador¹⁰ tem, em primeiro lugar, um propósito claramente enfático próprio do género epidíctico, mas também como objetivo estabelecer um paralelo não só entre um modelo político grego e platónico de cariz civilizador e apolítico, mas também acrescentar elementos que são essenciais à figura do legislador e, no caso, à figura idealizada de Alexandre: intencionalidade e dimensão teleológica¹¹. Esta reinterpretção das conquistas de Alexandre como parte de um projeto de *homonoia* e *koinonia* de larga escala, ou o sonho estoico de Zenão, intencionalmente

⁸ Vide supra nota 4.

⁹ Para a versão portuguesa da obra *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, usa-se a tradução de Liparotti 2017a. Plutarco refere algo de semelhante em *Reg. et imp. Apophth.* 182C. De resto, Pelling 2016 demonstrou que esta atitude relativamente depreciativa ou desinteressada em relação aos ‘bárbaros’ é prevalente em toda a obra de Plutarco. Vide também Nikolaidis 1986: 231 e Schmidt 2004: 230 (*passim*), que seguem semelhantes linhas de argumentação. As duas exceções a este tipo de abordagem são o Egito, cuja admiração é visível em *Sobre Ísis e Osíris*, e a figura de Anacáris, na qual Plutarco reconhece uma clarividência superior à dos gregos, algo já presente na própria tradição associada a esta figura. Para uma visão global do tratamento de Anacáris em Plutarco, vide Leão 2019.

¹⁰ O mesmo se verificou em relação à figura do segundo rei de Roma, Numa Pompílio. Vide supra nota 7.

¹¹ A associação destas características à figura do legislador está relacionada com a equiparação desta com a imagem do demiurgo platónico ao qual o próprio Plutarco faz referência na *Vida de Licurgo* (29.1). Este paralelo tem sido estudado desde os anos 50 por Morrow 1953 e, mais tarde, também por Laks 1990, 2000.

concebido, faz parte da retórica de justificação das ações de conquista de Alexandre como um evento necessário para a realização do desígnio pan-helénico¹² ou, como Pelling (2016: 42) sublinhou, do «Macedonian white man's burden». Esta versão plutarquiana de Alexandre como *nomothetes* invoca também outros debates geralmente associados à figura do legislador e que aparecem de forma proeminente na obra de Plutarco: a necessidade antropológica de administrações políticas e leis (sobretudo na ausência de liderança política), a importância de estabelecer um sistema de educação capaz de assegurar a estabilidade constitucional¹³, a polémica entre 'fazedores' e 'teorizadores' e o uso legítimo de força. Estes elementos são frequentemente destacados na caracterização de Alexandre: um grego que converteu 'barbárie' em civilização através da introdução da lei (*Alex.* 47.5-6, *De Al. Magn. fort.* 328a-B, E, 343a13A-C), sendo que a importação do sistema de educação macedónio era vista não só como um benefício civilizador para as comunidades bárbaras, mas também como um meio de manter e gerir a paz social num contexto onde tensões políticas são obviamente eminentes (*Alex.* 47.5). Relativamente à polémica entre 'fazedores' e 'teorizadores', os legisladores e, no caso, também Alexandre, são particularmente enaltecidos. Por exemplo, sobre a inutilidade da *Magna Charta* platónica da Constituição Mista em comparação com os feitos de Alexandre, Plutarco observa que «embora, entre nós, poucos sejam os que leem as *Leis* de Platão, milhares de homens fizeram e fazem uso das leis de Alexandre»¹⁴. O mesmo disse Plutarco acerca dos legados legislativos e políticos dos políticos legisladores Licurgo (31.2) e Numa Pompílio (20.8)¹⁵. Outro elemento geralmente associado à figura do legislador é o uso legítimo de força de forma 'programática' de modo a persuadir as pessoas a aceitarem um modelo político superior, ou seja, expressões de uso de *bia* (βία) «força» por parte de Alexandre serão geralmente justificadas pela necessidade

¹² O mesmo se aplica às *Vidas Paralelas* de Licurgo e Numa, cujas analogias com a figura do legislador platónico convertem tanto o legislador espartano como o segundo rei de Roma em representantes históricos do ideal político e constitucional platónico. *Vide* infra nota 15.

¹³ Sobre a importância da fixação de um sistema de educação aquando da introdução de uma reforma constitucional, *vide Lyc.* 13.1-4; 14.1 e a crítica a Numa por não ter feito o mesmo durante o seu reinado, em *Comp. Lyc. – Num.* 26 (49.4).

¹⁴ *De Al. Magn. fort.* 328E: καὶ τοὺς μὲν Πλάτωνος ὀλίγοι νόμους ἀναγινώσκομεν, τοῖς δ' Ἀλεξάνδρου μυριάδες ἀνθρώπων ἐχρήσαντο καὶ χρῶνται.

¹⁵ Respetivamente: *Lyc.* 31.2: 'Tal foi a proposta de constituição que Platão, Diógenes e Zenão e todos quantos, ao tentarem dizer sobre este tema, são exaltados, apesar de terem legado apenas escritos e palavras. Licurgo, por seu lado, nem escritos nem palavras deixou, mas trouxe à luz do dia uma constituição inimitável' (ταύτην καὶ Πλάτων ἔλαβε τῆς πολιτείας ὑπόθεσιν καὶ Διογένης καὶ Ζήνων καὶ πάντες ὅσοι τι περὶ τούτων ἐπιχειρήσαντες εἰπεῖν ἐπαινοῦνται, γράμματα καὶ λόγους ἀπολιπόντες μόνον. ὁ δὲ οὐ γράμματα καὶ λόγους, ἀλλ' ἔργῳ πολιτείαν ἀμίμητον εἰς φῶς προενεγκάμενος); *Num.* (20.6): '[Numa] representou o paradigma e confirmação clara da afirmação de Platão que, vivendo muito depois, ousou expressar sobre política' (ἐναργὲς ἐξήνεγκε παράδειγμα καὶ τεκμήριον τῆς Πλατωνικῆς φωνῆς, ἦν ὕστερον ἐκεῖνος οὐκ ὀλίγοις χρόνοις γενόμενος ἐτόλμησεν ἀφεῖναι περὶ πολιτείας). Traduções de Ália Rodrigues.

governativa. Aqui Plutarco segue o modelo platônico de legislador que também faz um uso discricionário da força de acordo com a conveniência¹⁶.

O retrato de Alexandre como embaixador da cidade cósmica de Zenão faz assim parte da agenda política e ética de Plutarco: em primeiro lugar, o seu contributo para a história do conceito intelectual do *nomothetes* deve ser entendido, antes de mais, no âmbito da tradição platónico-aristotélica e, em segundo lugar, deve ser interpretado também dentro do quadro teórico seu contemporâneo. O mesmo se verificou em relação à versão plutarquiana da biografia de Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, que Plutarco associa à figura do legislador também de forma completamente original, pois não só não consta nas fontes sobre Numa, como esta figura não tem precedentes na tradição política romana. A centralidade literária desta ideia é revelada pela forte agenda política ligada a este conceito em Fílon de Alexandria e Flávio Josefo, para quem o conceito de *nomothetes* platónico¹⁷ constitui um *topos* retórico, um poderoso trunfo para a negociação da identidade cultural. Assim se, por um lado, o contributo de Plutarco continua e reproduz o conceito de *nomothetes* platónico, por outro, segue também a tradição intelectual grega, isto é, a assimilação entre o *nomothetes* e o filósofo-rei platónico. Deste ponto de vista, o inesperado traço do *nomothetes* aplicado por Plutarco ao Alexandre *retórico* recupera a ideologia ateniense e platonizante do *nomothetes*, a qual igualmente encarna com a sua própria agenda ético-política: o processo em curso de representação de uma *certa* identidade do passado através de um diálogo com a identidade do presente.

2. ALEXANDRE E A ESTRATÉGIA DA CAMPANHA PAN-HELÉNICA

A proposta de uma união pan-helénica permeia muitos dos autores dos séculos V e IV, a ponto de se tornar numa ideologia bastante difundida nos círculos intelectuais¹⁸. Embora esteja para além do âmbito desta análise abordar esta questão em pormenor, é de qualquer forma útil recordar alguns aspetos relacionados com a formação deste princípio propagandístico, cujas raízes apelam ao patriotismo grego¹⁹. Além disso, também contava com o apoio popular, porque

¹⁶ O dualismo *peitho* e *bia* atravessa todo o pensamento político de Platão e tem recebido muita atenção por parte dos estudiosos. Como o tratamento deste tema escapa ao âmbito do presente trabalho, referimos apenas a título de exemplo o trabalho de Lane (2010) na qual se argumenta que este dualismo é explorado sobretudo na *República*, no *Político* e nas *Leis* e que o uso de persuasão é apenas uma forma suspensa de força. Exemplos do recurso à força por parte de Alexandre na *Vida*: 14.7.2, 47.5.4, 51.11; e nas orações: 327a, 327b, 332c. *Vide* também Liparotti 2014, Chrysanthou 2019.

¹⁷ Morrow 1960, Laks 2000, Neschke-Hentschke 1995 e, de maneira mais enfática, Lane 2012, facultam uma visão abrangente sobre a questão do legislador platónico.

¹⁸ Recupera-se aqui o essencial da linha argumentativa desenvolvida em Leão 2012: 15-31, embora com um enquadramento renovado e abordagem de novos aspetos de análise.

¹⁹ Para um estudo extensivo sobre este tema, *vide* Ferreira 1992.

mesmo um cidadão anónimo podia observar empiricamente os efeitos positivos da unidade derivada quer da memória da resistência grega às invasões persas, quer do empobrecimento generalizado causado pela Guerra do Peloponeso. No entanto, uma questão que, em termos teóricos, parecia perfeitamente clara enfrentava, na prática, o enorme obstáculo da fragmentação do sistema da pólis. Por esta razão, para se chegar à unidade grega seria necessário fazer-se sentir a ação de poderosos fatores externos: o perigo iminente de um invasor estrangeiro devastador ou a capacidade de alguém se impor como *hegemon* aos outros estados gregos. Os Persas justificaram o primeiro cenário, representando, por esta mesma razão, a imagem básica do inimigo bárbaro; do outro lado, as campanhas vitoriosas de Filipe II deram-lhe o poder e o enquadramento formal para se tornar o líder natural dos gregos nesta campanha pela civilização.

Filipe utilizou assim a ideologia pan-helénica para reforçar a sua posição como líder e para preparar a invasão da Ásia, embora o seu assassinato o impedisse de pôr em prática esse plano. Caberia então a Alexandre implementar esta ambiciosa campanha que, aliás, servia igualmente as suas inclinações expansionistas e o desejo de imitar os seus antepassados (especialmente a presumida ligação com Hércules e Aquiles)²⁰. Além disso, as fontes antigas indicavam, por vezes, a Guerra de Troia como a causa última da inimizade entre Gregos e Persas²¹, não sendo por isso improvável que, na mente de Alexandre, a campanha contra a Ásia pudesse representar uma espécie de reposição gloriosa daquele conflito. Nesta perspetiva, não será, portanto, surpreendente que, segundo Plutarco, o primeiro passo por ele dado depois de atravessar o Helesponto tenha sido o de fazer uma paragem em Troia, para prestar homenagem a Atena e aos heróis caídos, particularmente a Aquiles (*Alex.* 15.8).

Depois dessa breve paragem, Alexandre juntou-se ao grosso das tropas e preparou-se para enfrentar a primeira batalha, muito importante psicologicamente porque marcaria a entrada na Ásia e a afirmação do seu génio militar, capaz de alcançar a vitória mesmo em circunstâncias extremamente desfavoráveis. Com efeito, os Persas aguardavam as forças invasoras ao longo das margens do rio Granico. Parménion, um dos generais de Alexandre, aconselhou-o a esperar pelo

²⁰ Flower 2000: 101-2, afirma que, embora a verdadeira motivação dos dois soberanos macedónios não seja segura, não é improvável que, para além do desejo de realizar grandes feitos, Filipe e Alexandre também tivessem tido em conta que, como descendentes de Hércules, deveriam imitar o filo-helenismo deste último. Aquiles, por seu lado, era uma referência constante para Alexandre: segundo Plutarco (*Alex.* 5.8), Lisímaco – um dos educadores do futuro rei – teria dado a si mesmo o título de Fénix, o de Aquiles ao seu jovem aluno, e o de Peleu a Filipe. Plutarco sustenta ainda (*Alex.* 24.10-14) que, durante o cerco de Tiro, Alexandre arriscaria a sua vida para salvar Lisímaco, que insistiu em segui-lo em campanha, argumentando que ele não era nem mais fraco nem mais velho do que Fénix, que acompanhou Aquiles a Troia.

²¹ E.g. Heródoto (1.4-5), que vê as invasões de Dario e Xerxes como consequências desse confronto passado.

dia seguinte, mas Alexandre decidiu prosseguir imediatamente. As forças persas tinham, nas suas fileiras, milhares de mercenários gregos de infantaria, que também eram combatentes experientes. Plutarco (*Alex.* 16.13-14) afirma que os mercenários pediram ao macedónio que lhes poupasse a vida, mas Alexandre carregou furiosamente sobre eles, movido mais pela raiva do que pela razão²². Cerca de dois mil homens daquele contingente acabariam sendo presos e enviados para a Macedónia, onde serviriam como escravos.

Não há razão para ver nesses mercenários uma oposição grega organizada, porque, por definição, os mercenários lutam pela pessoa que lhes paga, sem qualquer motivação ideológica que não seja o lucro rápido. Ainda assim, o tratamento duro que lhes foi imposto por Alexandre foi certamente motivado pelo facto de esses homens serem gregos e, portanto, de a sua primeira obrigação ser a de lutar ao lado dos companheiros na procura de um objetivo comum²³. Além disso, que o desígnio pan-helénico estava então na mente de Alexandre é claramente demonstrado pelas instruções que ele deu relativamente à partilha dos despojos (*Alex.* 16.17-18):

κοινούμενος δὲ τὴν νίκην τοῖς Ἕλλησιν, ἰδίᾳ μὲν τοῖς Ἀθηναίοις ἔπεμψε τῶν αἰχμαλώτων τριακοσίας ἀσπίδας, κοινῇ δὲ τοῖς ἄλλοις λαφύροις ἐκέλευσεν ἐπιγράψαι φιλοτιμοτάτην ἐπιγραφήν· «Ἀλέξανδρος [ὁ] Φιλίππου καὶ οἱ Ἕλληνες πλὴν Λακεδαιμονίων ἀπὸ τῶν βαρβάρων τῶν τὴν Ἀσίαν κατοικούντων».

No intuito de integrar os Gregos na vitória, enviou, aos Atenienses em particular, 300 escudos do saque, e sobre os outros despojos mandou gravar, em grande estilo, esta inscrição comemorativa: «Eis o que Alexandre, filho de Filipe, e os Gregos, com exceção dos Lacedemónios, capturaram aos bárbaros que habitam a Ásia»²⁴.

Após vários outros recontros, a grande batalha com Dario III teve lugar em Gaugamelos. Pouco antes do confronto decisivo, Alexandre fez um discurso de encorajamento aos diferentes contingentes das suas tropas que gritaram, em resposta, a confiança que tinham nele para os liderar contra os bárbaros (*Alex.* 33.1). Por conseguinte e segundo Plutarco, neste momento determinante da sua campanha Alexandre continuava a mover-se dentro do quadro ideológico do desígnio pan-helénico. Além disso, esta posição seria ainda mais reforçada pelas suas ações imediatamente posteriores a ter obtido a vitória (*Alex.* 34.2-3):

²² Hammond 1997: 69 acredita que esta crítica implícita à forma ‘apaixonada’ como Alexandre reagiu foi formulada por Aristobulo, que seria a fonte do relato de Plutarco neste contexto.

²³ Em vez disso, aliaram-se aos bárbaros contra os outros gregos; cf. Arriano, 1.16.6.

²⁴ Para a versão portuguesa da *Vida Alexandre*, usa-se a tradução de M. F. Silva, em Silva & Brandão 2019.

φιλοτιμούμενος δὲ πρὸς τοὺς Ἕλληνας, ἔγραψε τὰς τυραννίδας πάσας καταλυθῆναι καὶ πολιτεύειν αὐτονόμους, ἰδίᾳ δὲ Πλαταιεῦσι τὴν πόλιν ἀνοικοδομεῖν, ὅτι τὴν χώραν οἱ πατέρες αὐτῶν ἐναγωνίασθαι τοῖς Ἕλλησιν ὑπὲρ τῆς ἐλευθερίας παρέσχον. ἔπεμψε δὲ καὶ Κροτωνιάταις εἰς Ἰταλίαν μέρος τῶν λαφύρων, τὴν Φαῦλλου τοῦ ἀθλητοῦ τιμῶν προθυμίαν καὶ ἀρετὴν, ὃς περὶ τὰ Μηδικὰ, τῶν ἄλλων Ἰταλιωτῶν ἀπεγνωκότων τοὺς Ἕλληνας, ἰδιόστολον ἔχων ναῦν ἔπλευσεν εἰς Σαλαμίνα, τοῦ κινδύνου συμμεθέξων.

Desejoso de ganhar o reconhecimento dos Gregos, escreveu-lhes a dizer que todas as tiranias tinham sido abolidas e que eram livres de se governar de acordo com as próprias leis. Aos Plateenses em particular anunciou que lhes ia reconstruir a cidade, porque os antepassados deles tinham posto o seu território à disposição dos Gregos para a luta pela liberdade. Mandou também ao povo de Crotona, na Itália, parte do saque, em homenagem ao empenho e à excelência de Failo, o seu atleta, que, nas guerras médicas, quando todos os outros Itáliotas recusaram ajudar os Gregos, apetrechou um navio a expensas próprias e navegou para Salamina, para participar nessa hora de perigo.

Ao dar estas instruções, Alexandre estava também a deixar bem claro o propósito de promover uma conexão entre as Guerras Persas e a campanha que estava agora a travar: as promessas feitas aos Plateenses faziam lembrar a Batalha de Plateias; os despojos enviados para Crotona comemoravam o embate de Salamina. Desta forma, estabelecia, por um lado, uma ligação direta entre dois dos momentos mais críticos, no passado, da resistência grega conjunta ao avanço persa e, por outro, a vitória de Gaugamelos. Em comum, todos eles tinham o resultado altamente positivo que resultou da formação de uma aliança pan-helénica contra os bárbaros.

A derrota dos Persas abriu o caminho ao controlo de toda a Ásia, incluindo as cidades da Babilónia, Susa e Persépolis. Ao longo destas conquistas, Alexandre pôs em prática algumas decisões que devem ser entendidas dentro ainda da mesma lógica de retaliação contra o invasor bárbaro: após a captura de Susa, ordenou a devolução a Atenas das estátuas de Harmódio e Aristogiton, bem como também a de Ártemis, que Xerxes tinha roubado²⁵. Mas o ato mais simbólico da vitória grega diz respeito à conquista de Persépolis e à destruição do palácio imperial. A este propósito, as palavras de Demarato de Corinto (um antigo amigo de Filipe), proferidas quando contemplou Alexandre sentado no trono de Dario pela primeira vez (*Alex.* 37.7), são particularmente enfáticas:

Λέγεται δὲ καθίσαντος αὐτοῦ τὸ πρῶτον ὑπὸ τὸν χρυσοῦν οὐρανίσκον ἐν τῷ βασιλικῷ θρόνῳ, τὸν Κορίνθιον Δημάρατον, εὖνουν ὄντ' ἄνδρα καὶ πατρῶν φίλον Ἀλεξάνδρου, πρεσβυτικῶς ἐπιδακρῦσαι καὶ εἰπεῖν, ὡς μεγάλης ἡδονῆς

²⁵ Cf. Arriano, 3.16.

ἔστεροῖντο τῶν Ἑλλήνων οἱ τεθηκότες πρὶν ἰδεῖν Ἀλέξανδρον ἐν τῷ Δαρείου θρόνῳ καθήμενον.

E conta-se que, quando se sentou pela primeira vez debaixo do dossel de ouro que cobria o trono real, Demarato de Corinto, um amigo leal de Alexandre como o tinha sido do pai, com uma comoção de velho se lavou em lágrimas e declarou que tinham sido privados de uma enorme alegria os Gregos mortos antes de verem Alexandre sentado no trono de Dario.

Esta opinião é expressa por alguém que tinha simpatias óbvias pela Macedónia e pela Liga de Corinto. No entanto, Plutarco revela, num passo da *Vida de Agesilau* (Ages. 15.3) que, na sua opinião e na de muitos gregos contemporâneos desses acontecimentos, havia mais razões para verter lágrimas pelos Gregos (e em particular pelos Espartanos) que pereceram em Leuctras, Queroneia, Arcádia e Corinto, do que pelo facto de não terem vivido para ver Alexandre sentado no trono de Dario. Isto significa, claro, que nem todos os gregos viram o macedónio como o *hegemon* natural dos *Hellenes*.

Quanto à ideia de queimar o palácio de Persépolis, a tradição está dividida. A explicação oficial – e a mais provável – é que o incêndio foi uma retaliação contra as invasões persas, em particular por causa dos sacrilégios cometidos contra os templos gregos. Além disso, este ato destrutivo produzia em si mesmo um poderoso efeito psicológico, capaz de reforçar a sujeição dos asiáticos e a sua lealdade a Alexandre contra os Espartanos e outras ameaças de rebelião. No entanto, havia também outra versão, ecoada no testemunho de Plutarco (*Alex.* 38), segundo a qual a decisão de queimar o palácio fora tomada sob a influência de Taís (uma famosa cortesã ateniense) num momento de imponderação, por um Alexandre toldado pela bebida, que rapidamente se arrependeu do passo que acabara de dar. O mais provável, porém, é que o gesto tenha sido premeditado e que esta segunda versão seja apenas uma forma de romancear um acontecimento que resultou na destruição de uma das maravilhas arquitetónicas do mundo antigo. De resto, não é improvável que, antes do incêndio, Alexandre tivesse aberto o palácio à pilhagem desordenada dos Macedónios, como é sugerido pelo facto de muitos pequenos objetos de ouro e de pedras preciosas terem ficado esquecidos no chão, como se depreende das escavações arqueológicas²⁶.

²⁶ Hammond 1997: 114-5. Plutarco (*Alex.* 38.6-7; cf. 24.1-3) declara também que os macedónios insistiram na destruição do palácio, porque pensavam que esta decisão exprimia a intenção de Alexandre de regressar a casa, em vez de ficar entre os bárbaros. Mais adiante (*Alex.* 40.2), diz-se que o próprio Alexandre teria criticado (ainda que apenas um tanto ligeiramente) os seus companheiros por terem adotado uma forma de vida luxuosa, comparável à dos bárbaros que haviam derrotado.

3. ALEXANDRE E O CAMINHO EM DIREÇÃO AO COSMOPOLITISMO

Após os acontecimentos referidos na secção anterior, a coligação pan-helénica tinha atingido os principais objetivos que, em primeira linha, justificaram a sua intervenção: como *hegemon* dos Gregos, Alexandre assegurara a libertação das cidades gregas da Ásia Menor e a vingança contra os Persas. Prova de que o primeiro objetivo fora concluído pode encontrar-se na decisão de Alexandre de dispensar os aliados no ano de 330, em Ecbátana, embora muitos veteranos tivessem decidido permanecer²⁷. Isto não significava necessariamente que tivesse abandonado em definitivo os ideais pan-helénicos, que poderiam ser-lhe úteis novamente, se necessário²⁸. Contudo, a partir desta altura Alexandre acabaria por mostrar-se cada vez mais permeável à influência oriental, assumindo, portanto, uma atitude que estava de certa forma em desacordo com a propaganda da unidade dos Gregos contra os bárbaros. No entanto, contribuiria para a gradual fusão étnica e cultural de gregos e asiáticos²⁹, abrindo assim o caminho para o cosmopolitismo da era helenista. Esta é uma questão complexa e muito debatida, que está para além do âmbito deste estudo, mas vale a pena evocar alguns dos sinais exteriores desta mudança e também as reservas que terá inspirado entre os Gregos, especialmente entre os veteranos macedónios.

Apesar do facto de Aristóteles – um dos mestres de Alexandre – ter expressado a opinião de que os Gregos eram superiores aos bárbaros³⁰, o facto é que o

²⁷ Arriano, 3.19.5-6; Diodoro, 17.74.3.

²⁸ Flower 2000: 115-35, sustenta, com algum excesso de boa vontade, a perspetiva de que o ideal pan-helénico teria permanecido em grande parte intacto.

²⁹ Por duas vezes, Plutarco refere-se a Alexandre como representante de ‘Europa’ enquanto conceito geográfico e cultural, estabelecendo assim uma correspondência direta entre Macedónio/Grego e Europa: ‘Ái Alexandre disse, em ar de troça: ‘É este o homem, meus senhores, que se preparava para atravessar da Europa para a Ásia’ (*Alex.* 9.10: «ὁ δ’ Ἀλέξανδρος ἐφουβρίζων οὗτος μέντοι» εἶπεν «ἄνδρες εἰς Ἀσίαν ἐξ Εὐρώπης παρεσκευάζετο διαβαίνειν, ὃς ἐπὶ κλίνην ἀπὸ κλίνης διαβαίνων ἀνατέτραπται»), ‘é desse modo que os reis inteligentes ligam a Ásia à Europa, o mesmo que tropeça apenas para passar de um leito para outro’ (cf. *De Al. Magn. Fort.* 329E9: οὕτως ἔμφορον βασιλεῖς Ἀσίαν Εὐρώπῃ συνάπτουσιν). Além destas, as poucas vezes que encontramos este termo em Plutarco (mais 10 vezes) é também geralmente por oposição à Ásia: e.g. *Plut. Them.* 16.3, 16.4, *Per.* 17.1, *Arist.* 9.5, *Pyrr.* 12.3, *Pomp.* 45.5, *Cons. ad Apoll.* 121D1-5, *Adv. Col.* 1114B7, com exceção da passagem no *De exilio* 607B10, em que a oposição é com a Fenícia/Foivniξ. A mesma aceção de ‘Europa’ já se verificava, de resto, em Heródoto e em Tucídides, ou seja, também nestes autores os contextos de ocorrência do termo Εὐρώπη são também contextos de oposição entre Europa e a Ásia, no caso o Império Persa: e.g. *Her.* 1.4.4; 1.4.15, 1.103.16, *inter alia*, *Thuc.* 1.89.2, 2.97.5, 2.97.2, sendo que, nas duas últimas referências, o polo oposto é o reino Odrísio (conjunto de tribos trácias). Nota-se assim a baixa frequência deste termo em historiadores em que o ‘outro’ nunca chega a ocupar uma posição de relevo, como acontece com Tucídides (3 ocorrências) ou Plutarco (12 ocorrências), por oposição a Heródoto (53 ocorrências), em que os paralelos entre os Gregos e os Persas são uma constante ao longo da obra.

³⁰ E.g. *Pol.* 1252b. Plutarco sustenta (*Alex.* 8.4) que Alexandre, com o passar do tempo, se tornaria de alguma forma mais distante de Aristóteles, embora ainda o apreciasse; este pormenor

jovem rei logo mostrou um desejo de aplicar medidas conciliatórias, motivado ora por um simples pragmatismo político, ora talvez mesmo por uma convicção crescente³¹. É provável que a realidade envolvesse uma combinação em graus variáveis destes dois fatores, mas mesmo assim é certo que várias das medidas de Alexandre resultaram numa promoção eficaz de uma fusão progressiva entre gregos e asiáticos³².

Isto reflete-se, por exemplo, na distribuição de funções administrativas, repartidas entre os macedónios em quem o rei confiava (geralmente recrutados entre o seu círculo de pessoas mais próximas), mas também entre os persas que eram mantidos como sátrapas; na decisão de permitir que Ada de Halicarnasso o adotasse como filho (*Alex.* 32.7)³³, ou na forma como demonstrou respeito para com a mãe e esposa de Dario (*Alex.* 21.1-3; 30.1-10). Formalmente, Alexandre perfilharia também aspetos do vestuário e protocolo persas, sendo o mais controverso a tentativa de implementar o ritual da *proskynesis* ('prostração, obediência'). Muito tem sido especulado em relação ao simbolismo desta cerimónia, embora pareça errado ligá-la a uma simples estratégia de deificação da parte de Alexandre, como argumentam algumas fontes. De facto, os Persas usaram o ritual como uma forma de reverência estatutária sem necessariamente implicar – mesmo quando era dirigido ao soberano – a ideia de que era equivalente à adoração de um deus³⁴. No entanto, o mesmo ritual que na perspetiva de um persa representava simplesmente um cerimonial antigo, para um grego simbolizava uma humilhação,

pode sugerir que Alexandre também se tornaria progressivamente mais distante dos seus ensinamentos. Guthrie 1981: 36-43 acredita que o comportamento do antigo discípulo para com os bárbaros poderá ter, de alguma forma, chocado Aristóteles. Esta 'viragem' relativamente aos ensinamentos do mestre, bem como a circunstância de Calístenes (um aluno e sobrinho de Aristóteles, que acompanhou Alexandre em campanha) ter acabado por morrer no contexto da oposição ao ritual da *proskynesis* (*Alex.* 54.3), explicam o facto de a figura de Alexandre se ter tornado algo odiosa para o *Peripatos*, embora não seja certo que o efeito sobre Aristóteles tenha sido o mesmo. Em todo o caso, há que reconhecer que a natureza exata dos ensinamentos de Aristóteles e a influência que poderão ter tido sobre a atuação ética e política de Alexandre são muito incertas e, já desde a Antiguidade, objeto de grande especulação. Para um estudo recente sobre esta matéria, vide Gómez Espelosín 2019. Sobre a educação de Alexandre em geral, vide síntese de Silva 2019: 31-6.

³¹ O problema das verdadeiras intenções de Alexandre continua a suscitar controvérsia entre os estudiosos e tem raízes distantes no tempo. Vide Tarn 1933 e Badian 1958, para um exemplo de duas visões clássicas e completamente opostas do suposto 'sonho' de Alexandre de construir uma humanidade fraterna. Para uma análise crítica geral da forma como os diferentes 'Alexandres' foram sendo plasmados pela historiografia, em especial a partir do séc. XIX, e a maneira como os académicos produziram as suas narrativas utilizando as fontes antigas, vide volume coordenado por Antela-Bernárdez & Mendoza 2023.

³² Para um conceito das fontes que abordam a relação entre Alexandre e os bárbaros, vide Heckel & Yardley 2004: 175-88.

³³ Sobre o significado político e estratégico da adoção de Alexandre por Ada, vide Bosworth 1988: 49, 229-30; Carney 2005; Sears 2014.

³⁴ Heródoto (1.134) explicava nesses termos a lógica que assistia ao ritual da *proskynesis*.

porque só os deuses podiam ser dignos de *proskynesis*. Assim, Alexandre acabaria por enfrentar a resistência de Gregos e Macedónios, embora a sua intenção pudesse ter sido apenas a de colocar todos os seus súbditos numa posição semelhante em relação ao soberano³⁵.

Planos idênticos de fusão étnica e cultural motivaram provavelmente a promoção de casamentos mistos entre gregos e asiáticos (em Susa, em 324), envolvendo quase uma centena de *hetairoi* e *philoí* de Alexandre, e mulheres nativas de elevado estatuto. As cerimónias foram patrocinadas diretamente pelo soberano³⁶. Com esta iniciativa, Alexandre pretendia certamente reforçar a justeza da sua reivindicação do trono dos Aqueménidas, mas afigura-se provável que visasse também criar uma nova geração de governantes, originada pela fusão de dois blocos étnicos tradicionalmente inimigos. O mesmo objetivo estava por detrás da fundação de novas cidades, que não só permitiria a fixação de populações nómadas e potencialmente perigosas, como também facilitaria a coexistência pacífica entre guarnições e a população local, transformando estes centros urbanos em focos de irradiação cultural e vitalidade económica da Grécia³⁷.

Um raciocínio semelhante justifica a decisão de industrializar jovens nativos asiáticos na língua e nas táticas militares dos vencedores (*Alex.* 47.5-6):

οὕτω δὴ καὶ τὴν δίαίταν ἔτι μᾶλλον ὠμοίου τε τοῖς ἐπιχωρίοις ἑαυτὸν, ἐκείνους τε προσῆγε τοῖς Μακεδονικοῖς ἔθεσιν, ἀνακράσει καὶ κοινωνίᾳ μᾶλλον δι' εὐνοίας καταστήσεσθαι τὰ πράγματα νομίζων ἢ βία, μακρὰν ἀπαίροντος αὐτοῦ. διὸ καὶ τρισμυρίους παῖδας ἐπιλεξάμενος ἐκέλευσε γράμματα τε μαθάνειν Ἑλληνικὰ καὶ Μακεδονικοῖς ὄπλοις ἐντρέφεσθαι, πολλοὺς ἐπιστάτας καταστήσας.

Chegado a este ponto, ajustou mais ainda o seu estilo de vida ao padrão local, ao mesmo tempo que procurava adaptar os usos orientais aos dos Macedónios, convencido de que, na sua ausência, era mais pela fusão e pela confluência do que pela força que conseguiria uma estabilidade política baseada na harmonia. Foi também por essa razão que selecionou 30.000 rapazes e deu instruções para que aprendessem o grego e a manejar as armas macedónias, nomeando uma série de instrutores para esse projeto.

Com esta iniciativa, à semelhança do bom legislador helénico³⁸, Alexandre estava de facto a estabelecer um sistema centralizado de educação, destinado a

³⁵ Cf. Plutarco, *Alex.* 41.1; 74.1-3.

³⁶ Foi então que casou com a Estatira, filha de Dario III. De acordo com Plutarco (*Alex.* 70.3), a cerimónia contou com a presença de nove mil convidados, todos eles homenageados com presentes.

³⁷ Hammond 1989: 264-7. De acordo com Plutarco (*De Al. Magn. Fort.* 328e), Alexandre teria fundado setenta novas cidades.

³⁸ *Vide* p. 105 acima.

formar na cultura grega e nos conhecimentos militares macedónios os jovens asiáticos mais promissores. O nome dado a estes trinta mil *paides* era bastante significativo: de facto, ao chamar-lhes *Epigonoí* ('os descendentes' ou 'a nova geração'), estava a levar à prática o projeto de os tornar no pilar da nova realidade política e militar, a ponto de poderem substituir as falanges macedónias, se por algum motivo fosse necessário³⁹. Este ponto, precisamente, constituía uma nota de preocupação para os veteranos de Alexandre. Os primeiros sinais de descontentamento foram sentidos em vários quadrantes. Um exemplo notável é a morte prematura do seu amigo Clito⁴⁰, por ter manifestado em público aqueles medos que eram partilhados por muitos outros companheiros: o abandono das tradições macedónias; o crescente autoritarismo que tinha afastado Alexandre do círculo mais próximo dos seus velhos amigos; a pretensão de ser o filho do deus Ámon. Razões idênticas levaram alguns *hetairoi* e Calístenes, em particular, a oporem-se à introdução da *proskynesis*⁴¹.

A situação atingiu proporções de alarme quando, em fevereiro de 324, numa altura em que o exército ainda estava estacionado em Susa, os *Epigonoí* foram apresentados a Alexandre, com a galhardia e o garbo próprios de quem tinha acabado de terminar quatro anos de treino. E assim, quando no Verão desse mesmo ano, em Ópis, Alexandre anunciou numa reunião a decisão de enviar de volta à Macedónia aqueles veteranos que, depois de generosamente recompensados, já não estavam aptos para campanhas tão duras, em vez da alegria esperada quase teve de enfrentar um motim (*Alex.* 80.1-9). O fosso de entendimento entre as expectativas de Alexandre e as dos Macedónios mostra que ele já não estava tão próximo dos seus soldados como antes e que eles alimentavam ressentimentos antigos em relação à sua progressiva orientalização. O rei acabou por resolver a tensão e cerca de dez mil veteranos embarcariam no caminho de regresso a casa. Antes disso, porém, Alexandre não desperdiçou a oportunidade de celebrar uma

³⁹ Em contraste e por zombaria, os Macedónios chamavam a esses jovens os 'dançarinos pírricos' (*Alex.* 71.3: πυρρικήστᾶς).

⁴⁰ Plutarco, *Alex.* 50-51; Arriano, 4.8.1-9.4; Cúrcio Rufo, 8.1.19-2.10. Esta morte abalaria profundamente Alexandre, porque ocorreu numa altura em que o governante tinha perdido o controlo de si próprio, num ataque de raiva impulsionado pelos combates e pelo excesso de bebida. *Vide* Chrysanthou 2019, para uma análise sobre a forma como a narrativa de Plutarco faculta um repertório de reflexões que aprofundam a compreensão do caráter de Alexandre e das ações moralmente desconcertantes por ele tomadas.

⁴¹ Plutarco, *Alex.* 54.2-55.4; Cúrcio Rufo, 8.5.5-6.1; Justino, 12.7.1-3. Stadter 2015: 78 argumenta que a hostilidade e violência de Alexandre contra Filotas, Clito, Calístenes e outras pessoas que lhe eram próximas, bem como a sua defesa das práticas bárbaras, revelam traços bárbaros do seu caráter, apesar dos ensinamentos que tivera de Aristóteles. E isso leva-o a formular esta questão programática que seria colocada por Plutarco nesta biografia em particular: «could Alexander conquer himself as well as the external enemy, that is, could he conquer the barbarian within himself?»

grande festa de reconciliação, à qual assistiram muitos convidados, incluindo Macedónios, Gregos, Persas, além de representantes de outras etnias asiáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É provável que as decisões tomadas por Alexandre ao longo deste trajeto temporal e espacial fossem resultado da constatação de que a sua autoridade estava a ser minada, pelo que não é impensável supor que a política de abordagem étnica tenha sido concebida, em primeiro lugar, como forma de assegurar a estabilidade do seu governo, desta maneira reduzindo um potencial risco de revolta. Mesmo assim, a política asiática de Alexandre conduziu efetivamente a uma aproximação prática de gregos e asiáticos na partilha do governo e da administração de um vasto território. E desta forma, é inegável que, tendo começado com uma experiência pan-helénica que o levou, como *hegemon* da Hélade, mais longe do que qualquer outro grego antes chegara, Alexandre – ou talvez o *retórico* Alexandre concebido por Plutarco – evoluiu para uma inovadora expressão política de fusão étnica e cultural, em que a *homonoia* e a *koinonia* eram o elo mais forte. Intencionalmente ou não, estes princípios, que surgiram como resultado de mudanças produzidas ao longo do tempo e potenciadas pela sua disseminação num amplo espaço, acabariam por se tornar a base do cosmopolitismo do período helenístico.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Antela-Bernárdez, B. & Mendoza, M. (coords.) (2023), *Historiographical Alexander: Alexander the Great and the Historians in the nineteenth and twentieth Centuries*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Badian, E. (1958), «Alexander the Great and the unity of mankind», *Historia* 7: 425-44.
- Baldry, H. C. (1959), «Zeno's ideal State», *JHS* 79: 3-15.
- Bosworth, A. B. (1988), *Conquest and Empire. The Reign of Alexander the Great*. Cambridge: University Press.
- Carney, E. (2005), «Women and *Dunasteia* in Caria», *AJPh* 126.1: 65-91.
- Chrysanthou, C. S. (2019), «Reading history ethically: Plutarch on Alexander's murder of Cleitus (*Alex.* 50-52.2)», *Ploutarchos*, n.s. 16: 45-56.
- Ferreira, J. R. (1992), *Hélade e Helenos. I – Génese e evolução de um conceito*. Coimbra.
- Flower, M. (2000), «Alexander the Great and Panhellenism», in A. B. Bosworth & E. J. Baynham (eds.), *Alexander the Great in Fact and Fiction*. Oxford: University Press, 96-135.
- Gabba, E. (1984), «The *collegia* of Numa: problems of method and political ideas», *JHR* 74: 81-6.

- Gómez Espelosín, F. J. (2019), «Aristóteles, Alejandro y la *politeía* griega», *Gerión*, 37.2: 343-62.
- Guthrie, W. K. C. (1981), *A History of Greek Philosophy. Vol. VI*. Cambridge: University Press.
- Hammond, N. G. L. (1989), *Alexander the Great. King, Commander and Statesman*. Bristol: Classical Press.
- . (1997), *The Genius of Alexander the Great*. London: Bloomsbury Academic.
- Heckel, W. & Yardley, J. C. (2004), *Alexander the Great. Historical Sources in Translation*. Malden: Blackwell.
- Koulakiotis, E. (2008), «Greek lawgivers in Plutarch: a comparison between the biographical Lycurgus and the rhetorical Alexander», in A. Nikolaidis (ed.), *The Unity of Plutarch's Work: 'Moralia' Themes in the 'Lives'. Features of the 'Lives' in the 'Moralia'*. Berlin: Walter de Gruyter, 237-53.
- Laks, A. (1990), «Legislation and demiurgy: on the relationship between Plato's *Republic* and *Laws*», *CAnt*. 9: 208-29.
- Laks, A. (2000), «The *Laws*», in C. Rowe & M. Schofield (eds.), *The Cambridge History of Greek and Roman Political Thought*. Cambridge: University Press, 258-92.
- Lane, M. (2010), «Persuasion et force dans la politique platonicienne» (tradução francesa de Dimitri El Murr), in A. Brancacci *et alii* (eds.), *Aglaïa: autour de Platon. Mélanges offerts à Monique Dixsaut*. Paris: Vrin, 133-66.
- Lane, M. (2012), «Founding as legislating: the figure of the lawgiver in Plato's *Republic*», in L. Brisson & N. Notomi (eds.), *Dialogues on Plato's Politeia*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 104-14.
- Leão, D. (2012), *A Globalização no Mundo Antigo: do 'polites' ao 'kosmopolites'*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Leão, D. (2019), «Anacharsis: la sagesse atypique de l'étranger avisé», in D. Leão & O. Guerrier (eds.), *Figures de sages, figures de philosophes dans l'œuvre de Plutarque*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 57-70.
- Leão, D & Rodrigues, A. (2022), «Evolução no tempo e no espaço: Plutarco e a ação de Alexandre perante os bárbaros derrotados», in F. Lourenço & S. M. Pereira (coord.), *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva. Vol. I*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 299-320.
- Liparotti, R. M. (2014), «Dioniso e ira unidos num crime: a subversão da *arete* de Alexandre Magno», in F. de Oliveira, M. de Fátima Silva & T. V. R. Barbosa (eds.), *Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 171-88.
- Liparotti, R. (2017a), *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno. Tradução do Grego, introdução e comentário*. Coimbra e S. Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume.

- Liparotti, R. (2017*b*), «Alexandre rei-filósofo: da Filosofia à prática», *Ploutarchos* n.s. 14: 47-68.
- Mossman, J. (2006), «Travel writing, history, biography», in B. McGing & J. Mossman (eds.), *The Limits of Ancient Biography*. Classical Press of Wales: Swansea, 281-303.
- Morrow, G. (1953), «The demiurge in politics. The *Timaeus* and the *Laws*», *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* 27: 5-23.
- Morrow, G. (1960), *Plato's Cretan City. A Historical Interpretation of the 'Laws'*. Princeton: University Press.
- Neschke-Hentschke, A. (1995), *Platonisme politique et théorie du droit naturel*. Louvain: Peeters.
- Nikolaidis, A. G. (1986), «Ἑλληνικός – Βαρβαρικός: Plutarch on Greek and barbarian characteristics», *WS* 99: 229-44.
- Pelling, C. (2011), «Plutarch's method of work in the Roman *Lives*», in *Plutarch and History*. Swansea: Classical Press of Wales, 1-44. [publicação original de 1979]
- Pelling, C. (2016), «Plutarch the multiculturalist: is West always best?», *Ploutarchos* 13: 33-51.
- Sears, M. A. (2014), «Alexander and Ada reconsidered», *CPh* 109: 211-21.
- Schmidt, T. (2004), «Barbarians in Plutarch's political thought», in L de Blois, J. Bons Ton Kessels & Dirk M. Schenkeveld (eds.), *The Statesman in Plutarch's works*. Leiden-Boston: Brill, 227-36.
- Schofield, M. (2000), «Epicurean and Stoic political thought», in C. Rowe & M. Schofield (eds.), *The Cambridge History of Greek and Roman Political Thought*. Cambridge: University Press, 435-56.
- Silva, M. F. & Brandão, J. L. (2019), *Plutarco. Vidas Paralelas: Alexandre e César. Tradução do Grego, introdução e comentário*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sorabji, R. (2006), *Self: Ancient and Modern Insights about Individuality, Life, and Death*. Oxford: Clarendon Press.
- Stadter, P. (2015), «Barbarian comparisons», *Ploutarchos* n.s. 12: 65-82.
- Tarn, W. (1933), «Alexander the Great and the unity of mankind», *PBA* 19: 123-66.
- Whitmarsh, T. (2002), «Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism», *CQ* 52.1: 174-92.

(Página deixada propositadamente em branco)

ALEXANDRE EM QUINTO CÚRCIO E O PRINCIPADO ROMANO:
UM ESTUDO DE ALLELOPOIESIS

THE ALEXANDER OF QUINTUS CURTIUS AND THE ROMAN
PRINCIPATE: A STUDY ON ALLELOPOIESIS

FÁBIO FAVERSANI¹

Universidade Federal de Ouro Preto
ORCID: 0000-0002-3464-1020

FÁBIO DUARTE JOLY²

Universidade Federal de Ouro Preto
ORCID: 0000-0001-6549-3094

RESUMO: Quinto Cúrcio escreveu uma «vida de Alexandre», possivelmente no século I d.C. O propósito do capítulo é estudar principalmente a relação entre a construção da imagem de Alexandre e o contexto particular de produção da obra, o Principado romano, com suas tensões entre aristocratas e imperadores. Para tanto, desenvolvemos a noção de *allelopoiesis*, que enfatiza uma construção mútua entre passado e presente.

PALAVRAS-CHAVE: Quinto Cúrcio, Alexandre, Principado, *allelopoiesis*

ABSTRACT: Quintus Curtius wrote a «life of Alexander», possibly in the 1st century AD. The purpose of the chapter is to study mainly the relationship between the construction of Alexander's image and the particular context of production of the work, the Roman Principate with its tensions between aristocrats and emperors. Therefore, we build up the notion of *allelopoiesis*, emphasising a mutual construction between past and present.

KEYWORDS: Quintus Curtius, Alexander, Principate, *allelopoiesis*

«Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje.»

Ditado Iorubá

¹ Professor titular de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto. Pós-Doutor pela Universidade de Oxford e pela Universidade de St. Andrews. Trabalho realizado no âmbito do projeto «Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)» (PTDC/LLT-OUT/28431/2017). Bolsista PDE – CNPq. *E-mail*: faversani@ufop.edu.br

² Professor titular de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto. Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo. Trabalho realizado no âmbito do projeto «Liberdade, Escravidão e Cidadania de Augusto a Nero», com o apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade 2, processo 302301/2018-6). *E-mail*: fabio.joly@ufop.edu.br

1. INTRODUÇÃO³

Não se sabe quando a *História de Alexandre Magno* foi escrita. Talvez no final do governo de Calígula ou no início do governo de Cláudio ou, ainda mais tarde, sob Vespasiano. A data de produção da obra, incerta, teria se dado em torno dos meados do século I d.C. A nosso ver, o mais provável é que a obra seja do tempo de Cláudio.⁴

A obra foi composta originalmente em dez livros. Mas perdemos justamente os dois livros iniciais, onde os propósitos do autor e a contextualização da obra deveriam ter sido apresentados de forma clara. Além de não termos este início da obra, faltam-nos também o final do livro V, o início do livro VI e uma parte central do livro X. Sendo assim, jamais saberemos ao certo porque Quinto Cúrcio decidiu escrever uma história de Alexandre Magno e a quem dirigiu a obra. Tampouco temos informações seguras sobre o próprio Cúrcio, como se, por ventura, teria exercido atividades políticas ou militares⁵.

A obra tem o título de uma história, mas se afasta tanto do gênero analítico quanto das histórias mundiais, como a de Diodoro, ou de guerras, como a de Tucídides. Não se trata também de uma biografia. Quanto ao interesse do autor, igualmente nada se pode dizer de seguro. Pode-se opinar que a obra se dirige a uma crítica da orientalização e do luxo, uma reação de um literato escrevendo sob Cláudio e tendo Calígula como alvo (uma vez que, como nos ensina Suetônio, por exemplo, Calígula pretendeu se aproximar de Alexandre) (Suet. *Gaius*. 52), ou de alguém do tempo de Vespasiano, atacando Nero. De todo modo, é seguro dizer que se trata de uma obra que serviria para saudar uma nova era. Mas é também, de maneira mais geral, um elogio ao império e a uma maior centralização do poder no contexto do Principado romano, de modo que a romanização da história de Alexandre, para retomar uma expressão de Werner Rutz⁶, é um elemento importante para a compreensão das ideias políticas presentes no texto de Cúrcio.

O objetivo deste capítulo é apontar algumas reflexões neste sentido, amparando-nos na noção de *allelopoiesis*, que enfatiza uma construção mútua entre passado e presente e, assim, permite aprofundar um ponto já bem notado pela crítica moderna, a saber, de que não há uma representação estável e internamente consistente de Alexandre nas fontes antigas.⁷

³ O presente texto foi publicado anteriormente em Joly, F. D. & Favarsani, F. (2021), «Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado romano: um estudo de *allelopoiesis*», *Phoenix*, 27.2: 97-110.

⁴ Sobre essa questão da datação, e os problemas envolvidos, ver Atkinson 2009: 2-9, que pendente para o tempo de Cláudio. Para um amplo balanço sobre os temas relativos à autoria, datação e fortuna crítica, cf. Biazotto 2018.

⁵ Baynham 2009: 293.

⁶ Rutz 1986: 2355.

⁷ A esse respeito, ver, em especial, Spencer 2002.

2. QUINTO CÚRCIO E O PRINCIPADO

Como naturalmente sai do escopo do presente texto um tratamento abrangente da imagem de Alexandre na Antiguidade e do lugar da obra de Quinto Cúrcio nessa extensa tradição literária,⁸ nosso olhar recairá naqueles processos narrativos conduzidos por Cúrcio que fazem de Alexandre muito mais um homem do século I d.C., um contemporâneo do nosso autor, do que de sua própria época, do século IV a.C. Mais do que uma apropriação do século IV a.C. pelo século I d.C., mais complexo do que aquilo que se diz ser usualmente um uso do passado,⁹ um procedimento analítico que pode se mostrar mais profícuo é aquele que foi conceituado como *allelopoiesis* nos trabalhos realizados por um Sonderforschungsbereich financiado pela Deutsche Forschungsgemeinschaft sob o título SFB 644 «Transformationen der Antike» com sede principal na Humboldt-Universität zu Berlin e atuante entre os anos de 2005 e 2016.¹⁰ O foco desse projeto e dos estudos associados era «o papel constitutivo da Antiguidade no desenvolvimento do sistema científico e na autoconstrução cultural das sociedades europeias»¹¹ modernas. Nossa perspectiva de estudo se afasta do uso dado à *allelopoiesis* por esse grupo, que tomamos como base inicial, como esperamos deixar claro ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Uma definição desse procedimento, no seio das discussões sobre os processos de formação, transmissão e recepção que transformam as tradições literárias, é nos fornecida por estudiosos do tema, para quem:

[a] estreita conexão entre modificação e construção é uma característica essencial dos processos de transformação, que podem ocorrer tanto diacrônica quanto sincronicamente. Tais processos, portanto, levam a algo «novo» em dois sentidos, ou seja, a novas configurações mutuamente dependentes, tanto na cultura de referência quanto naquela de recepção. Essa relação de interdependência, de reciprocidade, será denotada [...] pelo termo *allelopoiesis*, um neologismo formado a partir das raízes gregas *allelon* (mútuo, recíproco) e *poiesis* (criação, geração).¹²

⁸ Uma apresentação inicial do tema da imagem de Alexandre na Antiguidade é Bridges 2018: 23-64. A questão se complexifica ainda mais se formos considerar a igualmente rica tradição numismática da imagem de Alexandre (Dahmen 2007).

⁹ Sobre a perspectiva da recepção e usos do passado na historiografia brasileira sobre a Antiguidade, consultar Silva, Funari & Garraffoni 2020.

¹⁰ Para mais informações sobre esse grupo, ver <https://www.geschichte.hu-berlin.de/en/forschung-und-projekte-en-old/foundmed/dokumente/forschung-und-projekte/sfb-644> (Site da Universidade principal do projeto) e <https://gepris.dfg.de/gepris/projekt/5486176?context=projekt&task=showDetail&id=5486176&> (Site da DFG) – ambos acessados em 08 de dezembro de 2020. Infelizmente, o site do projeto não está mais ativo.

¹¹ Cf. <https://www.geschichte.hu-berlin.de/en/forschung-und-projekte-en-old/foundmed/dokumente/forschung-und-projekte/sfb-644> – acessado em 08 de dezembro de 2020.

¹² Bergemann *et alii* 2019: 9. Ver também Hausteiner, Huhnholz & Walter 2010: 15.

Por essa ótica, ao falar do passado, Quinto Cúrcio de alguma maneira fala de seu próprio tempo e, inversamente, ao pensar sobre seu tempo projeta problemas e perguntas que emolduram, redefinem o que teria sido o passado, no caso o tempo de Alexandre. Nesse ponto, aproximamo-nos da formulação inicial do conceito de *allelopoiesis*. Não podemos dizer se este era o objetivo central da obra, mas Quinto Cúrcio deixa claro que vê paralelos fortes entre o momento que estuda em sua obra, o século IV a.C., e o momento em que escreve, possivelmente o século I d.C. Marilena Vizentin já apontara essa possibilidade de leitura de Quinto Cúrcio, ao pensar paralelos dessa obra com o tratado *Sobre a Clemência*, de Sêneca, no sentido de que o relato curciano permitiria uma análise «da própria governabilidade do império romano, pois Alexandre se apresenta, na obra de Cúrcio, como tópica de discussão não do rei macedônio que era, e sim, do príncipe romano ideal que se desejava forjar»¹³.

Uma passagem chave para pensar as conexões entre o presente romano e o passado macedônico é aquela em que Quinto Cúrcio tece um elogio à condição imperial:

Mas tudo já levava o povo macedônico à guerra civil, pois muitos queriam o poder régio, que é indivisível. Então, começou um violento choque de forças, que depois se dispersaram e, ao se ter o corpo do Estado desconjuntado com mais cabeças do que podia suportar, os demais membros começaram a fraquejar e o império, que pode se manter em pé sob o mando de apenas um, veio abaixo ao serem vários os que queriam sustentá-lo. Por isto, com todo direito e merecimento o povo romano reconhece que deve sua salvação a seu príncipe, o qual, como um novo astro, iluminou a noite que parecia que seria a última. [...] Se os deuses não se opõem, o reino atual prosseguirá a descendência desta mesma casa, se não para sempre ao menos durante muito tempo. (10.9.1-3; 6)

O elogio à centralização do poder condensado na fórmula «insociabile est regnum» encontra ecos em vários autores, como Lucano e Estácio, mas destacamos seu uso por Tácito quando, ao descrever o assassinato de Britânico por Nero, justifica o fratricídio por «antiquas fratrum discordias et insociabile regnum aestimantes» (*Ann.* 13.17.1-2). O eco do rei-solar também pode ser encontrado em muitas partes, mas destacaríamos o uso desta imagem por Sêneca para descrever Nero como sucessor de Cláudio no *Sobre a clemência* (8.4).¹⁴ Assim, Quinto Cúrcio usa Alexandre, de algum modo, para reforçar uma constatação que se construiu ao longo de reinado após reinado no principado Júlio-Cláudio: o poder centralizado era desejável não por si mesmo, mas porque a alternativa a ele era a guerra civil e a dissolução do Império.

¹³ Vizentin 2009: 162.

¹⁴ Trata-se de um *topos* frequente nos panegíricos imperiais, de modo que não se pode argumentar a partir da passagem de Cúrcio uma provável alusão a Nero, como lembra Fears 1976.

Na passagem que citamos anteriormente, Quinto Cúrcio afirma que o governo não poderia ter muitas cabeças, pois sucumbiria sob o peso da poliarquia, que é apresentada como uma deformidade. Nesse passo, evidencia a qualidade do Principado não por seus méritos, mas pelo desastre que seria escapar a ele. Nesta perspectiva, o foco do elogio de Quinto Cúrcio não está na chefia militar que pode instituir o império, mas em um governo civil, que deve mantê-lo. A ideia do rei-solar, tanto para Quinto Cúrcio quanto para Sêneca, não está ligada a um rei que institui a paz pela força das armas, como um Alexandre, um Júlio César ou um Augusto, mas por evitar que elas cheguem a ser usadas. Isto aponta para um problema importante na obra de Quinto Cúrcio na medida em que ele indica que o maior fracasso de Alexandre foi a sua incapacidade de constituir uma casa que lhe sucedesse. E, ao falar de Alexandre, está tratando muito diretamente sobre o que se passava no Principado. O problema que nosso autor parece investigar é, mais do que como se constituiu um império, como esse pode ser duradouro. Em outras palavras, importa-lhe talvez não tanto as conquistas de Alexandre, mas a sua perda.

O aspecto da casa governante aparece de forma bem clara no problema da sucessão de Estratão, rei de Sídon. A cidade se submeteu a Alexandre por vontade de seus cidadãos e não por desejo de seu rei, que era fiel ao rei persa e que daria combate a Alexandre se tivesse apoio para isto. Sabedor disto, Alexandre ordena que seu general Heféstion substitua o rei. O general tinha por hóspedes dois jovens importantes na cidade e pergunta a eles qual gostaria de ser rei. Eles explicam ao comandante de Alexandre que, segundo o costume local, só poderia ser rei quem fosse membro da família real. Heféstion elogia os jovens por recusarem o trono que outros buscavam conquistar pela força e pela espada e diz: «Parabéns para vocês que foram logo se dando conta que é mais importante recusar o trono do que aceitá-lo» (4.1.18).

Esse é um problema típico do Principado, na verdade. A falta de moderação de certos aristocratas que pretendiam o poder imperial sempre levava a conspirações e essas conspirações invariavelmente levavam a muitas mortes, quer aquelas promovidas pelo poder estabelecido para se manter quando a conspiração fracassava, quer para retirar do poder o governante e alguns dos que lhe eram próximos quando era bem sucedida. Aqui, temos claramente colocado o tema da moderação, que é um problema do Principado projetado no passado que se estuda.

Outro fator muito importante na narrativa de Quinto Cúrcio é a transformação de Alexandre. O rei vai se modificando pouco a pouco e, no geral, para pior. Este ponto, uma vez mais, nos traz um Alexandre do Principado. À época em que a obra foi escrita, já tínhamos passado por um governo de Tibério, que a princípio vai bem, mas depois cai nas mãos de Sejano e assiste o príncipe deixar Roma e se retirar para Capri em 27, com a aristocracia sofrendo com sucessivas ondas de perseguição no interior da própria aristocracia. Primeiro com Sejano, procurando ascender, e depois com Tibério, perseguindo os que apoiaram Sejano. O assassinato

de Tibério traz a ascensão de Calígula, jovem promissor que busca instituir uma nova era. Mas rapidamente Calígula sofre um enorme desgaste com a aristocracia que vai gerar uma perseguição sangrenta que acaba com o seu próprio assassinato. Um novo momento de restauração vem com Cláudio – e cremos que este que é saudado por Quinto Cúrcio na passagem que citamos anteriormente, ou seja, que ele seria o astro que acaba com a escuridão. Mas se a obra não é da época de Cláudio, mas de Vespasiano, nosso autor teria sido testemunha das mudanças no governo de Cláudio até a crise da separação de Messalina e depois a longa crise com Agripina e a construção da ascensão de Nero, mais um governo de restauração tendo um jovem à frente e que se transformará até acabar no desastre da guerra civil. Assim, claramente, a transformação de um bom governante em mau governante é um tema central para a aristocracia Júlio-Cláudia. Afinal, este fenômeno não se tratava mais de uma eventualidade, mas de uma constante.¹⁵

Esta transformação de bom a mau governante nunca se faz por completo e ainda menos de imediato, e Quinto Cúrcio sinaliza isto de forma muito interessante através da imagem do uso de dois anéis por Alexandre. Diz ele: «As cartas que enviava à Europa as selava com a gema de seu anel habitual; as que enviava à Ásia, com o anel de Dario, deixando bem claro que um só espírito não pode seguir dois destinos» (6.6.6). Não há como resistir à imagem de que os imperadores Júlio-Cláudios assumiram o governo com o anel de Alexandre e acabaram morrendo invariavelmente com o anel de Dario em seus dedos.

3. QUINTO CÚRCIO E A ARISTOCRACIA

Mas o aspecto dinâmico que nos parece mais importante nessa transformação de Alexandre e, igualmente, em um sólido paralelo construído por Quinto Cúrcio entre o tempo estudado e o tempo vivido é o papel da adulação promovida pelos que cercam o rei para que ele se transforme em algo pior do que era inicialmente. Este fenômeno é apresentado por Quinto Cúrcio de forma marcante no livro IV, quando Alexandre chega ao Egito e o sacerdote o toma por filho de Júpiter. Uma aristocracia sólida, na visão que nos apresenta Quinto Cúrcio, não permitiria que esta transformação ganhasse corpo. Mas como nosso autor apresenta a aristocracia que cercava Alexandre? Vejamos: «Os macedônios, acostumados a um regime monárquico, mas sob uma sombra de liberdade maior do que os demais povos viraram as costas para quem aspirava à imortalidade com mais obstinação do que convinha aos seus próprios interesses e do próprio rei» (4.7.31-32). Da mesma forma, Tácito, nos *Anais* (1.11), retrata Tibério exortando os senadores a não submeterem todas as coisas para um único indivíduo, no caso o

¹⁵ Sobre Tibério e o papel de Sejano, Campos 2019. Para Calígula, consultar Winterling 2011, e sobre Cláudio, Osgood 2011. Para uma visão sintética da evolução desses governos durante a dinastia Júlio-Cláudia, ver Joly & Favarsani 2020.

imperador, pois o ideal seria um compartilhamento das responsabilidades do Estado. O historiador indica assim que o comportamento oposto prevalecia, com os aristocratas no fundo colaborando ativamente para a centralização do poder para que pudessem ter seus interesses pessoais atendidos. A liberdade não existe sob Alexandre, como já não existia sob o Principado. O que se tinha eram sombras de liberdade maior ou menor. Quanto menor a sombra da liberdade, mais próximos os comportamentos do servilismo, da adulação e, portanto, da própria ruína de um poder soberano verdadeiro. Regime monárquico sob uma sombra de liberdade poderia ser uma descrição acabada do Principado, como sabemos.¹⁶

Uma boa elite e um bom rei geram uma interação positiva e o contrário também vale: um mau rei sustentado por uma aristocracia sem valor tende a fazer este rei cada vez pior e essa aristocracia cada vez mais perdida. Exemplar disto é o tratamento que recebe Filotas de parte de Alexandre por não se adequar ao governo de um filho de deus. A fórmula usada por Filotas para saudar a notícia dada por Alexandre é eloquente. Diz ele que felicitava Alexandre por ter sido acolhido na lista dos deuses, mas que se compadecia das pessoas que seriam submetidas a uma pessoa que sobrepassava a condição humana (6.9.18). Dizer a verdade pode desagradar o rei. Desagradar o rei pode levar à morte. Esse temor à morte faz com que os reinos decaiam. No relato de Quinto Cúrcio este momento crítico se apresenta após o assassinato de Clito por Alexandre. Ele diz: «O que mais o comovia era o fato de ver atônitos a todos seus amigos. Doravante, ninguém ousaria manter uma conversa com ele. Teria que viver em solidão, como fera selvagem: aterrorizando os outros, os outros temendo» (8.2.7). Tem-se aqui uma provável alusão à conduta de Calígula, que depois será retomada nas representações de Domiciano como tirano recluso e cruel.¹⁷ Mais uma vez, Quinto Cúrcio, ao investigar Alexandre, mostra a natureza do Principado, mas, inversamente, só se mostra atento a certos aspectos de Alexandre porque vivia sob o Principado. Nesse processo de *allelopoiesis*, transformava simultaneamente a forma como via o Principado e o período de Alexandre.

Isto nos leva a perceber que nosso autor se concentrava no diagnóstico de que a sucessão de reis que se transformam em maus governantes, ainda que comecem como portadores da restauração da paz e da liberdade, não se pode atribuir a seus defeitos apenas. O que explica a transformação de imperadores tão distintos como Tibério, Calígula, Cláudio e Nero em péssimos governantes é a existência de uma má elite, dada à adulação e muito pronta a viver sob uma sombra cada vez mais estreita de liberdade. A tensão vivida pela elite macedônica ao

¹⁶ Sobre a associação entre adulação e servilismo no tocante à relação entre imperador e aristocratas, ver Joly 2004.

¹⁷ Sobre o retrato negativo de Domiciano, conjugando reclusão e perversidade, ver Dias 2019: 208-18.

longo do processo de transformação de Alexandre é uma característica muito interessante da obra de Quinto Cúrcio. Ele valoriza e elogia a resistência, parece admirar que ela se dê, em geral, de forma silenciosa, quase constrangida. Uma forma usada para transformar os aristocratas é dar-lhes presentes, favores. Assim, diz: «penso que o valor da escravidão não encontra agradecimento nos espíritos livres» (6.6.11). O problema é que predomina não a liberdade, mas a sombra da liberdade. Nesta penumbra, o que mais se vê são aristocratas buscando o salário da escravidão, avidamente. Mas há um limite para a escravidão. A liberdade não é possível, mas, por outro lado, a escravidão mais estrita leva à revolta dos aristocratas. Isto se apresenta bem na justificativa de Hermolau para o fato de ter conspirado: «planejamos te assassinar porque já não nos governa como a livres, mas nos domina como se fossemos escravos» (8.7.1).

Nossa avaliação é que este elemento de crítica à aristocracia é tão forte nas fontes do Principado quanto a crítica aos maus governantes. A presença de maus aristocratas na narrativa do colapso dos diferentes principados é muito forte. Mesmo assim, tem sido ignorada por sucessivas elites modernas que têm preferido ver as aristocracias do passado como pobres vítimas de tiranias. Contudo, é preciso reconhecer que estas aristocracias do passado produziram e se beneficiaram dos maus governos. Os tiranos não governaram sozinhos. Aqueles que governaram com eles foram astuciosos para descomprometer-se com os erros, jogar toda a culpa no tirano e numa ou noutra vítima das disputas aristocráticas e embarcar no governo seguinte e repetir o ciclo. Estudar este fenômeno dos maus aristocratas com o mesmo empenho que foram estudados os maus imperadores ao longo das últimas gerações nos levará a aprender muito sobre o funcionamento do Principado.

4. CONCLUSÃO

Como conclusão, cremos ser possível apontar que Quinto Cúrcio, ao pensar sobre o período de Alexandre a partir do Principado, pode ver de uma forma diferente tanto a época do grande rei macedônico quanto seu próprio tempo. Por *allelopoiesis* o seu presente transformou o passado ao permitir lançar novas questões sobre o tempo antecedente, mas também transformou seu presente ao vê-lo com referência nesse passado. *Allelopoiesis* se apresenta assim como uma alternativa para se pensar o passado como um legado e, ao mesmo tempo, para se tomar esse passado como matéria de uso pelo presente, que o modificaria. Passado e presente se constroem mutuamente. Quinto Cúrcio, ao estudar Alexandre, alterou a forma como esse passado poderia ser visto, ao mesmo tempo em que modificava a forma como via seu presente. O mesmo segue ocorrendo até hoje.¹⁸

¹⁸ Para um exemplo de estudo utilizando o conceito de *allelopoiesis* e refletindo sobre a mobilização de uma tradição que chega até os dias atuais, ver Faversoni 2020.

Cada vez que pensamos ou tratamos do império de Alexandre, nós o modificamos. Modificamos não só a forma como o vemos, mas também como achamos que os outros deveriam tê-lo visto e, assim, modificamos o que ele é para nós (desejando que isto mude o que ele é para os outros, ou que pelo menos modifique a forma como as pessoas se propõem a vê-lo).¹⁹ Assim, pela *allelopoiesis* – que cremos produzir inclusive hoje como historiadores – não modificamos ou deixamos simplesmente de dar importância às fontes, nem para esta ou aquela tradição interpretativa. Quando alçamos à condição de maior ou menor importância certos elementos das fontes e das tradições interpretativas, modificamos a forma de ver e, assim, já não vemos o mesmo que víamos no início do estudo.

Nesse sentido, é importante ressaltar a contribuição fundamental que recebemos de Norberto Guarinello para esse problema ao destacar que a relação entre passado e presente não se dá de modo direto, mas através da mobilização de tradições interpretativas e «formas»²⁰ sem as quais essa construção recíproca não pode ser operada ou ser compreendida por um público erudito ao qual se dedica primariamente. Nesse ponto, afastamo-nos da abordagem proposta pelo grupo de pesquisa alemão que mencionamos ao introduzir o conceito de *allelopoiesis*. O foco desses colegas é perceber a construção mútua entre quadros culturais amplos, qualificados como «culturas iniciais» e «culturas alvo posteriores».²¹ Em nosso caso, damos mais ênfase aos conflitos existentes no interior de cada uma das muitas culturas envolvidas nessa construção recíproca e não as colocamos em relação direta, pois são mediadas por uma tradição que é decisiva. Essa tradição não é unilinear nem unívoca, mas constitui um repertório a partir do qual os autores e seus ouvintes operam seleções, acréscimos e supressões, ou,

¹⁹ Um exemplo interessante disto é o artigo de Rowe 2013 sobre a *auctoritas* de Augusto a partir de uma releitura de Dião Cássio. Se forem considerados os argumentos ali contidos como válidos, a interpretação hoje dominante, que é bem expressa por Martins 2011 e Campos 2019, ambos com argumentos bem construídos e erudita fundamentação na documentação, de que a *auctoritas* acaba expressando uma verdadeira doutrina do Principado precisará ser reavaliada. Isto poderá resultar em uma revisão mais completa e profunda da forma como vemos o Principado, pois teremos uma inflexão na *allelopoiesis*. Mas pode ocorrer que não. Ou bem a inflexão é rejeitada ou bem é simplesmente ignorada, como no caso notório da proposição de Millar 2002 de que deveríamos tratar as assim chamadas «províncias senatoriais» como «províncias públicas». Trata-se de um caso curioso: não há quem discorde de Millar, mas também não há quem adote sua proposição. Por comodidade, a fórmula que todos sabem menos adequada segue sendo usada por ser tradicional e cômoda. Trata-se de acomodação muito mais comum do que em geral gostam de admitir os historiadores, como bem expresso pelo uso conspicuo de *aspas* pelos mesmos em tantas situações, como uma forma de assumir que aquele conceito ou termo não é adequado para a análise, mas será aceito por mera convenção.

²⁰ Além de Guarinello 2003, os capítulos introdutórios do livro *História Antiga* são centrais para essa reflexão que apresentamos aqui (Guarinello 2013).

²¹ Nos termos colocados pelos propositores iniciais do conceito de *allelopoiesis*: «die Ausgangskulturen wie die jeweiligen späteren Zielkulturen». Cf. <https://www.geschichte.hu-berlin.de/en/forschung-und-projekte-en-old/foundmed/dokumente/forschung-und-projekte/sfb-644> – acessado em 08 de dezembro de 2020.

para usar a terminologia dos romanos antigos, *inuentio* e *dispositio*. Desse modo, levamos em conta os recursos retóricos operados na construção de nossas fontes e avaliamos ser fundamental o desenvolvimento das noções de retrato, exemplaridade, tradição, repertório, a par do conceito de *allelopoiesis*, valorizando não apenas o ponto inicial e final dessa construção, mas também a tradição que os liga e as disputas que os envolvem.

Retornando ao caso de nosso estudo, podemos concluir que o Alexandre de Quinto Cúrcio não é simplesmente nem o Alexandre do século IV a.C. nem o Alexandre do século I d.C., mas é uma contribuição para que toda a tradição de leitura de Alexandre que chega até ele, passando por contextos diversos como aqueles das Guerras Púnicas e das Guerras Civis, e retornando até o século IV a.C. que dão sentido tanto ao século I d.C. quanto o contrário. Por este processo de *allelopoiesis*, Quinto Cúrcio dá novo sentido e interpretação tanto ao século IV a.C. quanto ao século I d.C. e a toda a tradição que ele e seus ouvintes possam mobilizar entre um ponto e outro. E, se alguém passar a dar atenção a isto, não estará vendo mais a mesma coisa que via antes, mas por *allelopoiesis* criará algo novo que não modifica as fontes ou as tradições interpretativas, mas as torna mais ricas e mais complexas aos nossos olhos e aos olhos de nossos interlocutores.

Ou seja, o que fez Quinto Cúrcio, e o que me parece que fazemos hoje os historiadores, é isso: *allelopoiesis*.²² Não somos dominados por um passado que nos impõe destinos inescapáveis e nem controlamos nosso passado para reinventá-lo como bem quisermos. Construímos esse passado que nos constrói como resultado e ação simultaneamente de nossos conflitos e lutas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atkinson, J. E. & Yardley, J. C. (2009), *Curtius Rufus. Histories of Alexander the Great, Book 10*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Baynham, E. (2009), «Barbarians I: Quintus Curtius' and other Roman historians' reception of Alexander», in A. Feldherr (ed.), *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 288-300.
- Bergemann, L., Dönike, M., Schirrmeister, A., Toepfer, G., Walter, M. & Weitbrecht, J. (2019), «Transformation: A Concept for the Study of Cultural Change», in P. Baker, J. Helmrath & C. Kallendorf (eds.), *Beyond Reception: Renaissance Humanism and the Transformation of Classical Antiquity*. Berlin/New York: De Gruyter, 9-26.

²² E neste ponto não será demais destacar que a comunidade acadêmica brasileira ainda se mostra muito tímida neste sentido. Para a nossa área de estudos clássicos, por exemplo, é sinal eloquente disto o seguimento (com certo retardo, diga-se) das tendências produzidas alhures. Um exemplo claro nos dias atuais é a adesão muito genérica e pouca crítica aos cânones do pós-colonialismo, como foi tempos atrás a aceitação de pressupostos foucaultianos e assim por diante.

- Biazotto, T. do A. (2018), «Quintus Curtius Dubius: Debates historiográficos em torno da *História de Alexandre*», *Revista Expedições* 9.1: 122-39.
- Bridges, V. (2018), *Medieval Narratives of Alexander the Great*. Woodbridge: Boydell & Brewer.
- Campos, R. da C. (2019), *Entre Roma e Capri: o afastamento de Tibério César como ponto de inflexão política durante seu Principado*. São Leopoldo: Oikos.
- Dahmen, K. (2007), *The Legend of Alexander the Great on Greek and Roman Coins*. London/New York: Routledge.
- Dias, M. Q. (2019), *Imperador ou tirano: comunicação e formas sociopolíticas sob(re) o Principado de Domiciano (81-96)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto.
- Faversani, F. (2020), «Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como *allelopoiesis*», *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 13.33: 375-95.
- Fears, J. R. (1976), «The Solar Monarchy of Nero and the Imperial Panegyric of Q. Curtius Rufus», *Historia* 25.4: 494-6.
- Guarinello, N. L. (2003), «Uma morfologia da História: as formas da História Antiga», *Politeia: História e Sociedade* 3.1: 41-62.
- . (2013), *História Antiga*. São Paulo: Contexto.
- Haustein, E. M., Huhnholz, S. & Walter, M. (2010), «Imperial interpretations: The *imperium romanum* as a category of political reflexion», *MediterrAnt* 12.1-2: 11-5.
- Joly, F. D. (2004), *Tácito e a metáfora da escravidão: um estudo de cultura política romana*. São Paulo: Edusp.
- Joly, F. D. & Faversani, F. (2020), «Os Júlio-Cláudios», in J. L. Brandão & F. Oliveira (eds.), *História de Roma Antiga, Volume II: Império e Romanidade Hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 79-96.
- Martins, P. (2011), *Imagem e Poder. Considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp.
- Millar, F. (2002), «‘Senatorial’ provinces: An institutionalized ghost», in F. Millar (ed.), *Rome, the Greek world, and the East: Vol. 1: The Roman Republic and the Augustan Revolution*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 314-20.
- Osgood, J. (2011), *Claudius Caesar. Image and Power in the Early Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Quinte-Curce (1961), *Histoires*. 2 vols. Trad. H. Bardon. Paris: Les Belles Lettres.
- Rowe, G. (2013), «Reconsidering the *auctoritas* of Augustus», *JRS* 103: 1-15.

- Rutz, W. (1986), «Zur Erzählkunst des Q. Curtius Rufus», in W. Haase (ed.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Teil II, Band 32.4. Berlin: De Gruyter, 2329-57.
- Sêneca (1990), *Tratado sobre a Clemência*. Trad. Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes.
- Silva, G. J. Da, Funari, P. P. & Garraffoni, R. S. (2020), «Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira», *Revista Brasileira de História* 40.84: 43-66.
- Spencer, D. (2002), *The Roman Alexander: Reading a Cultural Myth*. Exeter: University of Exeter Press.
- Tacite (1953), *Annales*. 3 vols. Trad. Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres.
- Vizentin, M. (2009), «Espelhos Contrapostos: Alexandre e o Modelo de Imperador Romano», *Métis (UCS)* 8: 157-66.
- Winterling, A. (2011), *Caligula: A Biography*. Berkeley: University of California Press.

III
AUGUSTO: BIOGRAFIA E A
FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

(Página deixada propositadamente em branco)

**AUGUSTO SEGUNDO FLÁVIO JOSEFO:
UM CONTRIBUTO PARA A BIOGRAFIA DO *PRINCEPS***
**AUGUSTUS BY FLAVIUS JOSEPHUS:
A CONTRIBUTION TO THE BIOGRAPHY OF THE *PRINCEPS***

NUNO SIMÕES RODRIGUES

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos,
Centro de História, Centro de Estudos Clássicos

ORCID: 0000-0001-6109-4096¹

RESUMO: Augusto é um dos príncipes romanos referido por Flávio Josefo, que viveu os últimos dias da sua vida precisamente sob a proteção de Roma e seus imperadores. Apesar de nem sempre a figura do imperador de Roma aparecer na historiografia de Josefo como uma figura ideal ou particularmente amiga dos Judeus (e.g. Gaio Calígula), esse não é o caso de Augusto. Com efeito, Flávio Josefo parece seguir uma tradição que tem Augusto como um bom príncipe, encarnação de virtudes greco-romanas e, sobretudo, protetor das comunidades judaicas e garantia da boa ordem imperial.

PALAVRAS-CHAVE: Flávio Josefo, Augusto, Biografia, Antiguidades Judaicas, Historiografia Helenística

ABSTRACT: Augustus is one of the Roman princes mentioned by Flavius Josephus, who lived the last days of his life under the protection of Rome and its emperors. Although the figure of the Roman emperor does not always appear in Josephus' historiography as an ideal figure or particularly friendly to the Jews (e.g., Gaius Caligula), this is not the case with Augustus. Indeed, Flavius Josephus seems to follow a tradition that views Augustus as a good prince, embodying Greco-Roman virtues and, above all, as a protector of Jewish communities and a guarantor of imperial order.

KEYWORDS: Flavius Josephus, Augustus, Biography, Jewish Antiquities, Hellenistic Historiography

É um facto que as referências a Augusto não são uma prioridade em Flávio Josefo. Quando surge, o nome do imperador vem sempre associado à História de Israel, mais concretamente, associado ao rei Herodes-o-Grande, visto que,

¹ Estudo financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017) do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020 do Centro de História da Universidade de Lisboa; e UIDB/00019/2020 e UIDP/00019/2020 do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Uma primeira versão deste estudo foi publicada como «O retrato de Augusto em Flávio Josefo», in A. A. Nascimento, coord., *De Augusto a Adriano*. Actas do Colóquio de Literatura Latina, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002, 89-102.

ao longo da vida de ambos e tendo como pano de fundo a questão oriental da política romana, as relações entre estes dois homens foram relativamente assíduas². Além disso, são poucas as menções explícitas de Josefo à política interna de Roma, sem implicações com a História de Israel e dos Judeus. No caso de Augusto, são apenas três os acontecimentos que o historiador refere: as batalhas de Filipos (42 a.C.) e Áccio (31 a.C.) e a designação de Gaio, filho de Júlia e Agripa, como herdeiro do poder imperial³. Contudo, há mais de duas centenas de referências a Augusto em Josefo e as informações transmitidas por este historiador parecem-nos ser significativas, visto que possibilitam a percepção da imagem que Josefo, e consequentemente aqueles para quem e ao serviço de quem escreve – os Flávios – terão tido do primeiro imperador de Roma e da sua biografia.

A problemática que se prende com a composição do retrato de Augusto em Josefo passa necessariamente pela questão das fontes: em que se baseou o historiador para o definir?

Uma dessas fontes foi decerto a obra de Nicolau de Damasco. Igualmente presente como personagem histórica na obra de Josefo, Nicolau Damasceno foi tutor dos filhos de Cleópatra VII e, depois, historiador oficial ao serviço de Herodes-o-Grande. Nesta qualidade, sabemos que escreveu uma biografia de Augusto, de que nos chegaram partes significativas⁴. É provável que Josefo tenha colhido nessa obra informações que usou para compor a figura do imperador. Muitas das referências e, consequentemente, a imagem criada por Josefo devem ser suas tributárias. De qualquer modo, isso é em grande parte irrelevante para as conclusões a tirar, visto que nos interessa salientar as ideias que o historiador das *Antiguidades Judaicas* fez passar.

Estudadas as quatro obras atribuídas a Josefo, a primeira questão que colocamos é sobre o posicionamento de Augusto na História de Roma, segundo o olhar do Judeu. E a resposta é clara através da leitura da *Guerra Judaica*, obra em que percebemos que, para o historiador, Augusto é o segundo grande homem da História Romana, logo a seguir a Júlio César, a quem cabe ocupar o primeiro lugar. A posição de Josefo não é, aliás, inusitada, visto que a encontramos noutros historiadores antigos. Ao contrário do que a historiografia contemporânea advoga, Josefo considera Júlio César o primeiro imperador de Roma, apesar de o termo *imperator*, ou a forma grega que lhe é equivalente, *autokrator*, raras vezes aparecer nos escritos joséfcos. Uma dessas vezes, porém, assinala a sucessão de Augusto por Tibério, a quem o historiador se refere como «o terceiro imperador»,

² Rodrigues 1998. A partir de Josefo é também possível elaborar os itinerários de Augusto no Oriente.

³ *BJ* 1.364-88; 2.25; 14.301, 311; 15.109, 121, 161-2, 190; 16.147; 17.229; 18.26; *CA* 2.59.

⁴ *Vide e.g.* Perea Yébenes 2007.

pelo que se deduz que Augusto teria sido o segundo e Júlio César o primeiro⁵. Esta é uma lógica que deriva da filiação direta criada pelo fenómeno romano da adoção, associada ao consulado e ao poder tribunicio. Josefo distingue mesmo Octávio Augusto do seu pai adotivo com alguma subserviência, quando, no *Contra Ápion*, se refere a Júlio César como *ho megas Kaisar* (2.61).

Outra conclusão a que chegamos depois desta análise diz respeito à forma de tratamento usada. Em 93% das referências de Josefo a Augusto, este aparece como «César» (*Kaisar*). Apenas em 6% das vezes surge o título «Augusto» (quer na sua forma grega, *Sebastos*, que na latina transliterada para grego, *Augoustus*). Apenas 1% das vezes diz respeito à forma composta, «César Augusto» (*Kaisar Sebastos* ou *Kaisar Augoustos*). Curiosamente, Josefo nunca trata Augusto pelo *praenomen* «Octávio» ou sequer por «Octaviano». Estes dados são significativos no contexto joséfico. Com efeito, há que não esquecer que o título latino *Augustus* significa «venerável» ou «sagrado». Para um judeu como Josefo, Deus é um só, ainda que essa questão seja complexa na obra do historiador. Assim, como aplicar uma forma de divinização ao imperador de Roma tendo como premissa a existência de um Deus único?

Se analisarmos as vezes que Josefo usa este título para se referir a Octávio, chegamos à conclusão de que elas se repetem quando o historiador se limita a citar documentos oficiais, considerados importantes para a história do seu povo. Com efeito, estes referem-se desse modo ao imperador. Quando Josefo se refere ao imperador já morto, o título de «Augusto» é também mencionado, pois nesses casos estamos perante uma alusão a uma divindade digna de honras, a quem o mundo romano celebra culto. Assim acontece na transcrição do decreto de Augusto em favor dos judeus da Ásia (*AJ* 16.162-5), na do decreto de Agripa em favor dos judeus de Cirene (*AJ* 16.169-70), na do decreto do procônsul Júlio António em favor dos judeus de Éfeso (*AJ* 16.172-3), na do edito de Cláudio em favor dos judeus de Alexandria (*AJ* 19.280-5), na do edito do mesmo imperador em favor dos judeus de todo o Império (*AJ* 19.286-91) e na carta de Petrônio aos homens de Dora (*AJ* 19.303-11)⁶. Na carta de Cláudio aos Judeus do Império, Josefo deixa mesmo passar a expressão «no tempo do deus Augusto» (*tou theiou*

⁵ *AJ* 16.162 e 18.33. Outro termo equivalente é *hegemon*, que aparece em *BJ* 1.20. Contudo, muitas vezes os tradutores de Josefo usam «imperador» para evitar a repetição de «César», que consta do original grego, ou para clarificar o uso do pronome pessoal. Assim acontece com Thackeray, por exemplo, na sua tradução para a *Loeb*, em *BJ* 1.394-7, 414, 510, 524, 536; 2.117, e com J. Vara Donado, na sua tradução para a *Akal*, em *AJ* 15.328, 336.

⁶ Na maioria dos casos, trata-se, portanto, de transcrições de documentação oficial. Neste último documento, as referências a Augusto são ambíguas, podendo referir-se tanto a Octávio, como ao seu neto Cláudio. De um modo geral, estes editos decretam uma série de privilégios para os Judeus, como a permissão para a observação das suas tradições, nomeadamente a do Sábado e o reconhecimento da sacralidade dos seus espaços, alegando-se a sua colaboração com as autoridades romanas.

Sebastou, AJ 19.289). Isso não significa que o historiador a tenha usado por iniciativa própria, mas sim que não a censurou. Estes são, aliás, fatores que podem contribuir para atestar a autenticidade e validade destas transcrições, se se tiver em conta que se está perante um judeu que não interveio no texto, alterando palavras, ainda que estas não lhe fossem de todo convenientes. Josefo reconhece a necessidade da citação destes documentos para mostrar como em tempos idos, como o de Augusto, os Judeus eram tratados com respeito, o que, ao que parece, já não acontecia no seu tempo.

Do mesmo modo, o título que evoca a divindade do imperador é registado no momento da descrição da conjura contra Gaio Calígula, onde se lê que, quando este e a sua comitiva chegaram ao circo para assistir aos jogos, começaram por fazer sacrifícios ao deus seu antepassado (AJ 19.87). Ou quando Josefo sente necessidade de usar termos que marquem uma referência de natureza temporal, como «Quando Augusto era imperador dos Romanos» (*Augoustou me Romaion hegemonuontos*, BJ 1.20). Isto é, estamos perante uma realidade passiva, que Josefo se limita a descrever ou a usar para contextualização do leitor/ouvinte⁷. Outro recurso de Josefo é usar a forma «César Augusto» para o distinguir do seu pai adotivo Júlio César, como faz em *Contra Apião* 2.61. Em síntese, numa descrição em que o imperador surge como personagem ativamente interveniente, o historiador nunca usa o título de «sagrado» para se referir a ele. Isso está, em parte, de acordo com a sua origem e formação judaica⁸.

Por outro lado, o uso do nome «César» tem dois significados para Josefo. Primeiro, o reconhecimento da legitimidade da ascendência de Octávio em relação ao conquistador das Gálias. Segundo, a associação do nome ao exercício

⁷ Uma outra referência em AJ 17.87 joga com o sentido das palavras, quando se refere que Herodes tinha construído um porto em Cesareia, ao qual deu o nome de *Sebastos*, em honra de César, que era quem detinha o título. O mesmo se passa em BJ 1.118, onde se lê que «Augusto e Agripa deram os seus nomes às cidades de Sebaste e Agrípias», ou em BJ 1.613. Em BJ 2.167-8, Josefo usa simultaneamente as duas formas, a grega e a latina, *Augustus* e *Sebastos*, para identificar Lívia como mulher do imperador e para situar um acontecimento no tempo.

⁸ Esta característica de Flávio Josefo repete-se com Tácito. Como conclui Ceaușescu 1974: 190-1: «Tácito nunca se exprime, ao longo dos *Anais*, de uma forma benevolente para com Augusto. Mais, ele nunca designa o imperador com a titulação oficial, portanto tradicional, *diuus Augustus*». Apenas as suas personagens se referem assim ao príncipe ou então fazem-no em situações muito específicas, referidas na nota 27 do estudo de Ceaușescu. As razões de Tácito, contudo, parecem ser diferentes das de Josefo. Será significativo lembrar que quando, durante um espetáculo, o povo de Roma aclamou Augusto como *dominus aequus et bonus*, o imperador terá reagido violentamente e proibido os seus familiares de o tratarem dessa forma, devido à insinuação de sacralidade que aquelas palavras continham. Isso denuncia uma falsa modéstia imperial, e que não é mais do que uma posição politicamente correta. *Vide* Phil. Alex. Leg. 23.4; Suet. Aug. 53.1-2; D.C. 55.12; Tert. *Apol.* 34.1; Oros. 6.22.4. De qualquer modo, devemos referir que, nesta análise, admitimos que no discurso de Josefo não esteja em causa apenas a relação privada de clientela do imperador enquanto *paterfamilias* com os seus clientes, mas enquanto chefe do Estado e, como tal, enquanto detentor de uma titulação oficial. *Vide* ainda Syme 1958; Syme 1959.

do poder político e militar, sintetizado no *imperium*, que se faz efetivamente sentir nos reinos do Oriente, nomeadamente, na Judeia. Para Josefo, se «Augusto» era o inconveniente homem divino, César é o conveniente homem de dominação.

Deste modo, o retrato de Augusto traçado por Flávio Josefo passará a ser o do homem que legitimamente detém o poder, a *potestas* e também a *dignitas*, e o exerce com consciência e justiça. É nessa linha de pensamento que vamos encontrar uma imagem fundamentalmente psicológica do homem de Estado, ao qual se associam virtudes do mundo greco-romano, explícitas por palavras ou implícitas em ações. De acordo com um estudo de M. Rambaud, há dois métodos para a elaboração do retrato bio-histórico: o retrato baseado em atos, epifânico, o que faz a «análise que permite encontrar sob os factos e gestos os traços de carácter, a síntese que os agrupa», e o retrato composto por referências epigramáticas, diretas e intencionais⁹. O Augusto de Josefo parece seguir fundamentalmente a primeira metodologia. O *low profile* do Augusto joséfico ganha significado nessas pequenas, mas importantes referências. Isso, porque não podemos afirmar que o imperador seja uma personagem de protagonismo nesta historiografia. Longe disso. Ao longo de toda a obra, Josefo atribui a Augusto um único discurso direto (BJ 1.391-392), o que nunca acontece com personagens proeminentes da historiografia joséfica¹⁰. Augusto começa por ser uma figura de retaguarda, que aguarda pela sua entrada em cena: antes de Áccio, enquanto o romano por excelência é Marco António, o futuro imperador é ainda somente o «jovem César» (*Kaisari te toi neoi*)¹¹. Ganha Áccio, Augusto avança para o primeiro plano político e torna-se a figura referencial das relações de poder no Oriente hasmoneu.

A sua representação passa fundamentalmente pela do homem-autoridade, a quem se deve recorrer sempre que urja uma decisão política importante. Essa posição começa a funcionar logo após a derrota de António e Cleópatra em 31 a.C. Tendo sido aliado incondicional de António, Herodes reconhece a sua nova situação, politicamente delicada, e não hesita em deslocar-se a Rodes para se apresentar ao novo senhor de Roma. A forma como o faz é paradigmática do sentido de oportunidade política mantido por Herodes ao longo de toda a sua vida. Tendo consciência de que Augusto sabia qual era o grau de intimidade entre si e António, Herodes decide optar pela frontalidade, confessar abertamente as suas relações com o derrotado de Áccio e submeter-se à autoridade do novo príncipe de Roma. Num discurso, significativamente começado com o vocativo *Kaisar!*, com o qual pretende mostrar o reconhecimento da legitimidade política

⁹ Rambaud 1970.

¹⁰ Como por exemplo Abraão, Jacob, José, Saul, David, Salomão ou Ester, entre as bíblicas, ou Herodes-o-Grande, Marco António, Nicolau de Damasco, Antípatro ou Arquelau, entre as da história recente do Israel Antigo.

¹¹ BJ 1.225. O mesmo se insinua em AJ 14.280: *ton neon Kaisara*.

do próprio Augusto, Herodes argumenta as razões da sua posição com uma autêntica lição de retórica. Usando formas de *adulatio*, afirma tudo o que Augusto deseja ouvir, pois é o que ele supostamente é, precisa ou aprova. Desse discurso, salientam-se as seguintes ideias: fidelidade e lealdade de Herodes aos seus amigos; a potencialidade de auxílio que Herodes e a Judeiam significam para Roma; a subjugação simbólica do rei ao depositar a coroa aos pés do *imperator*; e, a mais contundente, a identificação de Cleópatra, a estrangeira, como inimigo comum quer de Roma quer dos Judeus, pois «António estava embotado pela paixão que sentia por Cleópatra e por Deus, que dera a liderança a César»¹². Esta é uma afirmação clara da posição que Josefo mantém em relação a Augusto, de modo que, os actos que serviriam para acusar Herodes serviram para formas a boa-vontade do imperador romano em relação ao rei dos Judeus.

Apesar dos cuidados com a utilização do epíteto «Augusto», contudo, Josefo não se distancia totalmente da realidade que conduziu à instituição do culto imperial. Para o historiador, o príncipe não só é apoiado por Deus como se identifica com Ele. É significativo que Josefo empregue o mesmo vocábulo para caracterizar a entidade divina e o imperador: *hegemon*. Este termo grego serve tanto para designar Deus como chefe da sociedade, como para definir a função de Augusto. O termo *despotes* aplica-se igualmente às duas realidades¹³. Essa identificação expressa-se de uma forma mais plena nas associações do imperador aos deuses gregos. Como nos momentos em que Josefo se refere às obras que o rei da Judeia manda erguer em honra do senhor de Roma, nomeadamente, no templo que edifica em Cesareia e dedica a Augusto, colocando as estátuas que o representam, à sua personalidade divina e a Roma: «Continha uma estátua colossal de César, não inferior à do Zeus Olímpico, que serviu para modelo desta, e uma outra de Roma, que rivalizava com a de Hera em Argos»¹⁴. Josefo refere-se provavelmente à imponente estátua de Zeus, feita em ouro e marfim por Fídias (c. 450 a.C.) para o templo de Olímpia, hoje conhecida apenas pelas citações literárias e que foi considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo da Antiguidade¹⁵. Foi também essa escultura que serviu de modelo à estátua de Júpiter Capitolino, em Roma, e que se associa aqui a Augusto. Por sua vez, a estátua de Roma tivera como modelo a que Policlito fez de Hera, nos mesmos materiais, para o templo de Argos¹⁶. Trata-se de formas de divinização típicas do culto

¹² BJ 1.387-390; AJ 14.161, 167, 187-96. Sobre este episódio, *vide* Rodrigues 1998. *Vide* ainda Rodrigues 2013.

¹³ Em AJ 4.114, 223, lemos «Deus é suficiente como governante (*hegemon*)». Cf. BJ 1.20 e Rodrigues 2000: 223 n. 374.

¹⁴ BJ 1.414; AJ 15.339. Herodes mandou também construir um templo junto às nascentes do Jordão, como se pode ler em BJ 1.404 e AJ 15.364. Sobre a questão do culto de Augusto no Oriente, *vide* Grether 1946, e Kienast 1999: 244-60.

¹⁵ Paus. 5.10.12; 5.11.1-11; Strb. 8.3.30; Rocha Pereira 2009.

¹⁶ Paus. 2.17.4-5; Strb. 8.6.10.

imperial, um *hieros gamos* entre o *Diuus Iulius* e *Diui filius* e *Dea Roma*, identificada com a deusa Hera/Juno, aqui atestada como presente também no Oriente judaico¹⁷. É claro que poderíamos argumentar que se trata de uma crítica velada à atitude de Herodes, que assim trai os princípios religiosos do povo sobre o qual reina. Mas não nos parece que seja esse o caso, pelo modo como, no geral, um e outro são retratados nos textos joséfcos.

A identificação com Zeus faz-se também ao nível textual. Numa cena, que parece ter reminiscências da *Ilíada*, Arquelau cai de joelhos perante Augusto e, como um suplicante (apesar de não se especificar qualquer gesto que aponte nesse sentido), pede silenciosamente compreensão pelo seu caso, tal como Tétis, quando se ajoelha perante Zeus para que ele interceda por Aquiles (*Il* 1.493-530). Josefo conta que o imperador simplesmente o ergueu de uma forma graciosa e achou-o merecedor de tal compreensão (*BJ* 2.37). De igual modo, a descrição da reunião das autoridades romanas em assembleia para ouvirem as propostas dos representantes dos Judeus em Roma ecoa o concílio divino da *Odisseia*, em que Zeus funciona como *Vorbild* de Augusto que coordena os trabalhos¹⁸.

Depois, todo o comportamento de submissão por parte de Herodes em relação a Augusto é não só sintoma da hegemonia de Roma, que se faz sentir já por todo o Mediterrâneo, como o reconhecimento, por parte dos Estados e reis clientes da sua superioridade e dos seus príncipes, o que acaba por associá-los também à imagem da divindade. É isso que transparece nas autorizações e concessões constantes que se pedem e se fazem, a César e por César: Herodes discursa perante o povo de Jerusalém, dizendo que «César o nomeou senhor do reino e árbitro da sua sucessão» e que os seus filhos tinham sido reconciliados pelo príncipe de Roma¹⁹. O que aqui se traduz é a ideia de onipotência, também expressa por «o que Augusto uniu ninguém desuna», porque ele é o «senhor do universo» (*ho tes oikoumenes prostates Kaisar*, *BJ* 1.633) ou «o senhor de todos os homens e nosso mediador» (*panton despotei Kaisari*, *AJ* 16.118). Josefo refere que, na batalha de Áccio, e como manifestação de coragem (*andreia*), Octávio ia competir com António pelo domínio do mundo (*AJ* 15.109). Antípatro acusa Arquelau de subestimar o poder imperial, por considerar César um mero dispensador de títulos e não de realidades, o que de facto não era (*BJ* 2.26). É também Augusto quem investe de autoridade, coroando reis e nomeando sucessores ou formas de sucessão. O imperador designa Herodes tal como Javé designa Saul ou

¹⁷ Sobre esta questão *vide* ainda Zanker 1987: 54-76, 293, 344, 365.

¹⁸ Cf. *Od.* 1.11-95. A imagem do concílio em relação a Augusto é recorrente. Podemos reencontrá-la após a morte de Herodes, para a decisão do seu sucessor, e em que Nicolau de Damasco volta a ter um papel preponderante, em *AJ* 17.230-48, 300-18. Josefo usa o termo *synedrion* para nomear a assembleia. Este termo está também atestado em Heródoto, Xenofonte, Platão, Demóstenes, Ésquines, Políbio e Dionísio de Halicarnasso.

¹⁹ *BJ* 1.458. Outros exemplos da expressão desse poder atribuído a Augusto podem ser lidos em *BJ* 1.393, 474, 483; 2.19-24, 26, 32; *AJ* 17.202, 209, 228-39, 313.

David reis de Israel, expressão da sua *auctoritas*. Recordemos as palavras de Alexandre da Judeia ao pai, no momento do seu julgamento pela acusação de traição: «Ao trazer-nos para Roma e ao fazer de César testemunha, agiu como quem pretende salvar-nos, visto que ninguém com intenção de matar outrem o traz a um santuário ou a um templo» (AJ 16.106) ou que «César era quase tão difícil de enganar com o era Deus» (AJ 17.103). Num outro episódio, Nicolau de Damasco argumenta em favor de uma guerra contra os inimigos de Herodes, afirmando que a justiça da mesma residia no facto de o nome de César, juntamente com os dos outros deuses (sublinhado nosso), ter sido «profanado» (*esebemenou de meta ton allon theon kai tou sou, Kaisar, onomatos*, AJ 16.346). Aliás, fazer guerra a quem César nomeou é o mesmo que mostrar desprezo por Deus (AJ 17.241).

Por conseguinte, Deus e César surgem como duas realidades estruturantes, referenciais e unificadoras no pensamento de Josefo. Uma autoridade real que se expressa historiograficamente pela forma da superioridade de um indivíduo em relação a outros. Basta recordarmos que é sobretudo ele ou membros da sua casa quem decreta editos, regulamentando a ordem no que diz respeito aos Judeus, inclusive a da sua casa, como acontece com a família real judaica (AJ 16.125-6). Augusto é assim também visto como Deus, senhor e salvador do mundo, apesar de, como vimos, raramente se mencionar o nome «Augusto». Esta aparente ambiguidade ou até mesmo contradição é característica do pensamento de Josefo, como verificámos noutras ocasiões²⁰. Se, por um lado, o historiador respeita a ideologia judaica, por outro, não renega as suas culturas de adopção, assumindo assim um comportamento «jânico» perante as realidades problemáticas com que depara. Este parece ser mais um desses exemplos.

Além disso, o Augusto de Josefo é um homem de fé/confiança (*pietas et fides*) e de outras virtudes (*Kaisaros areten kai pistin*, AJ 17.246). Uma das mais importantes de que o Homem Antigo se podia vangloriar era a *pietas*, chamada *eusebeia* pelos Gregos. O Augusto de Josefo é indiscutivelmente um homem piedoso, confirmando a imagem que o imperador tinha cultivado e divulgado durante o seu principado²¹. Os exemplos de piedade, de respeito pelos antepassados e pelos laços de sangue, pela justiça e pela ordem moral são significativos nestes textos. É com esse espírito que avalia o caso da conspiração dos filhos de Herodes, recomendando um castigo exemplar para eles, caso se prove a sua culpabilidade, visto não haver crime pior do que o parricídio, precisamente por ser uma ofensa direta à *pietas*. Daí também que a condição para uma reconciliação de Herodes com os filhos seja que estes «rendam obediência ao pai» (BJ 1.454, 537-8; AJ 16.356; 17.190). Nas *Antiguidades*, lê-se mesmo que a narração da

²⁰ Rodrigues 2000: 290-4.

²¹ Cf. Galinsky 1996: 86-8.

traição dos filhos de Herodes «poluía os ouvidos de César» (AJ 16.94; 112). Aliás, o comportamento de Augusto neste episódio reflete o de um *paterfamilias* que exerce o seu poder sobre a sua casa. Também quando Antípatro faz o seu discurso de declaração de inocência no tribunal, apela ao imperador para que seja testemunha da sua piedade familiar, como que evocando uma qualidade cara ao príncipe. Diz Antípatro: «Roma é testemunha da minha piedade bem como César, o senhor do Universo, que muitas vezes me chamou ‘Filopator’» (i.e., «amigo do pai», BJ 1.633). Do mesmo modo, após ouvir os acusados de envolvimento numa revolta contra Herodes em Jerusalém, Augusto perdoa a todos os envolvidos, exceto àqueles que eram de sangue real, logo, parentes do rei, e «a estes ele ordenou que fossem punidos por terem levantado armas contra um soberano da sua própria família» (BJ 2.77-8; AJ 17.298). É evidente que a punição sobre os aristocratas se impunha, até porque eram os mais bem posicionados para levarem a cabo sublevações, mas isso não obscurece a justificação simbólica igualmente inerente ao castigo, pois além da traição política estava-se perante um crime de impiedade, pelo que parece ser também isso que Augusto pune em primeiro lugar.

Virtude axial do pensamento romano, aquela que, juntamente com a *pietas*, os Romanos consideravam como mais sua, a *fides* surge implicitamente associada à imagem de Augusto em Josefo. E é o valor que Augusto lhe dá, enquanto bom romano, bem como o reconhecimento que dela Josefo faz na pessoa do imperador, que o leva a reconhecer como a diretriz da atitude de Herodes para com Marco António e a perdoar o rei da Judeia por se ter mantido ao lado do seu inimigo político (BJ 1.390). Ideia sintetizada pela retórica interna do discurso do próprio Herodes: «supondo que o assunto não seja amigo de quem é, mas quão leal amigo é» (sublinhado nosso, BJ 1.390). Curiosamente, é esse mesmo Herodes quem dá a maior lição de fidelidade, intencional, porque sabe que Augusto se identifica com ela: «Quando um homem se assume como amigo de outro e sabe que esse amigo é seu benfeitor, deve partilhar o seu perigo, arriscando todo o pedaço da sua alma e corpo e essência» (AJ 14.190). A *fides* augustana expressa-se também pelo facto de, apesar de o rei judeu intervir em favor de Alexas, o oficial romano não poder aceitar tal intervenção, visto que «estava já comprometido por um juramento» em relação a esse caso. Fiel aos seus compromissos, Augusto emerge como homem íntegro, um homem de *fides* (AJ 15.198). É isso que o leva a conservar a memória do seu amigo e aliado Herodes, mantendo em sua casa obras de arte que outrora haviam pertencido ao idumeu já morto (BJ 2.100; AJ 17.323). Finalmente, Augusto dá uma lição de fidelidade quando, na Síria, apesar da má recepção dos Gadarenos a Herodes, o imperador mantém a sua posição em relação ao rei, absolvendo-o das acusações que lhe são feitas (AJ 15.358).

À *pietas* e à *fides* associa-se o reconhecimento que Augusto demonstra constantemente ter em relação aos seus aliados e amigos, nomeadamente a hospitalidade e o apoio que estes, ou os seus antepassados, lhe deram. É o que acontece logo no primeiro encontro com Herodes, em que, de novo no que

consideramos ser uma reminiscência da *Iliada*, Josefo faz questão de mencionar que Augusto se lembrou da hospitalidade demonstrada por Antípatro, pai de Herodes-o-Grande (cf. *Il.* 6.123-231), bem como da ajuda que deu a seu pai, Júlio César, aquando das campanhas alexandrinas e, como tal, sentia-se induzido e moralmente obrigado a ajudar e apoiar também Herodes (*BJ* 1.283-4; *AJ* 14.383). A hospitalidade define o herói antigo. A composição de Augusto enquanto bom anfitrião associa-se a uma faceta filantrópica, que equivale ao conceito latino de *humanitas* e que pode ver-se nas alusões à forma como o imperador recebeu os filhos de Herodes em Roma (*AJ* 15.343) ou na recepção que faz ao próprio rei (*AJ* 16.6). Segundo Flávio Josefo, o primeiro imperador de Roma é hospitaleiro e, como tal, tem direito à hospitalidade dos outros. Herodes, por exemplo, recebe-o hospitaleiramente em Ptolemais com toda a «honra real» (*passei timei basilikei*)²². A hospitalidade que o rei dos Judeus demonstra é na verdade uma forma de honrar o imperador.

Associada à imagem deificada está a do homem justo. A *dikaiosyne*, protagonista d' *A República* de Platão, é uma das virtudes cardiais a que Josefo recorre frequentemente para caracterizar os seus heróis hebreus e judeus²³. Mas não só. Augusto também a tem. Através de Nicolau de Damasco, chama-lhe «juiz» (*BJ* 2.34). Isso pode ver-se na quantidade de julgamentos que são levados ao tribunal do príncipe, dos quais se destaca os dos filhos do rei da Judeia, acusados de conspiração contra o próprio pai (*BJ* 1.454, 524, 573, 633). É também Augusto quem sentencia os impostores envolvidos no episódio do falso Alexandre (*BJ* 2.110). É aquele que assim que descobre a conspiração de Antípatro contra Salomé, cujo gérmen se encontrava dentro da sua própria casa, na pessoa de Acme, escrava judia de Lívia, não hesita em aplicar a *iustitia*. Augusto condena e executa assim a traidora e sugere a Herodes a condenação do filho (*BJ* 1.669; *AJ* 16.344; 17.146). Esta é também evocada no discurso de Alexandre, com a insinuação: «Pode algum assassino escapar por muito tempo ao castigo enquanto César estiver vivo?» (*AJ* 16.116). Como tal, Augusto despreza a injustiça e não pratica a *hybris* (*AJ* 17.245, 298). Essa seriedade moral confere-lhe o carácter do *uir grauis* romano.

É a justiça que conduz à *concordia*, a *homonoia* grega, também ela estabelecida por Augusto, que a aplica assim a um micro-nível tal como a construiu para todo um império. Pela sua intervenção, Herodes agradece profusamente a «Deus, e não menos a César, que tinha restabelecido a sua casa desordenada e tinha dado aos seus filhos uma dádiva melhor do que um reino, isto é, concórdia» (*BJ* 1.457;

²² *AJ* 15.199. A hospitalidade de Herodes expressa-se também pela tradicional oferta de presentes, que em alguns casos se resumem mesmo a dinheiro, cf. *AJ* 15.200-1; 16.127-9.

²³ Feldman 1993: 226-7.

cf. 1.465). Como carácter de equilíbrio e reconciliação, Augusto é a imagem da *concordia*.

A *clementia* é outra virtude demonstrada por Augusto. Essa é a ideia fundamental do único discurso em *oratio recta* colocado na boca do imperador. É no perdão e compreensão que oferece a Herodes pela sua atitude política em relação a Marco António e depois em relação a si mesmo que se expressa a *clementia* imperial. Evidentemente, as razões para a clemência de Augusto são bem mais práticas. A manutenção de Herodes no trono da Judeia só contribuía favoravelmente para a continuação da hegemonia de Roma no Oriente. Outorgando territórios ao rei, que, no entanto, não deixavam de pertencer ao Império, Herodes defendê-lo-ia como algo de seu, garantindo assim a estabilidade e o controlo dos *limites* imperiais ao oriente e aguentando uma das ameaças mais graves à integridade do território imperial: os Partos. O episódio de Zenodoro é outro exemplo da eficácia de tais medidas²⁴. É essa a razão por que António e Octávio confiam o reino judaico a Herodes²⁵. Além de contribuir para a *Pax Romana*, o idumeu tinha capacidade para prover o exército com regularidade (AJ 15.317). Daí a boa vontade de Augusto nas concessões. Ao fazê-lo, o *princeps* está a ser politicamente arguto, a aliviar a despesa da máquina estatal (já o Egipto, indispensável à sobrevivência de Roma por ser o mercado abastecedor de cereais da capital do Império, sempre dependeu diretamente do imperador). O filo-helenismo de Herodes só podia, por isso, ser bem-vindo. Tornava-o mesmo apetecível como *rex socius populi romani*. Mais valia um filo-helenista que pensava ter Roma como amiga do que um judeu fanático pró-independência, a trazer perturbações políticas constantes para o Estado. Outro exemplo de *clementia* pode ver-se quando César preside ao julgamento do filho de Herodes, Alexandre, em Roma, ou Aquileia, segundo as *Antiguidades*, em 12 a.C. Acusado de tentar envenenar o pai, o discurso do filho que se pretende inocente comove toda a audiência, em especial César, que absolve o acusado e leva-o a reconciliar-se com o pai (AJ 16.91, 121). Aqui, a *clementia* que o leva a perdoar o impostor que se faz passar por Alexandre da Judeia a mando dos Mélios, comutando-lhe a pena de morte para o cumprimento de serviço forçado nas galeras (BJ 2.110).

Associada à *clementia* imperial está a generosidade de Augusto (*doresamenou tou Kaisaros*, AJ 16.98), a imagem do imperador como grande benfeitor ou evérgeta e que Paul Veyne identificou como a essência do *panis et circus*. É a sua generosidade que funciona como primeira justificação para a concessão de territórios e privilégios ao rei dos Judeus. Josefo conta: «E nada o moveu tão fortemente [a César] a esta generosidade como o seu espírito de dádiva», chamando-lhe

²⁴ AJ 15.345-8. Mais tarde, os territórios de Zenodoro serão concedidos a Herodes por Augusto, AJ 15.359.

²⁵ AJ 14.388-9. O mesmo se diga acerca dos 400 gálatas com que Augusto presenteia o rei dos Judeus, AJ 15.217.

ainda «honrado e ilustre» (*philotimon onta kai lampron*, AJ 15.194) e «benfeitor» ou «evérgeta» (*euergeten Kaisara*, AJ 16.98).

A forma como Augusto considera a *libertas/eleutheria*, valor primordial para um romano, enquanto capacidade pessoal de escolha, espelha-se na personalidade de Herodes. Augusto exerceu a *dominatio*, mas esforçou-se por apregoar a *libertas* na sua propaganda. Tácito, por exemplo, não hesita em aplicar a forma *dominatio* ao poder exercido pelo *princeps* (e.g. *Ann.* 1.3.1), ao contrário de Josefo, que faz com que Augusto admire a *eleutheria* de Herodes. Através dessa referência, Josefo transmite o carácter do próprio imperador. Num discurso possivelmente influenciado por Tucídides, o historiador refere-se à «liberdade de alma» (*tes psykhes eleutherion*) como um grande bem que o rei da Judeia possuía e que Augusto apreciava (AJ 15.194; Thuc. 2.89).

Enquanto «reconhecimento público do mérito»²⁶, o *honor* reflete-se também nas obras que se dedicam a Augusto. Herodes oferece jogos em nome e *honor* do senhor de Roma (*Kaisara times*, BJ 1.407), em que este tem oportunidade para demonstrar o seu amor por essa mesma honra (*philotimia*, AJ 16.139), bem como pela *gloria*, ao mesmo tempo que se constroem edifícios e cidades, dedicados não só ao imperador, como a membros da sua família: a Agripa e a Druso²⁷. Até os sumptuosos aposentos do palácio que Herodes manda erguer em Jerusalém são batizados com os nomes de dois oficiais romanos (AJ 15.318). Jogos e monumentos são um contributo para a difusão da *fama* e *gloria* imperiais, i.e., de poder.

Augusto é também o homem paciente, como deve ser aquele que possui a temperança (*sophrosyne*), outra das virtudes cardiais. Quando Antípatro acusa Arquelau de traição, Josefo conta que o acusador o fez «aos pacientes ouvidos de César» (BJ 2.26). É o político perspicaz e ponderado, *sapiens*, quase omnisciente, que dificilmente se deixa enganar. Essa é a interpretação que damos à sua intervenção no episódio do aparecimento do falso Alexandre (BJ 2.106-10; AJ 17.333). Diz Josefo que mesmo antes de ter visto o impostor já Augusto sabia que se tratava de um embuste, devido à sua perspicácia e capacidade de perscrutar a alma humana. Lembremos que, quando conheceu Herodes, e enquanto este falava com Marco António, o Augusto de Josefo age como uma personagem

²⁶ Rocha Pereira 1984: 336.

²⁷ Sobre a concessão de poderes e domínios territoriais: BJ 1.397, 400-7, 613; 2.215; AJ 14.388-9; 15.3434, 362. Sobre as construções de Herodes, refiram-se Cesareia, Sebaste e o *Caesareum* em honra de Augusto, BJ 1.402-3; o *Agripaeum* em honra de Agripa, genro do príncipe, BJ 1.403; o *Drusion* em honra de Druso, enteado do imperador, BJ 1.415; AJ 15.336; Lívia, sua mulher, será contemplada, com o resto da família imperial, pelo testamento de Herodes, BJ 1.646; AJ 17.146, 190; mais tarde, Herodes Antipas dedicará uma cidade a Júlia, a filha de Augusto, AJ 18.28, e construirá Tiberíades em honra de Tibério, seu genro e enteado, BJ 2.168. O tetrarca da Galileia dará ainda a Séforis o nome de Autocrátoris, em honra de Augusto, e a Bet-Haram o de Júlia, em honra de Lívia, AJ 18.27. Estas dedicações são também formas de *adulatio* política. Sobre a dedicação de jogos e de inscrições a Augusto, vide AJ 15.268, 272; 16.127-9, 138-9, 158.

silenciosa que, retirada, observa minuciosamente os olhos do rei, como quem analisa o íntimo do homem que tem à sua frente (BJ 1.283-4). Do mesmo modo, aquando das acusações aos filhos de Herodes, Augusto percebe o estado emocional dos príncipes judeus (AJ 16.103). Um homem ponderado e inteligente, cuidadoso e cauteloso. Também a bondade é salientada como qualidade augustana. Flávio Josefo afirma que, estando sob julgamento perante Augusto, os filhos de Herodes e Mariame perceberam a existência de bondade no imperador (*eumeneia*, AJ 16.104). Num outro passo, o historiador refere-se simplesmente à «bondade de César» (*ten Kaisaros eis auton philophrosynen*, AJ 16.132). O epíteto grego que expressava a antiga *agathia* encontra eco nestas afirmações. O mesmo acontece com o importante título latino *optimus*, que torna a associar a imagem de Augusto à de Júpiter.

Por fim, refira-se que também a ira, *orge*, uma não virtude, parece ser uma característica do *ethos* augustano. Repare-se, contudo, que se trata de uma ira sempre justificada e nunca gratuita, o que passa a fazer daquela emoção uma virtude. São a prepotência de Herodes, por exemplo, bem como o reconhecimento de intrigas palacianas, a suspeição da traição ou a desobediência às suas ordens que motivam a ira do príncipe (AJ 16.289-92, 295, 298; 17.182, 343). Além disso, tais sentimentos são imediatamente neutralizados ou controlados e nunca se apoderam de quem os experimenta, o que coloca Augusto num nível de representação que se identifica com o estoicismo. Sabemos que não é raro Josefo atribuir características estoicas aos seus heróis. Ele próprio toma posições nesse sentido, nomeadamente em questões metafísicas. Pois o retrato que traça de Augusto parece também ter sido influenciado por essa filosofia.

Assim, como conclusão, podemos afirmar que Josefo esboça um retrato bastante positivo de Augusto. Diríamos mesmo laudatório. Ao jovem Octávio das primeiras referências opõe-se o príncipe maduro, capaz de conduzir os destinos do império e do mundo. C. Holladay afirma que em Josefo está ausente a tendência para divinizar os seus heróis ou sequer elevá-los a um estatuto supra-humano²⁸. Consideramos que não é isso que se passa com o seu Augusto. É verdade que, obedecendo à Lei, Josefo se refreia de atribuir o título de sacralização ao imperador (cf. *Ex* 20.3); mas, por outro lado, o historiador tornea a questão, usando os mesmos qualificativos para ambas as realidades. É também verdade que Augusto não é um herói qualquer, mas só isso é significativo para se compreender a conceção que o historiador tem dele. A colocação do nimbo na cabeça imperial relaciona-se também com a ascendência em Júlio César, personagem querida dos Judeus, por contraposição à de Pompeio. Esse tratamento reflete-se até em Lívia, cujo nome é sempre alterado para «Júlia», título que a imperatriz recebeu apenas em 14 d.C., ano da morte de Augusto, depois de ter

²⁸ Holladay 1977: 78-9.

sido adotada pela *gens Iulia*. Este fator é significativo para a imagem de Augusto, visto que se associa a esposa imperial aos *Iulii*/Júlio César²⁹. A forma de tratamento da imperatriz serve também como extensão da construção do retrato imperial. É, por exemplo, uma das herdeiras de Herodes, bem como de Salomé, a irmã do rei (*BJ* 1.646; 2.167-8), e considerada uma boa conselheira (*kai allos symbouleousei*, *AJ* 17.10), como convém à mulher de Augusto.

A imagem do imperador anda associada à do rei da Judeia, visto que as virtudes de um se espelham no comportamento do outro. A amizade (*philia*) que se criou entre os dois homens leva Josefo a escrever: «Mas o que Herodes mais valorizava, além destes privilégios, era que no afeto de César ele estava logo a seguir a Agripa e no de Agripa logo a seguir ao de César. Por isso, prosperou. O seu espírito nobre subiu às maiores alturas e a sua grande ambição foi dirigida principalmente para obras de piedade» (*BJ* 1.400; *AJ* 15.217, 361; 16.86). Esta afirmação estabelece uma espécie de triunvirato da nova ordem imperial. O Herodes de Josefo está longe de ser o Herodes do Evangelho e parece ser importante que o rei dos Judeus esteja próximo dos senhores do mundo. A sua convivência com eles fá-lo parecer-se com eles: próspero, piedoso, nobre de espírito. É assim que Augusto e Agripa são e Herodes pretende ser (*BJ* 1.418-9). O bom carácter do imperador espelha-se inclusive nos pensamentos que Josefo atribui a Mariame, a mulher hasmoneia de Herodes. Segundo o historiador, a rainha esperava que o imperador de Roma não tratasse bem o seu marido, pois, dado que ele era um homem de bem, teria inevitavelmente de reconhecer um homem de mal, que era como ela considerava o próprio marido. Para Mariame, a certeza disso é absoluta, visto que a ideia que ela faz de Augusto é ética e politicamente o mais positiva possível (*AJ* 15.208)³⁰.

Consequentemente, na composição da figura imperial, encontramos aquelas que são entendidas como as principais virtudes para a cultura greco-romana. É verdade que nem sempre são explícitas pelos termos gregos por que ficaram conhecidas, e os termos latinos estão, como é evidente, ausentes de um texto originalmente escrito em grego. Mas as ações do imperador identificam-se retoricamente com elas e decerto essa identificação não seria estranha ao público de Josefo. Assim, além das virtudes cardiais celebrizadas pelos Gregos (*sophia*, *andreia*, *sophrosyne*, *dikaiousyne* e *eusebeia*), todas elas apanágio dos grandes heróis joséficis³¹, o Augusto de Josefo revela e demonstra identificar-se também com as ideias e os valores morais a que os Romanos davam importância: *pietas*, *fides*, *nobilitas*, *clementia*, *auctoritas*, *honor*, *sapientia*, *concordia*, *gloria*, *fama*,

²⁹ A única vez que Josefo usa o nome «Lívia», pelo qual a imperatriz ficou historicamente conhecida, é em *BJ* 1.566.

³⁰ Sobre Mariame, *vide* Rodrigues 2018.

³¹ Feldman 1993: 201-32.

*dignitas, grauitas, libertas, iustitia, humanitas e uirtus*³². Uma análise do retrato de Augusto em Flávio Josefo confirma e reforça assim o teor do trabalho de Galinsky, cujo objetivo foi em grande medida demonstrar como funcionou a política ideológica e cultural do principado do primeiro imperador de Roma.

O historiador judeu reforça deste modo uma tendência interpretativa que se manterá durante muito tempo nos autores antigos. Segundo Ceaușescu, Horácio e Vergílio traçaram um retrato de Augusto coincidente com o que representa a estátua da *Prima Porta*, que o representa³³. Pensamos que Josefo continuou esse ideal. Aliás, apenas Séneca e Tácito parecem ter sido exceções, no que respeita a essa linha interpretativa³⁴. A imagem favorável deve em muito ao valor e à forma positiva como o primeiro imperador de Roma tratou o povo judeu. Os editos citados são a prova da intencionalidade desse tratamento. Por essa razão também, a narração da recepção das embaixadas judaicas em Roma é feita em ambiente faustoso, como se de um grande assunto de Estado se tratasse. O luxo do templo de Apolo em Roma, que Josefo faz questão de mencionar como sendo obra do próprio Augusto, transforma-se, portanto, num cenário apropriado para tão importante ocasião (*BJ* 2.80-93; *AJ* 17.303).

O modo como Josefo tratasse o primeiro imperador de Roma era também importante por ter repercussões no seu tempo e no seu contexto. Como explicar que um judeu que assistira à derrota do seu povo possa apoiar desta forma o líder do suposto inimigo? A única explicação parece residir no facto de Josefo ter compreendido o alcance da força de Roma e, como tal, ter-se resignado perante essa realidade. Instalado no coração do império, ao lado dos Flávios, Josefo apoia o regime imperial, sustentando nos seus escritos o exercício do poder não violento da capital do mundo. Compreende-se assim o retrato que esboça. Para o historiador, Augusto é a ordem desejada para o mundo, a encarnação da *Pax Romana*. A forma serena com que apresenta a resolução dos problemas do Oriente, a amistosa relação entre Augusto e Herodes, rei dos Judeus, aponta para o favorecimento

³² O estudo do significado e importância destas ideias e valores foi feito por Rocha Pereira 1984: 320-41.

³³ Ceaușescu 1974. É importante assinalar que H. Willrich declara que Tácito visa Augusto quando afirma que Vespasiano tinha sido o primeiro imperador a quem o trono assentara melhor, Willrich 1927: 58. Tendo em conta as possíveis rivalidades que teriam surgido entre Tácito e Josefo, não seria inverosímil pensarmos que essa posição de Tácito poderia estar relacionada com o facto de Josefo enaltecer Augusto para elogiar os Flávios, pois desse modo Tácito seria ainda mais incisivo na sua *adulatio* à família de Vespasiano.

³⁴ É verdade que Séneca louva também a inteligência, a sabedoria, a coragem, o valor, a paciência e a nobreza da conduta do imperador. A imagem que este filósofo dá de Augusto corresponde provavelmente à concepção mais ou menos idealizada que se fazia do Príncipe sob a dinastia júlio-cláudia; mas Séneca nem sempre é amistoso, como mostram as exceções do *De breuitate uitae* e muito especialmente a do *De clementia*. Cf. Jal 1957 e Ceaușescu 1974. Dion Cássio também não é linear no seu retrato e nem Suetónio desfavoreceu essa imagem, apesar do seu gosto pelo anedotismo lascivo.

desse regime, que continua com a administração de Vespasiano, Tito e Domiciano. Além disso, estes estão ainda mais diretamente envolvidos com o povo de Abraão do que Augusto estava, pelo que o comportamento deve ser um modelo de ação ainda mais exigente para eles.

Uma construção laudatória do príncipe é significativa por se inserir numa literatura de natureza apologética. Augusto manipulou a imagem da sua própria personalidade, idealizando-a e difundindo-a através dos que eram os seus escritores oficiais. A associação do homem historicamente carismático ao povo maldito, ofendido e perseguido invalida os ataques dos que tinham demonstrado oposição aos Judeus. É nesse plano que se deve interpretar o retrato de Augusto em Flávio Josefo. Além do que, a afirmação do príncipe como senhor do mundo acaba por ser a sua identificação com Roma e a confirmação desta como potência hegemónica. Queixas, desentendimentos, conflitos, competições políticas, súplicas, julgamentos, tudo encontra solução em Augusto. Este é um argumento que Josefo nunca contesta, porque, na verdade, aprova essa ordem, agora comandada pelos Flávios, herdeiros da estrutura criada pelo primeiro imperador de Roma e de algum modo herdeiros mais capazes, se se tiver em conta os primeiros sucessores do vencedor de Áccio, nomeadamente Gaio Calígula e Nero. Deste modo, Josefo insere-se num conjunto de autores que escreveram sobre Augusto, oferecendo dele um espelho de génio, militar capaz, gestor competente, garantia de ordem e de bem-estar político. Prolonga-se a imagem que o imperador tentou transmitir no seu próprio tempo, provando a perenidade e a recompensa dos seus esforços.

BIBLIOGRAFIA

- Ceauşescu, P. (1974), «L'image d'Auguste chez Tacite», *Klio* 56: 183-98.
- Feldman, L. H. (1993), *Jew and Gentile in the Ancient World. Attitudes and Interactions from Alexander to Justinian*. Princeton: Princeton University Press.
- Galinsky, K. (1996), *Augustan Culture. An Interpretative Introduction*. Princeton: Princeton University Press.
- Grether, G. (1946), «Livia and the Roman Imperial Cult», *AJPh* 67: 222-52.
- Holladay, C. (1977), *Theios Aner in Hellenistic Judaism: A Critic of the Use of this Category in New Testament Christology*. Missoula: Scholars Press.
- Jal, P. (1957), «Les images d'Auguste chez Sénèque», *REL* 32: 242-64.
- Kienast, D. (1999), *Augustus. Prinzeps und Monarch*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Perea Yébenes, S. (2007), *Nicolás de Damasco. Vida de Augusto*. Madrid: Signifer.
- Rambaud, M. (1970), «Recherches sur le portrait dans l'historiographie romaine», *LEC* 38.4: 417-47.

- Rocha Pereira, M. H. (1984), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II – *Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . (2009), «O Zeus de Olímpia», in J. R. Ferreira & L. N. Ferreira (orgs.), *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo: Fontes, fantasias, reconstituições*. Lisboa: Edições 70, 199-203.
- Rodrigues, N. S. (1998), «Herodes-o-Grande e o Estado Romano: um exemplo de relações de poder no sec. I a.C.», in M. J. Ferro Tavares (org.), *Poder e Sociedade (Actas das Jornadas Interdisciplinares) I*. Lisboa: Universidade Aberta, 117-43.
- . (2000), *O rei Saul segundo Flávio Josefo*. Lisboa: Colibri.
- . (2013), «Herodes-o-Grande na *Eneida*? Nota a Verg. *Aen.* 8.642-645», in M. C. Pimentel & P. Farmhouse Alberto (eds.), «*Vir bonus peritissimus aequus*». *Estudos de Homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 221-7.
- . (2018), «Tragédia de Mariame, *Regina Iudaeorum* (J. AJ 15.15-258)», in J. L. Cardoso & J. C. Sales (eds.), *In Memoriam. Estudos de Homenagem a António Augusto Tavares*. Lisboa: Universidade Aberta, 89-95.
- Syme, R. (1958), «'Imperator Caesar': A Study in Nomenclature», *Historia* 7: 172-8.
- . (1959), «Livy and Augustus», *HSPH* 64: 74-6.
- Willrich, H. (1927), «Augustus bei Tacitus», *Hermes* 62: 54-78.

(Página deixada propositadamente em branco)

AUGUSTUS IN SUETONIUS

AUGUSTO EM SUETÓNIO

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
ORCID: 0000-0002-3383-2474

DELFIN LEÃO

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
ORCID: 0000-0002-8107-9165

RESUMO: O estudo centra-se na *Vida de Augusto* de Suetónio (a fonte literária mais completa sobre a vida do imperador e também a mais longa biografia suetoniana), analisando a forma como o autor organiza a narrativa, seleciona os eventos e aborda os tópicos sobre os quais centra o relato, de maneira a desenhar um retrato fortemente ideológico de Augusto.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto, Suetónio, escrita biográfica

ABSTRACT: The study focuses on the *Life of Augustus* by Suetonius, the most complete literary source on the emperor and also the longest Suetonian biography. It analyses the way the author organizes the narrative, selects events and addresses his main topics in order to paint a strongly ideological portrait of Augustus.

KEYWORDS: Augustus, Suetonius, biographical writing

When considering how Augustus is portrayed in Suetonius, it is necessary to bear in mind the general characteristics of the genre and the specific approach favoured by this biographer. This will help explain the systematic method (i.e. the narrative is organized into topics rather than being merely chronological), the tendency to summarize deeds and wars, the subject of political history, and (in compensation) the emphasis upon character, abundantly illustrated with a catalogue of examples displaying vices and virtues in equal measure. The *Life of Augustus* is the longest of Suetonius' biographies and considered to be the most perfect in formal terms; thus, it offers a good illustration of the author's method, less obvious in the shorter *Lives* (particularly in those from Galba to Domitian). The work is divided into three broad sections, each subdivided into various categories. This study uses that expository structure as a reference to analyse the way in which the biographer deals with the figure of Augustus¹.

¹ This text is an updated version of an article published originally as Brandão & Leão 2017. Much of the material in this study has been inspired by Brandão, 2009: *passim*.

1. *PER TEMPORA VS PER SPECIES*

In Suetonius, chronological narrative is reserved for the beginning and the end of the *Lives*. This is certainly due to the emphasis given to the analysis of character, which for the ancients tended to be considered innate and immutable. That is also the reason why the *Lives* begin with a description of the ancestors (with the exception of Titus and Domitian, whose ascendancy is presented in the *Life* of their father). Thus, the individual is shown as integrated into a family lineage, which means that his conduct could be understood, at least in part, as determined by hereditary factors (Bradley 1991: 3714-15). It is significant that the biography of Augustus begins with a reference to the legend that links the Octavian clan to the cult of Mars, starting with an etiological explanation for a detail of antiquarian taste² (the presence of Mars is particularly important given this god's role in the legendary origin of Rome and of the *gens Iulia*). With this, Suetonius not only establishes the origin of the Octavian *gens*, but also generates a favourable opinion of Augustus by showing that the future emperor's military deeds, like his respect for traditional religion (*Aug.* 91-93), had their roots in his ancestors (*Aug.* 20-25)³. This section reads something like an apology, for the biographer argues against the opinion of detractors⁴ that Octavian's paternal family was *praecipua* (*Aug.* 1), while his mother's line contained many senators and magistrates (*Aug.* 4.1).

The initial chronological section includes a brief reference (5-9) to the rise of the young Octavian under Caesar's tutelage. Even in this part, the Suetonius omits or abridges the details of his training in order to give attention to the various portents that generate a mythical aura around the future founder of the principate. He emphasises that Octavian was born *paulo ante solis exortum*, an allusion to his connection with the sun, which is taken up again in the final part, in the list of portents that occurred throughout his life⁵. The biographer notes that a sanctuary was built at the site shortly after his death, and that a convicted

² An existing altar, consecrated by Octavian, serves as the pretext for an account of a mythical fact with etiological value. Before the announcement of an enemy attack, that ancestor of Augustus interrupted the sacrifice to Mars in his urgency to get into battle and removed the half-raw entrails from the fire. He emerged from the battle victorious. Thereafter, by decree, sacrifices to Mars were conducted in the same fashion and the remains were offered to the Octavians (*Aug.* 1).

³ See Gasco 1984: 692; Wardle 2014: 80-1.

⁴ The conflict with Mark Antony started with a controversy about the social standing of Augustus' paternal grandfather and great-grandfather (*Aug.* 2.3.) and his maternal ascendancy, joined by the accusations of Cassius of Parma (*Aug.* 4.2). See Grimal 1986: 736; Gasco 1984: 584-7.

⁵ *Aug.* 94.6: (...) *repertus est iacens contra solis exortum*. According to Grimal, 1986, 737, the union with the sun, as practised by the pharaohs and which announced the emperor's divine predestination, was applied to Augustus. Hence, this legend could only have appeared after Egypt had been integrated into the Empire.

man asked for clemency, appealing to the fact that he was the owner of a site that the *Diuus Augustus* touched at his birth (*Aug.* 5). Similarly, the house where he was raised acquires the atmosphere of incubus, which becomes the source of religious scruple for whoever enters, despite the fact that, paradoxically, the site was *permodicus et cellae penuariae instar*: an owner who (*seu forte seu temptandi causa*) dared to spend the night in the house was expelled by a *subita ui et incerta* and was subsequently found half-conscious outside the door, along with his bed (*Aug.* 6)⁶. After analysing the names (*Aug.* 7), Suetonius focuses on the public activity since the loss of his father. It seems at first that he is referring to the phase prior to government, but suddenly at the end of this section (*Aug.* 8), after mentioning his return to Rome to reclaim Caesar's inheritance, he briefly summarizes the statesman's entire life (*Aug.* 8.3): *Atque ab eo tempore exercitibus comparatis primum cum M. Antonio M.que Lepido, deinde tantum cum Antonio per duodecim fere annos, nouissime per quattuor et quadraginta solus rem p. tenuit* («Then he levied armies and henceforth ruled the State, at first with Marcus Antonius and Marcus Lepidus, then with Antony alone for nearly twelve years, and finally by himself for forty-four.»⁷).

It is precisely at this point (*Aug.* 9.1) that the biographer offers the clearest explanation of his method (though there are likely to have been further indications in the lost initial part of the *Life of Caesar*): *Proposita uitae eius uelut summa, partes singillatim neque per tempora, sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint* («Having given as if it were a summary of his life, I shall now take up its various phases one by one, not in chronological order, but by classes, to make the account clearer and more intelligible»). This, then, defines the distinction between *per tempora* and *per species*⁸. Further on (61.1) a new *partitio* will be established, as we shall see.

Therefore, as regards the events, when they are organized in chronological order, they are presented *summatim*, while the various aspects of the life are analysed *singillatim*⁹. This structure conditions the transmission of the historical events (especially in chapters 9-25, where Suetonius deals with military matters,

⁶ See Picón García 1984: 324-5. The messianic *topos* of a place of origin that is surprisingly modest for such a great destiny is also explored with relation to Vespasian, presented as a saviour of the State after the civil wars of 68-69 AD.

⁷ Translations by J. C. Rolfe (Loeb Classical Library edition, 1913-1914): Lacus Curtius: <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Suetonius/home.html>

⁸ Such a distinction is also present in the *Life of Caesar* when Suetonius announces *Ordo et summa rerum, quas deinceps gessit, sic se habent* (*Jul.* 34.1). But, further on, he adopts another form of exposition: *Talia agentem atque meditantem mors praeuenit. De qua prius quam dicam, ea quae ad formam et habitum et cultum et mores, nec minus quae ad ciuilia et bellica eius studia pertineant, non alienum erit summatim exponere* (*Jul.* 44.4).

⁹ This position is reiterated again in the biography of Tiberius (*Tib.* 42.1). On the contrary, it is sometimes necessary to avoid the profusion of examples and choose the most representative (*Tib.* 61.2). Cf. also *Cl.* 29. 1 and *Cal.* 37.3.

and in 26-60, on civil duties). Despite everything, in these parts, there is a relative chronological order with regard to the way the wars and exercise of the magistratures were presented.

2. BIOGRAPHICAL TREATMENT OF MATTERS FROM POLITICAL AND MILITARY HISTORY

2.1. MILITARY MATTERS¹⁰

The *Life of Augustus* shows clearly that Suetonius does not want to write political history but rather biography¹¹. In dealing with military deeds by topics, Suetonius neglects the causes and context of the conflicts in order to highlight the personality of Octavian. On the other hand, he manages to preserve many facts that are usually overlooked by political history. From the start, he highlights the important role played by revenge – and it is curious that he does not refer here to the term *pietas*, as Baldwin (1983: 248) notes. In fact, he begins this part with the peremptory claim that the initial cause of all the wars was to avenge Caesar's death (*Aug.* 10.1). But this is a generalization: Octavian only pursued Caesar's killers after the formation of the triumvirate. Indeed, the motive for the first conflict, the war of Mutina, was to help Decimus Brutus against Antony, who was harassing him – though it is true that at the end he refused to collaborate with the killer of Caesar. Instead of describing battles, the biographer lingers on matters of character: Octavian's supposed cowardice in the first battle, according to Antony, and his intrepid performance in the second (*Aug.* 10. 2-4), as well as his ambition and opportunism, in accordance with the rumours about his responsibility for the convenient deaths of the consuls Hirtius and Pansa¹², in order to take over the consular armies (*Aug.* 11).

Suetonius reduces the formation of the second triumvirate to a *societas*¹³ with Antony and Lepidus (13.1), thereby placing it on a par with the unofficial

¹⁰ This part is divided into: *bella ciuilia quinque gessit* (*Aug.* 9); *Externa bella duo omnino per se gessit* (*Aug.* 20); *Graues ignominias cladesque duas omnino ... accepit* (*Aug.* 23); *In re militari et commutauit multa et instituit* (*Aug.* 24).

¹¹ Plutarch verbalizes the difficulty of sometimes separating the two at the beginning of the *Life of Galba* (2.5), where he distinguishes between «pragmatic history» and biography. On the characteristics of biography in Suetonius and Plutarch, see Brandão 2012: 18 ss, and the chapters above: Pinheiro, «Apontamentos sobre a evolução da biografia na Antiguidade Clássica» and Brandão, «Suetônio e a biografia imperial: uma reconstrução ética da história política», with suggestions of further reading.

¹² The two consuls die in this war. Pansa is wounded in the battle of *Forum Gallorum*, near Mutina, on 15 April 43 BC, and dies afterwards; Hirtius is killed in the battle of Mutina on the 21st of April.

¹³ A neutral term, as Wardle 2014: 130 points out, maybe to minimize a negative interpretation (p. 136). This is the same term as he uses for the alliance between the inappropriately named 1st triumvirate: *ac socie tatem cum utroque iniit* (*Jul.* 19.2).

alliance between Caesar, Pompey and Crassus. And despite the importance of the battles of the Philippi, Suetonius does not describe the manoeuvres but focuses instead on the events that followed it, though in their most tragic version. He says that Octavian sent the head of Brutus to Rome to be thrown at the feet of the statue of Caesar, and outraged high-status prisoners (*Aug.* 13.1)¹⁴. It should be noted that, according to Plutarch (*Ant.* 22.7 and *Brut.* 53.3), Antony granted proper funeral rites to Brutus¹⁵, and it does not appear that the two triumvirs acted in such different ways. Cassius Dio (47.49.2), for his part, mentions that Antony presided over the funerals and the head of Brutus was sent to Rome, though it never arrived because of a shipwreck, without mentioning Octavian's responsibility¹⁶. Suetonius also notably omits the shipwreck, thereby giving the impression that the revenge was complete.

In this part (*Aug.* 13-15), the main theme is not the wars of the Philippi and Perugia in themselves, but rather Octavian's cruelty and the grave dangers he escaped (a recurrent *topos* in Suetonius, revealing the whims of Fortune), ending with a somewhat unbelievable account of cruelty (*Aug.* 15)¹⁷:

Perusia capta in plurimos animaduertit, orare ueniam uel excusare se conantibus una uoce occurrens 'moriendum esse'. Scribunt quidam trecentos ex dediticiis electos utriusque ordinis ad aram Diuo Iulio extractam Idibus Martiis hostiarum more mactatos.

After the capture of Perugia he took vengeance on many, meeting all attempts to beg for pardon or to make excuses with the one reply, «You must die». Some write that three hundred men of both orders were selected from the prisoners of war and sacrificed on the Ides of March like so many victims at the altar raised to the Deified Julius.

Similarly, the description of the war with Sextus Pompey focuses on the subject of military weakness (*Aug.* 16.2-3) and the dangers he faced at that time. In the war of Sicily, he vanquished Sextus Pompey at Mylae and Naulochus; but when the battle started, he was soundly asleep. For this, Antony accused him of lack of courage. This sleep would of course have been rather unbecoming if the account were not so closely calqued upon a similar anecdote that is told about

¹⁴ On the other hand, he does not mention Cassius' suicide at the end of the first battle [cf. Titus Livius (*Per.*) 124.], perhaps because that would decentralize the action.

¹⁵ Certainly due to the use of different sources, as Gascou (1984: 178) notes.

¹⁶ See Gascou 1984: 183.

¹⁷ Cf. D.C. 48.14.4. Suetonius is harder on Octavian: he omits the pardon granted to Lucius Antony and adds the note *moriendum esse* which does not appear in Cassius Dio, as Gascou 1984: 197 has observed. Carter 1982: 104 notes that the fact is lacking in verisimilitude and that Suetonius himself did not believe in the history.

Alexander the Great on the eve of the battle of Gaugamela (Plu. *Al.* 32). In fact, Octavian was not even on board. It was Agrippa that was in command. Suetonius seems to have combined an account from Octavian's propaganda with another piece of counterpropaganda put about by Antony concerning his rival's alleged fear (Franco 1989: 257-64). As regards his relationship with Mark Antony, Suetonius compresses the various advances and withdrawals that took place between 41 and 33 AD into a short phrase (*Aug.* 17.1: *M. Antonii societatem semper dubiam et incertam reconciliationibusque uariis male focolatam abruptit tandem*), without even mentioning the treaties agreed in Brundisium (in 40) and Tarento (in 37). In fact, he jumps straight the events of 32-31 BC, stressing Octavian's determination but also his tolerance towards his rival's clients. He mentions the victory at Actium (*Aug.* 17.3), but, as usual, does not describe the battle, preferring instead to give time to the tragic outcome of the lovers and the protagonist's ambivalent attitudes (*Aug.* 17.4-5):

Et Antonium quidem seras condiciones pacis temptantem ad mortem adegit uidentque mortuum. Cleopatrae, quam seruatum triumpho magno opere cupiebat, etiam psyllus admouit, qui uenenum ac uirus exugerent, quod perisse morsu aspidis putabatur. Ambobus communem sepulturae honorem tribuit ac tumulum ab ipsis incohatum perfici iussit. Antonium iuuenem, maiorem de duobus Fulvia genitis, simulacro Diui Iuli, ad quod post multas et irritas preces confugerat, abreptum interemit. Item Caesarionem, quem ex Caesare patre Cleopatra concepisse praedicabat, retractum e fuga supplicio adfecit. Reliquos Antonii[i] reginaeque communes liberos non secus ac necessitudine iunctos sibi et conseruauit et mox pro condicione cuiusque sustinuit ac fouit.

Although Antony tried to make terms at the eleventh hour, Augustus forced him to commit suicide, and viewed his corpse. He greatly desired to save Cleopatra alive for his triumph, and even had Psylli brought to her, to suck the poison from her wound, since it was thought that she had died from the bite of an asp. He allowed them both the honour of burial, and in the same tomb, giving orders that the mausoleum which they had begun should be finished. The young Antony, the elder of Fulvia's two sons, he dragged from the image of the Deified Julius, to which he had fled after many vain entreaties, and slew him. Caesarion, too, whom Cleopatra fathered on Caesar, he overtook in his flight, brought back, and put to death. But he spared the rest of the offspring of Antony and Cleopatra, and afterwards maintained and reared them according to their several positions, as carefully as if they were his own kin.

Suetonius also mentions in this section the number of conspiracies that threatened Octavian (*Aug.* 19) and the foreign wars (*Aug.* 20-23). He paints a portrait (*Aug.* 21.2) of *uirtus* and *moderatio*, showing Augustus as promoter of diplomatic relations with faraway peoples (Indians and Scythians) and retrieving Crassus' and Antony's standards from the Parthians (*Aug.* 21.3); he underlines as

well the policy of peace, symbolized by the closure of the temple of Janus (*Aug.* 22). He also lists the defeats, with dramatic highlighting of that of Quinctilius Varus in the forest of Teutoburg in 9 AD (*Aug.* 23.2):

Vouit et magnos ludos Ioui Optimo Maximo, si res. p. in meliorem statum uertisset: quod factum Cimbrico Marsicoque bello erat. Adeo denique consternatum ferunt, ut per continuos menses barba capilloque summisso caput interdum foribus illideret uociferans: 'Quintili Vare, legiones redde!' diemque cladis quotannis maestum habuerit ac lugubrem.

He also vowed great games to Jupiter Optimus Maximus, in case the condition of the commonwealth should improve, a thing which had been done in the Cimbric and Marsic wars. In fact, they say that he was so greatly affected that for several months in succession he cut neither his beard nor his hair, and sometimes he would dash his head against a door, crying: «Quintilius Varus, give me back my legions!» And he observed the day of the disaster each year as one of sorrow and mourning.

As he had done for Caesar, Suetonius also adds a section about Augustus' relationship with the army, discipline and capacity for command (*Aug.* 24-25), illustrated with copious examples.

2.2. CIVIL RESPONSIBILITIES (26-60)

The handling of the magistratures (*Aug.* 26-28) (consulate, triumvirate, autocratic government) requires an analepsis, which means a return to the more negative image of Augustus' attitude during the triumvirate and the proscriptions. The biographer now introduces elements that had been omitted in the vague reference to the formation of the triumvirate (*Aug.* 13.1). He says that, although Augustus had initially opposed the proscriptions, he later applied them more rigorously and was the only one to make the effort to ensure that no one was spared (*Aug.* 27.1). This is a darker view than that given by most of the other *testimonia*, perhaps in order to stress the contrast with his future attitude. In fact, Velleius Paterculus (2.66) and Plutarch (*Ant.* 20-21, *Brut.* 27-28, *Cic.* 46-49) censure Antony and Lepidus for excess in the proscriptions, while Cassius Dio (47.3-13) excuses Octavian, saying that he saved many people. Suetonius adds that Octavian even proscribed C. Thoranus, his father's colleague and his own tutor, but says nothing about the most famous of all the proscribed: Cicero¹⁸.

¹⁸ Concerning his responsibility for the proscriptions and the omission of Cicero, see Southern 1998: 55-9 and n. 14 (p. 217); McDermott 1972: 495-9; Wardle 2014: 205-7. Suetonius had already omitted Cicero in chapter 12, by involving him simply in the generic designation of *alii* to refer to those that called Octavian *puer*. Suetonius knew very well that Cicero had done

Perhaps in this case Suetonius was reluctant to recall the undignified circumstances surrounding the great orator's end¹⁹. It was not that the morbid descriptions would degrade the biographer; rather, in this case, it was because Octavian (the protagonist of this text) had not been directly responsible for the execution.

The statement that he thought twice about returning the State, that is, restoring the Republic (which seems to point to the two moments of consolidation of power, in 27 and 23 BC), inspires Suetonius to a comment which, though a little elliptical, seems to suggest approval: *dubium euentu meliore an uoluntate* (Aug. 28.1) «it is not easy to say whether his intentions or their results were the better»²⁰. Although Augustus himself claims in the *Res Gestae* (34) that he transferred the *res publica* from his power to the *arbitrium* of the senate and the Roman people, Suetonius, a realist, does not follow suit, nor does he even evoke here the notion of the principate – this was a regime that was totally new. In fact, in *Cal.* 22.1, Suetonius speaks of a *species principatus*, showing his awareness that the name *princeps*, and, by extension, *principatus*, is a clever way to deceive the legalists, although in this part it also seems to be a way of negatively characterizing the most positive phase of Caligula's principate (Gascou 1984: 783-5). The biographer gives the word to Augustus through an edict, in which he presents himself as the «author» (*auctor*)²¹ of a «new regime» (*nouus status*) and wishes to be remembered as such at the hour of his death (Aug. 28.2)²²:

Ita mihi saluam ac sospitem rem p. sistere in sua sede liceat atque eius rei fructum percipere, quem peto, ut optimi status auctor dicar et moriens ut feram mecum spem, mansura in uestigio suo fundamenta rei p. quae iecero.' Fecitque ipse se compotem uoti nisis omni modo, ne quem noui status paeniteret.

«May it be my privilege to establish the State in a firm and secure position, and reap from that act the fruit that I desire; but only if I may be called the author of the best possible government, and bear with me the hope when I die that the foundations which I have laid for the State will remain unshaken». And he

that: he only had to read the letters (*Att.* 16.8.1; 16.11.6). McDermott 1972: 497 observes that Cicero never appears in Suetonius except as a final uncontested authority.

¹⁹ There are some indications that Suetonius admired Cicero, probably through Quintilian. Indeed, one of the lost works, referenced in the *Suda*, is a defence of Cicero's *De republica* against the attacks of Didimus. On Ciceronianism and Suetonius' second classicism, see Della Corte 1967: 29-53, and Cizek 1977: 14-25.

²⁰ Augustus' purpose of renouncing the Republic and the effects of the new regime were equally good, according to the interpretation given in the Loeb edition (Rolfe 1913: 164 n.b), followed by Gascou 1984: 719. See also Wardle 2014: 216-8.

²¹ Possibly an etymological allusion to the cognomen *Augustus*, as Wardle 2014: 219 points out.

²² The edict appears to be more from the context of 17-16 BC, when a new era was inaugurated with the *Ludi Saeculares*, through the echoes of the vocabulary typical of the minting activity. See Carter 1982: 128.

realized his hope by making every effort to prevent any dissatisfaction with the new régime.

Augustus is labelled an *auctor* to underline that this was a new order based on *auctoritas*, which in this case is congruent with what Augustus claims in that passage of the *Res Gestae*, that he is above everyone in authority but not in power.

From here, the biographer describes the internal and external policies of Augustus' long administration (*Aug.* 28.3-60; see Baldwin 1983: 241-3): the construction work, governance of the city, religion, security, justice, legislation, senate, elections, supplies, entertainment, provincial administration, distribution of military forces, the postal service, imperial cult, rejection of dictatorship and examples of moderation. All these aspects are, as usual, illustrated with examples and famous sayings by his subject.

The account of Augustus' activities in government is lengthy (as indeed was the government), but it helps to distract the reader from his cruel acts as an ambitious young man and replace them with a new portrait, formed from his numerous acts of good governance. This suggests a process of maturation which culminates in accounts of *clementia* (*Aug.* 51) and *ciuilitas* (*Aug.* 52-56) that contrast with the cruel attitudes of his youth²³. In this biographic «fiction», the ambition for power turned Octavian into a cruel and calculating man, while the exercise of it made him magnanimous, or revealed his true essence. The biographer does not question the sincerity of the change (unlike Seneca, *Cl.* 1.9-11, who does not believe in this clemency²⁴); this is a practical lesson in political morality. He implicitly approves of the emperor's attitude when he falls to his knees and bears his chest, begging the people not to insist on giving him a dictatorship (*Aug.* 52; cf. *RG* 5.1), horrified at the title of *dominus*, and censuring by an edict the greeting «*O dominum aequum et bonum*» and the applause that this provoked (*Aug.* 53.1) – actions that are clearly theatrical and suspicious²⁵. This greeting had been pronounced during a mime. Later, Augustus admitted that it had represented the mime of his life. For now, Suetonius lets us know that Augustus was rewarded with general esteem and seeks to show that this esteem is sincere (*Aug.* 57.1). In the climax of this section, there are manifestations of appreciation, presented gradually as spontaneous acts of various kinds (*Aug.* 57.1). To obtain this effect, Suetonius has no qualms about simplifying (for example, he does not distinguish

²³ See Wardle 2014: 365.

²⁴ See Néraudau 1996: 17.

²⁵ Since Augustus only wanted to avoid being connoted with a tyrant. See Roller 2001: 253-5; Wardle 2014: 374-75. The main question is whether the emperor's behaviour is closer to that of a *princeps* or of a *dominus*, i.e. a tyrant. In his relationship with the Roman aristocracy, the emperor is expected to behave like a *paterfamilias* (as Augustus did), safeguarding the *libertas* of the citizens, and not like a *dominus* (as Caligula and Domitian presented themselves), turning citizens into slaves, as points out Roller 2001: 214-33.

between the subscriptions made to raise statues to Augustus – and which he uses to raise statues to the gods –, and the donations/gifts/offers made in the place of subscriptions; nor between the *aureus* that August accepts from each community and the *denarius* that he accepts from each person) or making generalisations (he generalizes the acclamations from a single occurrence, as Gascou has shown, 1984: 206-41). The process culminates with the attribution of the honorific title *Pater patriae*, which corresponds, in parallel, to the apex of the consolidation of Augustus' power (*Aug.* 58.1). From an action that would have been calculated and arranged at the end of a long process²⁶, Suetonius creates a spontaneous scene that is almost moving (*Aug.* 58):

Patris Patriae cognomen uniuersi repentino maximoque consensum detulerunt ei: prima plebs legatione Antium missa; dein, quia non recipiebat, ineunti Romae spectacula frequens et laureata; mox in curia senatus, neque decreto neque adclamatione, sed per Valerium Messalam is mandantibus cunctis: 'Quod bonum', inquit, 'faustumque sit tibi domuique tuae, Caesar Auguste! Sic enim nos perpetuam felicitatem rei p. et laeta huic precari existimamus: senatus te consentiens cum populo R. consalutat patriae patrem'. Cui lacrimans respondit Augustus his uerbis – ipsa enim, sicut Messalae, posui: 'Compos factus uotorum meorum, p. c., quid habeo aliud deos immortales precari, quam ut hunc consensum uestrum ad ultimum finem uitae mihi perferre liceat?'

The whole body of citizens with a sudden unanimous impulse proffered him the title of Father of his Country: first the commons, by a deputation sent to Antium, and then, because he declined it, again at Rome as he entered the theatre, which they attended in throngs, all wearing laurel wreaths: the senate afterwards in the House, not by a decree or by acclamation, but through Valerius Messala. He, speaking for the whole body, said: «Good fortune and divine favour attend thee and thy house, Caesar Augustus; for thus we feel that we are praying for lasting prosperity for our country and happiness for our city. The senate in accord with the people of Rome hails thee Father of thy Country.» Then Augustus with tears in his eyes replied as follows (and I have given his exact words, as I did those of Messala): «Having attained my highest hopes, Fathers of the Senate, what more have I to ask of the immortal gods than that I may retain this same unanimous approval of yours to the very end of my life.»

Timonen (1993: 135-6) notes that 'Suetonius succeeds in reconstructing a «glory effect» by the use of direct oration and by emphasis on *consensus*'. According to Gascou (1984: 215-20), Suetonius would probably have drawn upon the autobiography of Messalla Corvinus, whose sentimental lyrical tone

²⁶ See Baldwin: 1983: 128; Gascou 1984: 217; Southern 1998: 179-80; Wardle 2014: 391-2.

was more in accordance with his intentions to stress the spontaneity of the general esteem for Augustus. It is that, with this title, he is fulfilling the wish that he had made earlier to be the *auctor* of the *optimus status*²⁷. There follow other public manifestations of recognition presented on a gradation/cline/continuum ranging from anonymous ('some heads of families, some cities in Italy', 'most of the provinces') culminating in 'friendly kings and allies' (... *nonnulli patrum familiarum... quaedam Italiae ciuitates... prouinciarum pleraeque: Aug. 59-60*) – amplified by the generalization: to say that each king (*singuli in suo quisque regno*) founded a city with the name of Caesarea seems to be an exaggeration designed to accentuate Augustus' popularity (*Aug. 60*)²⁸.

3. THE HANDLING OF HIS PRIVATE LIFE

3.1. DESCRIPTIVE CATEGORIES

As he had already done for Caesar (*Jul. 44.4*), Suetonius uses a *partitio* or *diuisio*²⁹ to clarify the *per species* organization, summarizing what he has previously presented and introducing what follows (*Aug. 61.1*), namely his subject's private life³⁰: family, customs and habits till the end of his life, i.e. descriptions of behaviour assessed in the light of traditional identity values³¹. He concludes that,

²⁷ This continuum suggested by Suetonius seems to confirm the opinion of Salmon 1956: 456-78. According to that author, the title of *Pater Patriae*, attributed in 2 AD, normally seen as purely honorific, was actually the culmination of the evolution of Augustus' principate (more than in 19 BC, with the attribution of what Cassius Dio (54.10.5), calls 'power of the consuls'), as Augustus himself ended the *Res gestae* with his quotation as Father of the Country, giving the impression that this for him was the high point of his career.

²⁸ In addition, when Suetonius says that the kings came before Augustus wearing togas (a privilege reserved exclusively for those that had been granted Roman citizenship) and without royal insignia, he seems to be amalgamating two different situations, in order to give the impression *quanto opere dilectus sit*, as Gascou (1984: 232-8; 240-1) says. With *Aug 60*, the section on public life reached «a positive and even splendid climax,» as Hurley 2014: 25 points out.

²⁹ A rhetorical resource introduced by Hortensius into Roman oratory, according to Cicero (*Brut. 302*; cf. *Div. Caec. 45*; *Inv. 1.31*). It was used by various Latin writers, including Cicero, and was already present in early biography in the *Epaminondas* (*Ep. 1.4*) of Cornelius Nepos, and also in the *Ciropedia* (1.1.6) of Xenophon and the *Evagoras* (22) of Isocrates. According to Townend 1967: 84-7, this is the method of a grammarian turned a biographer. See Wallace-Hadrill 1984: 44-9; Lewis 1991: 3663-4; Warmington 1999: ix.

³⁰ *Quoniam qualis in imperis ac magistratibus regendaque per terrarum orbem pace belloque re p. fuerit, exposui, referam nunc interiorem ac familiarem eius uitam quibusque moribus atque fortuna domi et inter suos egerit a iuuenta usque ad supremum uitae diem*. From *Iul. 44.4* and *Aug. 61.1*, the distinction between public and private life is established. But this separation is far from being absolute and is diluted in the opposition between virtues and vices, as Cizek 1977: 62-4 suggests. See the introduction to Wardle's commentary, 1994: 27; Wardle 2014: 401-2; Hurley 2014: 24.

³¹ The adoption of a systematic organisation by rubrics (*per species*) to the detriment of the chronological one, leads to the division of the prince's activity between vices and virtues, defined

apart from his love for Livia (*Aug.* 62.2: *dilexitque et probavit unice ac preserveranter*), Augustus was a victim of *Fortuna*, which robbed him of happiness and hopes of descendants and of discipline of a household³², with the opprobrium of the daughter and granddaughter, the two Julias, whom he has obliged to exile, and the death of his grandsons. Referring to Julia's demands, Suetonius does not explore the political question of disobeying laws, which Augustus had imposed to great opposition (*Aug.* 34.1)³³; he does not give attention to the actions of the women in themselves; he does not discuss the veracity of the claims, nor condemn their behavior. He remains focused on Augustus' reactions (Vidén 1993: 85), leading to a dramatic exploration of a father's suffering, unable to bear his children's dishonour (*Aug.* 65.2):

Aliquando autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit. Nam C. Lucique casu non adeo fractus, de filia absens ac libello per quaestorem recitato notum senatui fecit abstinuitque congressu hominum diu prae pudore, etiam de necanda deliberavit. Certe cum sub idem tempus una ex consciis liberta Phoebe suspendio uitam finisset, 'maluisse se' ait 'Phoebes patrem fuisse'.

He bore the death of his kin with far more resignation than their misconduct. For he was not greatly broken by the fate of Gaius and Lucius, but he informed the senate of his daughter's fall through a letter read in his absence by a quaestor, and for very shame would meet no one for a long time, and even thought of putting her to death. At all events, when one of her confidantes, a freedwoman called Phoebe, hanged herself at about that same time, he said: «I would rather have been Phoebe's father.»

The same thing happens with the obscure *abdicatio* and exile of Agrippa, posthumous son of Agrippa and Julia, who had been adopted by Augustus shortly

by the Roman tradition: the *mores maiorum*. This expression implies a set of values assumed and defended mainly by the Roman aristocracy, who use «these ethical categories» to judge others and thus clearly establish the boundaries of identity, both within Roman society and in confrontation with non-Romans, as Roller 2001: 20-1 points out. According to this author, the emperor's scope of action is not confined to the constitutionalist view (i.e. the powers he holds), but goes far beyond this, comprising a broad scope of «situations in which ethics and power intersect» (p. 286-7).

³² *Aug.* 65.1: *sed laetum eum atque fidentem et subole et diciplina domus Fortuna destituit*. The same idea appears in Tacitus (*Ann.* 3.24.2).

³³ As for a possible conspiracy theory, Southern 1998: 179 does not believe that Julia was punished for being involved, along with her lovers, in a plot against Augustus, but rather for the moral issue. It was not simply the question of infidelity to Tiberius, but the possibility that her sons, Gaius and Lucius, whom Augustus had adopted, would be children of an unknown father, if she had been unfaithful to Agrippa (cf. p. 149). Néraudau 1996: 227-31 is of a different opinion, arguing that Julia had around her a group of potential agitators: Iullius Antonius, surviving son of Anthony and Fulvia, later condemned to death; Sempronius Gracchus and a certain Scipio who may be the consul of 16 AD. Cf. *Vell.* 2.100. 3-5.

before, together with Tiberius. Suetonius transmits the official reason without comment: the *ingenium sordidum ac ferox* of Agrippa (*Aug.* 65.1 e 65.4). But it is not clear why Suetonius says that Agrippa, in exile, was handed over to a guard of soldiers, and Augustus prolonged his exile on the island by means of a senate decree. His excessive certainty makes the reader suspect that there may have been other reasons, perhaps connected to dynastic succession. If there was a conspiracy, it has not been proved. But Lucius Audasius and Asinius Epicadus had a plan to help Agrippa and Julia escape and to present them to the armies (*Aug.* 19.2): they were probably the executors of a plot in which perhaps Scribonia, who had accompanied his daughter Julia into exile, was accomplice (as Néraudau holds, 1996: 250³⁴). Even more obscure is the exile of the granddaughter, prevented even from acknowledging and raising the son that she had borne after she had been sentenced (*Aug.* 65.4):³⁵ this triple tragedy remains a mystery. The fact that Suetonius, as a result of his *per species* organization, deals with the three destinies together contributes to increase the *pathos*. The monarch's suffering is also explored in relation to the betrayals by friends, such as the trial of Cornelius Gallus, the disgraced prefect of Egypt, whose misfortune he bewails (*Aug.* 66.2: *quod sibi soli non liceret amicis, quatenus uellet, irasci*), «because he alone could not set what limits he chose to his anger with his friends»; but also the susceptibility of Agrippa who, because of alleged preference for Marcellus, withdraws to Mytilene, and the indiscretion of Maecenas, who told his wife state secrets (*Aug.* 66.3).

The *Life* becomes burlesque when Augustus himself breaks the laws that he himself had proposed³⁶. In fact, this *Life* seems to hover between tragedy and comedy (Néraudau 1996: 26-8). The *uariorum dedecorum infamia* of Augustus is presented in a light-hearted fashion. The accusation that he was effeminate and prostituted himself to Caesar and Hirtius is made by Sextus Pompey, Mark Antony and Lucius Antony³⁷. These seem to have been *topoi* of Roman political invective, taken from the political context and integrated into the character of the biographed subject.

³⁴ See also Levick 1972: 674-97; Southern 1998: 186 and n. 7 pp. 253-4.

³⁵ The charges must have been serious to justify the twenty years of exile that Tacitus refers to, *Ann.* 4.71.4. Her husband, Lucius Emilius Paulus, was accused of conspiracy (*Aug.* 19.1), but we do not know what happened to him; her daughter, Emilia Lepida, married to Claudius, was rejected while still a virgin, *quod parentes eius Augustum offenderant* (*Cl.* 26. 1), without the type of offence being specified.

³⁶ Langlands 2014: 111-29 stresses, as a central motif in Suetonius, Augustus' failure to impose the model he desired in the field of sexual morality (in which he himself was a poor example) and dynastic succession.

³⁷ The people understand that the line spoken on stage about a priest of Cybele that played the Phrygian drum referred to Augustus: *Videsne, ut cinaedus orbem digito temperat?* (*Aug.* 68). The joke results from the double meaning of *orbe*, understood as «circle of the drum» and «globe of the earth». The reference to the *Galli* (castrated priests of Cybele) as *cinaedi* is a *topos* of comedy and epigrammatic poetry.

In the same way, Augustus' undeniable adulteries, justified as an efficient form of spying, are exemplified with accusations from Antony, taken from the context of the polemic, and finishing with the transcription of a letter from Antony which serves the purpose of informing the reader about Augustus' mistresses and of the humour, which results from the frankness of the language and the use of obscenities (*Aug.* 69.2). The motivation for these accusations is not in question – this was a counter-attack by Antony before the accusation of immorality due to his connection with Cleopatra and repudiation of Octavia (cf. Southern, 1998: 92-3) –, but the contribution that they bring to our knowledge of Augustus' sex life. Also the *vox populi* expresses disapproval, with comic verses, a sacrilegious «feast of the twelve gods», in which Augustus dressed up as Apollo³⁸, as well as his taste for Corinthian vases and his dice-playing habit (*Aug.* 70.1-2)³⁹. The worst governors are libidinous and exert their tyranny also in the field of sexual domination, through the abuse of matrons, incest, (which remind us of the unions of the Egyptian kings), sodomy and sadism. But the inclusion of the category of the emperor's sex life into the biographical structure provides a key to our understanding of the text: in the case of Augustus, as in that of Caesar, the category is included in the description of private life (*Aug.* 61.1, cf. *Jul.* 44.4), as we have seen by the content of the *diuisio* that precedes it, which makes it appear more objective and neutral⁴⁰.

Augustus himself refutes the charge of effeminacy with *castitas*, and that of luxury with scorn. But Suetonius wants to excuse Augustus also of adultery and of a taste for gambling: the abuse of the wife of a consul, in front of her husband (*Aug.* 69.1), is not presented with the same gravity as is attributed to the *monstrum* Caligula (*Cal.* 25.1 e 36.2)⁴¹. As regards the vices, the change between the order in which they are presented initially (sodomy, adultery, luxury, gambling) and when they are refuted (sodomy, luxury, adultery, gambling) seems designed to excuse those that cannot be refuted – adultery and gambling – by leaving them to the end, as if they were minor (*Aug.* 71.1). Suetonius even presents them, somewhat paradoxically, as rumours (*ut ferunt ... aleae rumorem*) that are ultimately confirmed, in an attempt to diminish them; the lust is downplayed with the complacency of Livia, as it was said that she supplied him with virgins to

³⁸ The context of political invective used as a source makes us at least doubt the veracity of this episode. See Wardle 2014: 444-5. Such allegations would therefore often be made by political enemies.

³⁹ Gambling was prohibited in Rome except during the Saturnalia. Cf. Néraudau 1996: 113-4.

⁴⁰ With Vespasian, it is disguised in the description of daily life (*Ves.* 21), while for Tiberius, the category of sexual behaviour is placed between *cuncta simul uitia male diu dissimulata* (*Tib.* 42 onwards); for Caligula, it is placed in the description of the *monstrum* (*Cal.* 22 onwards); for Nero, between the *probra ac scelera* (*Nero* 19.3 onwards) – a subjective presentation, which presupposes an unfavourable moral judgement from the outset.

⁴¹ See Baldwin 1983: 245; Wardle 2014: 441.

deflower (*Aug.* 71.1)⁴²; addiction to gambling, with Augustus' frankness in stating that 'he in no way feared the rumour and he played sincerely and openly in order to distract himself' and in confessing in letters to Tiberius and Julia that he was passionate about the game of dice (*Aug.* 71. 2-3.). The excusing is reinforced, immediately by an example (*Aug.* 72.1: *in ceteris partibus uitae continentissimum constat ac sine suspicione ullius uitii*): «In the other details of his life it is generally agreed that he was most temperate and without even the suspicion of any fault». At this point in the *Life*, the biographer no longer wants to accentuate his subject's negative features and the long portrait that follows is one of moderation in the various aspects of private life (*Aug.* 72-78), such as the *parsimonia* of the furnishings (*Aug.* 73), the soberness in food and drink (*Aug.* 76-77), in stark contrast to the image of the excesses of decadent and arrogant tyrants. This aspect is underlined by the banquets' lack of sumptuousness and by the affability (*comitas*) he maintains with the diners, encouraging frank conversation (*Aug.* 74)⁴³, a way of displaying the *ciuilitas* he wants to convey.

Hints of the divine begin to emerge in the section devoted to his physical appearance, not only because of his *forma eximia*, resistant to time (*Aug.* 79.1)⁴⁴, but particularly because of the serenity of the face that could deter a killer; by the *quiddam diuini uigoris* of his gaze, which causes his interlocutors to lower their eyes, and by the *commoditas et aequitas membrorum* which make him seem bigger than he actually was⁴⁵, reminiscent of his tutelary god, Apollo (*Aug.* 79.2-3; cf. Grimal 1986: 734)⁴⁶. There seems to be tension between the deification of the image, which was already part of the tradition (Martin 1991: 56; Néraudau 1996: 23), and the biographer's realism. Suetonius composed first the physical portrait of the god (79) and then the man with his weaknesses (80-82).

After this, Suetonius introduces, in laudatory tone, Augustus' intellectual activity: the cultivation of eloquence and the liberal arts (84-89), as befits good emperors. This section allows Suetonius to show off his stylistic tendencies, as he suggests reasons for his implicit adhesion to Augustus' *genus eloquendi elegans et temperatum* (*Aug.* 86)⁴⁷, setting himself apart from the two main trends of his

⁴² Cassius Dio (58.2.5) says that Livia knew how to keep her husband, because she had the intelligence to tolerate his extravagances.

⁴³ *...ut non nimio sumptu, ita summa comitate. Nam et ad communicationem sermonis tacentis uel summissim fabulantis prouocabat*: a quality in which only Vespasian approaches him (*Ves.* 22), as Wardle 2014: 463 points out.

⁴⁴ *... forma fuit eximia et per omnes aetatis gradus uenustissima, quamquam et omnis lenocinii neglegens.*

⁴⁵ Suetonius (*Aug.* 79.2) notes, with a *tamen*, the contradiction between *statura breuis*, and the five feet and three quarters (1.70m) indicated by Julius Maratus, biographer of Augustus.

⁴⁶ For Martin 1991: 53, body signs in the form of the bear (*Aug.* 80), along with the signs of his mother Atia, presented later, contributed to the formation of the myth.

⁴⁷ Augustus avoids the *sententiarum ineptiae*, the *concinntas* and *recondita uerba*; he accuses both the *cacozeli* and the *antiquarii* of falling into vices which contradict each other; he censures

time (an archaizing Atticism, and the Asiaticism of the new fashion, cultivated by Seneca and the school of Lucan)⁴⁸.

The section *religio* describes Augustus' respect for the gods, whose favour he obtains, as well as his own superhuman nature. It seeks to demonstrate that many of his past successes were due to divine protection and to the observance of dreams and portents, such as the battle of Philippi: warned by a friend's dream to leave the tent where he intended to stay, he saves himself as the camp and his tent were subsequently attacked (*Aug.* 91.1-2). In relation to foreign cults, he shows a reverence for religious practices *ueteres ac praeceptae*, consecrated by tradition, and for the Eleusinian mysteries, but despises the rest (the bull-deity Apis, Judaism) (*Aug.* 93) – thus Augustus' policy «helped define the boundaries of Romanity», as Wardle (2014: 507) points out.

This portrait of the *religiosus* who respects the Roman tradition serves as a pretext to recount the various prodigies that marked out Augustus' life as predestined. At this point, the *per species* organization acquires the appearance of a long (*Aug.* 94-97) analepsis, flashing back to important moments from his early life, and even from before he was born (*Aug.* 94.1), which are analysed from a supernatural perspective, accompanied by the respective signs. From this messianic perspective, Augustus is presented as an awaited king, whose coming was predicted long ago (*Aug.* 94.2-3) and his conception is associated to Apollo (*Aug.* 94.4)⁴⁹:

In Asclepiadis Mendetis Theologumenon libris lego, Atiam, cum sollemne Apollinis sacrum media nocte uenisset, posita in templo lectica, dum ceterae matronae dormirent, obdormisse; draconem repente irrepsisse ad eam pauloque post egressum; illam expergefactam quasi a concubitu mariti purificasse se; et statim in corpore eius extitisse maculam uelut picti draconis nec potuisse umquam exigi, adeo ut mox publicis balineis perpetuo abstinuerit; Augustum natum mense decimo et ob hoc Apollinis filium existimatum. Eadem Atia, prius quam pareret, somniauit intestina sua ferri ad sidera explicarique per omnem

Maecenas for his so-called *myrobrechis cincinni*; he criticises Tiberius in search of *exoletae et reconditae uoces*; he attacks Antony for writing *quae mirent potius homines quam intellegant*. As D'Anna observes (1954: 94-5), no other emperor gets from Suetonius such a precise and extensive analysis of his style.

⁴⁸ Suetonius censures the style of Tiberius, which was obscured by the *adfectatio et morositas nimia* (*Tib.* 70.1), and places himself between the two tendencies: the style that Asinius Pollio and Augustus recommended and which Cicero attributed to Caesar (*Jul.* 55): ... *aitque [Cicero ad Brutum] eum [scil. Caesarem] elegantem, splendidam quoque atque etiam magnificam et generosam quodam modo rationem dicendi tenere*. Despite his admiration for Cicero, Suetonius does not follow the Arpinate in form: he prefers a simple, clear and efficient style. See D'Anna 1954: 94-111; Della Corte 1967: 36-9; Cizek 1977: 14-20.

⁴⁹ Cf. D.C. 45.1. Apollo is opposed to Dionysus with whom Antony is associated, cf. Néraudau 1996: 121.

terrarum et caeli ambitum. Somniauit et pater Octavius utero Atiae iubar solis exortum.

I have read the following story in the books of Asclepias of Mendes entitled «Theologumena». When Atia had come in the middle of the night to the solemn service of Apollo, she had her litter set down in the temple and fell asleep, while the rest of the matrons also slept. On a sudden a serpent glided up to her and shortly went away. When she awoke, she purified herself, as if after the embraces of her husband, and at once there appeared on her body a mark in colours like a serpent, and she could never get rid of it; so that presently she ceased ever to go to the public baths. In the tenth month after that Augustus was born and was therefore regarded as the son of Apollo. Atia too, before she gave him birth, dreamed that her vitals were borne up to the stars and spread over the whole extent of land and sea, while Octavius dreamed that the sun rose from Atia's womb.

Divine conception is of course a *topos* used for various heroes, including Alexander the Great (Cf. Plu. *Alex.* 2.6-3.2)⁵⁰. Many other prodigies followed throughout his life, presaging a grand destiny. Belief in these portents gave Augustus an oracular wisdom (*Aug.* 96), prior knowledge of the outcome of all wars including the battle of Philippi, when the ghost of Caesar announced the victory (*Aug.* 96.1)⁵¹; while in Actium a donkey driver called Euryches («fortunate») with a donkey called Nikon («victorious») appeared in his path, to which he later dedicated a sculpture (*Aug.* 96.2)⁵². The omens are mystified in the political propaganda, but Suetonius shows no skepticism. This list of signs prepares the ground for Augustus' apotheosis.

3.2. THE DEATH GENRE: THE *MIMUS VITAE*

The account of the death is presaged by omens (*Aug.* 97.1), signs which also indicate to Augustus the date of his own death (97). The good emperors are given dignified deaths in Suetonius. Augustus's last days are a kind of withdrawal so that he and the family can prepare for the passing. In the context of the trip to Campania (to accompany Tiberius to Beneventum, as he was leaving for Illyria),

⁵⁰ See Lorsch 1997: 790-9; Martin 1991: 329-30; Wardle 2014: 524. The same *topos* was used for other heroes: on the Greek side, Aristomenes and Arato (Paus. 4.14.4-7); on the Roman side, Scipio Africanus (Liv. 29.19.6; Sil. 13.634-644; Gel. 6.1-5).

⁵¹ In Cassius Dio (47.41.2), the ghost does not announce victory but that the battle will occur the next day. It seems that Suetonius transformed the Thessalian's vision into a presage of victory in order to prove his thesis of 96.1: *Quin et bellorum omnium euentus ante praesensit.* See Gascou 1984: 181-2.

⁵² See Néraudau 1996: 138; Manfredini 1986: 481-3; Wardle 2014: 537-8.

Suetonius inserts an episode that implies world acknowledgement of Augustus' power (*Aug.* 98.2):

Forte Puteolanum sinum praeteruehenti uectores nauataeque de nauis Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura libantes fausta omnia et eximias laudes congesserant: 'per illum se uiuere, per illum nauigare, libertate atque fortunis per illum frui'.

As he sailed by the gulf of Puteoli, it happened that from an Alexandrian ship which had just arrived there, the passengers and crew, clad in white, crowned with garlands, and burning incense, lavished upon him good wishes and the highest praise, saying that it was through him that they lived, through him that they sailed the seas, and through him that they enjoyed their liberty and their fortunes.

The rhythm of the invocation and its trappings (vestments, flowers, incense) suggest that this is a liturgical ceremony. Most probably it is the expression of a religious and political creed which takes up a theme that is recurrent in Augustan propaganda: universal peace and the safety of the seas⁵³. His cult extended to the east, where divinization was more easily recognized. In the countryside, where he spent his last days, there is a synthesis between Hellenic and Roman culture, symbolized in the narrative by a symbolic change of clothing and language between Greeks and Latins at the suggestion of the «monarch», and his attendance of the Greek custom of games of the ephebes of Capri. On the island, he relaxes in the company of his friends, Livia and Tiberius (who is leaving for Illyria).

The long secret talk that he has with Tiberius (who has been ordered home urgently), his last official activity, creates some mystery in the passage of the witness and generates some rumours about Livia's intervention in the transmission of power, which Suetonius omits so as not to mar the perfection of this death⁵⁴. Tiberius' position as successor seems at this time so secure that perhaps such cares were unjustified (as Carter points out, 1986: 204)⁵⁵, but there could always exist the danger of a revolt⁵⁶. We should also remember that the situation was unusual as there were no precedents for this succession. But such reflections do

⁵³ Implying the princeps' assimilation to Jupiter, as the ultimate cause, as suggested by Rocca-Serra 1974: 671-80.

⁵⁴ Tacitus (*Ann.* 1.5.3-4) claims that Tiberius had already arrived at Illyria and was called back by an urgent letter from Livia. Moreover, there is the suspicion that when he arrived back in Nola, Augustus had already died some days before, and that Livia had kept his death a secret in order to ensure her son's succession.

⁵⁵ Suetonius may actually have been deliberately correcting Tacitus' claim, whose work had been published just a few years before, as this author suggests.

⁵⁶ There was Agrippa Postumus, the grandchild that Augustus had ordered into exile on the pretext that he had an incorrigible character and who was eliminated in a suspicious way at the same time (cf. *Tib.* 22).

not concern the biographer. The account of Augustus' last day is assimilated to that of a wise man (*Aug.* 99-100.1):

Supremo die identidem exquirens, an iam de se tumultus foris esset, petito speculo capillum sibi comi ac malas labantes corrigi praecepit et admissos amicos percontatus, 'ecquid iis uideretur mimum uitae commode transegisse', adiecit et clausulam:

*ἐπεὶ δὲ πάννυ καλῶς πέπαισται, δότε κρότον
καὶ πάντες ἡμᾶς μετὰ χαρᾶς προπέμψατε'.*

Omnibus deinde dimissis, dum aduenientes ab urbe de Drusi filia aegra interrogat, repente in oculis Liuiæ et in hac uoce defecit: 'Liuiæ, nostri coniugii memor uiue ac uale!' Sortitus exitum facilem et qualem semper optauerat. Nam fere quotiens audisset cito ac nullo cruciatu defunctum quempiam, sibi et suis eὐθανασίαν similem – hoc enim et uerbo uti solebat – precabatur. Vnum omnino ante efflatam animam signum alienatae mentis ostendit, quod subito pauefactus a quadraginta se iuuenibus abripi questus est. Id quoque magis praesagium quam mentis deminutio fuit, siquidem totidem milites praetoriani extulerunt eum in publicum.

Obiit in cubiculo eodem, quo pater Octauius, duobus Sextis, Pompeio et Ap<p>uleio, cons. XIII. Kal. Septemb. hora diei nona, septuagesimo et sexto aetatis anno, diebus V et XXX minus.

On the last day of his life he asked every now and then whether there was any disturbance without on his account; then calling for a mirror, he had his hair combed and his falling jaws set straight. After that, calling in his friends and asking whether it seemed to them that he had played the comedy of life fitly, he added the tag:

«Since well I've played my part, all clap your hands
And from the stage dismiss me with applause.»

Then he sent them all off, and while he was asking some newcomers from the city about the daughter of Drusus, who was ill, he suddenly passed away as he was kissing Livia, uttering these last words: «Live mindful of our wedlock, Livia, and farewell,» thus blessed with an easy death and such a one as he had always longed for. For almost always on hearing that anyone had died swiftly and painlessly, he prayed that he and his might have a like *euthanasia*, for that was the term he was wont to use. He gave but one single sign of wandering before he breathed his last, calling out in sudden terror that forty men were carrying him off. And even this was rather a premonition than a delusion, since it was that very number of soldiers of the pretorian guard that carried him forth to lie in state.

He died in the same room as his father Octavius, in the consulship of two Sextuses, Pompeius and Appuleius, on the fourteenth day before the Kalends of September at the ninth hour, just thirty-five days before his seventy-sixth birthday.

For the sake of posterity, there remains that clause of comedy or mime with which Suetonius makes Augustus close his own life. Augustus liked comedy (particularly ancient comedy: cf. *Aug.* 89.1), and used a formula which, though the text is very corrupt in the manuscripts⁵⁷, seems to be the end of a mime⁵⁸. It could have been an improvisation by the emperor himself, who found it easy to compose verse in Greek (*Aug.* 98.4; cf. Kessissoglu 1988: 385-8). If it was a real dictum of the emperor, it may not even have been pronounced at the last moment, but only integrated into that context by tradition.

Augustus seems to suggest that this whole life was a performance⁵⁹, so he maintains the *mise-en-scène* until the last minute, as if he had been preparing for this finale for a long time (Néraudau 1996: 8-9). However, the association of Augustus' life to a mime does not imply (also because it is assumed by the character) disapproval on the part of Suetonius (as would occur in other cases). Rather, he seems to be affirming that the life of this man was a realistic representation, with good and bad aspects, although the good exceeded the bad, and for this deserved applause⁶⁰. The chapters on Augustus' good fortune followed by the account of the blessed death suggest that Suetonius intends to present a favourable portrait of Augustus and ostensibly make him a model for subsequent emperors, as Hurley (2014: 25) points out.

It is significant that, despite Suetonius' predilection for the most scandalous versions, there is no indication of assassination here as there is in Tacitus and Cassius Dio⁶¹, either because he did not believe in that possibility or in order not to stain Augustus' death, which had to be immaculate. Moreover, this death is one more element in the construction of a myth.

⁵⁷ According to Monaco 1970: 255-73, the formula is taken from the *nea* comedy (it did not exist in the old comedy) and was imitated by the Latin authors of the *palliata*. See also Wardle 2014: 551.

⁵⁸ Fornaro 1988: 162 considers it more likely that it is a *clausula mimi*, improvised by Augustus himself, as an ironic complement to the association of his life to a mime. On Augustus' sense of humour, see Southern 1998: 136.

⁵⁹ According to Néraudau 1996: 41-2, the mime argument is the mythification that Augustus assumed through all those prodigious stories that circulated about him since his conception. See Wardle 2014: 550.

⁶⁰ Fornaro 1988: 155-67 argues that the theatre clause is an ethical metaphor that expresses the awareness of duty fulfilled and does not have, in Suetonius, the pejorative sense of a hypocritical «farse of life» that has been given to it by his interpreters (and by Cassius Dio, 56.30.4), but is equivalent to a performance without a mask. According to Hulls 2014: 190-1, Augustus remains the same as himself in his performance, as the mirror he asks for at the moment of death seems to symbolize.

⁶¹ In fact, Tacitus (*Ann.* 1.5.4) mentions the rumour that Livia was responsible for Augustus' death. Cassius Dio (56.30.2) suggests that Livia had given him poisoned figs which, *mutatis mutandis*, seem to be a calque of the account of Claudius' death. See Martin 1955: 123-8; Questa 1959: 41-55; Martin 1991: 350-2.

There is only one indication of delirium (*unus omnino*), which seems to contradict the biographer's earlier words about *euthanasia* – the hallucination about forty young men taking him by force. The biographer doesn't give a convincing explanation for the delirium, but he avoids casting any taint on this great death, appealing instead to Augustus' premonitory capabilities (*magis praesagium quem mentis deminutio*)⁶². In addition, this brief note introduces a bit of mystery into the narrative of the death.

After indicating the place (with an interesting curiosity: he died in the same room as his father), the date and time of death, the age Augustus was at the time, Suetonius describes the honours paid by the decurions of the provinces, the knights and the senate (*Aug.* 100), but does not mention any popular lament, as he did with Caesar.⁶³ This could be the answer to Augustus' repeated concern about whether there was unrest. The people, long accustomed to the peace of the new regime, would take the death of the old emperor quite naturally. Suetonius opts for silence: this is the end of the biography of a man who made up for a lot of bad with a lot of good. The accounts have been settled. And, according to the testimony of a praetor, Augustus' shadow rose to heaven, just as his adoptive father's had⁶⁴.

The *Life* ends with the will (*Aug.* 101): a weak closure, but the expected one in a life that began in turmoil but ended in peace. Having taken stock, the biographer himself forgives Augustus for the cruelties of his youth, because progress has been in a positive direction⁶⁵.

To sum up, when Suetonius wrote the *Life of Augustus* over a hundred years after his death, the *princeps* already belonged to the realm of legend and had acquired supernatural proportions. Suetonius presents the known facts, reinterpreted in the light of divinity. It is the singularity of re-encountering a god, paradoxically in a mortal with all his defects. Octavian, like Julius Caesar, represented himself as predestined from the outset (Grimal 1986: 729-38). The remarkable contrast

⁶² Néraudau (1996: 24-5) considers this interpretation to be confusing, as it mixes cause and effect, and incoherent, as it presents Augustus as terrified by a vision of the solemn manifestation of respect; and the verb *abripsi* of the vision (gathered from a cry of the sick man) does not match the *extollere* of the funeral. Besides, Augustus would have known the details of his funeral in detail.

⁶³ *Vide* Baldwin 1983: 245-6.

⁶⁴ According to Gascou 1984: 732, Suetonius even seems to be skeptical regarding the apotheosis of the emperor, and seems to express subtle irony by referring the alleged witness of Augustus' ascension to the heavens (*Aug.* 100.4: *Nec defuit uir praetorius, qui se effigiem cremati euntem in caelum uidisse iuraret*). On the contrary, Wardle 2014: 558 does not consider Suetonius to be mocking the imperial consecration.

⁶⁵ Power 2014: 59-1 emphasises the connections between the opening and closing of this *Life*, pointing to the link to the ancestors, already underlined earlier by the precise indication that Augustus died in the same room as his father Octavius.

between the cruel young man that he was and the magnanimous *princeps* that he became has a positive effect: for while there are moments in the first part that transmit a very unfavourable image of the young Octavian, the reader gradually forgets these as the chapters unfold, with the accounts of his effective government, clemency and modesty, experiencing admiration for the founder of the new State. After being drawn in, the reader is invited to sympathize with the emperor's numerous misfortunes, also listed by Pliny (*Nat.* 7.46). This is not just a matter of art for art's sake; there is an imperial ideal implicit in the way the biographer organizes the events. Thus, Augustus becomes a model for many emperors. But it is also clear that, in order to properly understand and appreciate the *Lives*, they need to be read continuously, as an autonomous genre that stands apart from history, otherwise they may come across like a kind of «patchwork quilt» (indeed, Suetonius has often been accused of this by readers that have treated his works as a historical source to be perused in a spasmodic way).

We can say that the *Life of Augustus* is certainly the best illustration of Suetonian biography in form and content, certainly because of the importance of the biographed subject and the scope of the text. This *Life* fully exemplifies Suetonius' work from a rhetorical and ideological point of view. In addition to the aforementioned division between chronological parts and parts systematized by rubrics, clearly established in this *Life* (*Aug.* 9.1), Suetonius, in commenting on Augustus' style, leaves traces of his stylistic preferences: demarcating himself from both the archaizing Atticism and the Asianism of the new fashion, cultivated by Seneca and the school of Lucanus. And in terms of the image and function of the *princeps*, the *Life of Augustus* represents, as we have seen, the definition and preservation of the Roman identity embodied in the political, cultural, and moral qualities that Suetonius stresses⁶⁶.

BIBLIOGRAPHY

- Baldwin, B. (1983), *Suetonius*. Amsterdam.
- Benario, H. W. (1975), «Augustus princeps», *ANRW* II. 2: 75-85.
- Bradley, K. R. (1991), «The imperial ideal in Suetonius' *Caesares*», *ANRW* II.33.5: 3701-32.
- Brandão, J. L. (2009), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra: Classica Digitalia.
- . (2012), *Vidas de Galba e Otão*. Coimbra: Séries de Autores Gregos e Latinos.
- Brandão, J. L. & Leão, D. F. (2017), «Augustus by Suetonius: the man and the making of the god», *Phoînix* 23.1: 158-85.

⁶⁶ According to Gunderson 2014: 137, for Suetonius «the later Caesars, then, are regularly evaluated as more or less faithful copies of Augustus».

- Carter, J. M. (2012), *Suetonius: Divus Augustus*. Edited with Introduction and Commentary. Bristol: OUP.
- Cizek, E. (1977), *Structure et idéologie dans les Vies des douze Césars de Suétone*. Paris: Les Belles Lettres.
- D'Anna, G. (1954), *Le idee letterarie di Suetonio*. Firenze: La Nuova Italia.
- Della Corte, F. (1967), *Svetonio eques Romanus*. Firenze: La Nuova Italia.
- Fornaro, P. (1988), «Una vita senza maschera, Suet. Aug. xcix, l», *CCC* 9: 155-67.
- Franco, C. (1989), «Il lungo sonno di Ottaviano», *Studi Classici e Orientali* 39: 257-64.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Paris: De Boccard.
- Goldsworthy, A. (2014), *Augustus. From revolutionary to Emperor*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Grimal, P. (1986), «Suétone historien dans la Vie d'Auguste», in P. Grimal, *Rome. La littérature et l'histoire*. Paris / Roma: École Française de Rome, II, 729-38.
- Gunderson, E. (2014), «E.g. Augustus: *exemplum* in the *Augustus* and *Tiberius*», in T. Power & R. K. Gibson (eds.), *Suetonius Studies in Roman Lives*. Oxford: OUP, 130-45.
- Hulls J.-M. (2014), «The Mirror in the Text: Privacy, Performance and the Power of Suetonius' Domitian», in T. Power & R. Gibson (eds.), *Suetonius the Biographer. Studies in Roman Lives*. Oxford: Oxford University Press, 178-96.
- Hurley, D. W. (2014), «Suetonius' Rubric Sandwich», in T. Power & R. K. Gibson (eds.), *Suetonius Studies in Roman Lives*. Oxford: OUP, 21-37.
- Kessissoglou, A. I. (1988), «Mimus vitae», *Mnemosyne* 41: 385-8.
- Langlands, R. (2014), «Exemplary influences and Augustus' Pernicious Moral Legacy», in T. Power & R. K. Gibson (eds.), *Suetonius Studies in Roman Lives*. Oxford: OUP, 111-29.
- Levick, B. (1972), «Abdication and Agrippa Postumus», *Historia* 21: 674-97.
- Lewis, R. G. (1991), «Suetonius' Caesares and their literary antecedents», *ANRW* II.33.5: 3623-74.
- Lorsch, R. S. (1997), «Augustus' conception and the heroic tradition», *Latomus* 56: 790-9.
- Manfredini, M. (1986), «L'asinaio di Azio», *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* 16: 481-3.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris: Les Belles Lettres.
- Martin, R. H. (1955), «Tacitus and the death of Augustus», *Classical Quarterly* 49 (5, new ser.): 123-8.
- McDermott, W. C. (1972), «Suetonius and the second proscription», *Gymnasium* 79: 495-9.

- Monaco, G. (1970), «Spectatores, plaudite»: in *Studia Florentina A. Ronconi oblata*. Roma: Ateneo, 255-73.
- Néraudau, J. P. (1996), *Auguste. La brique e le marbre*. Paris: Les Belles Lettres.
- Picón García, V. (1984) «*Superstitio*, un indicio de la romanidad de Suetonio», *Estudios Clásicos* 26 (Apophoreta philologica E. Fernández-Galiano oblata): 323-8.
- Power, T. (2014), «The Endings of Suetonius' Caesars», in T. Power & R. K. Gibson (eds.), *Suetonius Studies in Roman Lives*. Oxford: OUP, 58-77.
- Questa, C. (1959), «La morte di Augusto secondo Cassio Dione», *La Parola del Passato: Rivista di Studi Antichi* 14: 41-55.
- Rocca-Serra, G. (1974), «Une formule culturelle chez Suétone (*Divus Augustus*, 98,2)», in *Mélanges de Philosophie, de Littérature et d'Histoire Ancienne offerts à P. Boyancé*. Rome: École Française de Rome, 671-80.
- Rolfe, J. C. (1913), *Suetonius I*. Cambridge, Mass: Harvard University Press. (reimpr. de 1979).
- Roller, M. B. (2001), *Constructing Autocracy. Aristocrats and Emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: University Press.
- Salmon, E. T. (1956), «The evolution of Augustus' principate», *Historia* 5: 456-78.
- Southern, P. (1998), *Augustus*, London / New York: Routledge.
- Timonen, A. (1993), «Emperors ars recusandi in biographical narrative», *Arctos. Acta Philologica Fennica* 27: 133-48.
- Townend, G. B. (1967), «Suetonius and his influence», in T. A. Dorey (ed.), *Latin biography*. London: Routledge & Kegan Paul, 79-111.
- Vidén, G. (1993), *Women in Roman literature. Attitudes of authors under the early empire*, (Studia Graeca et Latina Gothoburgensia LVII) Gotëborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 65-90.
- Wallace-Hadrill, A. (1984), *Suetonius. The scholar and his Caesars*. New Haven: Yale University Press.
- Wardle, D. (1994), *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*. Bruxelles.
- . (2012), «Suetonius on Augustus as god and man», *The Classical Quarterly* 62: 307-26.
- . (2014), *Suetonius. Life of Augustus*. Transl. with intr. and historical commentary. Oxford: OUP.
- Warmington, B. H. (1999), *Suetonius Nero*. text, with intr. & notes. Bristol: Bristol Classical Press.

IV
BIOGRAFIA IMPERIAL:
EMULAÇÃO, IDENTIDADE E CONFLITO

(Página deixada propositadamente em branco)

**EN BUSCA DEL *PRINCEPS* IDEAL.
TIBERIO VS. GERMÁNICO EN LOS ANNALES DE TÁCITO¹**

**IN SEARCH OF THE IDEAL *PRINCEPS*:
TIBERIUS VS. GERMANICUS IN TACITUS' ANNALS**

JOAQUÍN VILLALBA ÁLVAREZ
Universidad de Extremadura
ORCID: 0000-0001-5048-2704

RESUMÓ: El relato del reinado de Tiberio, que ocupa los primeros seis libros de *Anales*, es para muchos lo mejor de toda la obra histórica de Tácito. En los dos primeros libros aparecen enfrentados dos personajes trascendentales de la dinastía Julio-Claudia y de la obra tacitea, como son el emperador Tiberio y su sobrino, el general Germánico. Es en estos libros cuando emerge la personalidad tremendamente popular de Germánico como contrapunto al difícil y oscuro carácter de su tío Tiberio. Los evidentes contrastes morales que encarnan ambos personajes dan pie a Tácito, el historiador trágico y moralista por excelencia en la literatura romana, a presentarlos en su obra como los antagonistas de un drama: por un lado, Germánico, el héroe trágico; por el otro, Tiberio, el tirano cruel. En este trabajo se analiza el tratamiento que de ambos personajes ofrece el historiador.

PALABRAS-CLAVE: Tácito; Anales; Germánico; Tiberio; antagonistas

ABSTRACT: The account of the reign of Tiberius, which occupies the first six books of the *Annals*, is considered by many to be the highlight of all of Tacitus' historical work. In the first two books, two significant figures of the Julio-Claudian dynasty and Tacitus's work, Emperor Tiberius and his nephew, the general Germanicus, are contrastingly depicted. It is in these books that the tremendously popular personality of Germanicus emerges as a contrast to the difficult and dark character of his uncle Tiberius. The evident moral contrasts embodied by both characters allow Tacitus, the tragedian and moralist historian par excellence in Roman literature, to present them in his work as the antagonists of a drama: on one side, Germanicus, the tragic hero; on the other, Tiberius, the cruel tyrant. This analysis examines the portrayal of both characters by the historian.

KEYWORDS: Tacitus, Annals; Germanicus; Tiberius; antagonists

«Tiberio nunca entendió a Germánico, ni éste a aquél. Como ya he dicho,

¹ La publicación de este trabajo ha sido posible gracias al Proyecto de Generación del Conocimiento PID2021-123069NB-100 del MICINN del Reino de España «El engarce narrativo en la historiografía desde la Antigüedad hasta el Renacimiento» y al Fondo Europeo de Desarrollo Regional y a la Junta de Extremadura (Consejería de Economía, Ciencia y Agenda Digital), mediante la ayuda GR21005 al grupo LAPAR (HUM 002, *Las artes de la palabra de la Antigüedad al Renacimiento*).

Tiberio era uno de los malos Claudios. [...] Por otra parte, Germánico estaba totalmente inclinado hacia la virtud y, a pesar de lo perverso de la época en que había nacido, no habría podido comportarse de manera distinta a como se comportaba...»

(Robert Graves, *Yo Claudio*).

0. PREÁMBULO

Para muchos el más grande historiador que haya producido el mundo romano², Cornelio Tácito es quizá el ejemplo más claro en Roma de narrador moralista y analista político, capaz de envolver su relato histórico de un profundo tono dramático cercano a la tragedia³ y de un estilo conciso a la vez que muy cuidado⁴. Nacido en el seno de una familia perteneciente al *ordo equester*, su matrimonio con la hija de Julio Agrícola, cónsul el año anterior, le abrió las puertas de una carrera política que desarrolló en tiempos de los emperadores Flavios y que le llevó a ser pretor en 88 y cónsul en 97, ya en tiempos del emperador Nerva. La breve etapa iniciada con este emperador y, sobre todo, el próspero reinado de su sucesor Trajano, supondrían un cambio radical en términos de libertad para Roma, tras el oscuro y sangriento reinado del último de los Flavios, Domiciano. Un tiempo en que, al fin, pudieron conciliarse elementos *a priori* inconciliables: principado y libertad⁵.

Será en medio de ese clima de libertad recobrada, en medio de este tiempo –en palabras del propio Tácito– «de extraña felicidad en que se puede pensar lo que se quiera y decir lo que se piensa»⁶ cuando Tácito impulse su carrera literaria, cuya obra cumbre serán los *Annales*⁷, penetrante y minucioso relato

² Cf. por ejemplo, la opinión de Roland Mellor (2010: 3): «Cornelius Tacitus was the greatest historian that the Roman world produced». Para Ludwig Bieler (1992: 256), con Tácito «la historiografía romana llega a su cima más alta».

³ Norden (1915: 327-8) llegó a afirmar que lo que Tácito dejó escrito fue «una serie de poderosas tragedias con el arte del más grande de los poetas y en un lenguaje monumental» (eine Reihe gewaltiger Tragödien, komponiert mit der Kunst des grössten Dichters und in monumentaler Sprache).

⁴ Bayet (1981: 427): «Tácito es muy complejo: inteligente y emotivo, observador lúcido y visionario lleno de imaginación, agrio moralista y estilista siempre insatisfecho, creó una forma literaria nueva, en la que se complace; la Historia se transformó en sus manos en una documentación psicológica y, al mismo tiempo, en la expansión de su propia personalidad. [...] Es, con Virgilio y Séneca, el autor más cargado de sentimiento».

⁵ Tác. Agr. 3: Beatissimi saeculi ortu Nerva Caesar res olim dissociabiles miscuerit, principatum ac libertatem, augeatque quotidie felicitatem temporum Nerva Traianus («El comienzo de una época muy feliz, en que Nerva César concilió cosas que en el pasado fueron irreconciliables: principado y libertad y Nerva Trajano aumenta día tras día la felicidad de nuestros tiempos»).

⁶ Rara temporum felicitate ubi sentire quae velis et quae sentias dicere licet (Tác. Hist. 1.1).

⁷ Aunque el título original de la obra es *Ab excessu divi Augusti libri*, el propio autor se refiere a ella con el nombre de *Annales*, con el que se ha perpetuado hasta nuestros días. Cf. Tác. Ann.

del reinado de la dinastía Julio-Claudia desde la muerte de Augusto hasta los últimos tiempos de Nerón.

El escribir esta obra en tiempos de Trajano, prácticamente un siglo después de la muerte de Augusto, daba a Tácito una perspectiva histórica lo suficientemente amplia como para tratar los hechos con libertad «sin rencor ni favoritismos», como él mismo dice al principio de *Annales*⁸. Sin embargo, esa aparente imparcialidad no significa una exposición aséptica de los hechos. Precisamente en ello radica su consideración de historiador moralista: aun siendo un «historiador fiable en lo esencial», no deja pasar nunca la ocasión para manifestar su reflexión personal sobre determinados comportamientos, sean estos plausibles o censurables. Resultaría ingenuo pensar que, por escribir sobre unos hechos tan remotos, Tácito se iba a mantener al margen e iba a ser radicalmente objetivo en su exposición. Y ese será el propósito del presente análisis: las reflexiones – obviamente subjetivas – que Tácito vierte a lo largo de los *Annales* sobre dos figuras trascendentales de la dinastía Julio-Claudia, que coincidieron en el tiempo pero que encarnaban, a los ojos del autor, una forma bien distinta de representar la grandeza de Roma. Nos referimos al emperador Tiberio y al victorioso general Germánico.

El relato del reinado de Tiberio ocupa los primeros seis libros de *Annales*, lo que se conoce como ‘hécada tiberiana’, que para muchos estudiosos representa lo mejor de los *Anales* y de toda la obra de Tácito. De estos seis libros, fijaremos nuestra atención de manera particular en los dos primeros, por ser en ellos donde emerge como contrapunto de Tiberio la figura de su sobrino Germánico, un personaje cuya tremenda popularidad se opone frontalmente al difícil carácter de su tío. El libro segundo de *Annales* se cierra, precisamente, con el meticuloso relato de la muerte de Germánico.

Muchos son los estudiosos modernos que han llamado la atención sobre el paralelismo, o mejor dicho, la antítesis de ambas figuras del siglo primero⁹. De hecho, esto ya fue así entre los autores de la Antigüedad, que aprovecharon los evidentes contrastes entre ambos para presentarlos como los antagonistas en un drama: Germánico como el héroe trágico, Tiberio como el tirano cruel. Y ello

4.32: Nemo annalis nostros cum scriptura eorum contenderit qui veteres populi Romani res composuere («Nadie debería comparar nuestros anales con los escritos de aquellos que narraron la historia antigua del pueblo romano»).

⁸ Tác. *Ann.* 1.1: Inde consilium mihi pauca de Augusto et extrema tradere, mox Tiberii principatum et cetera, sine ira et studio, quorum causas procul habeo («Y así, mi intención es tratar brevemente de Augusto y sólo de sus últimos tiempos, y luego el principado de Tiberio y lo demás, sin rencor ni favoritismos, pues las causas de los hechos las tengo muy lejos en el tiempo»).

⁹ Sirvan como muestra en torno a la construcción de la figura de Germánico en la obra de Tácito trabajos como los de Borszák 1969, Ross 1973, Rutland 1973, Wankenne 1975, Pelling 1993, o, más recientemente, Balmaceda 2001 y 2021.

adquiere una dimensión extraordinaria en un autor como Tácito, el historiador trágico y moralista por excelencia en la literatura romana.

1. TIBERIO VS. GERMÁNICO. DOS PERSONALIDADES ENFRENTADAS

Tiberio Claudio Nerón (42 a.C.-37 d.C.), hijo de Tiberio Claudio Nerón y de Livia Drusila, pertenecientes ambos a la *gens Claudia*, era un niño de apenas cuatro años cuando Octavio se presentó en casa de sus padres para llevarse a su madre, embarazada de seis meses del que sería su hermano Druso, con la intención de casarse con ella¹⁰. Vivió toda su vida en palacio a la sombra de su sobreprotectora madre, que fue allanándole el camino para que su padrastro, Octavio, lo convirtiera primero en yerno, después en hijo adoptivo y finalmente le nombrara sucesor después de las prematuras (y misteriosas) muertes de sus nietos Lucio y Gayo César, los llamados a ser herederos del poder supremo de Roma:

Vt Agrippa vita concessit, Lucium Caesarem euntem ad Hispaniensis exercitus, Gaium remeantem Armenia et vulnere invalidum mors fato propera vel novercae Liviae dolus abstulit, Drusoque pridem extincto Nero solus e privignis erat, illuc cuncta vergere: filius, collega imperii, consors tribuniciae potestatis adsumitur omnisque per exercitus ostentatur, non obscuris, ut antea, matris artibus, sed palam hortatu (TÁC. ANN. 1.3)¹¹.

Germánico Julio César (15 a.C.-19 d.C.) era hijo de Druso, el hermano de Tiberio, y de Antonia, la hija de Marco Antonio y de Octavia, hermana a su vez de Augusto. Por tanto, pertenecía por igual a la *gens Claudia* y a la *gens Iulia*. De hecho, cuando Augusto adoptó a Tiberio puso como condición que éste hiciera lo mismo con Germánico, hijo de su hermano Druso, ya fallecido¹², seguramente con la intención de que algún día alcanzase el poder, como símbolo

¹⁰ Cf. Suet. *Aug.* 62.2 y *Claud.* 1.1. Al parecer, el esposo abandonado estuvo de acuerdo con ello e incluso asistió a la boda de Octavio y Livia, que tuvo lugar inmediatamente después que ambos se divorciaron de sus respectivos matrimonios previos (Octavio también estaba casado, con Escribonia). A cambio de esa concesión, Tiberio Claudio Nerón, viejo enemigo de Octavio, consiguió sobrevivir políticamente.

¹¹ «Después que Agripa dejó este mundo, que a Lucio, que marchaba a los ejércitos de Hispania, y a Gayo, que volvía de Armenia gravemente herido, se los llevó una muerte fatalmente repentina o quizá una maquinación de su madrastra Livia, y que de sus hijastros, muerto Druso hacía tiempo, sólo le quedaba [Tiberio] Nerón, todo fue a parar a él: lo convirtió en hijo suyo, colega en el imperio, consorte en la potestad tribunicia, y fue presentado con todo el boato delante de todos los ejércitos, no mediante las oscuras artimañas de su madre, como antes, sino por disposición pública».

¹² Druso, hermano de Tiberio y padre de Germánico, murió el 9 a. C. Augusto adoptó a Tiberio el 4 d. C. e impuso a Tiberio que en ese mismo momento adoptara a Germánico como hijo, «con el fin de proporcionarse un apoyo más» (quo pluribus munimentis insisteret). Cf. TÁC. ANN. 1.3.

de la unión de ambas familias y la perpetuación de la dinastía. Pero Germánico, sobrino, hermano y padre de emperadores, no pudo (o no le dejaron) acceder al poder de Roma.

El perfil biográfico que de ambos personajes nos dibuja Tácito se encuentra disperso a lo largo de los primeros libros de *Annales*. Aquí, simplemente, vamos a intentar reunir esos datos diseminados para ofrecer una suerte de «vidas paralelas», o mejor dicho, «antitéticas» de estas dos figuras de la Roma del siglo primero.

2. ELEMENTOS DE COMPARACIÓN ENTRE AMBOS

Como elementos de análisis para esta «biografía enfrentada» de Tiberio y Germánico, vamos a fijar nuestra atención en varios hechos históricos que Tácito recoge en su obra y que le sirven para contraponer sus personalidades. A este respecto, si hay un episodio dentro de los *Annales* que se presta más que ningún otro a esa comparación, es sin duda la campaña de Germánico en Germania, que supuso un rotundo éxito a nivel de popularidad para el joven general y sacó a relucir todas las miserias que encerraba la mente del emperador.

Germánico había sido enviado a Germania por Augusto como comandante de las fuerzas del Rin. Sin embargo, al poco tiempo, la noticia de la muerte del emperador y el consiguiente ascenso de Tiberio provocó una sedición de las legiones allí establecidas, que exigían el cobro del estipendio que se les debía y una reducción de los años de servicio que aliviara las penalidades vividas en la milicia. El joven comandante accedió a sus peticiones pagándoles de su propio bolsillo, y no sólo fue capaz de sofocar la revuelta, sino que insufló tal ardor en los soldados que les llevó a obtener brillantes victorias contra los germanos, vengando así la dolorosa derrota que las legiones romanas comandadas por Quintilio Varo habían sufrido años antes en el bosque de Teutoburgo. Todas estas acciones lo hicieron muy popular entre los soldados. Y es justamente al comienzo del relato de sus campañas en Germania cuando Tácito nos ofrece el siguiente retrato del joven general:

Interea Germanico [...] excessisse Augustum adfertur. Neptem eius Agrippinam in matrimonio pluresque ex ea liberos habebat, ipse Druso fratre Tiberii genitus, Augustae nepos, set anxius occultis in se patruī aviaequē odiis quorum causae acriores quia iniquae. quippe Drusi magna apud populum Romanum memoria, credebaturque, si rerum potitus foret, libertatem redditurus; unde in Germanicum favor et spes eadem. nam iuveni civile ingenium, mira comitas et diversa ab Tiberii sermone vultu, adrogantibus et obscuris (Tác. Ann. 1.33)¹³.

¹³ «Entretanto Germánico [...] fue informado de la muerte de Augusto. Estaba casado con su nieta Agripina, y tenía varios hijos de ella; Germánico era hijo de Druso, el hermano de

En este completo retrato de Germánico se encuentran los elementos de comparación entre ambos personajes que seguiremos en nuestro análisis: en primer lugar, su origen familiar; posteriormente, las cualidades físicas de ambos; y por último, los rasgos más llamativos de su carácter.

2.1. ORIGEN FAMILIAR

Neptem eius Agrippinam in matrimonio pluresque ex ea liberos habebat, ipse Druso fratre Tiberii genitus, Augustae nepos ...

En primer lugar, un elemento crucial que Tácito pone sobre la mesa para dirimir la idoneidad de Tiberio o Germánico como merecedores del poder supremo es el origen de ambos. En el caso de Tiberio, sus méritos para suceder a Octavio quedan en entredicho ya desde los primeros capítulos de *Annales*, donde Tácito desvela las opiniones que circulaban por Roma sobre el destinado a suceder a Augusto:

Tiberium Neronem maturum annis, spectatum bello, sed vetere atque insita Claudiae familiae superbia, multaque indicia saevitiae, quamquam premantur, erumpere. hunc et prima ab infantia eductum in domo regnatrice; congestos iuveni consulatus, triumphos; ne iis quidem annis, quibus Rhodi specie secessus exul egerit, aliud quam iram et simulationem et secretas lubidines meditatam (TÁC. ANN. 1.4)¹⁴.

Tácito nos presenta a Tiberio como el hijastro solitario y desubicado en la Corte imperial, siempre bajo la protección de su madre, que además conservaba la soberbia innata de los Claudios, la familia de la que Tiberio descendía por vía paterna y materna. No pertenecía, por tanto, al linaje de los Julios. Y ello a pesar de su matrimonio (fallido) con la única hija de Augusto, Julia, cuyos continuos escándalos marcaron negativamente su carácter y fueron convirtiéndolo en un

Tiberio, y nieto de Augusta, pero vivía azorado por los ocultos rencores de su tío y su abuela hacia él, cuyas causas, por injustas, resultaban aún más humillantes. En efecto, Druso había dejado un vivo recuerdo en el pueblo romano y se pensaba que, de haber llegado al poder, habría restablecido la libertad. De ahí que las simpatías hacia Germánico y las esperanzas puestas en él fueran iguales. Y es que era un joven de carácter sociable y de una bondad admirable, tan distinta del modo de hablar y mirar de Tiberio, arrogante y reservado».

¹⁴ «Tiberio era ya entrado en años, tenía experiencia militar, pero por aquella vieja soberbia innata de la familia Claudia, se le escapaban muchos indicios de crueldad, aunque procurara reprimirlos. Desde su más tierna infancia había sido educado en la familia imperial. De joven se le había colmado de consulados y triunfos; y en los años que pasó en el exilio de Rodas, en lo que parecía un retiro, no había alimentado en sus adentros nada más que odio, disimulo y secretas pasiones».

ser retraído, sombrío y amargado. Y si finalmente llegó al poder, no fue por méritos propios sino por las intrigas de su madre Livia, que fue eliminando a todos los rivales que tenía delante y consiguió que Octavio se decantara finalmente por él como sucesor. Su acceso al trono, por tanto, está lleno de trampas y artimañas. A pesar de haberse revelado como un gran militar en el pasado, los rasgos que Tácito destaca de su personalidad son la crueldad, el odio, la simulación o sus más bajos instintos.

En cambio, el origen familiar de Germánico era bien distinto. En primer lugar, gozaba de las simpatías del pueblo por ser hijo de Druso, de quien se pensaba que, de haber llegado a gobernar Roma, habría restablecido la república. Por vía materna, sus abuelos eran Marco Antonio y Octavia, la hermana de Augusto; su esposa, además, era Agripina, nieta de Augusto. De este modo, entre sus antepasados estaban tanto los Julios como los Claudios. Sus descendientes – entre ellos Calígula – simbolizaban la unión de ambas familias. Tácito nos describe de forma precisa los desacuerdos en la Corte sobre los méritos de Germánico y de Druso, hijo de Tiberio, como posibles herederos al trono:

Tiberius ut proprium et sui sanguinis Drusum fovebat: Germanico alienatio patrum amorem apud ceteros auxerat, et quia claritudine materni generis anteibat, avum M. Antonium, avunculum Augustum ferens. contra Druso proavus eques Romanus Pomponius Atticus (TÁC. ANN. 2.43)¹⁵.

2.2. CUALIDADES FÍSICAS

nam iuveni civile ingenium...

Moralejo, en la «Introducción» a su traducción de *Anales*, afirmaba que Tácito «es por excelencia un historiador de buenos y malos ejemplos, y a ponerlos en relieve aplica todos los recursos de que como narrador dispone»¹⁶. Quiere esto decir que su célebre declaración de intenciones de escribir *sine ira et studio* no implica necesariamente una objetividad radical, como decíamos al principio. Antes al contrario, recursos narrativos como los discursos puestos en boca de los protagonistas o las pequeñas pinceladas que afloran en el texto a modo de retratos subjetivos e interesados de algunos personajes sirven a Tácito para plasmar el mensaje que pretende transmitir. En este sentido, Tácito se revela como un auténtico maestro en el arte de asociar algunas cualidades físicas de sus personajes

¹⁵ «Tiberio favorecía a Druso como hijo de su sangre que era; a Germánico la antipatía de su tío le había supuesto el cariño de los demás, y también porque era superior por la nobleza de su línea materna, al tener por abuelo a Marco Antonio y por tío abuelo a Augusto. En cambio, Druso había tenido por bisabuelo a Pomponio Ático, un simple caballero romano».

¹⁶ Cf. Moralejo 1979: 20.

a determinados vicios o virtudes en el plano moral. En el caso que nos ocupa (Tiberio y Germánico), sigue diciendo Moralejo que «es curioso observar, por ejemplo, cómo en el Tiberio de los últimos años se pintan a un tiempo la decadencia física y la depravación moral progresiva, o cómo en Germánico la prestancia corporal parece hacer de marco idóneo a las altas cualidades éticas».

Ciertamente, de los emperadores de la dinastía Julio-Claudia, Tiberio fue el que más tarde llegó al poder: cuando murió Augusto, tenía 55 años. En su particular antagonismo con Germánico, Tácito suele mostrar a un Tiberio cansado e indolente. Así, por ejemplo, al principio de su gobierno, cuando estallan los motines de las legiones de Panonia y Germania, Roma le echa en cara su inacción, dejando esa difícil situación en manos de dos jóvenes inmaduros como Druso y Germánico. Nada que ver con la actitud de un Augusto ya anciano, del que Tácito recuerda que no dudó en marchar a Germania a pesar de su avanzada edad. En cambio Tiberio, «en la plenitud de la vida, se quedaba sentado en el senado bromeando sobre las palabras de los senadores»¹⁷.

Frente a la indolencia y debilidad de Tiberio, de Germánico se destaca siempre su vigor juvenil. Además del pasaje que sirve de marco a nuestra exposición, Tácito alude en otras ocasiones a su prestancia física (*eximia species, decus*), que le otorgaba una elegancia y una dignidad fuera de lo común. Así, durante el desfile con motivo de su triunfo sobre los germanos hace gala de una prestancia física acrecentada por la potente imagen de sus cinco hijos montados en el carro triunfal:

augebat intuentium visus eximia ipsius species currusque quinque liberis onustus (TÁC. ANN. 2.41)¹⁸.

Por otra parte, y a medida que avanza el reinado de Tiberio, Tácito asociará hábilmente su progresiva debilidad física a una inmoralidad cada vez más flagrante. Para ello, el historiador se ayuda de la técnica retórica que se conoce como *innuendo*, que consiste en la acumulación de insinuaciones (no del todo confirmadas sino basadas en rumores) que sirven al narrador para suscitar en el lector una determinada interpretación interesada de los hechos. Una técnica a la que Tácito recurre de manera constante a lo largo de su obra¹⁹. Por ejemplo, cuando, avanzado el libro IV, Tiberio decide abandonar Roma para retirarse a la Campania, el historiador sugiere que lo hace para entregarse a sus vicios sin ser visto. Justo después de esta insinuación, alude a la decrepitud física del emperador:

¹⁷ *Tiberium vigentem annis sedere in senatu, verba patrum cavillantem* (TÁC. ANN. 1.46).

¹⁸ «Aumentaban la vistosidad del espectáculo su extraordinaria prestancia y el carro cargado con sus cinco hijos». También al narrar la muerte del joven Nerón, hijo de Druso y nieto de Tiberio, Tácito añade que el muchacho, «cuya prestancia era digna de un príncipe», recordaba a Germánico, cuya memoria todavía estaba reciente (TÁC. ANN. 4.15).

¹⁹ Para el uso del *innuendo* en Tácito, cf. Ryberg 1942, Sullivan 1979 o Sinclair 1991.

plerumque permoveor num [sc. causam abscessus] ad ipsum referri verius sit, saevitiam ac libidinem cum factis promeret, locis occultantem; erant qui crederent in senectute corporis quoque habitum pudori fuisse: quippe illi praegracilis et incurva proceritas, nudus capillo vertex, ulcerosa facies ac plerumque medicaminibus interstincta (Tác. Ann. 4.57)²⁰.

Pero no queda ahí la cosa. Tácito prosigue insinuando otra posible causa de su retiro: la insolencia de su madre Livia, que le recordaba en toda ocasión que había alcanzado el poder gracias a ella. Y es que – termina diciendo Tácito – en un primer momento, «Augusto había estado dudando si poner al frente del estado romano a Germánico, nieto de su hermana y querido por todos»²¹. Esta nueva mención de Germánico en un pasaje en que se describe la decadencia física y moral de Tiberio a nuestro juicio no es casual, sino que responde a un propósito interesado de Tácito, que deliberadamente coloca ante los ojos del lector la decrepitud e inmoralidad del emperador frente a la juventud y popularidad de Germánico, que, si no llegó al poder, fue por la perversa intervención de Tiberio y de su madre.

2.3. CARÁCTER

nam iuveni civile ingenium, mira comitas et diversa ab Tiberii sermone vultu, adrogantibus et obscuris...

En el citado retrato de Germánico que nos ofrece Tácito al comienzo de la campaña de Germania se ve claramente cómo el historiador contrapone el carácter sociable y la admirable bondad del joven general al sombrío carácter de Tiberio. La expresión en latín que utiliza Tácito para referirse a ese carácter sociable y humano de Germánico es *civile ingenium*. Pues bien. Unos capítulos más adelante, el adjetivo *civilis* vuelve a aparecer, pero esta vez atribuido a Tiberio. Eso sí, como una cualidad de la que carece. Justo después del relato de la exitosa campaña de Germánico en Germania, Tácito nos dice que Tiberio rechazó el título de *Pater patriae* que le ofrecía repetidamente el pueblo. Un rasgo de humildad, pudiera pensarse, pero nada más lejos de la realidad. Como sigue diciendo, «no inspiraba la confianza de ser de carácter sociable, pues había reinstaurado la ley de

²⁰ «Me inclino a pensar si no sería más verosímil atribuir la causa de su retiro a él mismo, en un intento por ocultar en aquellos lugares apartados la crueldad y los vicios que manifestaba en sus actos. Había también quienes creían que en su vejez sentía vergüenza de su aspecto físico; la verdad es que era alto, aunque flaco y encorvado, sin pelo en la coronilla, la cara llena de úlceras y casi siempre embadurnada con pomadas».

²¹ Nam dubitaverat Augustus Germanicum, sororis nepotem et cunctis laudatum, rei Romanae imponere (Tác. Ann. 4.57).

majestad»²². En efecto, la *Lex maiestatis* era una antigua ley romana contra los delitos de alta traición, que Tiberio restauró para proteger su poder o, dicho más llanamente, para satisfacer sus venganzas personales, dada la facilidad con que se admitía cualquier acusación contra el *princeps*.

Volvemos a lo mismo. El evidente contraste entre Germánico y Tiberio a propósito de la *civilitas* no puede ser casual. La magistral contraposición de las acciones de uno y otro busca un determinado efecto en el lector. Inmediatamente después de presentarnos a Germánico como general victorioso, clemente con los vencidos, preocupado por los heridos y dando ánimos para futuras batallas, el relato de Tácito cambia bruscamente hacia la figura de Tiberio y su restitución de la *Lex maiestatis*, una de las medidas más arbitrarias e inhumanas de su gobierno, que le permitieron dar rienda suelta a su naturaleza vengativa y cruel²³.

Paralelamente, los sucesivos éxitos de Germánico suscitan la envidia y el resentimiento de Tiberio, que afloran en *Annales* a cada paso y que convierten al emperador en un ser tremendamente falso y simulador, otro de los defectos normalmente asociados a su personalidad. Un claro ejemplo de esto mismo se ve en el episodio de la rebelión de las legiones en Germania. Germánico demuestra en todo momento su gran liderazgo militar, primero sofocando la rebelión, luego mostrando clemencia con los amotinados y mano dura con los cabecillas, y finalmente incitando a las arrepentidas legiones a atacar y vencer a los desprevenidos germanos. Este éxito, concluye Tácito, provocó en Tiberio alegría y preocupación: alegría por la victoria, preocupación por el éxito cada vez mayor de Germánico²⁴.

Y lo mismo sucederá con motivo del desfile triunfal de Germánico²⁵. Al ver las muestras de cariño del pueblo hacia Germánico, Tiberio sintió una gran envidia, y aunque pudo disimularla otorgándole honores diversos (entre ellos el de compartir ambos el cargo de cónsul ese año), su actitud no pareció creíble ni sincera. Fue entonces cuando decidió «deshacerse del joven con la apariencia de querer honrarlo», enviándolo – o más bien, apartándolo – a las provincias de Oriente, donde finalmente encontraría la muerte. Una muerte que, como veremos a continuación, Tácito adorna con múltiples interrogantes...

²² Non tamen ideo faciebat fidem civilis animi; nam legem maiestatis reduxerat (TÁC. *Ann.* 1.72).

²³ En los capítulos siguientes (1.73-81) se suceden los juicios y condenas *sui generis* al amparo de esta ley, que en otros tiempos sirvió para una cosa bien distinta: castigar a quienes traicionaban a Roma y a sus instituciones. Tácito advierte (*Ann.* 1.74) lo fácil que era montar acusaciones contra Tiberio, sólo había que describir su verdadero carácter: «el acusador escogía los aspectos más siniestros de la conducta del príncipe y se los echaba encima al reo; en efecto, lo que era verdad se creía también dicho».

²⁴ TÁC. *Ann.* 1.52: Nuntiata ea Tiberium laetitia cura que adfecere: gaudebat oppressam seditionem, sed quod largiendis pecuniis et missione festinata favorem militum quaesivisset, bellica quoque Germanici gloria angebatur.

²⁵ Cf. TÁC. *Ann.* 2.42.

2.4. MUERTE

neque multo post extinguitur, [...] indolere exterae nationes regesque: tanta illi comitas in socios, mansuetudo in hostis; visuque et auditu iuxta venerabilis, cum magnitudinem et gravitatem summae fortunae retineret, invidiam et adrogantiam effugerat...

Ninguna otra muerte ocupa tanto espacio en los *Anales* como la de Germánico: nada menos que 21 capítulos²⁶. Una muerte cargada de patetismo, para la que Tácito nos va preparando desde varios capítulos antes. Por ejemplo, cuando Germánico acude al oráculo de Apolo en Colofón, que le advierte de un final prematuro, pero sobre todo a través de la superposición de insinuaciones (de nuevo el *innuendo*) sobre el odio de Tiberio hacia su sobrino, que llevan al lector irremediablemente a la conclusión de que algo tuvo que ver en su muerte²⁷.

El minucioso relato que Tácito realiza del deterioro físico de Germánico, adornado con las sospechas de que había sido envenenado, junto con el desgarrador discurso que el historiador pone en boca de un Germánico moribundo dotan a estos capítulos de un extraordinario dramatismo. Quizá estemos ante los capítulos con las más altas dosis de dramatismo de toda la obra tacitea. Germánico termina su agónico discurso rogando a Agripina delante de los presentes que domine su carácter rebelde para no suscitar la ira de Tiberio. Y entonces su vida se apagó. Tácito pasa acto seguido a enumerar sus virtudes: benevolencia, clemencia, la veneración que provocaba su presencia y su elocuencia. Virtudes que contrastan, punto por punto, con los defectos que el historiador atribuye habitualmente a su tío: malintencionado, cruel, hurafío y taciturno, arrogante y envidioso²⁸.

En el relato que sigue de su sencillo y sincero funeral, en el que se repite la alabanza de sus virtudes, afloran las inevitables comparaciones con Alejandro, al que Germánico sobrepuja, sin embargo, en moderación:

Funus sine imaginibus et pompa per laudes ac memoriam virtutum eius celebre fuit. et erant qui formam, aetatem, genus mortis ob propinquitatem etiam locorum in quibus interiit, magni Alexandri fatis adaequarent. nam utrumque corpore decoro, genere insigni, haud multum triginta annos egressum, suorum insidiis externas inter gentis occidisse: sed hunc mitem erga amicos, modicum voluptatum, uno matrimonio, certis liberis egisse, neque minus proeliatorem, etiam si temeritas afuerit (Tác. Ann. 2.73)²⁹.

²⁶ Cf. Tác. *Ann.* 2.69-83 y 3.1-6.

²⁷ Cf. Balmaceda 2021.

²⁸ Cf. Tác. *Ann.* 2.72.

²⁹ «Su funeral, sin imágenes ni procesión, fue célebre por las alabanzas y el recuerdo de sus virtudes. Y había quienes comparaban su figura, su edad, la forma de su muerte (por la cercanía de los lugares donde murió), con el final de Alejandro Magno. Pues uno y otro, se decía, siendo de físico agraciado, de familia ilustre y de una edad que no sobrepasaba apenas los treinta años,

En este capítulo vuelven a aparecer los elementos que venimos destacando del personaje: su ilustre origen, su vigor juvenil y los rasgos principales de su carácter. Tácito concluye preguntándose cómo habría sido todo si Germánico hubiera tenido la posibilidad de gobernar Roma, revelando claramente – a nuestro juicio – cuáles eran sus preferencias:

quod si solus arbiter rerum, si iure et nomine regio fuisset, tanto promptius adsecuturum gloriam militiae quantum clementia, temperantia, ceteris bonis artibus praestitisset (TÁC. *Ann.* 2.73)³⁰.

El desolador relato del viaje de Agripina acompañada de sus hijos llevando las cenizas de su marido, que cierra el libro segundo de *Annales* y abre el tercero³¹ no hace sino aumentar y reforzar el dramatismo de una de las escenas más tristes y emotivas de la obra, una escena propia de una tragedia. La compasión sincera que viuda y huérfanos despiertan entre la gente a su llegada a Brindisi contrasta nuevamente con la afectada tristeza de Tiberio, del que Tácito llega a decir que en el fondo se alegraba de la muerte de Germánico³². En ese momento, Tácito vuelve a servirse de la superposición de insinuaciones: las medidas que el emperador toma a continuación para poner fin a un duelo que creía excesivo y para volver cuanto antes a la normalidad o su cínica indiferencia lavándose las manos y remitiendo al Senado la acusación a Pisón como responsable de la muerte, llevan nuevamente al lector a vincular Tiberio con la muerte de su sobrino. Algo que queda más remarcado aún con el relato del posterior suicidio de Pisón y los rumores de su participación, junto con Tiberio, en la muerte de Germánico³³.

Frente al dramatismo de este relato, el de la muerte de Tiberio es mucho más escueto. Bien es cierto que no nos ha llegado el final del libro VI, que seguramente contendría la descripción de su funeral, pero el tono es claramente distinto al de su sobrino. Como antítesis de la compasión unánime y sincera que despierta el final de Germánico, Tácito se esfuerza por mostrarnos a un Tiberio decrepito física pero sobre todo moralmente:

habían muerto por las insidias de los suyos, entre pueblos extranjeros. Sin embargo, Germánico había sido amable con sus amigos, moderado en los placeres, fiel a una sola esposa, con sólo hijos legítimos; no había sido menos guerrero, aunque no tenía la temeridad de Alejandro».

³⁰ «Y si él hubiera estado solo al mando del estado, si hubiera gozado de los derechos y del título de rey, habría conseguido la gloria militar tanto antes que Alejandro cuanto lo sobrepasaba en clemencia, templanza y otras buenas cualidades».

³¹ Cf. Tác. *Ann.* 2.75-3.6.

³² Tác. *Ann.* 3.2: Aberat quippe adulatio, gnaris omnibus laetam Tiberio Germanici mortem male dissimulari («No había nada de adulación, de todos era sabido que Tiberio disimulaba mal su alegría por la muerte de Germánico»).

³³ Cf. Tác. *Ann.* 3.15-16.

Iam Tiberium corpus, iam vires, nondum dissimulatio deserebat; idem animi rigor; sermone ac vultu intentus quaesita interdum comitate quamvis manifestam defectionem tegebat (TÁC. ANN. 6.50)³⁴.

De esta manera tan contundente comienza Tácito su exposición. Se vuelve a incidir en el disimulo y falsedad de Tiberio, una falsedad que le acompañó incluso en el postrero momento de su vida: escribe Tácito que ya se le daba por muerto y todos felicitaban a Calígula, cuando de pronto revivió y pidió de comer. En ese momento todos comenzaron a temer las represalias que tomaría el moribundo emperador; el primero Calígula, que «en vez del poder supremo ya veía su propio final»³⁵. Finalmente, Macrón, prefecto del pretorio, ordenó que se le asfixiase. Y de esta manera tan grotesca y despreciable nos describe Tácito el final de Tiberio.

La semblanza que cierra el libro VI es devastadora: su posición de desventaja frente a otros miembros de su familia, como su hermano Druso o su sobrino Germánico, fue agriando su carácter y convirtiéndolo en un ser reservado y disimulador, algo que su fallido matrimonio con la lasciva Julia no hizo sino acrecentar. Se alude también al progresivo deterioro de su personalidad, que sacó a relucir su verdadero carácter³⁶. Un retrato diametralmente opuesto al que veíamos de Germánico:

Occultum ac subdolum fingendis virtutibus donec Germanicus ac Drusus superfuere; idem inter bona malaque mixtus incolumi matre; instabilis saevitia sed obtectis libidinibus dum Seianum dilexit timuitve: postremo in scelera simul ac dedecora prorupit postquam remoto pudore et metu suo tantum ingenio utebatur (TÁC. ANN. 6.51)³⁷.

3. EN BUSCA DEL PRINCEPS IDEAL

De todo lo dicho es evidente que Tiberio no representaba para Tácito el ideal de *princeps*. De Tiberio son escasísimas las cualidades positivas que se destacan a lo largo de *Annales*: acaso su brillante experiencia militar y algunas muestras de

³⁴ «A Tiberio ya le abandonaban sus fuerzas, pero no su disimulo; el rigor de su espíritu era el mismo; cuidando sus palabras y su semblante, llegaba a veces a ocultar su manifiesta decadencia con una rebuscada amabilidad».

³⁵ Caesar in silentium fixus a summa spe novissima expectabat (TÁC. ANN. 6.50).

³⁶ Cf. Balmaceda (2001) 293: «A la hora de resumir su vida y sus hechos se concentra sobre todo en el deterioro de la personalidad del sucesor de Augusto, que el autor percibe como un proceso gradual en el que el verdadero carácter del *princeps* se habría ido demostrando por etapas».

³⁷ «Misterioso y astuto para fingir virtudes mientras vivieron Germánico y Druso, mezcla de bien y mal en vida de su madre, abominablemente cruel pero ocultando sus vicios mientras amó o temió a Sejano, y en sus últimos tiempos se lanzó por igual al crimen y al deshonor, cuando, perdido el pudor y el miedo, se dejó llevar sólo por su naturaleza».

generosidad³⁸, pero poco más. Su carácter se fue haciendo más difícil a medida que pasaba el tiempo. La imposible misión de igualar el recuerdo de Augusto, su casamiento «político» con Julia (que le obligó a repudiar a Vipsania, la única mujer a la que realmente amó), la relación tóxica con su madre o la buena fama de su sobrino Germánico constituyeron una pesada carga para un Tiberio que acabó huyendo de la política y se fue convirtiendo en un ser simulador y desconfiado, envidioso y reservado, cruel y arrogante. Ésas son las marcas de identidad que encontramos a cada paso en Tácito y que llevaron a Plinio el Viejo a tildarlo como «el más amargado de los hombres»³⁹.

Germánico, en cambio, es quizá el personaje que mayores simpatías despierta a lo largo de los *Annales*. Su radiante juventud, el relato de sus hazañas militares, la continua alusión a sus virtudes propiamente romanas o su buena fama entre los soldados y el pueblo le convierten en un auténtico héroe. Un héroe trágico, a juzgar por la extensa narración que Tácito nos regala de su prematura e injusta muerte.

Pero esta preferencia por Germánico en detrimento de Tiberio se puede observar también desde una perspectiva que apenas ha llamado la atención de los estudiosos y que, a nuestro juicio, puede resultar determinante a la hora de establecer cuál sería el modelo de *princeps* en la mente del historiador. Nos referimos al uso que Tácito hace a lo largo de su obra del nombre *Caesar*, y su predilección para referirse con él a Germánico. Antes de nada, conviene advertir que éste fue el *cognomen* que el joven recibió desde muy temprana edad, cuando fue adoptado por su tío Tiberio: Germánico Julio César. Pero no es menos cierto que *Caesar* era el título que por herencia correspondía al *princeps* y que Tiberio recibió al alcanzar el poder, cuando pasó a llamarse Tiberio Julio César Augusto.

Pues bien. Si hacemos un recuento de las veces que el término *Caesar* aparece a lo largo de los dos primeros libros de *Annales*, en los que, como dijimos al principio, Tiberio comparte protagonismo con su sobrino Germánico, a la manera de antagonistas en un drama, nos arroja un total de 103 casos. De ellos habría que eliminar aquellas ocasiones en que el término hace referencia a la propia familia de los Césares (*familia Caesarum*) o a algún otro miembro de la misma, como pueden ser el *dictator* Julio César, Octavio Augusto, los nietos de éste, Gayo y Lucio César, o Druso César, el hijo de Tiberio.

³⁸ Cf. Tác. *Ann.* 1.75, donde Tácito indica que Tiberio no escatimaba en gastar de su propio dinero con tal de conseguir honor y fama de generoso, «una virtud que conservó largo tiempo, mientras se iba despojando de las demás». Quizá el relato donde se nos muestra más positivamente a Tiberio es 2.48-49, donde hace gala de una generosidad sin límites en el plano personal y público. Sin embargo, los dos capítulos siguientes vuelven a la *lex maiestatis*.

³⁹ Plin. *Nat. Hist.* 28.23: *tristissimus hominum*.

De este modo, nos quedarían 75 referencias, que se reparten de la siguiente manera: 41 correspondientes a Germánico y 34 a Tiberio.

Apariciones del término *Caesar* en los dos primeros libros de *Annales*:

Personaje	Casos	Referencia
Germánico	41	1.14; 1.31; 1.35; 1.37; 1.39; 1.41; 1.44; 1.45; 1.49; 1.51bis; 1.56; 1.58; 1.59; 1.60; 1.61; 1.62; 1.63; 1.70bis; 2.7bis; 2.8; 2.9; 2.10; 2.11; 2.12; 2.16; 2.20bis; 2.22; 2.23; 2.25bis; 2.26; 2.41; 2.57ter; 2.69; 2.71.
Tiberio	34	1.7; 1.8; 1.12*; 1.13*; 1.14; 1.19; 1.74*; 1.75; 1.76; 2.3; 2.22; 2.28; 2.29; 2.34bis; 2.35bis; 2.36; 2.37*; 2.40*; 2.42; 2.45; 2.47; 2.48; 2.50bis; 2.63bis; 2.66; 2.77; 2.80; 2.81; 2.86bis.
Otros	28	Familia de los Césares (8 casos): 1.3; 1.10; 1.74; 2.27; 2.30; 2.42; 2.64; 2.76.
		Julio César (5 casos): 1.1; 1.8; 1.41; 2.41; 2.43.
		Octavio Augusto (6 casos): 1.2; 1.5; 1.10; 2.2bis; 2.3.
		Gayo y Lucio César, nietos de Augusto (4 casos): 1.3; 1.53; 2.4; 2.42.
		Druso César, hijo de Tiberio (5 casos): 1.25; 1.27bis; 1.28; 1.55.
TOTAL	103	

Quiere esto decir que Tácito utiliza más veces el nombre *Caesar* para referirse a Germánico que a Tiberio, con todo lo que ello implica. A este respecto, llama la atención que el término aparezca particularmente asociado a la figura de Germánico en el trascendental episodio de las campañas en Germania, donde el joven demostró sus dotes de gran líder militar.

A Tiberio se refiere menos veces llamándolo *Caesar*, y ello a pesar de su mayor presencia en los dos primeros libros de *Annales* en comparación con Germánico, cuya aparición se reduce básicamente a su campaña en Germania y al episodio de su muerte. Y no sólo eso. De las 34 menciones a Tiberio con ese nombre, algunas son interpelaciones en estilo directo de algún personaje que se dirige al emperador con el respeto debido a su cargo⁴⁰; otras parecen tener cierto tono irónico; otras, sin más, parecen un caso de *variatio*: en una misma frase, Tácito se refiere a él como ‘Tiberio’, y por no repetir su nombre, utiliza luego el de ‘César’⁴¹.

⁴⁰ Así sucede en los cinco pasajes que en el cuadro adjunto aparecen con asterisco (*).

⁴¹ Por ejemplo, en 2.28 y 2.29.

En resumen, es significativamente superior el uso del término *Caesar* referido a Germánico con respecto a Tiberio; lo que parece indicar que el verdadero «César», en la mente de Tácito, sería el sobrino y no el tío. Y lo sería por diversas razones: por su origen, que suponía al fin la unión de las familias Julia y Claudia, por sus extraordinarias cualidades físicas y espirituales, por su carácter, por su capacidad de liderazgo o por la tristeza que causó en Roma su prematura y sospechosa muerte, el episodio de *Annales* en que la narración alcanza quizá el clímax de patetismo y emoción.

Un ejemplo sintomático de esa mayor simpatía del historiador hacia la *auctoritas* y el liderazgo de Germánico (esto es, a su condición de auténtico *Caesar*) en detrimento de Tiberio podemos encontrarlo en el pasaje en que Germánico llega hasta el bosque de Teutoburgo, donde había ocurrido el desastre de las legiones romanas al mando de Quintilio Varo. La sobrecogedora escena en que Tácito describe los restos esparcidos por el campo de batalla destaca por su tremendo patetismo. Movido por un sentimiento de compasión, Germánico decide rendir los postreros honores a las tropas de Varo, dando sepultura a los soldados romanos caídos. El historiador se refiere entonces al joven general con el nombre de *Caesar*, en tanto que, un poco más abajo en el texto, menciona al emperador por su nombre, Tiberio. Una prueba evidente, a nuestro juicio, de quién era, a los ojos del autor, el verdadero líder de Roma:

Primum extruendo tumulo caespitem Caesar posuit, gratissimo munere in defunctos et praesentibus doloris socius. quod Tiberio haud probatum, seu cuncta Germanici in deterius trahenti, sive exercitum imagine caesorum insepultorumque tardatum ad proelia et formidolosiore[m] hostium credebat; neque imperatorem auguratu et vetustissimis caerimoniis praeditum adtrectare feralia debuisse (TÁC. ANN. 1.62)⁴².

4. A MODO DE CONCLUSIÓN

Mucho se ha escrito sobre el conflicto entre principado y libertad en la obra histórica de Tácito y sobre sus propias ideas políticas: ¿republicano incondicional o partidario del régimen imperial? A este respecto, su crítica de los sucesivos emperadores de la dinastía Julio-Claudia no debe inducirnos a pensar que suspiraba por la restitución del régimen republicano. Como tampoco su predilección por

⁴² «El César colocó el primer terrón para levantar el túmulo, en un gesto de piedad para con los muertos y asociándose al dolor de los presentes. Ello no le pareció bien a Tiberio, ya porque juzgara mal todo cuanto Germánico hacía, ya por creer que la visión de aquellos hombres muertos e insepultos menguaría los ánimos del ejército cara al combate y ante un enemigo tan temible, y que un general en jefe, investido con el augurio y los más antiguos ritos, no debía haber puesto su mano sobre objetos fúnebres».

Germánico, del que llega a insinuar que, de haber accedido al poder, habría devuelto la libertad a Roma, cumpliendo así el sueño de su padre Druso.

Tácito, como miembro de la aristocracia senatorial, muestra en repetidas ocasiones su rechazo de la sucesión familiar (la experiencia con Tiberio, Calígula o Nerón así lo aconsejaban), pero también veía que la única solución para administrar un territorio cada vez más extenso era el gobierno de uno solo. En esta situación, el mayor mal era la pérdida de libertades; el único bien, a cambio, era la paz conseguida mediante la instauración de un régimen unipersonal⁴³. A este respecto, la actitud servil del Senado – la clase a la que pertenecía el propio Tácito – tampoco era de gran ayuda: lejos de poner freno a las arbitrariedades de los emperadores, aplaudía sus malas prácticas; lo mismo que el pueblo, una masa irreflexiva y voluble a los ojos de Tácito, que se contentaba sin más con el pan y circo que le ofrecían los sucesivos príncipes.

De los cinco emperadores de la dinastía Julio-Claudia, Tácito es particularmente duro con Tiberio: es, sin duda, el personaje más ambivalente⁴⁴ y con mayor carga dramática de la obra, una ‘debilidad’ para Tácito, que se deleita siempre que tiene ocasión en su examen psicológico. Y ello porque representa los males de una monarquía hereditaria, no alcanzada por méritos propios. O quizá también porque la perspectiva de los reinados posteriores le permitía entender que aquellas malas prácticas acabaron desembocando en el advenimiento de ese otro Tiberio que fue Domiciano en su tiempo⁴⁵.

En cambio, las virtudes de Germánico y su capacidad de liderazgo político y militar, sí le hacían merecedor de gobernar; y no sólo su origen, que también. Desde la reflexión de un republicano que creía inevitable la llegada del Imperio, Tácito veía con buenos ojos el advenimiento de un líder como Germánico, que a juicio del autor bien podría representar el ideal de gobernante, de *Caesar*. Germánico encarna la idea del poder alcanzado no sólo por su origen, sino también, y sobre todo, por los méritos contraídos: lo más parecido a los tiempos en que Tácito escribe su obra, bajo los reinados de Nerva y Trajano, en cuyos gobiernos, como decíamos al principio de nuestra exposición, se pudo consumir esa extraña combinación de principado y libertad. De este modo, podríamos concluir diciendo que, desde la perspectiva que el conocimiento de la historia daba a Tácito, Tiberio sería a Domiciano lo que Germánico sería para Nerva y, sobre todo, Trajano.

⁴³ Balmaceda 2001: 293. Tácito representa al sector «de los aristócratas republicanos que sólo toleraban el nuevo régimen porque con él había llegado la paz».

⁴⁴ Cf. por ejemplo, Tác. *Ann.* 1.4 y 1.6.

⁴⁵ Balmaceda 2001: 294.

BIBLIOGRAFÍA

- Balmaceda, E. C. (2001), «El emperador Tiberio en los *Annales* de Tácito», *Onomázein* 6: 281-95.
- . (2021), «Tácito, Tiberio y Germanico. *Sine ira et studio*», in F. M. Simón, F. Pina Polo & J. Remesal Rodríguez, (coords), *Enemistad y odio en el mundo antiguo*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 113-23.
- Bayet, J. (1981), *Literatura latina*. Barcelona: Ariel (5.^a edición).
- Bieler, L. (1992), *Historia de la literatura romana*. Madrid: Gredos (7.^a reimpr.).
- Borszák, I. (1969), «Das Germanicusbild des Tacitus», *Latomus* 28: 588-600.
- Fabia, Ph. (1964), *Onomasticon Taciteum*. Hildesheim: Olms (= Paris/Lyon 1900).
- Luce T. J. & Woodman, A. J., (eds.) (1993), *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press.
- Mellor, R. (1993), *Tacitus*. New York-London: Routledge.
- . (2010), *Tacitus' Annals*. Oxford: Oxford University Press.
- Moralejo, J. L. (1979), «Introducción» a *Cornelio Tácito. Anales*, vol. I. Madrid: Gredos, 7-41.
- Paratore, E. (1962), *Tacito*. Roma: Edizioni dell'Ateneo (2.^a edición).
- Pelling, C. (1993), «Tacitus and Germanicus», in T. J. Luce & A. J. Woodman (eds.), *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 59-85.
- Ross, D. O. (1973), «The Tacitean Germanicus», *Yale Classical Studies* 23, 153-64.
- Rutland, L. W. (1987), «The Tacitean Germanicus: Suggestions for a Re-evaluation», *Rheinische Museum* 130: 153-64.
- Wankenne, A. (1975), «Germanicus idéal du prince selon Tacite», *Etudes Classiques* 43: 270-9.
- Norden, E. (1915), *Die antike Kunstprosa: vom VI. Jahrhundert v. Chr. bis in die Zeit der Renaissance*. Leipzig: Teubner.
- Syme, R. (1958), *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press.
- Woodman, A. J. (1998), *Tacitus reviewed*. Oxford: Oxford Clarendon Press.

GALBA E OTÃO: DUAS PERSPETIVAS BIOGRÁFICAS¹

GALBA AND OTHO: TWO BIOGRAPHICAL PERSPECTIVES

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-3383-2474

RESUMO: As *Vidas* de Galba e de Otão da autoria de Plutarco e de Suetónio fornecem-nos diferentes perspetivas sobre um mesmo assunto: a crise que se seguiu à morte de Nero, em 68 d.C., e a ascensão e queda daqueles dois imperadores efémeros. O artigo trata as principais diferenças biográficas entre os dois modelos, bem como a relação destes com a historiografia do mesmo período, no que respeita a técnicas, ponto de vista, análise ética e objetivos morais.

PALAVRAS-CHAVE: Plutarco, Suetónio, Galba, Otão, biografia, historiografia

ABSTRACT: The *Lives* of Galba and Otho by Plutarch and Suetonius offer different perspectives on the same subject: the crisis that followed the death of Nero in A.D. 68, and the rise and fall of these two ephemeral emperors. This article addresses the main biographical differences between the two models, as well as the relationship with the historiography of the same period, in terms of techniques, points of view, ethical analysis, and moral objectives.

KEYWORDS: Plutarch, Suetonius, Galba, Otho, biography, historiography

As *Vidas* de Galba e de Otão de Plutarco e Suetónio representam dois modelos biográficos diferentes de que dispomos para o conhecimento do atribulado período que se seguiu à morte de Nero². No caso do biógrafo de Queroneia, aquelas duas *Vidas* são sobreviventes de uma coletânea mais vasta – As *Vidas dos Césares* – que começava em Augusto e terminava, segundo parece, em Vitélio, o sucessor de Otão. Podemos assim estabelecer o confronto entre Suetónio e Plutarco, tendo também como referência as informações das outras fontes, sobretudo Tácito e Díon Cássio.

A verdade é que, naquela altura, a biografia aplicada aos imperadores era algo de inovador³. O género biográfico parece ser o mais indicado para historiar o governo da Roma imperial, em que os acontecimentos não eram já essencialmente

¹ Este texto é uma republicação, com atualizações menores, do artigo publicado na revista *Cadmo* 20 (2010) 543-60.

² As reflexões deste trabalho baseiam-se em Brandão 2010. Os dados sobre Suetónio são essencialmente recolhidos de Brandão 2009 e Brandão 2023.

³ Como salienta Stadter 2005: 421.

determinados pela rotação anual dos magistrados, mas pela figura do *princeps*, com os seus vícios e virtudes⁴. Assim, o próprio Tácito torna manifestas as dificuldades por que passava a historiografia tradicional, numa época em que o método antigo dos *Annales* começa a revelar-se desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores. Ao encetar as *Historiae*, Tácito lamenta (*Hist.* 1.1), em jeito de *captatio*, que, depois da batalha de Áccio, por ignorância ou por alheamento dos cidadãos em relação às decisões políticas, por adulação ou por ódio aos chefes, a verdade seja atraindo; e os relatos para a posteridade fiquem marcados pela hostilidade ou pelo servilismo⁵. E, ao compor os *Annales* (4.32-33), reconhece que, num império pacificado e não expansionista, e sob um regime que se aproxima da monarquia, a falta de matéria nobre da antiga historiografia (guerras infundáveis, expugnações de cidades, destituição de reis, lutas sociais) obriga os historiadores a lançarem mão de assuntos que, tradicionalmente, eram objeto da biografia⁶, esbatendo-se, assim, os limites entre dois géneros, teoricamente considerados distintos no conteúdo e no estilo, mas que, na prática, não apresentavam fronteiras bem definidas⁷. No início da *Vida de Alexandre*, Plutarco procura, como é sabido, estabelecer os limites entre a historiografia e a biografia: a primeira relata as grandes empresas; a biografia prende-se com factos menores, como uma simples palavra ou gesto, historicamente pouco significativos, mas mais importantes para iluminar o carácter do que grandes batalhas, preparativos militares, assédios de cidades. Plutarco está, pois, interessado nas ações dos biografados enquanto manifestações de virtudes e de vícios⁸.

Suetónio irá, no tempo dos Antoninos, acomodar a biografia aos imperadores anteriores a estes (e de modo favorável à dinastia, cf. *Dom.* 23.2). Será de crer que o Queronense tenha feito algo de semelhante a terminar no período que antecede o novo ciclo aberto pelos Flávios, isto é, na *Vida de Vitélio*. Com efeito, as *Vidas dos Césares* de Plutarco poderão ter sido redigidas no tempo dos Flávios:

⁴ Com o Império, tornava-se impraticável respeitar o princípio historiográfico de Catão de fazer história dos acontecimentos sem nomear os protagonistas; cf. *Nep. Ca.* 3.4. *Vide* Syme 1980: 104-28; Bradley 1985: 265; Grimal 1986: 729-130; Giua 1990: 535-59; Brandão 2009: 15-27.

⁵ Corria-se sempre o risco de escrever a palavra errada, ou de ser interpretado de forma hostil pelo imperador em exercício. *Vide* Baldwin 1983: 80-1.

⁶ Para Dión Cássio já não existe este dilema: organiza a sua obra segundo o esquema analítico, mas não hesita em usar elementos biográficos. *Vide* Giua 1990: 544-50.

⁷ *Vide* Hershbell 1997: 236.

⁸ A preocupação com o carácter (*ethos*) prende-se também com o facto de Plutarco pretender oferecer paradigmas de comportamento, de modo a promover, como sugere o autor no início da *Vida de Péricles* (1-2), a imitação (*mimesis*), na acepção platónica do termo. *Vide* Hershbell 1997: 225-43. Diz este autor (p. 238): «In brief, for Plutarch, good Platonist that he was, poetry and other forms of «imitation» such as historical and biographical writings, exercised strong psychological effects on their readers, and could be used for educational purposes, especially for moral improvement.»

no principado de Domiciano⁹, ou mesmo no de Vespasiano¹⁰, a partir de fontes contemporâneas – é comum falar-se de uma fonte perdida comum a Plutarco, Tácito, Suetónio e Díon Cássio¹¹. Parece provável que esta obra de Plutarco fosse dedicada a Méstrio Floro, filelenista influente na corte e responsável pela concessão da cidadania romana ao biógrafo de Queroneia¹², como também Suetónio haverá de dedicar as suas *Vidas dos Césares* a Septício Claro, prefeito do pretório de Adriano.

A natureza das ações que rodearam o aparecimento de quatro imperadores em escasso ano e meio gerava perplexidade a quem se dispunha relatar os factos. Na *Vida de Galba* (2.5), Plutarco, fazendo eco de Políbio (1.2.8), sugere que os factos que vai narrar possam pertencer ao âmbito da «história pragmática» (*pragmatike historia*), ou história política, mas não pode ser omitido numa biografia «quanto digno de memória ocorreu nos feitos (*erga*) e sofrimentos (*pathe*) dos Césares»¹³.

As *Vidas dos Césares* de Plutarco parecem, pois, estar mais próximas da história, como era entendida pelos antigos, do que as *Vidas paralelas*¹⁴. E, no que toca ao conteúdo das *Vidas* de Galba e Otão, o autor de Queroneia está mais próximo do historiador Tácito do que do biógrafo Suetónio¹⁵. Evidenciam-se, pois, notórias diferenças de perspectiva e de método, na seleção e no uso de material, entre Plutarco e Suetónio. Desde logo, as *Vidas* de Galba e Otão em Plutarco apresentam-se continuadas (o que faz supor que as restantes *Vidas dos Césares* perdidas também o seriam), um procedimento diferente do adotado por Suetónio. A *Vida de Otão* de Plutarco começa no exato momento em que terminara a anterior, com a ascensão do biografado ao poder supremo, e funciona como uma espécie de epílogo da *Vida de Galba*¹⁶, ao passo que Suetónio redige *ab initio*

⁹ Esta é a datação proposta pela maioria: vide Scuderi 1993: 408; Little & Ehrhardt 1994: 3-4; Schettino 2005: 353. Flacelière & Chambry 1979: 143-4 aceitam como possível uma redação mesmo posterior às *Historiae* de Tácito, cuja publicação começa em 106.

¹⁰ Stadter 2005: 428-32 propõe como único *terminus post quem* seguro 75 d.C., ano do consulado de Méstrio Floro, designado como *aner hypatikos* em *Oth.* 14.2.

¹¹ Vide Godolphin 1935: 324-8; Flacelière & Chambry 1979: 133-52. Plínio o Velho e Clúvio Rufo são fontes possíveis. Plutarco menciona Clúvio Rufo e Júlio Secundo, o *ab epistulis* de Otão. Outros autores têm sido referidos, mas o resultado é até à data inconclusivo. E grandes autores, como Plutarco, não seguiam forçosamente um único autor, mas sabiam seleccionar material de proveniência variada, imprimindo-lhe um estilo original, como nota Scuderi 1993: 408.

¹² Como mais tarde as *Vidas Paralelas* são dedicadas a Sócio Senecião. Vide Stadter 2005: 428-32.

¹³ No caso destes imperadores, a *praxis*, objeto da história, tem influência sobre o *pathos*, de que trata a biografia e que a aproxima da «história trágica». Vide Hershbell 1997: 239; Tagliaschi 1960: 34 125-42.

¹⁴ Vide De Blois 2008 : 7 e n. 10. De resto, segundo Hershbell 1997: 235, as *Vidas* de Plutarco parecem estar mais próximas da história do que é por vezes reconhecido.

¹⁵ Vide Flacelière & Chambry 1979: 140 ss.

¹⁶ Como sugere Schettino 2005: 355.

cada *Vida*, a começar pela rubrica dos antepassados, além de repetir os acontecimentos comuns ou repartir a informação sobre determinado acontecimento, segundo é pertinente para a biografia de um César ou de outro¹⁷.

A diferença de perspectiva torna-se patente logo no início da *Vida de Galba* de cada um dos autores. No primeiro capítulo, o Queronense atribui as culpas da crise de 68-69 d.C. aos impulsos irracionais dos soldados e à sua avidez desenfreada (*Gal.* 1.4). Os soldados apercebem-se da sua força e do seu papel na condução da política imperial¹⁸. Trata-se de uma época de guerra civil e de alguma anarquia¹⁹. Parece, de algum modo, uma antecipação da anarquia militar que se gerou no séc. III, depois da queda dos Severos, em que os usurpadores se multiplicavam pelo império. Entre as legiões e seus comandantes, foi revelado um segredo do império, como salienta Tácito: «o *princeps* podia ser aclamado em outro lado que não em Roma» (*Hist.* 1.4.2) – abriu-se assim precedente no sistema que tornava o império frágil, pois facultava o caminho a usurpadores²⁰. Plutarco recorre, pois, aos exemplos de Ifícrates e de Paulo Emílio (*Gal.* 1.1-2), para salientar a necessidade de que o exército siga os seus comandantes, o que pressupõe naturalmente que estes devem possuir experiência militar e capacidade de liderança. Caso contrário, fracassarão, como acontecerá com Hordeónio, o general enviado por Galba, para substituir Virgínio Rufo no comando do exército da Germânia Superior²¹. Plutarco transita deste assunto para o seu mestre Platão (*R.* 376c), para pôr a tónica na natureza nobre e na educação filosófica, como garantes da combinação da virtude da obediência com a coragem (*Gal.* 1.3). O biógrafo de Queroneia apresenta a conduta dos soldados como o reverso da educação dos «guardiães» do Estado ideal, proposta por Platão²². Evoca o exemplo do exército macedónio, comparado ao Ciclope cego, pelas movimentações desordenadas que fazia depois da morte de Alexandre (*Gal.* 1.5). Além disso, as lutas que ocorreram no Império são também comparadas ao combate dos Titãs. E os imperadores são

¹⁷ A revolta do exército da Germânia, em janeiro de 69, diz respeito à biografia de Galba e de Vitélio; o assassinio de Galba às *Vidas* de Galba e de Otão; a guerra entre Otão e Vitélio interessa, em simultâneo, às respectivas biografias. *Vide* Venini 1974: 998.

¹⁸ Situação que já se vinha manifestando, como salienta Scuderi 1995: 405-6. O exército da Germânia Inferior, à morte de Augusto, aclamara Germânico; depois do assassinio de Calígula os pretorianos impuseram Cláudio, contra a vontade do senado; por altura da morte de Cláudio, Agripina tratou de que o filho fosse aclamado pelos pretorianos; as legiões da Germânia ofereceram o império a Virgínio Rufo, e só a recusa deste deixou o caminho livre para Galba.

¹⁹ É o temor da anarquia que, segundo Plutarco (*Gal.* 22.5), leva os oficiais da Germânia Superior a sugerirem a aclamação de Vitélio.

²⁰ O problema em questão é a investidura imperial. *Vide* Scuderi 1995: 405; Schettino 2005: 354-5.

²¹ Segundo De Blois (2008: 6 ss), Plutarco procura demonstrar que os perigos resultantes dos exércitos (salientados no início da *Vida de Galba*) são o efeito da deterioração da disciplina, causada pela atuação de maus líderes militares.

²² *Vide* Georgiadou 2014: 260.

associados a tiranos cénicos que se sucedem no palco como atores (*Gal.* 1.6-8), porque os objetivos nobres da revolta contra Nero foram pervertidos: e o primeiro a cair foi justamente Ninfídio Sabino, o prefeito do pretório que corrompeu os soldados, para mais com um pagamento impossível de reunir (*Gal.* 1.9)²³. Sendo grego de formação, Plutarco serve-se, assim, como termo de comparação para os acontecimentos, não de episódios das lutas civis do final da República (como faz Tácito²⁴), mas da realidade greco-helenística²⁵. A parte perdida das *Vidas dos Césares* poderia esclarecer-nos mais sobre os objetivos do autor.

Para o religioso Suetónio a tónica é colocada no fim de um ciclo, bem delimitado pelo destino, como o será, depois, o tempo da dinastia dos Flávios, determinado logo no início da *Vida de Vespasiano* (*Ves.* 1.1). Este autor começa precisamente a *Vida de Galba* com a queda da casa dos Césares (da *progenies Caesarum* – e não apenas de Nero), prevista desde o princípio e anunciada com *signa euidéntissima*. Recuando ao momento da fusão dos Júlios com os Cláudios, pelo casamento de Augusto e Lívia²⁶, Suetónio conta a história da galinha branca que uma águia (ave associada ao poder supremo²⁷) deixou cair no regaço de Lívia. A galinha, matriarca de vasta prole de galináceos, trazia um ramo de louro no bico, que, depois de plantado, ficou ligado à família júlio-cláudia. Os ramos, retirados para as cerimónias dos triunfos, eram plantados de novo no lugar²⁸. De cada vez que morria um imperador secavam as pernas que tinha plantado. Verificou-se que, no último ano de Nero, secou toda a moita e morreram todas as galinhas – diz Suetónio, exagerando, para demonstrar o seu ponto de vista²⁹. Além disso, acrescenta que o templo dos Césares foi atingido por um raio (*tacta de caelo*) e o ceptro foi arrebatado das mãos de Augusto. Acabado o tempo que os deuses destinaram a esta dinastia, havia que começar de novo. Assim, Suetónio

²³ Vide Stadter 2005: 419-35; De Blois 2008: 5-13.

²⁴ Cf. *Hist.* 1.50; 2.6, entre outros passos.

²⁵ Como assinala Schettino 2005: 358-9. Para o historiador Tácito, os conflitos surgiam devido a tensões sociais, a sentimentos fraturantes na sociedade romana (*Hist.* 1.5.2).

²⁶ Vide Murison 1992: 26.

²⁷ Cf. Suet. *Aug.* 94.7; 96.1; 97.1; *Tib.* 14.4; *Cl.* 7; *Gal.* 4.2; *Vit.* 9; *Ves.* 5.7.

²⁸ Plin. (*Nat.* 15.136-137) diz que são os harúspices que aconselham Lívia a preservar a galinha e a sua descendência e a cuidar religiosamente do ramo. Para Flory 1988-1989: 343-56, trata-se de uma manobra da propaganda de Augusto para fazer face à hostilidade pública, na altura em que se encontrava em guerra com Sexto Pompeio (um conflito que gerava impopularidade pelo embargo no fornecimento de trigo), e uma forma de legitimar o casamento com Lívia, cujo escândalo (Lívia era casada e estava grávida de seis meses) era usado por António na sua propaganda. Vide Brandão 2009: 209-10.

²⁹ Tal afirmação é desautorizada por Plin. *Nat.* 15.137: ... *traditusque mos est ramos quos tenerant serendí et durant siluae nominibus suis discretae*. Vide Murison 1992: 27. O biógrafo latino salienta através destes sinais sagrados o tremendo impacto psicológico que o fim da linhagem de Augusto teve sobre os Romanos, como nota Flory 1988-1989: 347.

vai multiplicar os presságios sobre Galba³⁰; e incluem palavras do próprio fundador do principado³¹, e de Tibério, que lhe vaticina o império numa idade avançada, pelo que não o considera uma ameaça ao seu poder³². Um papel importante será atribuído à Fortuna, cujo favor garante a ascensão de Galba³³ e o desfavor provoca a queda (*Gal.* 18.2), situações anunciadas através de experiências oníricas.

Suetónio centra cada uma das *Vidas* na pessoa do biografado, pelo que tende a omitir ou desvalorizar a ação de terceiros, como o papel relevante que Plutarco atribui a Ninfídio Sabino³⁴ e a atividade dos generais de Vitélio e de Otão. Para Suetónio a aclamação de Galba é desencadeada por uma poderosa *mise-en-scène* de propaganda contra Nero e de um discurso em que deplora a situação dos tempos; ao passo que, em Plutarco, são os soldados e o povo que, em resposta à convocatória de Galba, o proclamam imperador antes que ele se apresente sobre a tribuna³⁵. Através da narrativa centrada na personagem de Galba (*Gal.* 10-11), Suetónio deixa de fora Virgínio Rufo, comandante da Germânia; a batalha de Vesonção, entre os exércitos de Virgínio e o revoltoso Vindex, seguida do suicídio do último (Plutarco, *Gal.* 6); o anúncio da morte de Nero, pela boca de Ícelo, que fizera a viagem de Roma a Clúnia, na Hispânia, em apenas sete dias, e a chegada, dois dias mais tarde, dos mensageiros oficiais, comandados por Tito Vínio (Plutarco, *Gal.* 7)³⁶.

Mas, por outro lado, atribui aos biografados ações de outrem, quando tal contribui para esclarecer determinado traço de carácter; neste caso, a crueldade (*saevitia*), que vai retomar seguir (*Gal.* 12.1). Tanto Plutarco (*Gal.* 15.8) como Tácito (*Hist.* 1.37.3) acentuam o terror da entrada de Galba em Roma, precedida de uma série de mortes. Mas, ao centrar-se na pessoa do biografado, Suetónio

³⁰ Na *Vida* de Galba os presságios são particularmente numerosos, quer no que toca à ascensão, quer à sua queda. *Vide* Gascou 1984: 447-50.

³¹ O dito, transmitido em grego, «também tu, meu filho, hás-de provar do nosso poder», parece irónico, se considerarmos que Galba é o principal agente do fim da dinastia júlio-cláudia (*Gal.* 4.1). Lembra as palavras de César a Bruto, nos Idos de Março de 44 a.C. Tácito (*Ann.* 6.20.2) e Dión Cássio (57.19.4) atribuem a frase a Tibério.

³² *Sed et Tiberius, cum comperisset imperaturum eum uerum in senecta: 'uiuat sane', ait, 'quando id ad nos nihil pertinet* (*Gal.* 4.1). Cf. DC 57.19.4.]

³³ A deusa aparece a Galba em sonhos a reclamar hospitalidade diante da sua porta, na altura em que este assumia a toga viril. Ao despertar, encontra uma estátua da deusa à entrada e consagra-lhe uma divisão da casa na propriedade de veraneio de Túsculo (Suet. *Gal.* 4.3). Dión Cássio (54.1.2) coloca este sonho no período da revolta contra Nero. Será uma efabulação da propaganda na altura em que tentava conquistar o poder ou uma história posterior, elaborada a partir da devoção de Galba pela deusa Fortuna. Durante o principado, a Fortuna é, com a Vitória, um preeminente atributo da casa imperial. *Vide* Murison 1992: 35.

³⁴ *Gal.* 2.1-2; 8-9; 14. Um papel muito mais determinante do que o que lhe dá Tácito, como mostra Schettino 2005: 355-7.

³⁵ No que respeita à aclamação de Galba, enquanto, em Plutarco (*Gal.* 5.1), há, segundo Venini 1974 : 996-7, uma linha dupla (iniciativa de Galba, por um lado, e a dos soldados e do povo, por outro), em Suetónio (*Gal.* 10.1.), salienta-se a iniciativa de Galba.

³⁶ *Vide* Venini 1974: 1012-3.

acaba por atribuir ao imperador execuções que são da responsabilidade dos seus subordinados³⁷.

Outro procedimento de Suetónio consiste em cindir a informação, conforme diz respeito a um ou outro imperador. Com efeito, fragmenta o relato da revolta dos exércitos que, na Germânia, levaram à aclamação de Vitélio. Plutarco (*Gal.* 22) apresenta-nos um relato contínuo que começa com a recusa em renovar o juramento a Galba, pelas calendas de Janeiro de 69, por parte do exército da Germânia Superior, continua com a subsequente comunicação do facto ao exército da Germânia Inferior e culmina com a aclamação de Vitélio, por iniciativa de Fábio Valente³⁸. Suetónio desmembra a narração deste facto entre a *Vida* de Galba (*Gal.* 16.2) e a de Vitélio (cf. *Vit.* 8.1), pelo que em cada parte silencia os factos que não dizem diretamente respeito ao imperador em questão. Na *Vida de Galba*, conta apenas a insurreição do exército da Germânia Superior, que, defraudado das recompensas merecidas pela campanha contra Vindex e os Gauleses, é o primeiro a sublevar-se e a rejeitar um imperador eleito na Hispânia; e pede aos pretorianos que elejam um imperador capaz de reunir o consenso (*Gal.* 16.2)³⁹. Na *Vida de Vitélio* (*Vit.* 8.1), resume a aclamação, silenciando o contributo decisivo da armada de Germânia Superior; e só a seguir refere a adesão deste exército à revolta (*Vit.* 8.2), lembrando apenas de passagem que aquele exército já recusara a obediência a Galba. Suetónio salienta a passividade de Vitélio⁴⁰, por quem parece nutrir

³⁷ Afirma (*Gal.* 11), pois, que Galba não retoma a toga antes de esmagar os revoltosos: o prefeito do pretório Ninfídio Sabino e os legados da Germânia, Fonteio Capitão, e de África, Clódio Macro. Mas, Plutarco (*Gal.* 14-15) mostra que Ninfídio foi morto pelos soldados no campo pretoriano, e Galba limitou-se a ordenar a execução dos cúmplices que não morreram com ele. Quanto a Fonteio Capitão, Tácito (*Hist.* 1.7.1) diz que foi morto por Cornélio Aquino e Fábio Valente, sem que estes tivessem recebido instruções para tal, e que corria o rumor de que o assassinaram por não conseguirem persuadi-lo a revoltar-se. Numa posição intermédia se parece colocar Plutarco (*Gal.* 15.3), quando afirma que Galba eliminou Macro, por meio de Trebónio, e Fonteio na Germânia, através de Valente. Destes só Clódio Macro, que causava agitação por sua conta em África (*Plu. Gal.* 6.1-2), terá sido condenado por ordem direta de Galba (cf. Tácito, *Hist.* 1.7.1; 1.11.2; 4.49). *Vide* Murison 1992: 60-1; Little & Ehrhardt 1994: 64-5.

³⁸ Tácito, na parte respeitante a Galba, limita-se a fornecer informações essenciais (*Hist.* 1.12.1; 14.1) e deixa a exposição detalhada dos factos para o contexto da guerra entre Otão e Vitélio (*Hist.* 1.55-57).

³⁹ Segundo Tácito (*Hist.* 1.12.1), as legiões da Germânia Superior entregavam a eleição ao senado e ao povo romano, para atenuarem o carácter insurreccional do movimento. *Vide* Venini 1974: 999-1000.

⁴⁰ A aclamação de Vitélio transmitida por Suetónio é desordenada e farsesca: recorda-nos a de Cláudio pela passividade do imperador. *Vide* Martin 1991: 229-30. Nota Venini 1974: 997-1000 que, enquanto em Plutarco, como em Tácito, há duas diretrizes, uma do exército e outra de Vitélio (em Tácito, a aclamação é precedida da ação de Vitélio que envia mensagens revolucionárias às legiões; em Plutarco, Vitélio já ponderara a possibilidade de assumir o poder antes da iniciativa de Valente, que o vem saudar como imperador), em Suetónio, há apenas uma diretriz que, ao contrário do caso de Galba, parte de baixo (do exército) para cima. *Vide* também Venini 1977: 118-9.

profunda antipatia (*Vit.* 8.1) e condensa os vários passos da revolta presentes em Tácito (*Hist.* 1.55-57) e Plutarco (*Gal.* 22).

E, para manter a focagem em Galba, na altura da narrativa da morte, Suetónio (*Gal.* 19) faz silêncio sobre a presença de Otão no sacrifício matinal, no dia do assassinato⁴¹. Do mesmo modo, omite o relato da apressada aclamação de Otão no Foro, por iniciativa de uns poucos soldados, e a entrada do futuro imperador no campo pretoriano, pormenores que as outras fontes intercalam neste ponto. Como é seu hábito, Suetónio prefere relatar esses acontecimentos na *Vida* do próprio (*Otho* 6.2-3). Omite também o envio de Pisão com o objetivo de testar os sentimentos da coorte pretoriana de guarda ao palácio (cf. *Plu. Gal.* 25.8)⁴².

O Queronense aproxima-se da historiografia antiga também pela descrição de operações militares, como é o caso das vicissitudes que conduziram à batalha de Betriaco, entre os partidários de Otão e de Vitélio, e as circunstâncias irregulares em que esta foi travada (*Oth.* 5-14), indicando inclusive que visitou os lugares da batalha na companhia de Méstrio Floro. Suetónio, apesar de ter também uma fonte próxima, o próprio pai, mostra-se pouco interessado em procedimentos militares, omite os primeiros recontros e reduz a descrição da batalha de Betriaco a duas referências vagas e separadas (*Otho* 9.2 e *Vit.* 10.1), detendo-se antes nas reações de Otão e de Vitélio. O discurso de Suetónio polarizado em torno do príncipe leva geralmente à subordinação de episódios bélicos importantes à descrição da personagem.

Quanto aos discursos ficcionais, característicos da historiografia, Plutarco segue o mesmo procedimento, como se vê por diversos passos. Um exemplo será o discurso de Otão no momento em que, depois da batalha de Betriaco, decide pôr fim à vida, para que a guerra civil se não prolongue: Plutarco (*Oth.* 15. 4-8), Tácito (*Hist.* 2.47) e Dion Cássio (64.13) transmitem as mesmas ideias (recolhidas da fonte comum), mas elaboradas com exemplos pessoais. Suetónio, que não compõe discursos, mas recolhe ditos célebres, relata apenas que Otão «proclamou que «não mais exporia ao perigo homens daquela envergadura e que tão bem o serviram» (*Otho* 10.1).

Também no que se refere à apreciação do carácter dos dois imperadores os biógrafos diferem. Suetónio costuma dispor os factos de acordo com objetivos caracterológicos, em detrimento da narrativa cronológica, procedimento que resulta numa narrativa consideravelmente diferente da de Tácito e de Plutarco, embora tal procedimento seja menos visível nas *Vidas* deste período, dada a exiguidade do

⁴¹ Na manhã do dia em que foi assassinado, 15 de Janeiro de 69 d.C., Galba fazia um sacrifício no Palatino, diante do templo de Apolo, construído por Augusto (*Tac. Hist.* 1.27.1; *Plu. Gal.* 24.5; D.C. 64.5.2). *Vide* Brandão 2009: 282-7.

⁴² E Tácito (*Hist.* 1.29.2-30.3) desenvolve o discurso de Pisão aos soldados. *Vide* Murison 1992: 83.

tempo de governação destes imperadores. O biógrafo de Queroneia aproxima-se de Tácito na apreciação de Galba; Suetónio, embora reconheça a austeridade deste antes de chegar ao governo, favorece claramente Otão. Além da crueldade, o biógrafo latino salienta a avareza (*avaritia*) de Galba, sem a contextualizar. As duas fontes referem o facto de oferecer apenas cinco denários ao famoso flautista Cano, mas Plutarco insere a recompensa a Cano numa política de contenção contraposta à prodigalidade de Nero. Diz que as moedas oferecidas são de ouro e acrescenta a afirmação, feita por Galba, de que o donativo não era retirado dos cofres do estado⁴³.

Todas as fontes registam a afirmação de que «costuma recrutar e não comprar os soldados»⁴⁴, proferida ao recusar conceder o exorbitante donativo, prometido aos soldados pelo prefeito Ninfídio Sabino. Mas Suetónio (*Gal.* 16.1) julga totalmente negativa a atitude de Galba e cala a honestidade política destas palavras impopulares, consideradas, por Plutarco (*Gal.* 18.4), dignas de um grande imperador⁴⁵. Plutarco elogia ainda a forma como, pondo os interesses do Estado à frente dos próprios, escolhe Pisão como sucessor, em detrimento de Otão, que se mostrava licencioso e perdulário (*Gal.* 21.2-3). De resto, a modéstia de Pisão, perante o anúncio de que seria adotado, contrasta com a reação excessiva de Otão (*Gal.* 23.5-6), e mostra que o velho imperador procedera com sageza ao escolhê-lo, tendo como critério os antigos valores romanos⁴⁶. O elogio da adopção de Pisão por parte de Plutarco parece antecipar o principado adotivo, que virá com os Antoninos⁴⁷.

A influência do pai de Suetónio, que foi tribuno no exército de Otão (*Otho* 10.1), terá certamente determinado a imagem favorável que o biógrafo transmite deste imperador, apesar de reconhecer os desmandos da juventude⁴⁸. Suetónio tinha, assim, ao dispor uma versão, que não era a tradicional de um senador, mas de uma fonte próxima, de origem militar⁴⁹.

⁴³ Suet. *Gal.* 12.3; Plut. *Gal.* 16.1-2. Vide Murison 1992: 65. Tácito (*Hist.* 1.49.3) dá uma imagem positiva da avareza de Galba: ... *pecuniae alienae non adpetens, suae parcus, publicae avarus*.

⁴⁴ Suet. *Gal.* 16.1; Plut. *Gal.* 18.4; Tac. *Hist.* 1.5.2; D.C. 64.3.3.

⁴⁵ Aquela afirmação merece algum louvor a Tácito (*Hist.* 1.5.2) e é elogiada também por Díon Cássio (64.3.3). Vide Gascou 1984: 752.

⁴⁶ Tanto a atitude de Galba, ao escolher o bem comum, como a atitude de Pisão revelam princípios da ideologia estóica que informa a filosofia política romana e que acaba por transparecer em Plutarco, apesar do seu confesso platonismo, como assinala Scuderi 1995: 403-4.

⁴⁷ Modelo de sucessão aclamado por Tácito, através do discurso que coloca na boca de Galba (*Hist.* 1.15-16). Vide Della Corte 1967: 115-25.

⁴⁸ Tal simpatia acarreta uma certa falsificação da realidade em prejuízo de Vítelio, mas sobretudo de Galba, cuja imagem resulta, em Suetónio, muito mais negra do que em Tácito e Plutarco: Vide Venini 1977: 5.

⁴⁹ Vide Murison 1992: 122-3. O uso de uma fonte oral é uma forma de defender a memória de Otão contra uma tradição demasiado severa, segundo Gascou 1984: 301-2.

Otão ficou famoso pelo seu romance com Popeia a futura esposa de Nero, facto que terá ditado um exílio para a Lusitânia, sob a aparência de um cargo administrativo, que, de resto, terá desempenhado de forma exemplar. Os relatos são semelhantes, mas Suetónio (*Otho* 3.1-2), que habitualmente escolhe as versões mais romanescas, parece acentuar a iniciativa de Otão na sedução de Popeia e na corajosa recusa em ceder, depois, a mulher ao próprio imperador, que à porta dos apaixonados esposos misturava rogos e ameaças. Plutarco (*Gal.* 19.2-8) torna Otão mais passivo: tomando como referência o universo grego (como faz muitas vezes) compara-o a Páris («E tal como Alexandre, que Homero apelida frequentemente de «esposo de Helena de belos cabelos» – pois nada encontrando de glorioso nele, o exalta pelo nome da mulher –, também Otão se tinha tornado famoso em Roma por causa do casamento com Popeia»⁵⁰). Além disso, diz que é Nero quem encarrega Otão de seduzir Popeia e que é esta a tomar a iniciativa de fechar as portas ao imperador, quando Otão estava ausente⁵¹.

Suetónio parece sugerir que Otão estava ainda em Roma na altura da morte de Agripina (em Março de 59 d.C.), mas, parece contradizer-se, ao afirmar que Otão governou a Lusitânia durante dez anos (até 68). Pode estar apenas a usar números redondos. Mas há quem pense que, através de uma inversão na cronologia (técnica usual do biógrafo), Suetónio, ao pospor o trio amoroso e o subsequente «exílio» de Otão para depois da morte de Agripina⁵², queira fazer do romance, infeliz para Otão, um ponto de viragem na vida do ex-amigo de Nero, que se transforma num governador exemplar e espera dez anos pelo momento oportuno para se vingar⁵³.

A subida de Otão ao poder apresentava-se, à partida, muito sangrenta, apesar de depois o imperador se ter moderado. Suetónio, no relato da aclamação (*Oth.* 6.2), apenas refere a morte de Galba e de Pisão. Mas diversas mortes seguiram a de Galba⁵⁴. Plutarco (*Gal.* 28.2) assinala que o senado se apressou a ratificar a aclamação de Otão, quando ainda jaziam no Foro os cadáveres nas suas roupas consulares, o que põe implicitamente em evidência a impiedade do

⁵⁰ Plu. *Gal.* 19.2. Tr. Brandão 2010.

⁵¹ Tácito (*Ann.* 13.45-46) diz que Otão louva ostensivamente os dotes da esposa ao imperador. Mas, em *Hist.* 1.13.3, já diz que foi Nero quem a confiou a Otão, enquanto resolvia a questão de Octávia; depois, suspeitando que ele fosse amante dela, afastou-o para a Lusitânia, como para o tornar legado. Díon Cássio, 61.11.2, sugere que desfrutaram dela ao mesmo tempo. Vide Martin 1991: 141; Venini 1974: 993.

⁵² Tácito (*Ann.* 14.1-2) relata a oposição de Agripina à ligação de Nero com Popeia, chegando ao ponto de, segundo Clúvio Rufo, se mostrar pronta a cometer incesto com o filho para segurar o seu poder (cf. D.C. 61.11).

⁵³ Vide Martin 1991: 147-8; Murison 1992: 98-102.

⁵⁴ Díon Cássio (64.6.5^a) alude genericamente à decapitação de várias vítimas. Plutarco (*Gal.* 27.9-10) acrescenta que muitos, mesmo sem terem tomado parte na matança, vieram reclamar recompensas por escrito, pelo que foram, mais tarde, executados por Vitélio com base nos documentos.

começo do novo principado. Uma certa hostilidade a Otão se percebe também na afirmação de que o senado ia prestar o juramento que o próprio Otão prestara e não guardara (*Gal.* 28.1). Muitos estavam, de facto, receosos do que Otão pudesse fazer de seguida (*Oth.* 1.5).

A revolta de Otão contra Galba não representaria mais que uma usurpação. Inicialmente só alguns soldados estavam a par, e podia ter fracassado: ninguém acreditou no sucesso. O próprio Otão, quando se deu conta do número exíguo dos que o aclamavam, julgou estar perdido. O golpe não se apresentaria muito diferente da anterior tentativa do prefeito Ninfídio Sabino, que correu mal. Para Plutarco, o principado de Otão parece ser o produto da volubilidade e da ambição dos pretorianos (*Gal.* 20.7; 21.4); como o de Vitélio é o resultado da indisciplina dos soldados da Germânia (*Gal.* 22). O biógrafo não esconde o desprezo aristocrático pela soldadesca, como denota o prefácio à *Vida de Galba*. Analisa longamente as rivalidades, geradoras de instabilidade, entre as unidades militares: entre os exércitos provinciais (*Galba* 22.8); e entre estes e os pretorianos (*Oth.* 6.1-4). Mas a hostilidade para com a guarda pretoriana retoma o preconceito da literatura grega contra os soldados mercenários⁵⁵. A aversão do autor torna-se manifesta quando designa os pretorianos por *misthophoroi*, sugerindo assim que eram comprados (*Oth.* 3.3), o que os tornava instrumentos para os usurpadores, que não olhavam as despesas, como o caso de Otão (*Gal.* 20.7). Em Roma, este corpo da guarda, pela hostilidade ao senado, torna-se um embaraço para o próprio imperador (*Oth.* 3.3); e, em campanha, apresenta-se amolecido pela vida da cidade e pela falta de experiência de guerra (*Oth.* 5.8; 9.1)⁵⁶: apesar da devoção dos soldados ao imperador, grassa a arrogância, a indisciplina, a desobediência a oficiais superiores (*Otho* 6.1-4). Uma das causas sugeridas por Plutarco para a derrota de Otão é a saudade da vida fácil, que gera nos soldados ansiedade de travar combate e os torna incontrolláveis (*Otho* 9.1)⁵⁷. A moleza (*malakia*) dos pretorianos (*Oth.* 5.8) parece representar uma caracterização metonímica da moleza do próprio Otão (*Oth.* 9.2). Segundo Plutarco, foi a unidade que pior se portou na batalha de Betríaco (*Oth.* 12.9)⁵⁸. Quando ao facto de Otão não participar nas batalhas, referido de forma neutra por Suetónio (*Otho* 9.1), é criticado pelas outras fontes, pelo efeito desmoralizador que a ausência do imperador provocava nas tropas e pela retirada de uma força considerável de infantaria e cavalaria⁵⁹.

⁵⁵ Como assinala De Blois 2008: 5 e n. 3.

⁵⁶ A oposição passado/presente, em termos de degeneração, é um fator determinante para Tácito: constata que os pretorianos já não suportam a austeridade de Galba e desprezavam a antiga disciplina, habituados que estavam aos vícios de Nero (*Hist.* 1.5.2)

⁵⁷ Suetónio alude apenas ao desejo incontrollável por combater (*Otho* 9.1).

⁵⁸ Ao passo que Tácito (*Hist.* 2.44) diz que «os pretorianos estavam a ferver convencidos de que não tinham sido vencidos pelo valor, mas pela traição». Cf. Suet. *Otho* 9.2.

⁵⁹ Cf. Plut. *Oth.* 10.1; Tac. *Hist.* 2.33.2-3.

A narrativa da morte é a *acme* das *Vidas*: o momento da revelação do *ethos*; e é, por isso, normalmente seguido de uma apreciação final. Em Plutarco, tal como em Tácito, nota-se maior reverência pela memória de Galba, enquanto Suetónio procura valorizar a de Otão. O relato da morte de Galba em Plutarco (*Gal.* 27.1) é semelhante ao de Suetónio (*Gal.* 20.1) e de Tácito (*Hist.* 1.41). Suetónio e Tácito (*Hist.* 1.41.2) apresentam duas versões da reação de Galba ao ataque: uma primeira menos digna, em que terá tentado chamar os soldados à razão e apaziguá-los mediante a oferta de um donativo, que antes recusara; e uma segunda, mais corajosa, em que se oferece como uma espécie de vítima voluntária⁶⁰. O Queronense transmite só a segunda versão. As reações não parecem mutuamente exclusivas: a segunda pode ser um ato de resignação, depois de ter percebido que estava condenado. Enquanto Plutarco (*Gal.* 26. 8-10) e Díon Cássio (64.6.4) louvam a ajuda desinteressada que lhe prestou um centurião, Semprónio Denso⁶¹, o biógrafo latino prefere acentuar, até ao exagero, o abandono a que Galba foi votado, situação que se lhe afigura quase inacreditável.

O ultraje feito à cabeça, que depois de cortada foi levada na ponta de um pau, lembra a sorte de Penteu nas *Bacantes* de Eurípides (vv. 1139 ss) – associação que Plutarco (*Gal.* 27), sendo de formação grega, não deixa de fazer, mas que Suetónio omite. Por outro lado, se Plutarco (*Gal.* 27.3) refere a dificuldade em segurar a cabeça devido à calvície e o transporte do macabro troféu no manto, Suetónio (*Gal.* 20.2) acrescenta pormenores mais aviltantes, como a introdução do polegar na boca (como forma de o soldado a poder segurar quando a vai entregar a Otão) e a troça que os servos do acampamento faziam da velhice do imperador⁶². Com efeito, a velhice de Galba era, segundo Plutarco (*Gal.* 13.6), motivo de troça para alguns, habituados que estavam à juventude de Nero⁶³.

Em consonância, na apreciação final, o biógrafo de Queroneia (*Gal.* 29.3-5) demonstra grande admiração por Galba, pela forma desinteressada como assume o poder. Reconhece que cometeu um erro de julgamento, que lhe foi fatal, ao pensar que podia comandar, seguindo os valores antigos, homens como Tigelino e Ninfídio Sabino, degenerados pela sociedade neroniana⁶⁴. Suetónio, depois de

⁶⁰ Uma versão será privilegiada pelos detratores e outra pelos admiradores, como admite Tácito.

⁶¹ E Plutarco salienta que foi «o único entre tantos milhares que o sol viu mostrar-se digno do Império Romano». Afirmção semelhante faz Tácito (*Hist.*, 1.43.1), embora o apresente como defensor de Pisão, que foi assassinado na mesma altura.

⁶² O horror dos pormenores relatados pelos biógrafos contrasta com a sobriedade de Tácito (*Hist.* 1.41.3 e 1.49.1), que tende a evitar detalhes sórdidos. *Vide* Murison 1992: xi.

⁶³ Galba tinha setenta e três anos, mas, sobretudo, estaria bastante incapacitado, devido à artrite ou gota, e tinha uma hérnia descomunal que a custo continha, como noticia o biógrafo latino (*Gal.* 21). Segundo Plutarco (*Gal.* 8.1), o prefeito do pretório, Ninfídio Sabino, tinha abusado dos seus poderes, na convicção de que Galba dificilmente teria forças para aguentar a viagem da Hispânia até Roma.

⁶⁴ *Vide* Scuderi 1995: 407.

descrever o aspecto físico e os hábitos, que falam por si, mostra-se parco em apreciações. Limita-se a informar da revogação, por parte de Vespasiano, de um decreto do senado que propunha a elevação de uma estátua a Galba (*Gal.* 23).

Quanto a Otão, se é verdade que a generalidade das fontes⁶⁵ reconhece que a nobre morte deste imperador, que se suicida para pôr fim à guerra civil, foi contrastante com a sua vida, Suetónio chega ao ponto de dizer que ele odiava as guerras civis já antes de subir ao império (e de que se não revoltaria contra Galba, se não confiasse que o golpe se podia resolver sem guerra). A notícia de que bebeu água e experimentou a ponta de dois punhais⁶⁶ parece aproximar esta morte da de Nero, o antigo amigo⁶⁷. Suetónio (*Otho* 11. 2) diz que se feriu por baixo do mamilo esquerdo e que expirou «ora tapando ora desvelando a ferida aos que acorreram ao seu primeiro gemido⁶⁸» – exemplos do sentido do concreto e do gosto do biógrafo pelo horror e pelos pormenores mórbidos⁶⁹, mas que transmitem a determinação e serenidade do protagonista no momento da morte.

A imagem positiva que Otão obtém na morte é comum às fontes, mas há nuances. Enquanto Plutarco (*Oth.* 18.3) compara Otão com Nero, assinalando que não viveu mais honestamente, mas morreu mais nobremente, Tácito (*Hist.* 2.50.1) opõe a morte digna de Otão (*facinum egregium*) ao infame assassinio de Galba; e Díon Cássio, 64.15.2, opõe a morte à impiedade e perversidade anterior, uma morte ótima a uma vida péssima; Suetónio estabelece um contraste de natureza diferente, ao opor hábitos de vida efeminados a uma morte viril (*Otho* 12.1-2), o que parece atenuar a visão negativa sobre a vida passada⁷⁰. A reação dos soldados à sua morte é de histeria coletiva, ao ponto de se suicidarem junto à pira, situação que Suetónio exagera⁷¹. Quanto à reação do público em geral, salienta-se um duplo julgamento (vida vs morte) que, em Suetónio, tende para a unicidade. Plutarco (*Oth.* 18.2) faz saber que os que louvaram a morte não foram menos importantes nem menos numerosos do que os que censuraram a vida, e Tácito (*Hist.* 2.50.1) diz que ele mereceu posteriormente uma fama tão boa como má. Só Suetónio fala de quase unanimidade (*magna pars hominum*) no póstumo

⁶⁵ Cf. Plu. *Oth.* 15-18; Tac. *Hist.* 2.46-50; Suet. *Otho* 9.3-12.2; D.C. 64.11-15. Vide Brandão 2009: 306-8; 314-5.

⁶⁶ Plu. *Otho* 17.1; Tac. *Hist.* 2.49.2; Suet. *Otho* 11.1. Poulle 1997: 250, põe em evidência o simbolismo dos dois punhais, numa alusão à dualidade tradicional dos tiranicidas.

⁶⁷ Cf. Suet. *Nero* 48.3; 49.2.

⁶⁸ Parece haver nestes pormenores alguma semelhança com a morte de Petrónio (Tac. *Ann.* 16.19), com quem Otão poderá ter convivido e partilhava certos traços de carácter, se tomarmos em conta os dados da tradição.

⁶⁹ Como salienta Gasco 1984: 307-8.

⁷⁰ Como nota Gasco 1984: 311-2.

⁷¹ Quanto ao número dos suicídios, Suetónio transforma em «muitos» os «alguns» referidos por Tácito (*Hist.* 2.49.4), Plutarco (*Oth.* 17.10) e Díon Cássio (64.15.1²). Só Suetónio e Díon (64.15.2^b) referem que muitos soldados se mataram uns aos outros. Vide Gasco 1984: 313-4.

louvor de Otão⁷² e minimiza a infâmia da morte de Galba⁷³ com o suposto propósito de restaurar a *res publica ac libertas* para o povo romano⁷⁴.

Chega-nos, assim, através de Plutarco e de Suetónio um ponto de vista político e ético grego e romano sobre uma época conturbada. As figuras de Plutarco tendem a ser vistas de modo benévolo; e Galba, tendo embora defeitos e cometendo erros, é apresentado como um grande homem. Suetónio, distanciando-se da tradição principal para favorecer Otão, acaba por obscurecer a grandeza moral de Galba. O biógrafo de Queroneia aproxima-se de Tácito e da moral senatorial, que preconiza a exaltação dos valores antigos e condenação da decadência do presente. Suetónio apresenta ao longo das rubricas (desde a dos antepassados até à avaliação final) uma caracterização do *ethos* dos imperadores com fins didáticos: é à intenção moralizante que se subordina a seleção e disposição do material histórico através das *species*⁷⁵. Temos, assim, métodos e pontos de vista divergentes, mas objetivos morais convergentes.

BIBLIOGRAFIA

- Baldwin, B. (1983), *Suetonius*. Amsterdam: Hakkert.
- Bradley, K. R. (1985), «The rediscovery of Suetonius», *CPh* 80: 254-65.
- Brandão, J. L. (2009), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra: CECH – *Classica Digitalia*.
- . (2010), *Plutarco. Vidas de Galba e de Otão*. Introdução, tradução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Série de Autores Gregos e Latinos.
- . (2010), «Galba e Otão: duas perspectivas biográficas», *Cadmo: Revista de História Antiga* 20: 543-60.
- . (2023), Gaio Suetónio Tranquilo, *Vidas dos Césares*. Livro VII. *Galba, Otão e Vitélio*. Introdução, tradução e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Série de Autores Gregos e Latinos.
- De Blois, L. (2008), «Soldiers and leaders in Plutarch's *Galba* and *Otho*», in H. M. Shellenberg, V. E. Hirschmann & Kriechhaus (eds.), *A Roman Miscellany. Essays in honor of Anthony R. Birley on his seventieth birthday*. Gdansk, 5-13.
- . (2014), «Plutarch's *Galba* and *Otho*», in M. Beck (ed), *A Companion to Plutarch*. Oxford: Wiley-Blackwell, 267-77.
- Della Corte, F. (1967), *Svetonio eques Romanus*. Firenze: La Nuova Italia.

⁷² Vide Gascou 1984: 312; 776-7.

⁷³ Considerada *facinus flagitiosissimum* por Tácito (*Hist.* 2.50.1).

⁷⁴ Suet. *Otho* 12.2. Nenhum dos outros autores menciona tal facto.

⁷⁵ Vide Brandão 2009: 329 ss.

- Flacelière, R. & Chambry, E. (1979), *Plutarque, Vies*, tome XV. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles Lettres.
- Flory, M. B. (1988-1989), «Octavian and the omen of the *gallina alba*», *CJ* 84: 343-56.
- Georgiadou, A. (2014), «The Lives of the Caesars», in M. Beck (ed.), *A Companion to Plutarch*. Oxford: Wiley-Blackwell, 251-66.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Paris: de Boccard.
- Grimal, P. (1986), «Suétone historien dans la *Vie d'Auguste*», *Rome. La littérature et l'histoire* 2. Paris/Roma : École Française de Rome, II, 729-38.
- Giua, M. A. (1990), «Aspetti della biografia latina del primo impero», *RSI* 12: 535-59.
- Godolphin, F. R. B. (1935), «The source of Plutarch's thesis in the Lives of Galba and Otho», *AJPh* 56: 324-8.
- Harris, B. F. (1962-1963), «Tacitus on the death of Otho», *CJ* 58: 73-7.
- Hershbell, J. P. (1997), «Plutarch's concept of history: philosophy from examples», *AnSoc* 28: 225-43.
- Little, D. & Ehrhardt, Chr., (1994), *Plutarch, Lives of Galba & Otho*. Translation and commentary. London: Bristol Classical Press.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris: Les Belles Lettres.
- Murison, Ch. L. (1992), *Suetonius Galba, Otho, Vitellius*. Ed. with intr. and notes. London: Bristol Classical Press.
- Perrin, B. (1926), *Plutarch's Lives*. XI. With English translation. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press.
- Pouille, B. (1997), «Les poignards de l'année 68-69», *RPh* 71: 243-52.
- Raoss, M. (1958), «La rivolta di Vindice ed il successo di Galba», *Epigraphica* 20: 46-120.
- Schettino, M. T. (2005), «I Soggetti politici e i conflitti civili del 68/69 d.C. in Plutarco», in De Blois *et alii* (ed.), *The statesman in Plutarch's works. Proceedings of the sixth international conference of the International Plutarch Society. Vol. II: The statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*. Leiden/Boston: Brill, 351-61.
- Scuderi, R. (1995), «Le *Vite* Plutarchee di Galba e di Otone: teoria e prassi politica nella successione imperiale», in I. Gallo & B. Scardigli (cura), *Atti del V convegno plutarcheo*. Napoli: M. D'Auria Editore, 399-413.
- Stadter, Ph. A. (2005), «Revisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*», in A. Pérez Jiménez & F. Titchener (eds.), *Valori letterari delle opera di Plutarco. Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*. Málaga: Universidad de Málaga, 419-35.
- Syme, R. (1980), «Biographers of the Caesars», *MH* 37: 104-28.

- Tagliaschi, A. M. (1960), «Plutarco e la tragedia greca», *Dioniso* 34: 125-42.
- Venini, P. (1974), «Sulle *Vite* suetoniane di Galba, Otone e Vitellio», *RIL* 108: 991-1014.
- . (1977), *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio*, con comm. Torino: Paravia.
- Wellesley, K. (2000), *The year of the four emperors*, with a new introduction by B. Levick. London/New York: Routledge (3.^a ed.).

**HOW TO BE A ROMAN SENATOR:
ANALYSING AGENCY IN TACITUS' *AGRICOLA*¹**

**COMO SER UM SENADOR ROMANO:
ANÁLISE DO PODER DE ATUAÇÃO NO *AGRICOLA* DE TÁCITO**

GERJANNE VAN DEN BERG
Universiteit van Amsterdam
ORCID: 0009-0004-2206-597X

ABSTRACT: For Tacitus, power and control are two crucial aspects. The powers and freedoms of the senators is a topic Tacitus wrestles with throughout his works. In this paper, I will examine how the *Agricola* discusses what it means to be a Roman Senator, especially during Tacitus' present-day and the imminent future, focusing on the senator's agency. The *Agricola* is a multifaceted work characterised by transition and uncertainty: Tacitus' *Agricola* is an encomium of his father-in-law, praising his military achievements and arguing that one can still lead an honourable life under a tyrant. At the same time, it is also an ambiguous commentary on the life of a Roman senator under Domitian and visualises the future under Trajan. Through analysing metaphors of agency, I will show that Tacitus focuses on the limits of power of the Roman senators and how one can navigate Roman politics post-Domitian. I will argue that the metaphors of slavery and silence emphasise the limitations of agency. At the same time, the contrast between *Agricola*'s role in Britain and Rome shows there are different forms of agency. Whereas the use of *libertas* would indicate the possibility of agency, in the *Agricola* *libertas* is always threatened or uncertain. The result is a bleak outlook on the future. Yet, the *Agricola* is but one interpretation of levels of agency between senator and emperor. I will conclude by contrasting Tacitus' view of the future with those in Pliny the Younger and Frontinus, and examine why Tacitus has chosen pessimism.

KEYWORDS: Tacitus, *Agricola*, Agency, Roman Identity, Exemplarity

RESUMO: Para Tácito, o poder e o controlo são dois aspectos cruciais. Os poderes e as liberdades dos senadores são um tema com que Tácito se debate ao longo das suas obras. Neste artigo, examinarei a forma como o *Agricola* discute o que significa ser um senador romano, especialmente no presente de Tácito e no futuro iminente, centrando-me na capacidade de ação política do senador. O *Agricola* de Tácito é um elogio ao seu sogro, enaltecendo os seus feitos militares e defendendo que continua a ser possível levar uma vida honrada sob um tirano. Simultaneamente, é também um comentário ambíguo sobre a vida de um senador romano sob Domiciano e antecipa o futuro sob Trajano. Através da análise das metáforas da capacidade de ação, mostrarei que Tácito se concentra nos limites do poder dos senadores romanos e em como se pode navegar pela

¹ Many thanks to Alice König, the participants at the panel 'Imperial (Auto)biographies: Narrating Identity in the Roman Empire' at the Coimbra Conference in Classics and Ancient History, and the anonymous reviewer for their valuable feedback on this paper.

política romana pós-Domiciano. Argumentarei que as metáforas da escravatura e do silêncio sublinham as limitações da capacidade de ação política. Ao mesmo tempo, o contraste entre o papel de *Agrícola* na Bretanha e em Roma mostra que existem diferentes formas de atuação. Enquanto o uso da *libertas* indicaria a capacidade de atuação, no *Agricola*, a *libertas* está sempre ameaçada ou incerta. O resultado é uma perspectiva sombria do futuro. No entanto, o *Agricola* é apenas uma interpretação dos níveis da capacidade de ação entre senador e imperador. Concluirei contrapondo a visão de futuro de Tácito com a de Plínio, o Jovem, e a de Frontino, e examinarei por que razão Tácito opta pelo pessimismo.

PALAVRAS-CHAVE: Tácito, *Agricola*, capacidade de ação, Identidade romana, Exemplaridade

I. INTRODUCTION²

What does it mean to be a Roman senator? Does it mean to be a politician with influence and responsibilities? To be someone with power? And what does it mean when the future is uncertain? For Tacitus, power and control are two crucial aspects. The powers and freedoms of the senators is a topic Tacitus wrestles with throughout his works. Not only does he focus on *libertas* and control of senators of the past, but the people he writes about also function as a mirror to Tacitus' own present day and future. Another aspect prevalent in Tacitus' texts is the relation between senators and the emperor, and how to deal with an oppressive emperor. O'Gorman has noted that «the relationship between what senators can control» and what they cannot is important in Tacitus, just as the question whether «control over their own behaviour as senators enable[s] them to avoid or limit the dangers of imperial disfavour and its potential to destroy their careers and the future of their families.»³ In the *Agricola*, these issues regarding the levels of control of both the senators and the emperor are significant components in the narrative. Especially important are the power (im)balances between senators and the (autocratic) emperor. Both König and Sailor have noted how it is the senator-emperor relation which takes an important place.⁴ In this paper, I focus on the senator-side of this relation and examine how the *Agricola* discusses what it means to be a Roman senator, especially during Tacitus' present-day and the imminent future.

In order to understand the different levels of control that are at play and their metaphors in the *Agricola*, I make use of the concept of agency. I use the definition

² The text edition used is the Teubner edition edited by Delz, translations of the *Agricola* are taken from the Loeb edition, translated by M. Hutton and W. Peterson. See the bibliography for text editions of other Latin texts. Translations of other texts are my own.

³ O'Gorman 2020: 1.

⁴ König 2013: 364; Sailor 2008: 53; cf. Oakley 2009: 184 who has argued that «[t]he relationship of emperors to the senate is one of Tacitus' most important themes.»

of McAdams and McLean who define agency as «The degree to which protagonists are able to affect change in their own lives or influence others in their environment, often through demonstrations of self-mastery, empowerment, achievement, or status.»⁵ It is important to note that agency does not equal power. Rather, agency is the «socioculturally mediated capacity to act.»⁶ It is not just living beings that can exhibit agency. A text can exhibit agency as well, influencing the reader in a certain way. This creates agency in the *Agricola* on two levels: in the text, there is the possibility or lack of agency of the Roman senators, the Britons, and Domitian. In addition, there is the agency of the text, which pushes its audience to act or adopt a certain attitude. However, before moving on to what the *Agricola* hopes to achieve and what message it wants to give to its audience, I will briefly discuss the different layers of the text and the time in which it was published.

On first reading, Tacitus' *Agricola* is an encomium of his father-in-law, praising his military achievements and arguing that one can still lead an honourable life under a tyrant. On closer inspection, it is also a multifaceted commentary on the life of a Roman senator under Domitian. The *Agricola* hovers between genres (containing a mixture of elements from biography, praise and ethnography amongst others), and between emperors. By some, the *Agricola* is seen as Tacitus' defence for the fact he thrived under Domitian, dealing with the question, as Rimell has phrased it, of «how to reinvent themselves anew without cancelling out, or overly implicating themselves in, 'The Domitian Years,' when all the time they were there, climbing ladders and avoiding trouble?»⁷ At the same time, Syme has called the *Agricola* «a manifesto for the Emperor Trajan and the new imperial aristocracy», a text that praises the new regime.⁸ Written around 98, the *Agricola* hovers between Domitianic and post-Domitianic Rome and is characterised by transition and uncertainty.⁹ The traditional view of Nerva and Trajan's regimes as better times in contrast to Domitianic villainy, has been somewhat nuanced in more recent scholarship, with Waters even taking a completely opposite position by calling Trajan *Domitiani Continuator*. Waters has argued that Trajan's politics were practically identical to those of Domitian, namely a drive towards increasing autocracy.¹⁰ When Tacitus wrote the *Agricola*, the uncertainty

⁵ McAdams & McLean 2013: 234. I use agency as it is frequently used in philosophy and sociology. This is different from the linguistic or narratological agent, where the term refers specifically to the semantic role of an initiator or cause of an event within a sentence.

⁶ Ahearn 2001: 112.

⁷ Rimell 2018: 65.

⁸ Syme 1958: 125; cf. Sailor 2012: 24.

⁹ König 2013; Sailor 2004.

¹⁰ Waters 1969. Grainger 2003: 52-65 has also noted continuity. He has shown that Nerva took up many tasks and projects that Domitian had begun, forming a bridge between Domitian and Trajan.

with regard to Trajan's style of ruling, his policies, and the freedoms of the Senate would have been present in the minds of the senators. As such, we can read the praise of Trajan in the prologue as rather prescriptive, aiming to press the emperor to commit to his promises.

But the *Agricola* is not only written for Trajan. More importantly, it is written for Tacitus' fellow senators.¹¹ It is full of lessons for Tacitus' contemporaries, which are consciously embedded in the narrative.¹² However, this does not mean that Tacitus presents himself as superior to the reader, as someone older with experience who can give advice. Rather, Tacitus presents himself very much on a similar footing as his audience. The *Agricola* is written with a «one of us» mentality in mind. As I discuss below, this becomes clear, in part, through the use of first-person plural in the prologue, as well as through the lack of judgement by means of narratorial comments.

In this paper, I do not focus on Tacitus' criticisms of the emperors. Rather, I will focus on the *Agricola* as a work expressing uncertainty towards the future with Trajan and the position of the senator, and as a work that expresses ambivalence. This is both in regard to its multifaceted form, which contains characteristics of several genres, as well as towards the future relation between emperor and senators. I will turn to the aspects of the *Agricola* that show the political uncertainties of the new regime and the present and possible future limits that the senators face, living under these emperors. As mentioned above, the *Agricola* was written during a period of transition, during which power changed from one dynasty to a new one. This did not only affect the emperor but also the senators, such as the uncertainty for those who had supported or benefitted from Domitian.

Throughout the *Agricola*, Tacitus sketches how one can be a (good?) senator during the new regimes of Nerva and Trajan. For this reason, I read the *Agricola* less as a biography and more as a didactic source for, and as an *exemplum* to be used by, senators. The *Agricola* discusses what it means to be a Roman senator during these times. Through analysing metaphors and narratorial comments, I will show that Tacitus focuses on the limits of the Romans' agency and how one can navigate Roman politics post-Domitian. Reading the *Agricola* as a forward-looking exploration of the new identity of Roman senators not only provides a new perspective of the book, but also looks at the power (or agency) that texts can have in shaping the future. I will first discuss the prologue to show how much the *Agricola* is focused on influencing fellow senators and establish that, from the

¹¹ Wilson 2003: 533-4, on the other hand, (who has also argued that the *Agricola* is not a manifesto for Trajan *contra* Syme) has argued that the audience of the *Agricola* is not Tacitus' contemporaries, but rather posterity. However, as I show in the next section, the use of the first person plural shows that Tacitus' contemporary senators are at least part of the intended audience.

¹² Unlike Ogilvie & Richmond 1967: 19 who have stated that these lessons are «incidental».

start, the *Agricola* expresses uncertainty about the future. After that, I will turn to the (limited) agency that can be found in the episodes in Britain and in Rome and the metaphors that express this limited agency, which ultimately function to visualise the imminent future to the reader and show that the best course of action is taking the limits of one's agency into account. Nevertheless, Tacitus' view is only one response to the new regime. I will end this paper contrasting Tacitus' advice on how to be a Roman senator with the attitude that Pliny the Younger and Frontinus present when dealing with Nerva and Trajan. Ultimately, the *Agricola* is a work about the past that pushes us to think about the future, yet it is only one possible outlook of what that future entails for the Roman senator.

II. THE *AGRICOLA* AS A TEXT THAT AFFECTS «US» ALL

Tacitus' frequent use of the *nos(ter)* and the first person plural shows how his audience (which notably predominantly consists of senators and the upper class) is involved in the prologue, which discusses the nature of biography and the state of the Roman empire under both Domitian and his immediate successors.¹³ This shows that this text is relevant for his target audience and that they should take the lessons laid out in it to heart. The complicitness of the audience is especially emphasised by the verb *legimus* being placed in an emphatic position at the start of *Agr. 2*. Most scholarship focuses on the interpretation and tense of the verb, but it is important to note that it is only in the *Agricola* that first-person plural verbs are used in a prologue by Tacitus.¹⁴ The prologue of the *Historiae* frequently uses the first-person singular and the start of the *Annales* is largely in the third person, but neither of these is making the audience complicit in the story in such a way. Moreover, the ambiguity of the tense of *legimus* serves as an advantage to the text. We, Tacitus and the audience, were reading and are still reading these texts. Moreover, our actions are influenced by these texts, either in imitation or possibly the opposite. Note that the grammatical objects of *legimus* are biographies, namely those of Thrasea Paetus and Helvidius Priscus. These texts themselves have agency as well. In the same way, we are now reading the *Agricola*, which also aims to influence us to act a certain way.¹⁵

Cooren has argued for the existence of textual agency: texts are able to do something «that humans alone do poorly, that is, reminding or recalling something

¹³ *Nostris ... temporibus* (*Agr.* 1.1); *legimus* (*Agr.* 2.1); *dedimus* (*Agr.* 2.3); *nos* (*Agr.* 2.3); *perdidissemus* (*Agr.* 2.3); *in nostra potestate* (*Agr.* 2.3); *nostris, superstites sumus* (*Agr.* 3.2); *venimus* (*Agr.* 3.2). The majority of scholarship (e.g. Lavan 2011, Haynes 2006 and Liebeschuetz 1966) has seen this as the emphasis on the complicity of the senate in the recent events under Domitian. However, I think that the use of «we» is also emphasising their relevance in the now.

¹⁴ For the discussion on *legimus*, see for example Woodman & Kraus 2014: 76-7.

¹⁵ Cf. Ruffing 2021, who has read Tacitus from the perspective of «intentional historiography» (Gehrke 1994).

throughout space and time».¹⁶ For the text to influence its readers, the narrator itself does not need to spell out what it tries to achieve with the text. In the *Agricola*, the presence of Tacitus as narrator is limited, confined to situations where he directly talks about Agricola as his father-in-law (e.g. «I have often heard my father-in-law say», *saepe ex eo audivi*, Agr. 24.3). The didactic value of the *Agricola* lies partly in its ambiguity, presenting the reader with complex models and making them wrestle with the ethics and responsibility of being a senator.¹⁷ Tacitus does not present himself as standing above the senators, almost as if he is also still digesting the information himself.

The prologue also expresses uncertainty. It creates a stark contrast between the time under Domitian, and the principate of Nerva. Tacitus writes that, «now at last heart is coming back to us» (*nunc demum redit animus*, Agr. 3.1). However, this new future under Nerva and Trajan is still described as uncertain, with Sailor noting how a change of regime has not solved the problem.¹⁸ Indeed, Tacitus might not be as positive in the prologue as he seems at the first instance.¹⁹ There seems to be elaborate praise of Nerva and Trajan in Agr. 3.1:

Sed quamquam primo statim beatissimi saeculi ortu Nerva Caesar res olim dissociabiles miscuerit, principatum ac libertatem, augeatque cotidie felicitatem temporum Nerva Traianus, nec spem modo ac votum securitas publica, sed ipsius voti fiduciam ac robur adsumpserit.

«From the first, from the very outset of this happy age, Nerva has united things long incompatible, the prince and liberty; Trajan is increasing daily the happiness of the times; and public confidence has not merely learned to hope and pray, but has received assurance of the fulfilment of its prayers and so has gained strength» (Agr. 3.1).

At the same time, Leeman has also noted scepticism in the prologue, seeing *beatissimi saeculi* as a hollow phrase which was one of the slogans of the new era. Combined with the medical metaphor of *redit animus*, Leeman has argued that Tacitus is «certainly not ‘optimistic’, [as Ogilvie and Richmond have argued],

¹⁶ Cooren 2004: 379. Texts (both written and oral) are a nonhuman agency allowing for the existence of hybrid agency: «humans can *appropriate* what nonhumans do», Cooren 2004: 377.

¹⁷ This tactic happens more often in texts focusing on exemplarity. In Frontinus' *Stratagemata*, a text discussing many *exempla*, König 2017: 171 has also noted the absence of the narrator and the ambiguity this creates. The exemplarity of the *Agricola* is expressed very differently from Valerius Maximus, who often clearly tells the reader who is good and who is not.

¹⁸ «[T]he fault lies in ‘ourselves’», Sailor 2008: 66.

¹⁹ For instance, Ahl 1984: 207 has noted how we should not take Tacitus at face value, especially when one compares the flourishing literary output under Domitian with that of Trajan. Rutledge 1998 has also noted allusions in Tacitus' *Annals* which could be read as criticism of Trajan.

but not without hope.» Rather, there is the image of a very weak patient, «who has just been on the brink of death.»²⁰ Scepticism towards the new regime can also be found in the opening line of the *Agricola* which starts with «*clarorum virorum facta*», an intertextual reference to Cato the Elder who, like Cato the Younger, was strongly connected to the Republican era.²¹ In addition, Rutledge has argued how the contrast between Nerva and Agricola reflects negatively on Nerva. According to him, «happy ... with his position unimpaired» (*beatus incolumi dignitate*, *Agr.* 44.4) later in the *Agricola*, must have had an effect on the audience, who would still have remembered Nerva's links to Nero.²²

Therefore, examining the prologue, it becomes clear that the *Agricola* is a text that positions itself as relevant for its audience through their direct involvement. What is more, it also makes a distinctly ambivalent political statement, with Tacitus reserving judgement on this new age of Nerva and Trajan by declining to take a forthrightly positive or negative position. By focusing on Trajan and Nerva in the prologue, the reader is invited to contrast the new principate with that of Domitian. However, by creating an environment of uncertainty, combined with some careful hope, the reader can also experience the main body of the text of the *Agricola* as a way to visualise the future in the event that this change and freedom do not end up happening.²³ For even during tyranny, Tacitus shows us Agricola was exemplary.

III. AGENCY AND ITS LIMITS

III.1. Different levels of agency

Having emphasised the *Agricola* as an, at times, ambivalent text that emphasises the complicity of, and relevance to, the reader, I will now turn to the underlying messages of power and control that are present in the work. Throughout the *Agricola*, imagery is prevalent that emphasises the idea of limited agency, not only that of the Britons who are being conquered by Agricola, but even more so the Roman senators who in Rome are limited in their politics. The location of Britain, being the end of the world, specifically emphasises the idea of limits: under Agricola, the Romans go to the coast of the newest, meaning the furthest,

²⁰ Leeman 1973, cf. *temporum felicitate* (*Hist.* 1.1.4).

²¹ Rutledge 2009: 436.

²² Rutledge 2009: 436-8.

²³ *Agr.* 3.3 («But after all I shall not regret the task of recording our former slavery and testifying to our present blessings, even though with unpractised and stammering tongue», *non tamen pigebit vel incodita ac rudi voce memoriam prioris servitutis ac testimonium praesentium bonorum composuisse*) also refers to the literary future of Tacitus: the *Histories*, cf. Sailor 2004: 155-6.

sea (*oram novissimi maris*, Agr. 10.4).²⁴ Furthermore, the mention of *terminus Britanniae* (Agr. 30.3) is a recurring concept.²⁵ However, the *Agricola* does not simply focus on the lack of agency as a motif. The contrast between Agricola's influence in Britain, but limited role in Rome, shows that there are different forms of agency that are being explored. In Britain, Agricola is responsible for military success: he slaughters most of the Ordovices (*caesaque prope universa gente*, Agr. 18.3), makes sure that the island Anglesey surrenders (*ita petita pace ac dedita insula*, Agr. 18.5) and starts to create order in Britain (Agr. 19).

In contrast, in Rome, Agricola's agency is minimal. He returns to Rome by night so as to not make commotion (Agr. 40.3), and is not furnished with a victory parade. While not directly showing a lack of agency in these actions, his careful treading around possible provocation offers the sentiment that Agricola is trying not to step on Domitian's toes. His freedom of action is limited by the circumstances. The only thing that is left to him is «peace and idleness» (*tranquillitatem atque otium*, Agr. 40.4). According to Whitmarsh, Agricola is a «dissonant figure: at Rome he is subjected to imperial power, which he negotiates through quietism; in Britain, on the other hand, he is the agent of that power, and it is upon the subject Britons that quietism is urged.»²⁶ Agricola is the prime example that one has a different quantity of agency in different situations and, depending on the amount of independent action and thought that is allowed, these situations demand a different attitude.

It is not only Agricola's behaviour in Britain and in Rome that is contrasted. Britain itself is portrayed as the antithesis of Domitianic Rome. Giua has argued that its remoteness and isolation guarantee Britain to have the «*garanzia di autentica liberta*».²⁷ At the same time, Britain is portrayed as the Old Rome of the past, with Calgacus (and his grand Latin oratory) as its representative.²⁸ It has been noted that Calgacus' speech is full of Republicanisms.²⁹ Alston has even described Caledonia as an anachronism, «clinging to the values of *libertas*», which connects both to the heroes of the Republic and «those elite contemporaries of Tacitus who found the *mores* of empire such that they preferred to maintain more traditional views.»³⁰ However, as I explain below, Tacitus paints this sentiment as futile.

²⁴ The idea of Britain as the edge of the known world can also be found in other classical authors, e.g. Horace writes «Britain, the extreme end of the world» (*ultimos orbis Britannos*, Hor. *Od.* 1.35.29-30).

²⁵ Cf. Agr. 23; 27.1; and *finem Britanniae* (Agr. 33.3).

²⁶ Whitmarsh 2006: 306.

²⁷ Giua 1991: 2897; cf. Clarke 2001: 107.

²⁸ Clarke 2001: 106-7.

²⁹ And especially Sallustian language, Ogilvie and Richmond 1967: 25.

³⁰ Alston 2018: 243.

III.2. Limited agency: metaphors of silence and slavery

The limitations placed on agency are strongly emphasised in the *Agricola*, especially by the second instance of prominent imagery that I will discuss: the metaphor of slavery.³¹ The language of slavery is present throughout the *Agricola*, both in the passages set in Rome and in Britain.³² Slavery is associated with submissiveness, silence and passivity, all of which can be seen as the opposite of agency.³³ According to O’Gorman, for Tacitus, «the ultimate loss of agency is to lose the capacity to speak and listen», which is associated with slavery.³⁴

However, before turning to the examples of slavery, I will first discuss the related concept of silence. Silence (*silentium*) is a loaded term in the *Agricola* and is often associated with a lack of control. For example, after Agricola’s success at the battle of Mons Graupius, Tacitus narrates Domitian’s perspective, noting that «it was all in vain that the practice of public speaking and the glamour of the arts of peace had been silenced, if another was to usurp military glory.» (*frustra studia fori et civilium artium decus in silentium acta, si militarem gloriam alius occuparet*, *Agr.* 39.2). Domitian might have taken away the agency of senators within Rome, but, at the same time, he fears that he cannot extend this level of control to the military commanders outside of Rome. The suggestion of fear hints at cracks in Domitian’s control and denotes a lack of agency in his foreign politics. Indeed, Tacitus does not portray Domitian as an all-powerful tyrant. The relationship of power between emperor and senator, though heavily skewed towards the emperor, is simultaneously often ambivalent.³⁵ As we can see, one chapter earlier, in *Agr.* 38.2, Tacitus mentions that «everywhere was dismal silence» (*vastum ubique silentium*). Having just won against the Britons, the metaphor of silence is important. The Britons have been defeated and have been stripped of all power to fight back. There is nothing left for them to say or do. While the Britons may have acted (namely, fought), the fact that they lost has left them stripped of agency. In short, they have been utterly silenced.³⁶ The concept of silence is related to

³¹ Cf. Liebeschuetz 1966; Lavan 2011, 2013 for the imagery of slavery and *libertas*. See Woodman and Kraus 2014: 15-25 for a more critical approach. Poulsen 2017: 856-7 has argued how Calgacus and Agricola conceptualise freedom and slavery in different ways, but neither of them is satisfactory as a solution. My reading brings the interpretations of slavery throughout the *Agricola* together, arguing that all of them implicate a limited or lack of agency.

³² *Et sicut vetus aetas vidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in servitute (Agr. 2.3); sedem servitutis (Agr. 16.1); ceterae servientium poenae (Agr. 32.4); turbae servientium (Agr. 40.3).*

³³ Lavan 2011: 298.

³⁴ O’Gorman 2020: 15.

³⁵ For more on Domitian’s fear and the cracks in his agency, see below during the discussion of Agricola’s death.

³⁶ The topic of silence also links back to the prologue: the period under Domitian is characterised by *silentium* (*Agr.* 3.3). Tacitus and contemporaries were themselves silenced. A remark must be made, however, that silence does not always equal a lack of agency (think for instance of the agency and control a police officer has when he is silent during an interrogation).

Tacitus' present-day (and potentially even the future). In the prologue, Tacitus mentions the silence under Domitian: «We should have lost memory itself as well as voice, had forgetfulness been as easy as silence» (*Memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci quam tacere*, Agr. 2.3). Although Tacitus notes in the prologue that the *animus* is returning to the Romans, implying the return of a voice, we are not told to what extent permanent damage has already been done, or whether this silence will be completely banished. Silence and what it embodies still weighs heavily on the Romans.

The metaphor of slavery is even more prominent than the metaphor of silence. For instance, just before Calgacus' speech, the Britons realise they have only two options: «seeing before them vengeance or slavery» (*ultionem aut servitium expectantes*, Agr. 29.3). While vengeance equals freedom and, most importantly, freedom from the Romans, slavery implies the loss of individual choice. The looming threat of slavery is also frequently addressed during Calgacus' speech.³⁷ Moreover, the passivity associated with slavery stretches even further than the Britons' looming fate. In the epilogue, again set in Rome, Tacitus writes:

praecipua sub Domitiano miseriarum pars erat videre et aspici, cum suspiria nostra subsciberentur, cum denotandis tot hominum palloribus sufficeret saevus ille vultus et rubor, [a] quo se contra pudorem muniebat.

«Under Domitian it was no small part of our sufferings that we saw him and were seen of him; that our sighs were counted in his books; that not a pale cheek of all that company escaped those brutal eyes, that crimson face which flushed continually lest shame should unawares surprise it» (Agr. 45.2).

He presents the emperor as all-seeing. Even though there is a balance presented between seeing (*videre*) and to be seen (*aspici*), the seeming equality is false. Instead, it is imposed upon the senators and forms part of their sufferings (*pars miseriarum*). According to Haynes, «Tacitus draws attention to the bond between himself and his senatorial peers when he describes the distinction between Domitian's active gaze and their own passive and miserable acceptance of it.»³⁸ This emphasises once again that Tacitus is writing for his fellow senators. Even though there is hope for less control under Nerva and Trajan, what has happened can never be undone, and it will take a while before the senators can

Nevertheless, in Tacitus, the ability to speak is one of the essential aspects of *libertas* and agency, and suppression of speech the lack thereof.

³⁷ E.g. *servitutis expertes* (Agr. 30.1); *nata servituti mancipia semel veneunt, atque ultra a dominis aluntur: Britannia servitutum suam cotidie emit, cotidie pascit* (Agr. 31.2); *ceterae servientium poenae* (Agr. 32.4).

³⁸ Haynes 2006: 156-7. Even though the presence of Domitian's active gaze is strong, the reader never gets to see inside Domitian's head, resulting in him being an abstract entity creating fear and uncertainty.

relax a little, not feeling like they are being observed all the time. The situation is reminiscent of a panopticon: the senators know that they can be observed at all times by the emperor, but they do not know whether the emperor is watching.

However, this is complicated by the fact that Agricola is partly responsible for the slavery in Britain (both as conqueror and as representative of the Roman state). Agricola successfully «Romanises» many of the Britons. Tacitus comments that «the simple natives gave the name of ‘culture’ to this factor of their slavery» (*idque apud imperitos humanitas vocabatur, cum pars servitutis esset, Agr. 21.2*). This statement is typically explained by the fact that the Britons are responsible for this themselves, because «little by little the Britons went astray into alluring vices» (*paulatimque discessum ad delenimenta vitiorum, Agr. 21.2*). However, the fact that it is Agricola who brings slavery is also a signal that slavery (implying limited agency) is to some extent unavoidable with *imperium*: even though it takes away freedom, it is presented as better than alternative world orders, which otherwise end in more war.³⁹ The comparisons and contrasts presented in the *Agricola* between Britain and Rome suggest that, for Tacitus, autocratic rule by a princeps partly overlaps with *imperium* but might still be preferable to other forms of government.⁴⁰ Clearly, in the Roman political milieu that Tacitus was writing in, it might be argued that some loss of freedom was unavoidable. According to McGing, «Domitian has deprived Agricola of his liberty, just as Agricola deprived the Britons of theirs.»⁴¹ However, McGing has also argued that the reaction to this is important, which can be found in Calgacus’ famous speech. It is in this speech that the theme of slavery culminates. Whereas Agricola realises his limitations and makes the best use of his opportunities, the Britons have a policy of no compromise, rejecting the «obedience and self-restraint» (*obsequium ac modestiam, Agr. 30.3*) that Agricola values highly.⁴² Calgacus, representing the Old Rome of the past (and possibly even the contemporary martyrs), and his fellow Britons consciously embrace a mode of action that can only lead to their destruction. This is not the policy that the Roman senator should follow if he hopes to survive. While Sailor has noted the limitations of using slavery as an analogy for politics in Rome, due to the moral implications that it raises, stripping back this comparison to focus on the central message of limited agency clarifies Tacitus’ intentions.⁴³ The utilisation of slavery as an analogous state is thus revealed to be only one of the many comparisons that Tacitus makes in order to reinforce this motif.

³⁹ Sailor 2012: 34.

⁴⁰ For the parallels between the rule of the emperor over the Romans and the Romans over the Britons in the *Agricola*, see Liebeschuetz 1966: 138-9.

⁴¹ McGing 1982: 22.

⁴² McGing 1982: 23.

⁴³ Sailor 2012: 37.

If slavery equals lack of agency, *libertas* can inversely be seen as exhibiting agency. Like mentions of slaves and slavery, *libertas* occurs frequently in the *Agricola*, notably in the prologue and during Calgacus' speech. There is a clear tension between both slavery and liberty. Yet, in the majority of cases, *libertas* is presented as something of the past (*libertatem senatus*, Agr. 2.2) or something that is in immediate danger of being lost (*et indomiti et in libertatem*, Agr. 31.4).⁴⁴ Agricola's responsibility for leading the Britons into their slavery (Agr. 21) is compounded by the fact that this also deprives them of their *libertas*. Discussing the possible invasion of Ireland, Tacitus bemoans that «liberty would sink, so to speak, below the horizon» (*velut e conspectu libertas tolleretur*, Agr. 24.3). Just as Agricola was complicit in the subjugation of the Britons, here too would have been another nation that he was depriving of their freedom and agency. *Libertas* is always implicitly or explicitly threatened in the *Agricola*, and this shaky status further underwrites the concept of limited agency. The only time that the text refers to the present in a positive way is when Tacitus mentions Nerva's *principatum ac libertatem* (Agr. 3.1). However, as we have already seen the positive statements of the prologue cannot be taken at face value. Retrospectively viewing the prologue with the rest of the *Agricola* in mind, we can see that the *libertas* under Nerva does not function as a positive contrast to the loss of *libertas* under Domitian, but serves only to underline its uncertain status. With this statement, Tacitus is once again pressing Trajan to commit to his promises of re-establishing the *libertas*, which has been, and continues to be, deeply precarious.

III.3. Agricola's death and the cracks in Domitian's agency

From chapter 40 onwards the narrative moves back to Rome, detailing Agricola's return and death. Death-scenes are noted to be a «stock ingredient» in biography and Tacitus uses the death of Agricola to highlight the political climate of Domitianic Rome.⁴⁵ Domitian, it is rumoured, accelerated Agricola's decline through poison: «commiseration was enhanced by the persistent rumour that he had been put out of the way by poison» (*augebat miseracionem constans rumor veneno interceptum*, Agr. 43.2).⁴⁶ Even though Tacitus is noncommittal about this, the mention of freedmen and physicians arriving from the Palace and the reference to espionage (*inquisitio*, Agr. 43.2) clearly pushes the reader to believe

⁴⁴ See Liebeschuetz 1966: 138 for the loss of liberty as a theme in the *Agricola*. Also in Agr. 42.3, *libertas* is presented as reckless because it is something of the past. In *Agricola* there is no «fatuous parade of independence» (*inani iactatione libertatis*, Agr. 42.3).

⁴⁵ Hägg 2012: 87.

⁴⁶ As De Temmerman 2016: 19 has noted, there is a tendency of fictionalisation in death-scenes in ancient biography (cf. also Ash 2016 on assassinating emperors in Suetonius).

Domitian was responsible for Agricola's death.⁴⁷ Of particular interest is the fact that the combination *veneno interceptum* is the first occurrence of this phrase.⁴⁸ *Intercipio* is used frequently in early imperial literature to denote «cut off, carried off», but note the implication of the connotation of «snatched away [from life]» and the use of the passive.⁴⁹ It emphasises Agricola's lack of control and that he was taken before his time. However, the inclusion of this rumour also shows how agency in Rome, or the lack thereof, was not black and white, but more complex.

The suggestion of murder ironically takes some measure of agency away from Domitian. It implies a crack in Domitian's confidence and, with that, his power over the Roman senators. The fact that he felt he had to resort to these measures indicates his lack of total control.⁵⁰ Tacitus also hints at Domitian's fear of Agricola. With Agricola dying, Domitian's «hate was now no longer anxious, and it was his temperament to hide joy more easily than fear» (*securus iam odii et qui facilius dissimularet gaudium quam metum*, *Agr.* 43.3), implying that Domitian still hated Agricola at this point, but that his fear of the senator was gone.⁵¹ The passage shows that even the agency of an autocratic emperor can have cracks. The implication then is that when the emperor's power is shown to be imperfect, there is space for senators to expand their influence and take away some of the limits that have been placed on their agency. These cracks in Domitian's initial all-powerful appearance are not solely confined to Agricola's death, but are also found in *Agr.* 39.2, in which Tacitus describes Domitian's anxiety regarding the military glory of Agricola (see above).

III.4. Exemplarity and the future agency

Agricola's death is not the end of the book. In itself, this is not uncommon in biography. For instance, we can compare this to Plutarch's *Lives* where a *synkrisis* often follows after a death-scene.⁵² Nevertheless, the topic of the epilogue shows the importance of senatorial politics in the *Agricola*, where Agricola's death is followed by a series of terrible events orchestrated by Domitian. Here Tacitus once again emphasises the complicity of his audience, which is reflected in his repeated use of the first-person plural: «A little while and our hands it was which dragged Helvidius to his dungeon; it was we who were (put to shame) by the look which Mauricus and Rusticus gave, we who were soaked by the innocent blood

⁴⁷ There is a wide range of scholarship on rumours in Tacitus, e.g. Ryberg 1942 and Shatzman 1974.

⁴⁸ The phrase is later also used by Tacitus for Germanicus in *Ann.* 3.12.4 (another suspected poisoning).

⁴⁹ Goodyear 1981: 412. Compare the different connotations of the active *cecidit*.

⁵⁰ A similar situation might be the case with Tiberius and Piso in *Ann.* 3.16.

⁵¹ Woodman and Kraus 2014: 307.

⁵² Pelling 2000.

of Senecio» (*Mox nostrae duxere Helvidium in carcerem manus; nos Maurici Rusticique visus <...>, nos innocenti sanguine Senecio perfudit*, Agr. 45.1). This episode also links back to the prologue, where Tacitus mentions Rusticus' and Senecio's biographies of Thrasea Paetus and Helvidius Priscus. This is a different side to being a senator: the ones that stand up, but in the end die a possibly empty death, what Tacitus calls an *ambitiosa mors* (Agr. 42.4). Nevertheless, the question remains whether Agricola, who navigates within the constraints of his agency, is positioned as the opposite to these figures, who overestimated their own agency. Whitmarsh has noted that «The pattern across Tacitus' works suggests that Thrasea and Helvidius are not straightforwardly negative; rather they are controversial figures who inspire different judgements in different audiences, and in conspicuous places the narrator sides with them against imperial oppression.»⁵³ The fact that these examples (or *exempla*?) died because of their actions shows that they did not have the ability to do what they hoped. It is not that the text is critical of their actions, it is that they overstepped their possibilities and did not take the limits of their agency into account. Agricola carefully threads this needle and that is why he is the *exemplum* that is admired in the text. Actions *an sich* do not make someone an *exemplum*. Langlands has noted that situational sensitivity is required for exemplarity: actions that are exemplary in some situations are not in others.⁵⁴ There may have been a time when committing political suicide was a commendable act (e.g. Cato the Younger's death) but, according to the *Agricola*, the time for those actions has passed. Rather, one should stay within the boundaries and exert power and influence wherever the possibilities lie.

Therefore, the reading of the *Agricola* presented in this paper only partially promotes the idea that Tacitus is praising quietism, a reading usually seen as too simplistic. Instead, we can see that Tacitus is praising Agricola for being sensible to see that he could do what was possible.⁵⁵ Tacitus famously writes «let those whose way it is to admire only what is forbidden learn from him that great men can live even under bad rulers» (*Sciant, quibus moris est illicita mirari, posse etiam sub malis principibus magnos viros esse*, Agr. 42.4). Agricola's agency was different in different places and limited by the emperor. As Haynes has noted: «Agricola occupies a double role in the text that bears his name: he acts as an example of the best one can do under a tyrant and the worst that such a 'best' represents.»⁵⁶ Tacitus' praise of Agricola puts some pressure on the audience of

⁵³ Whitmarsh 2006: 309.

⁵⁴ Langlands 2018: 117. Think, for example, of Arria the Elder's exemplary suicide with her husband (Plin. *Ep.* 3.16). Her daughter, Arria the Younger, on the other hand, was dissuaded from committing suicide with her husband and the fact that she stayed alive to care for their daughter is seen as exemplary (Tac. *Ann.* 16.34.2).

⁵⁵ Rewa 1983: 38 has noted that by extolling Agricola, Tacitus accomplishes «his potential and worth». Now, «his excellence could be freed into meaning by art.»

⁵⁶ Haynes 2006: 168.

senators themselves as well (hence again the the first person plural in the epilogue). They («we») cannot simply blame an autocratic emperor for their («our») actions. Even under an autocratic emperor, one has a responsibility to act to the best of one's ability or to the maximum of one's agency, just like Agricola.

With a clear division between the passages set in Rome and those in Britain, two different and distinct scenarios become clear. On the one hand there are the Britons who are being conquered by Agricola, on the other, there are the senators in Rome, with Agricola being singled out, who are being terrorised by Domitian. These two scenarios have one thing in common: Tacitus focuses on how people deal with their limited ability to act and pays special attention to the destructive consequences resulting from not taking the boundaries of agency into account. The different scenarios allow Tacitus to visualise the future to his readers in a similar way as the concept of Futures Literacy can do through storytelling. When we speculate about the future, we deal with «present imaginaries of future possible worlds», typically through narratives.⁵⁷ We can also speculate about the future by processing narratives of the past. If Trajan turns out to be like Domitian, the scenario of Agricola himself is, according to the *Agricola*, the successful approach for the future.

By the end of the *Agricola*, little is left of the uncertain hope that was present in the prologue. Through presenting Agricola as the ultimate *exemplum*, Tacitus implicitly projects a bleak outlook. This is something that he attempts to counter through the pressure put on Trajan to commit to his promises of liberalising the political situation, hoping not to repeat the political situation that Agricola lived under. However, this pessimistic stance is only one way to look at the future.

IV. OTHER POSSIBILITIES FOR THE FUTURE: PLINY THE YOUNGER AND FRONTINUS

Tacitus' bleak outlook on senatorial agency is not necessarily shared by others writing at the same time. Take for example Frontinus. Having a minor role himself in the *Agricola* and being described as «so far as a subject of the emperor could be, a great man» (*vir magnus, quantum licebat, Agr. 17.2*), Tacitus indicates that Frontinus' potential is limited because his agency is limited by the emperor. However, in Frontinus' own *De aquaeductu* the image he paints of himself is much more positive. In his introduction, Frontinus writes that the duty of water commissioner, an office which Frontinus was given by Nerva, «has always been administered by the foremost men of our state» (*administratum per principes semper civitatis nostrae viros, Frontin. Aq. 1.1*), clearly counting himself amongst

⁵⁷ See Liveley, Slocombe, Spiers 2021 on the concept of Futures Literacy by means of narrative texts.

them. The confidence in his own authority and freedoms is very different from Tacitus' more negative outlook.⁵⁸ Frontinus is working together with the emperor and, through him, he has the agency to conduct the duties of water commissioner.

A similar pattern arises in Book 10 of Pliny's letters, where Pliny presents a different type of governor and a more balanced relationship between senator and emperor.⁵⁹ Pliny presents a more optimistic view of the contemporary situation than Tacitus, implicitly contrasting Trajan's rule to the slavery of past times (*priorum temporum servitus*) under Domitian in *Ep.* 8.14.2. Indeed, this formulation is one that Whitton has noted to be a reference to *memoriam prioris seruitutis* (*Agr.* 3.3).⁶⁰ However, while «The juxtaposition of slavishness in provincials and in senators in the *Agricola* problematizes» in Tacitus' work, Pliny is far happier to emphasise the contrast between the suppression under Domitian and the more positive present under Trajan⁶¹. The difference between the two writers is made clear in their varying embrace of the claim that Trajan's rule has made possible a «now liberated and re-empowered Senate».⁶² Nevertheless, Pliny's *Panegyric* seems to indicate that he still might conceive of the hierarchy in agency in more Tacitean terms. The rather ambivalent language deployed in «But securely and swiftly we follow you where you call us. You command us to be free: we will be; you command us to articulate in public what we feel: we will express us such» (*Te vero securi et alacres quo vocas sequimur. Iubes esse liberos: erimus; iubes quae sentimus promere in medium: proferemus*, *Plin. Pan.* 66.3-4), presents us with a contradiction between *iubeo* and *liberos*. This leaves the reader with a question: does *libertas* equal agency, or is it even «freedom» for that matter, if it was forced?

Nevertheless, both Pliny and Frontinus show an updated policy of dealing with the emperor. Compared to them, Tacitus still has one foot in the past with the *Agricola*, the text being a narrative that hovers between past, present and future. Tacitus is judging the future with the (possibly outdated) categories of the agency of the past. Tacitus does this in the *Annals*, as well: Germanicus and Thræsea Paetus function as outdated Republican heroes that do not function anymore in the Julio-Claudian principate and thus die before their time. In the *Annals*, the presentation of these men as outdated heroes seems on purpose. Retrospectively, Tacitus uses categories of agency that do not fit as well anymore. In the *Agricola*, Tacitus' advice to the Roman senator might be two-layered.

⁵⁸ Cf. König 2013: 374.

⁵⁹ Woolf 2006, 2015; Noreña 2007. Whitton 2012: 363 has noted: «Pliny dwells more on the happiness of the present, Tacitus on the misery of the past; Pliny simplifies, Tacitus complicates – but these are not so much opposites as the two sides of the same coin.»

⁶⁰ Whitton 2010: 123-4. There is more overlap in metaphors. Haynes 2006: 158-9 has noted the metaphor of illness in *Ep.* 8.14 and *elinguem* in *Ep.* 8.14.8, although a reference to Cicero *Red. sen.* 6 (cf. Whitton 2010: 128), corresponds with the theme of silence in the *Agricola*.

⁶¹ Whitton 2020: 136.

⁶² Whitton 2010: 136. However, see Gibson 2015 for a darker view of Trajan in Pliny's *Epistles*.

On the one hand, the *Agricola* advocates a policy of taking the limits of one's agency into account and acting within one's possibilities. On the other hand, the *Agricola* advocates for a departure from the Domitianic model that resulted in such limited agency. It shows that the old categories do not work anymore, and that unless the senators (and Trajan) move into a new direction, one that satisfies the hopes Tacitus expresses in the prologue and leads to greater *libertas*, friction will remain. The *Agricola* is a text that is part of a wider reflection on the transition in 98, both pressing the emperor for a hopeful future for the senators, and simultaneously preparing for a more pessimistic future. The *Agricola* is as much a Trajanic text as it is a Domitianic one, looking to the future while narrating the past.

V. CONCLUSION

The analysis of agency in this paper has shown the emphasis on power and control that can be found in the *Agricola*. Even though *Agricola* himself has mixed levels of agency in Rome and in Britain, most imagery connected to agency emphasises lack of control or its uncertain status. An important example of the latter is the shaky status of *libertas*, which influences our reading of the recently regained *libertas* introduced by Nerva in the prologue. Instead of contrasting the levels of agency on display between Domitian and the reigns of Nerva and Trajan, the *Agricola* presents a case study of how one should act in case that these ultimately do not change.

However, as the last section has shown, the *Agricola* is but one interpretation of levels of agency between senator and emperor. It presents itself as a realistic outlook on the future of what it means to be a Roman senator under an autocratic regime. Yet, in comparison with Frontinus and Pliny the Younger, it also indicates some disconnection between the present and future, using outdated categories to visualise the future. The contrast shows a need for change. Here I return to the agency of the text. The *Agricola* shows the pessimistic side of Domitian, emphasising the lack of agency in most situations. However, we should be reading the *Agricola* as a text within the *exempla* tradition, as much as it is a biography. The Roman senators (and possibly even the Roman emperors) reading the *Agricola* will be influenced by it and thus the textual agency will be actualised. The text pushes the reader to re-evaluate these controlling and limiting patterns in history. Now, with a new emperor, the senators have to figure out the extent of their agency and how far they or, maybe more appropriately, «we» can go in reclaiming agency, with the hope that there will be more *libertas* than under Domitian. It is not just up to Trajan to set these boundaries, but also the Roman senators. The first-person plural of the prologue and conclusion does not only emphasise the complicity of the senators but also places responsibility for the future with them. As the *Agricola* shows, especially during *Agricola's* death-scene,

even an autocratic emperor does not have an unlimited amount of agency. Under a new age, they have to tread carefully and figure out what the new Roman senator will look like, raising questions as to whether there should be a new model of emperor-senator relationships, as Pliny and Frontinus hint at in their work, and whether there will be any change at all in what it means to be a Roman senator.

BIBLIOGRAPHY

Primary scholarship

- Frontinus, *Aqueducts of Rome*, ed. M. B. McElwain (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925).
- Horace, *Horatius Opera*, ed. D. R. Shackleton Bailey (Munich and Leipzig: Teubner, 2001).
- Pliny the Younger, *Epistularum libri decem*, ed. R. A. B. Mynors (Oxford: Oxford Clarendon Press, 1963).
- Pliny the Younger, *Panegyricus Plini Secundi Dictus Traiano Imp.*, ed. R.A.B. Mynors (Oxford: Oxford Clarendon Press, 1964)
- Tacitus, *Agricola*, ed. J. Delz (Stuttgart: Teubner, 1983).
- Tacitus, *Agricola, Germania, Dialogus*, trans. M. Hutton and W. Peterson, rev. R. M. Ogilvie, E. H. Warmington, M. Winterbottom (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914).
- Tacitus, *Historiarum Libri*, ed. H. Heubner (Stuttgart: Teubner, 1978).

Secondary scholarship

- Ahearn, L. M. (2001), «Language and Agency», *Annual Review of Anthropology* 30: 109-37.
- Ahl, F. (1984), «The Art of Safe Criticism in Greece and Rome», *The American Journal of Philology* 105: 174-208.
- Alston, R. (2018), «The Utopian City in Tacitus' *Agricola*», in W. Fitzgerald & E. Spentzou (eds.), *The Production of Space in Latin Literature*. Oxford: Oxford University Press, 235-59.
- Ash, R. (2016), «Never say die! Assassinating emperors in Suetonius' *Lives of the Caesars*», in K. de Temmerman & K. Demoen (eds.), *Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 200-16.
- Clarke, K. (2001), «An Island Nation: Re-Reading Tacitus' *Agricola*», *The Journal of Roman Studies* 91: 94-112.
- Cooren, F. (2004), «Textual Agency: How Texts Do Things in Organizational Settings», *Organization* 11: 373-93.

- Gehrke, H.-J. (1994), «Mythos, Geschichte, Politik – antik und modern», *Saeculum* 45: 239-64.
- Gibson, R. (2015), «Not Dark Yet...: Reading to the End of Pliny's Nine-Book Collection», in I. Marchesi (ed.), *Pliny the Book-Maker: Betting on Posterity in the Epistles*. Oxford: Oxford University Press, 187-224.
- Giua, M. A. (1991), «Paesaggio, Natura, Ambiente in Tacito», *ANRW II.33.4*: 2879-902.
- Goodyear, F. R. D. (1981), *The Annals of Tacitus. Books 1-6: Volume 2*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grainger, J. D. (2003), *Nerva and the Roman Succession Crisis of AD 96-99*. London and New York: Routledge.
- Hägg, T. (2012), *The Art of Biography in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haynes, H. (2006), «Survival and Memory in the *Agricola*», *Arethusa* 39: 149-70.
- König, A. (2013), «Frontinus' Cameo in Tacitus' *Agricola*», *Classical Quarterly* 63: 361-76.
- . (2017), «Conflicting Models of Authority and Expertise in Frontinus' *Strategemata*», in J. König & G. Woolf (eds.), *Authority and Expertise in Ancient Scientific Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 153-81.
- Langlands, R. (2018), *Exemplary Ethics in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lavan, M. (2011), «Slavishness in Britain and Rome in Tacitus' *Agricola*», *Classical Quarterly* 61: 294-305.
- . (2013), *Slaves to Rome: Paradigms of Empire in Roman Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leeman, A. D. (1973), «Structure and meaning in the prologues of Tacitus», *Yale Classical Studies* 23: 169-208.
- Liebeschuetz, W. (1966), «The Theme of Liberty in the *Agricola* of Tacitus», *The Classical Quarterly* 16: 126-39.
- Liveley, G., W. Slocombe & E. Spiers (2021), «Futures literacy through narrative», *Futures* 125: 102-663.
- McAdams, D. P. & K. C. McLean (2013), «Narrative Identity», *Current Directions in Psychological Science* 22: 233-8.
- McGing, B. C. (1982), «Synkrisis in Tacitus' *Agricola*», *Hermathena* 132: 15-25.
- Noreña, C. F. (2007), «The Social Economy of Pliny's Correspondence with Trajan», *The American Journal of Philology* 128: 239-77.

- Oakley, S. P. (2009), «*Res olim dissociabiles*: Emperors, Senators and Liberty», in A. J. Woodman (ed.), *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 184-94.
- Ogilvie, R. M. & I. Richmond (1967), *Cornelii Taciti: De Vita Agricolae*. Oxford: Oxford University Press.
- O’Gorman, E. (2020), *Tacitus’ History of Politically Effective Speech: Truth to Power*. London and New York: Bloomsbury.
- Pelling, C. (2000), «Is Death the End? Closure in Plutarch’s *Lives*», in D. H. Roberts, F. M. Dunn & D. Fowler (eds.), *Classical Closure: Reading the End in Greek and Latin Literature*. Princeton: Princeton University Press, 228-50.
- Poulsen, A. D. (2017), «The Language of Freedom and Slavery in Tacitus’ *Agricola*», *Mnemosyne* 70.8: 34-858.
- Rewa, M. P. (1983), *Reborn as Meaning: Panegyric Biography from Isocrates to Walton*. Washington: University Press of America.
- Rimell, V. (2018), «I Will Survive (You): Martial and Tacitus on Regime Change», in A. König & C. Whitton (eds.), *Roman Literature under Nerva, Trajan and Hadrian: Literary Interactions, AD 96-138*. Cambridge: Cambridge University Press, 63-85.
- Ruffing, K. (2021), «*Principatus ac Libertas!*? Tacitus, the Past and the Principate of Trajan», in A. D. Poulsen & A. Jönsson (eds.), *Usages of the Past in Roman Historiography*. Leiden and Boston: Brill, 69-88.
- Rutledge, S. H. (1998), «Trajan and Tacitus’ Audience: Reader Reception of *Annals* 1-2», *Ramus* 27: 141-59.
- . (2009), «Reading the Prince: Textual Politics in Tacitus and Pliny», in W. J. Dominik, J. Garthwaite & P. A. Roche (eds.), *Writing Politics in Imperial Rome*. Leiden and Boston: Brill, 429-46.
- Ryberg, I. S. (1942), «Tacitus’ Art of Innuendo», *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 73: 383-404.
- Sailor, D. (2004), «Becoming Tacitus: Significance and Inconsequentiality in the Prologue of *Agricola*», *Classical Antiquity* 23: 139-77.
- . (2008), *Writing and Empire in Tacitus*. Cambridge.
- . (2012), «The *Agricola*», in V. E. Pagán (ed.), *A Companion to Tacitus*. Chichester: Wiley-Blackwell, 23-44.
- Shatzman, I. (1974), «Tacitean Rumours», *Latomus* 33: 549-78.
- Stadter, P. E. (2006), «Pliny and the Ideology of Empire: The Correspondence with Trajan», *Prometheus* 32: 61-76.
- Syme, R. (1958), *Tacitus*. Oxford: Clarendon Press.
- Temmerman, K. de (2016), «Ancient biography and formalities of fiction», in K. de Temmerman & K. Demoen (eds.), *Writing Biography in Greece and*

Rome: Narrative Technique and Fictionalization. Cambridge: Cambridge University Press, 3-25.

- Waters, K. H. (1969), «Traianus Domitiani Continuator», *The American Journal of Philology* 90: 385-405.
- Whitmarsh, T. (2006), «'This In-Between Book': Language, Politics and Genre in the *Agricola*», in B. McGing & J. Mossman (eds.), *The Limits of Ancient Biography*. Swansea: Classical Press of Wales, 305-33.
- Whitton, C. L. (2010), «Pliny, *Epistles* 8.14: Senate, Slavery and the *Agricola*», *Journal of Roman Studies* 100: 118-39.
- . (2012), «'Let us tread our path together': Tacitus and the Younger Pliny», in V. E. Pagán (ed.), *A Companion to Tacitus*. Chichester: Wiley-Blackwell, 357-68.
- Woodman, A. J. & Kraus, C. S. (2014), *Tacitus: Agricola*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wilson, M. (2003), «After the Silence: Tacitus, Suetonius, Juvenal», in A. J. Boyle & W. J. Dominik (eds.), *Flavian Rome: Culture, Image, Text*. Leiden and Boston: Brill, 523-42.
- Wolf, G. (2006), «Pliny's Province», in T. Bekker-Nielsen (ed.), *Rome and the Black Sea Region: Domination, Romanisation, Resistance*. Aarhus: Aarhus University Press, 93-108.
- . (2015), «Pliny/Trajan and the Poetics of Empire», *Classical Philology* 110: 132-51.

(Página deixada propositadamente em branco)

**SEMPER IN OMNIBUS VARIUS:
HADRIAN'S PORTRAYAL IN THE *HISTORIA AUGUSTA***
**SEMPER IN OMNIBUS VARIUS:
A REPRESENTAÇÃO DE ADRIANO NA *HISTORIA AUGUSTA***

CRISTIANA ROFFI
University of Toronto
ORCID 0000-0001-5858-7391

ABSTRACT: The aim of this paper is to examine a specific aspect of the collection of Roman imperial biographies conventionally known as *Historia Augusta* (henceforth: *HA*), namely Hadrian's portrayal and the analysis of the ideal of *optimus princeps* through the semantic interpretation of adjectives – *varius*, *studiosus* – and nouns – *pudicitia*, *liberalitas*, *indulgentia*, *clementia* – in the corresponding *vita*. In addition, this paper proposes to trace the development of an exemplary aspect of imperial image-forming, starting from the analysis of the traditional imperial representations and the *vitia* and *virtutes* of the ruler and their impact on the formation of imperial identity. A special attention will be paid to Hadrian's well-known *propemptikon* to his soul (*Hadr.* 25, 9), whose authenticity has been questioned in the past century and in which we could prefigure the tortured spirit of this era, its self-doubt, and its presentiment of imminent destruction.

KEYWORDS: Hadrian, *Historia Augusta*, fragments, *Animula*

RESUMO: O objetivo desta apresentação é examinar um aspeto específico da coleção de biografias imperiais romanas convencionalmente conhecida como *Historia Augusta* (doravante: *HA*), nomeadamente o retrato de Adriano e a análise do ideal de *optimus princeps* através da interpretação semântica de adjetivos – *varius*, *studiosus* – e substantivos – *pudicitia*, *liberalitas*, *indulgentia*, *clementia* – na *vita* correspondente. Além disso, este artigo propõe traçar o desenvolvimento de um aspeto exemplar da formação da imagem imperial, partindo da análise das representações imperiais tradicionais, bem como dos *vitia* e *virtutes* do governante e o seu impacto na formação da identidade imperial. Será dada especial atenção ao conhecido *propemptikon* de Adriano à sua alma (*Hadr.* 25, 9), cuja autenticidade tem sido questionada no século passado e no qual poderíamos prefigurar o espírito torturado desta época, a sua auto-dúvida e o seu pressentimento de destruição iminente.

PALAVRAS-CHAVE: Adriano, *Historia Augusta*, fragmentos, *Animula*

1. THE *HISTORIA AUGUSTA* AND THE *VITA HADRIANI*

This article will supply a fresh investigation of Hadrian's portrayal in the collection of Roman imperial biographies conventionally known as *Historia*

Augusta (henceforth: *HA*). It will also analyze the ideal of *optimus princeps* through the semantic interpretation of adjectives – *varius, studiosus* – and nouns – *pudicitia, liberalitas, indulgentia, clementia* – in the corresponding *vita*, after having investigated the biographical genre of the text. This collection of emperors' lives, *Caesares* and usurpers – from Hadrian down to Carus and his sons Carinus and Numerianus – introduces six different and unknown people as authors: «Aelius Spartianus», «Aelius Lampridius», «Iulius Capitolinus», «Vulcacius Gallicanus», «Flavius Vopiscus», «Trebellius Pollio». They are the so-called *Scriptores Historiae Augustae*, who claimed to have composed their works during the first Tetrarchy and during the reign of Costantine I respectively. The author refrained from including Diocletian and Constantine in the biographies because these were supposed to have been described in a higher style¹.

¹ The examination of the *HA* has produced numerous studies over the years and scholars for a long time worked on the series of commentaries already seen as necessary by Mommsen. The *Historia Augusta – Colloquia* were supposed to prepare these commentaries and many preliminary studies on different aspects of the *HA* were published, but the majority of these papers did not focus on the distinction of «good» or «bad» emperors, with the exception of Syme 1971, Scheithauer 1987 and Haake 2015. Haake and Scheithauer analyzed the central aspect of the Roman imperial representation; nevertheless, until now there have been no attempts to analyze the way these depictions were constructed and perceived in all the *vitae* of the *HA*. Especially, numerous other studies considered in greater detail the figure of well-known emperors: a new effort was made by Zadorojnyi's 2007, who tried to provide a model of the use of historical evidence found in biographical texts. The commentaries about the *Maximini Duo* written by Lippold (1991), Brandt's *Maximini et Balbini* (1996), Walentowski's *Antoninus Pius* (1998), Fündling's *Hadrian* (2006) and most recently Zingli's *Heliogabal* (2014) provide an ideal source of information on the historical events, but literary analysis and criteria for the assessment of good and bad emperors are not the main aim of these commentaries. Despite the impression it gives, the *HA* seems to be a work of fiction rather than a historiographical source *tout court* (see also Barnes, T. D. (1995), *Historia* 44: 497-500 and Barnes, T. D. (1997), *AKG* 79: 259-67). The only monography concerning *HA* sources remains Barnes' work, *The Sources of the HA*, published in 1978. Captivating as it is, it nonetheless stays Honoré's opinion (Honoré, T. (1978), «Scriptor *Historiae Augustae*», *JRS* 21: 156-76), who sought to explain why the lives are dedicated to Diocletian, Constantine and Constantius Chlorus, the latter defined as Caesar and never as Augustus. His proposed explanation maintains that, in reality, the figures of Eugenius, Theodosius and Stilicho were hidden behind the dedicatory recipients: hence the *Historia Augusta* can be thought to have been written between the years 394 and 395, during a time comprised between Eugenius' usurpation and the beginnings of Stilicho's regency. Such explanation would justify the reticence of the *HA* heathen author towards Christianity; the appeal to religious tolerance included in Severus Alexander's life, since the latter should have been written during Theodosius times; the omission of Trajan's life, who was an emperor greatly idolized by the Romans though alleged ancestor of Theodosius the enemy; the exhortation against *pueri principes* as they appear in Tacitus life, dedicated to Constantius though it should be addressed to the emperor regent Stilicho and to his pretense to act as tutor of underage rulers. The scholar proceeds finding the author's ancestry in a Roman Gaul with a past of *vir literatus*, while Zecchini 2011: 41, does not exclude that the author might be a bureaucrat *literatus*. As regards the work datation, the majority of scholars tend to agree on post-Theodosius times. Zecchini supports the theory of the author's senatorial lineage (instead of a Roman-Gaul one) placing him within the circle of Symmachi and Nicomachi instead of Anicii and Probi, which were both extremely

It is well known how the political atmosphere of the *HA* has been widely studied, starting from the pro-senate tendency also deeply embedded in the *Vita Hadriani* and on which we should focus to fully understand the creation of *optimus divus* within the text. Beginning with a passage taken from *Vita Taciti* (6.6-7.1), is it possible to perceive a neat aversion against hereditary imperial succession to which the so-called *principes pueri* belong as victims of bad advisers². The text is pervaded by a nationalistic spirit, an exaltation of emperors who oppose to barbarians and a cautious philo-paganism. Such elements show, though not exhaustively, the heathen and nationalistic political environment in which the work was conceived. For sure it can be affirmed that the *HA* is, undoubtedly, the expression of the senate's opposition to imperial establishment, whose ridiculed depictions linger on false details concerning emperors' private lives, such as descriptions of *crudelitas* and gratuitous acts of malice; when some episodes are markedly overstated their authorship is attributed to a certain Cordus, a historian surely created for the purpose; only very few emperors are judged positively. The text is also permeated with a longing for ancient times, a sort of *laudatio temporis acti* of the old Roman *res publica*³. There have also been scholars who linked pseudonyms through an etymological analysis. «Spartianus», for instance, could stand for «Spartan», «Capitolinus» as in good terms with the capitol or the senate, «Lampridius» as frivolous; this is why each emperor would be attributed to the biographer who best suits their character. According to Syme,

important families in the Roman political arena. The opinion according to which *HA* is the product of a Roman senatorial context and that its author and revisor was tied to the Symmachi and Nicomachi gained more and more credit in the last times. Essential was the contribution brought by Mazzarino, who considered the work to have a Symmachi-born origin and to be dated within the first twenty years of 5th century because of *HA*'s aversion towards Carinus: the scholar interpreted this aspect as a reflection of the conflict that, at the beginning of the 5th century, still saw heathen Symmachi against the Christian Anicii.

² As Zecchini 1981: 138 states: «it was thanks to their conservative and Old Roman traditionalism, both political and cultural, that the Anicii were able to give a powerful contribution to the birth, in Italy, of a medieval 'societas christiana' ahead of its time, that would also be aware of its unique past». The intellectual and political prestige of Italy's Anician family does not owe its existence only to the family's history and nobility, but also to its land-ownership revenues and its convenient marriages (see Novak, D. M. (1979), «The early history of the Anician family», *Studies in Latin Literature and Roman History* 72: 119-65; Wilkins, P. I. (1988), «The African Anicii – a neglected text and a new genealogy», *Chiron* 18: 377-82).

³ By the 6th century the group is deeply Christian and identifies with Roman orthodoxy against Arians (who, during the 4th century, defended paganism and were defeated in Fritigern's battle). Towards the end of the 4th century, though, Sextus Petronius Probus' conversion to Christianity caused an enormous increase in wealth; their power further expanded thanks to the marriage between Claudius Petronius Probus with Faltonia Proba. Throughout the 5th century, conservatives of Roman tradition, who later became Christian, were ready to collaborate with Vandals. The Anicii, descendants of Carinus and converted to Christianity under Constantine's rule, rooted their power in this conversion and such power turned them into the main spokespersons of senatorial aristocracy.

it almost looks as if the reader is called to pinpoint the traits of each protagonist: Avidius had been a greedy character, Probo, according to a funerary inscription dedicated to him, had «really been an honest man»⁴.

In addition, to better understand the conception of imperial self-presentation within the text, it is essential to discuss the characteristics of biography as a literary genre and its degeneration in the *HA*⁵. It is doubtful whether the Hellenistic and Roman distinction between biography and history, as stated by historians Polybius, Cornelius Nepos and Plutarch, was still a clear notion for the *Scriptores Historiae Augustae*⁶. A biographical work of this nature falls into a recognizable category of classical biography inaugurated by Suetonius' *Twelve Caesars*⁷, which provided a model for the imperial depictions in the *HA*. There is no doubt that Suetonius set the fashion for imperial biography during the following centuries: the series of *Caesares* was continued a century later by Marius Maximus, a Roman biographer who lived in the early decades of the 3rd century A.D., but his work got lost, and we cannot judge how closely he followed his archetype – if we do not believe that the earlier *vitae* of the *HA* followed Suetonius faithfully. Even though it is tempting to view the *HA* in the light of the biographical tradition of Suetonius' *De vita Caesarum*, or in that of *De viris illustribus* as written by Nepos, on closer inspection the comparison is often faulty or misleading, and it is now generally acknowledged that the form and contents of historical and biographical texts are determined by many purposes. The emperor in Suetonius' series of *Caesars* is judged in relation to the presence of four key virtues: clemency, generosity, civility (i.e., deference towards the Senate), and self-control⁸. Therefore, the quotation of specific virtues or *vitia* to praise or discredit an emperor was a commonplace of biography and imperial panegyric⁹, whose clearest example is Pliny's *Panegyricus*, a systematic exposition of Trajan's qualities. In it, Pliny celebrates more than

⁴ Other scholars have tried to explain the origins of names and pseudonyms by associating them to literary figures: Den Hengst 1981, for instance, suggested that the names of Capitolinus and Pollio derived from Juvenal (Iuv. 6.385-388); Birley maintained that the pseudonyms Pollio and Vopiscus were taken from Cicero's dialogues. However, also Syme 1968: 178 said that «the names have been assigned without much thought and it is a gain to disregard them».

⁵ We do not have to forget the influence of Greek example and the Roman tradition of the *laudatio funebris* (for example, Dihle, A. 1956, *Studien zur griechischen Biographie*, Göttingen & Geiger, J. (1985), *Cornelius Nepos and Ancient Political Biography*, Stuttgart).

⁶ Several scholars have drawn attention to parallels between Sallust and the *HA*. See, for example, Burgersdijk 2011 and also Leo 1901. On the contrary, Stuart 1928: 209 insisted on the original character of the Roman biography, which was inspired by the *laudationes funebres*. See Ridley 1983: 372-82 and Vollmer 1982: 445-528.

⁷ Cicero had already noted the unreliability of documentation regarding the *laudationes* warned the reader against the danger of using them in historical research (*Brut.* 61-62). Livy also agreed with this opinion (8.40.4-5).

⁸ Wallace-Hadrill 1983: 142-74.

⁹ For imperial virtues in late antique panegyrics, see Whitby 1998.

thirty of the emperor's virtues¹⁰, highlighting the contrast between Trajan and Domitian based on imperial actions and through a systematic comparison of one emperor's vices and the virtues of the other. As written by Kloft¹¹, the effort of the panegyrists to praise the *princeps* as the incarnation of all virtues, and the corresponding propaganda, were also visually characterized in a range of official media and were systematically communicated by the Roman state to its subjects¹². Trajan, for example, was acclaimed as *optimus imperator*¹³ and as the Roman restorer of a «golden age». This honor was also extended to individual emperors and to those that were acknowledged as predecessors; later dynasties (the Severi and Gordians) tried to legitimize their rule by connecting themselves to the Antonines. A complete inventory of *optimi principes* is preserved in *Aur.* 42.4,

¹⁰ Many are the virtues linked to emperors, yet the starting point for their analysis focuses on four, *virtus, clementia, iustitia* and *pietas*, 'canonised' in the Golden Shield presented to Augustus. Ramage highlights the pivotal role of such virtues together with *victoria, felicitas* and *liberalitas* in Augustus propaganda in Gaul, Spain and Africa (Ramage 1997: 117-60; 1998: 434-90; 2000: 171-207). Charlesworth 1937: 105-33, also discusses mainly these four virtues together with *providentia* in a still relevant and frequently quoted article on the study of royal virtues.

¹¹ Kloft 1970: 181: «Der Prinzipat ist, um mit den Begriffen Max Webers zu sprechen, zu einem beträchtlichen Teil charismatische Herrschaft...Das angestrenzte Bemühen der Panegyriker, den *princeps* als Inkarnation aller Tugenden zu preisen, die entsprechende Propaganda auf Münzen und Inschriften, dienen diesem Zweck».

¹² The use of coinage as means of propaganda was especially debated. While examining a new database on coins issued during Trajan's rule as well as other historical and numismatic sources, Duncan-Jones 2005: 459-87, came to the conclusion that it is difficult to find political propaganda among coinage aims. Wallace-Hadrill 1981 divides the phenomena of abstract concepts' personification on coins in three periods: during the first one, corresponding to Julius-Claudius years, personifications were rare and random; afterwards, starting with the civil war in 68/69 A.D. until Antoninus Pius they became more numerous; finally, during the third period beginning with Marcus Aurelius and ending with Diocletian, they became too repetitive thus losing meaningfulness. In this regard, it is worth citing Noreña's 2001 noticeable quantitative research on virtues inscribed on coins' reverse from Vespasian to Severus Alexander, that is between 69-235 A.D. Operating an iconographic subdivision of imperial coins' reverses into five categories, «(1) personifications / Wertbegriffe; (2) gods, goddesses, and minor deities; (3) inanimate objects and miscellaneous scenes; (4) depictions of the emperor and various members of the imperial family; and (5) provinces, cities, and rivers» (153-154), Noreña makes it clear that about half (55%) of his samples shows personifications of abstract concepts – including virtues – (1) and that within this category (1) around one fourth (23%) mentions virtues which start to appear in Nerva's years: *Aequitas, Clementia, Indulgentia, Iustitia, Liberalitas, Munificentia, Patientia, Pietas, Providentia, Pudicitia e Virtus*. On the other hand, Wallace-Hadrill 1981: 311-4, states that it was in Hadrian's times that a sudden interest in virtues made its appearance. His analysis was rather successful despite Duncan-Jones' opinion (2005: 470), who thought it appropriate to consider not only silver coins, but golden and bronze ones as well: «Thus it is somewhat unsatisfactory to base general conclusions on one denomination, as in the study of imperial virtues on silver coinage in Noreña 2001, when other denominations may tell a different story».

¹³ This title of *optimus princeps* had been applied to earlier emperors, but it became official only with Trajan.

in which *HA*'s author discusses the significance of the adjectives *optimus* and *malus* as they relate to the different rulers:

Quid hoc esse dicam, tam paucos bonos extitisse principes, cum iam tot Caesares fuerint? Nam ab Augusto in Diocletianum Maximianumque principes quae series purpuratorum sit, index publicus tenet. Sed in his optimi ipse Augustus, Flavius Vespasianum, Flavius Titus, Cocceius Nerva, divus Traianus, divus Hadrianus, Pius et Marcus Antonini, Severus Afer, Alexander Mammaeae, divus Claudius et divus Aurelianus. Valerianum, enim, cum optimus fuerit, ab omnibus infelicitas separavit. Vides, quaeso, quam pauci sint principes boni.

Now what shall I say of this, that whereas so many have borne the name of Caesar, there have appeared among them so few good emperors? For the list of those who have worn the purple from Augustus to the Emperors Diocletian and Maximian is contained in the public records. Among them, however, the best were Augustus himself, Flavius Vespasian, Titus Flavius, Cocceius Nerva, the Deified Trajan, the Deified Hadrian, Antoninus Pius and Marcus Antoninus, Severus the African, Alexander the son of Mamaea, the Deified Claudius, and the Deified Aurelian. For Valerian, though a most excellent man, was by his misfortune set apart from them all. Observe, I pray you, how few in number are the good emperors¹⁴.

Augustus, Vespasian, Titus, Nerva, Trajan, Hadrian, Antoninus Pius, Marcus Aurelius, Septimius Severus, Severus Alexander, Claudius II are remembered as «good emperors¹⁵», while other references can be found in *Pert.* 15.2; *Avid.* 14.1; *Sev. Al.* 63.6; 65.1-5; *Maximin.* 7.3; *Max et Balb* 15.1; *TT* 6.6. An almost similar list, lacking only Nerva and Hadrian and the emperors after Marcus, can be found in *Elag.* 1.2, quoting Augustus, Vespasian, Titus, Trajan, Pius, Marcus. Regarding «bad emperors», a good starting point for investigation is given by *HA Aurel.* 42.6; 43.1; *Prob.* 22.4; *Elag.* 1.2 and *Pescen.* 12.1. Such canonized list of twelve emperors gains even more relevance thanks to a series of contrast with *mali principes* listed in the following lines¹⁶. That such is not a mere rhetorical statement is proved by the fact that this canon is validated by the mentioning of each life's apotheosis: Trajan is defined *optimus imperator* in relation to the

¹⁴ Translated by Page, T. E. (1960, 4th edition), Loeb Classical Library.

¹⁵ However, is it important not to forget that *optimi principes* were not always *boni principes* (see *Sev. Al.* 29.2 and *Avid.* 14.1). Other references can be found in *Pert.* 15.2; *Avid.* 14.1; *Sev. Al.* 63.6; 65.1-5; *Maximin.* 7.3; *Max et Balb* 15.1; *TT* 6.6. The following list is preserved there: Vespasian, Nerva, Trajan, Antoninus Pius, Pertinax, Septimius Severus. See also *Aurel.* 40.1-2; 42.5; *Tac.* 2.1; *Prob.* 11.6; 21.1.

¹⁶ Aurelian. 42.5-6. The passage is composed of three parts: it begins by explaining the reader the reasons for Valerianus' exclusion, whom would have deserved the title of *optimus* had it not been stricken by *infelicitas*; it continues with a tirade against *mali principes*.

concession of his post-mortem triumph (*Hadr.* 6.3), while Hadrian's apotheosis is hardly earned by Antoninus Pius (*Hadr.* 27.2-3; *Pius* 5.1).

Referring to Hadrian, the 2nd century emphasis on the emperor's moral excellence was a distinctive feature of the age. It was only with Nerva, Trajan and especially Hadrian that moral excellence became the defining feature of the «good» emperor¹⁷. The *Historia Augusta*, which contributes to outline a complex portrait of an emperor, separates the latter's life in two sections: the public one, begun with Trajan's adoption, and the private one, to which paragraphs 8-27 of chapter 14 are dedicated.

2. HADRIAN AS EMPEROR: SOURCES OPINIONS AND EPITHETS

«Emperor Hadrian was extremely religious in the respect he paid to deities and he highly contributed very much to the happiness of his many subjects¹⁸». Such is Pausanias's opinion concerning Hadrian's princedom, written after the emperor's death. Pausania's evaluation has long been debated over the centuries: Hadrian has been considered one of the greatest *principes*, the actual founder of the so-called «Antonine's golden age», during which the whole Roman Empire reached the apogee of peace, harmony and prosperity. Despite the rather good number of sources we can use to piece his personal and political life together, «he remains a strange, enigmatic, even forbidding man. We know a great deal about the grand strategy, the complex politics, the subtle propaganda and the strenuous labours (...), but when we search for the man himself, his sources and motivations, we are presented with a mass of contradictions, leaving the human being within concealed from vision¹⁹».

Spartianus, alleged author of Hadrian's biography, dedicated a lot of space to the question of adoption; this allows us to investigate the emperor's relationship with the senate, which was tense due to several complications. The first of these happened after Trajan's death in 117 A.D. and his missed return to Rome (which took place the following year) because of barbarian pressures on Danube's borders. Hadrian apologized for not allowing the senate to exercise its prerogative on succession and justifying it with the election by the troops in a crucial moment

¹⁷ See Noreña 2007: 305: «I showed that there was a striking proliferation in the minting of virtue types beginning with the emperor Nerva, an iconographic trend that continued through most of the second century. The implication of this evidence is that the official representation of the ideal emperor in the first quarter of the second century underwent a momentous shift in which the emperor's human qualities now commanded an important position».

¹⁸ Paus. 1.5.5: κατ' ἐμὲ ἤδη βασιλέως Ἀδριανοῦ τῆς τε ἐς τὸ θεῖον τιμῆς ἐπὶ πλείστον ἐλθόντος καὶ τῶν ἀρχομένων ἐς εὐδαιμονίαν τὰ μέγιστα ἐκάστοις παρασχομένου.

¹⁹ Lambert 1997: 31.

for the *res publica*²⁰. Moreover, at the beginning of 118 A.D., Hadrian had to sentence four counsellors to death: Avidius Nigrinus, Lusius Quietus, Cornelius Palma, Publilius Celsus. According to *HA*²¹, based on Hadrian's autobiography, while the emperor was busy performing a sacrifice, he managed to survive an assault caused by the four-senate members who were then put to death *iubente senatu, invito Adriano*²².

While Hadrian's punitive action is legitimate for the preservation of imperial power, what the senate shows not to approve, in addition to eliminating four of its members, is the *princeps*' exercise of power, by which he acts without keeping senatorial opinion into account and despising its authority. Although the relationship with the senate seems to improve over the following years, the definitive break takes place after his death, caused by an aggravated edema²³. The apotheosis was awarded only thanks to Antoninus Pius and the emperor's intercession, *invisusque omnibus, sepultus est in villa Ciceroniana Puteolis*²⁴. We must remember that not even the adoption of an heir succeeded in finding the most qualified candidate for the succession: for the *HA*²⁵ there will never be an *optimus princeps*, reporting the senatorial élite's criticism toward the imperial system. For this reason, Roman aristocracy will always discredit the monarchic system as such, for it is seen as incompatible with the traditional republican order that, on the other hand, functioned as a fixed normative reference point for readers of those times. The *HA* asserted the status and prestige of the senatorial order and confirmed traditionalist attitudes such as respecting the senate's privileges and the will to protect ancient religious rituals²⁶.

²⁰ *HA Hadr.* 6.2: *Cum ad senatum scriberet, veniam petit, quod de imperio suo iudicium senatui non dedisset, salutatus scilicet prae properea militibus imperator, quod esse res publica sine imperatore non posset.*

²¹ *HA Hadr.* 7.1: *Nigrini insidias, quas ille sacrificanti Hadriano conscio sibi Lusio et multis aliis paraverat, cum etiam successorem Hadrianus sibimet destinasset, evasit.*

²² If we compare this version to Cassius Dio (69.2.5-6) we notice that Palma and Celsus tried to kill the emperor during a hunt; later, Nigrinus and Lusius Quietus were executed. Nigrinus and Quietus, moreover, were presented as Hadrian's potential successors (though this is an exaggeration by hostile sources since such episode seems premature in 118 A.D.) and therefore did not like the abandoning of Hadrian's borders, which had contributed to increase their military prestige. Hadrian, to prevent any future tension, decided to deprive them of their legions, making it difficult for them to become leading figures of the army. The resulting situation was of great tension and of anticipation of a civil war: action had to be taken right away.

²³ This is reported by the sources: for instance, *Aur. Vitt. Caes.* 14.9, talks only about a *morbo subcutaneo*. Hadrian died in 138 A.D., a date that could be derived from Spartianus and Cassius Dio's information. The first states that the emperor lived for 62 years, 5 months and 17 days; the second, 62 years, 5 months and 19 days.

²⁴ *HA Hadr.* 12.2.

²⁵ See *Aur.* 42.3 for the list of good and bad emperors.

²⁶ The great family of the roman aristocracy played a considerable role in the creation of the culture in the late antiquity and the genre of imperial biography influenced the literary culture of the roman élite (see, for example, Cameron 2011). In addition, the vices and virtues ascribed

As concerns the adoption, Cassius Dio alleged that the role played by Plotina, late Trajan's wife, was unarguable, while *HA* passes on various traditions: the first assumed that Trajan had chosen Priscus as successor; the second says that the old emperor wanted to pass away without leaving any heir behind, imitating Alexander Magnus deeds; a third version maintains that Trajan had sent a list of valuable men worthy of succeeding him; a fourth version says that Hadrian had been adopted *factione Plotinae*. Other sources that might be of help in shedding light on this debate are Eutropius and Aurelius Victor: while the first indicates how there is no trace of Trajan's willingness to designate Hadrian as his successor²⁷, the second states that Trajan had already designated Hadrian as his heir, while Plotina safeguarded the adoption by forging his late husband's last will in favor of the young man²⁸. We must remember that Hadrian and Trajan were undoubtedly related; *HA* reports this and the *Epitome de Caesaribus* confirms the degree of kinship of Hadrian's father as Trajan's cousin, while Eutropius²⁹ dates back their lineage to their mother. The marriage between Hadrian and Trajan's niece, Vibia Sabina, further reinforced the two men's blood relation, although the future emperor must have already been tied to Trajan by a profound affection, considering that the latter demanded his participation in military campaigns, admiring his value up to considering him as a son³⁰.

As a further confirmation of his military skills, he was left as chief of Syria's troops in a very tense predicament for the empire, while imperial *acclamatio* soldiers bestowed upon him, shows the important role he must have taken on within the army. Negations of Hadrian's adoption seem excessive. Both Plotina and Arrianus' roles were relevant during the first years of Hadrian's rule and it is

to the emperors will outline a new trait of the imperial portraiture, influenced by the attitude of the senatorial *élite*, increasingly marginalized from the management of the power and making the *HA* an example of *Kaiserkritik* toward the imperial system (see Zadorojnyi 2007; Winterling 2011). With regard to the *HA*, the question has to be asked whether we are still dealing with real biographies of emperors, or whether we should call these lives *Unterhaltungsliteratur* only with some historical flavor. By commemorating famous or infamous deeds from the past, the authors hoped to inspire their audience to follow – or reject – these examples and thus uphold the values, which were dear to the Roman society. Regarding the so-called *mali principes*, the short-lived emperor Heliogabalus, *ultimus Antoninorum*, set the climax in a tendency towards tyranny. Despite the brevity of his reign, few emperors were more vehemently condemned by Roman historiography; ancient authors claim that he outdid Commodus, Nero and Vitellius in cruelty (*Hel.* 10.1: *pestem*; 34.1: *clades*). Various details could be added to the profile of the tyrannous and to the catalogue of imperial excesses, in order to construct a *peccatus princeps* (see, for example, Icks 2008; Mader 2005: 131-72).

²⁷ Eutr. 8.6.1: *Defuncto Traiano Aelius Hadrianus creatus est princeps, sine aliqua quidem voluntate Traiani.*

²⁸ Aur. Vitt. 13.13: *Quamquam alii Plotinae, Traiani coniugis, favore imperium assecutum putent, quae viri testamento heredem regni institutum simulaverat.*

²⁹ Eutr. 8.6.1: *nam eum Traianus, quamquam consobrinae suae filium, vivus noluerat adoptare.*

³⁰ *HA Hadr.* 2.1-2: *pro filio habitus.*

difficult to deny the woman's interest³¹ in the young *princeps*: she facilitated his marriage, made sure he obtained the office of legate, made the adoption possible by forging Trajan's letters and by hiding his death for a few days with Attianus' help (according to Cassius Dio), she took care of his education, noticing early on his predilection for Greek culture that we will discuss later in this paper. When she died, in 122 A.D., Hadrian *in honorem Plotinae basilicam apud Nemausum opere mirabili extruxit*³², spending nine years mourning her loss. The emperor never forgot those who favored him and helped him rule the empire, showing sincere affection for the *diva mater* who carried out a key role within his principedom. The importance bestowed by Hadrian on female figures is shown by the public honors awarded to them as recorded by Noreña³³: near the beginning of his reign Hadrian delivered a public eulogy for his mother-in-law Matidia, the first funeral oration for a woman in the city of Rome in over fifty years, highlighting Hadrian's intention to associate himself closely with the female members of his house. In addition, coins were produced with obverse portraits of the deified Matidia, of his wife Sabina, and of Trajan's wife Plotina, which were rare before Hadrian's reign. The Roman senate also took part in this process, conferring upon Matidia and Sabina the official title of «Augusta», and passing the necessary decrees for Plotina and Matidia formal deification.

These female presences enable us to analyze the first virtue attributed to Hadrian: *pudicitia*, or «chastity», derived from the term *pudor*, «shame». As Noreña (2007: 297-8) points out, «the meaning of *pudicitia* is even more specific. It refers almost exclusively to sexual fidelity or chastity. As such, *pudicitia* was always marked in Roman thought as a predominantly feminine virtue³⁴. According to the author, evidence that support the official association of *pudicitia* with Hadrian comes from imperial coinage: the personification of *Pudicitia* was depicted on the reverse together with an interpretation key while Hadrian's portrait and

³¹ Dio. 69.1.2: ἐρωτικῆς φιλίας.

³² *HA Hadr.* 25.7.

³³ Noreña 2007: 306-7.

³⁴ Noreña 2007: 299: «Conceptions of *pudicitia* and feminine *pudor* roughly equivalent to those already mentioned, including criticism of those women who failed to meet the prescribed ideal, abound in Latin literature, and can be found as early as the middle republic, in both Plautus (*Amph.* 839-842, *Aul.* 239.492-493, *Stich.* 99-101) and Terence (*Ad.* 345-346); in the late republic, in Cicero (*Verr.* 1.64), Sallust (*Cat.* 13.3), and Catullus (61.217-218); in the age of Augustus, in Livy (42.34.3) and Horace (*Carm.* 3.24; 21-24); in the early empire, in Valerius Maximus (7.1.1) and Seneca the Elder (*Contr.* 1.6.6); and in the high empire, in Juvenal (10.298) and Apuleius (*Apol.* 76.92). It should also be noted that female chastity was not only an upper-class ideal in Roman society, as the literary evidence read in isolation might imply. From lower registers in the social hierarchy we have the testimony of dozens of Latin epitaphs which include praise for the *pudicitia* of deceased wives».

titulary were depicted on the obverse. Strack³⁵ asserted that the portraying style of *Pudicitia* was Hadrian's response to indiscretion on the part of his wife Sabina. The evidence comes from Spartianus, who writes (*Hadr.* 11.3):

Septicio Claro praefecto praetorii et Suetonio Tranquillo epistularum magistro multisque aliis, quod apud Sabinam uxorem iniussu eius familiaris se tunc egerant quam reverentia domus aulicae postulabat, successores dedit, uxorem etiam ut morosam et asperam dimissurus, ut ipse dicebat, si privatus fuisset.

He removed from office Septicius Clarus, the prefect of the guard, and Suetonius Tranquillus, the imperial secretary, and many others besides, because without his consent they had been conducting themselves toward his wife, Sabina, in a more informal fashion than the etiquette of the court demanded. And, as he was himself wont to say, he would have sent away his wife too, on the ground of ill-temper and irritability, had he been merely a private citizen³⁶.

Moreover, Carney³⁷ suggested that the type set was an answer to allegations of Hadrian's own sexual misconduct, but is not very likely that rumors about the emperor's private life were spread across the empire³⁸. Therefore, it is probable that in the second century A.D., as Noreña concludes, «domestic harmony and conjugal love were emphasized, with more regularity and insistence than in earlier periods, as necessary conditions for marital stability. The emperor's own marriage was not exempt from these demands³⁹».

In addition to *pudicitia*, virtues that are promoted on the imperial coinage for the first time under Hadrian include *liberalitas*, «generosity» (RIC 216.363-64, 712-13), *indulgentia*, «lenience» (RIC 212-13, 361.708) and *clementia*.

Liberalitas was often applied to the building of public works⁴⁰ and soldiers themselves had a very special position in the manifestation of this virtue of which

³⁵ Strack 1933: 117-8. However, this explanation does not account for the reappearance of the *Pudicitia* type later in Hadrian's reign.

³⁶ Translated by Page, T. E. (1960, 4th edition), Loeb Classical Library.

³⁷ Carney 1967: 291-303.

³⁸ As it is known, Hadrian entertained a relationship with Antinous, his favorite. Historical sources narrate that in 129 A.D. the emperor sailed to Egypt where the young man died drowning. Cassius Dio (69.11.2-3) passes on three versions of the episode: the first one follows Hadrian's autobiography, in which it was said that the young man fell in the Nile; the second carries the information that the boy had been immolated; the third passes on that Antinous took his life. The *HA* states that Hadrian mourned him as a woman would (*Hadr.* 14.5: *muliebriter flevit*), later the self-sacrifice is illustrated and another explanation blaming the death on the emperor's *nimia voluptas* (*Hadr.* 14.6-7). Aurelius Victor (*Caes.* 14.7-9) sticks to the suicide version according to a revelation Hadrian received from some fortune-tellers. The emperor and the *HA* agree on the death by drowning; both the suicide version and Hadrian's guilty behavior might be versions contaminated by inaccurate data, maybe partly justified by the senate's loathing of the *princeps* love for the boy, to whom honors were later awarded.

³⁹ Noreña 2007: 311. See also Bonamente 2010: footnote 87.

⁴⁰ Kloft 1970: 59.

emperors, perceived as generous benefactors⁴¹, made use to conquer public opinion. The term *liberalitas* appears in *Vita Hadriani* four times: 7.8; 10.1; 14.11; 21.9. In the first two quotes, the noun is used in reference to the public sphere: Hadrian, remitted immense sums of money to debtors in Rome and in Italy; he also and made additional allocations for the children to whom Trajan had allotted grants of money⁴² (7.8); he travelled to the provinces of Gaul and came to the relief of all the communities with various acts of generosity⁴³ (10.1). In the last two instances, Spartianus focuses on Hadrian's qualities, defining him *tenax liberalis*, «niggardly and generous» (14.11), and well-liked by soldiers on account of his liberality toward the army (21.9).

The term *largitio*, instead, appears four times: 5.7; 7.10; 9.6; 21.13. In these portions of text the author informs the reader that Hadrian gave a double donative to the soldiers, in order to ensure a favorable beginning to his principate (5.7); he donated sums of money sufficient to enable men to hold office he bestowed, not on his friends alone, but also on many far and wide and by his donations he helped a number of women to sustain life (7.10); in Campania he aided all the towns of the region by gifts and benefactions (9.6); in the end, made Albanians and Hiberians his friends by lavishing gifts upon their kings, even though they had scorned to come to him (21.13). During the last years of republican age, both *liberalitas* and *largitio* were associated to political ambition. In his writings Caesar uses the term *liberalitas* and the adverb *liberaliter*⁴⁴ in a broad sense, including in this semantic field both a moral behavior as well as concrete actions while considering *liberalitas* an effective value for his political campaign.

The ideals of *clementia* and *liberalitas* were preeminent on coins and literary sources related to Caesar⁴⁵, while Augustus' lack of *liberalitas* is evident in a public text such as the *Res Gestae* or on coins⁴⁶. It is during Hadrian's years that *liberalitas*, as the personification of an abstract concept, starts being represented more

⁴¹ Kloft 1970: 59: «Einen besonderen Platz in der Ausübung der Freigebigkeit nahmen natürlich die Soldaten ein. Verdoppelung des Soldes, Getreide – und Ölzuteilung, Landzuweisungen an die Veteranen und vor allem Geldgeschenke sicherten ihm Loyalität und Gefolgschaft seiner Leute».

⁴² The *alimenta* were grants of money paid by the imperial government to the children of the poor of Italy. The plan was made by Nerva but actually carried out by Trajan. For this purpose of the distribution of these grants Italy was divided into districts, often known by the name of the great roads which traversed them (see *Pert.* 2.2).

⁴³ In order to win over public opinion, which was hostile to him because of the belief that on one single occasion he had suffered four men of consular rank to be put to death, gave in person a double largess to the people, although in his absence three *aurei* had already been given to each of the citizens (*Hadr.* 7.3).

⁴⁴ Kloft 1970: 59.

⁴⁵ Manning 1985: 76; Kloft 1970: 58-64.

⁴⁶ Noreña 2001: 161.

frequently on coins than real life scenes⁴⁷. In his quantitative research on the representations of virtues on *denarii*'s reverse from Vespasian's age to Severus Alexander, Noreña states that among the coins carrying such representations, *liberalitas* appeared on the 12% and, after Hadrian's death, it started to appear on imperial coins as a type set⁴⁸. This virtue was strictly connected to *indulgentia*, used to celebrate acts of donation. *Indulgentia*, like *liberalitas*, was already acknowledged in republican age⁴⁹ as a leader's virtue and, given its frequency in Pliny's writings, it looks as if it were widespread and recognized as a typical virtue of 2nd century emperors. The term first appeared on coins throughout Hadrian's principedom years⁵⁰ and the epithet *indulgentissimus*, given to emperors, became frequent in inscriptions after his death. *HA* acknowledges great *liberalitas* and *indulgentia* to the emperor, in relation to his attitudes toward Christians; he went as far as to be willing to build empty temples for their worship rituals⁵¹. Spartianus tells the reader about Hadrian's attention towards religion and Rome's mythological origins as he incessantly strives to exalt and commemorate a glorious past, shared by all subjects of the Roman Empire. Religious policy is a case in point for understanding how Hadrian used imperial power and his personality, considering that *sacra romana diligentissime curavit, peregrina contempsit*⁵². We must not forget the numerous trips to Greece, in 124 A.C., in 128/129 A.C. and in 131/132 A.C. respectively, which emphasized an already deep fondness on Hadrian's part for Greek culture⁵³. During such trips he participated in the Eleusinian mysteries and, according to Aurelius Victor, *initia Cereris Liberaeque, quae Eleusina dicitur*,

⁴⁷ Wallace-Hadrill 1981: 316.

⁴⁸ Noreña 2001: 156-64. The other virtues are *Aequitas* (24%), *Clementia* (2%), *Indulgentia* (4%), *Iustitia* (2%), *Munificentia* (less than 1%), *Patientia* (less than 1%), *Pietas* (20%), *Providentia* (12%), *Pudicitia* (11%) and *Virtus* (13%). This result is different from Duncan-Jones' 2005: 467-71, who analyses personifications not only on golden coins but on silver and bronze ones too (Duncan-Jones, R. P. (2005), «Implications of Roman Coinage: debates and differences», *Klio* 87: 459-87).

⁴⁹ *Cic. Att.* 9.7; *Caes. Gal.* 7.63.8.

⁵⁰ According to Noreña 2001: 158-9, who carries out a quantitative analysis of virtues on *denarii* from Vespasianus to Severus Alexander, the coins showing a personification of *indulgentia* amount to 4%.

⁵¹ *HA Alex. Sev.* 43.6: *Christo templum facere voluit eumque inter deos recipere. Quod et Hadrianus cogitasse fertur, qui templa in omnibus civitatibus sine simulacris iusserat fieri, quae hodieque, idcirco quia non habent numina, dicuntur Hadriani, quae ille ad hoc parasse dicebatur.*

⁵² *HA Hadr.* 22.10.

⁵³ Before going to Athens, where he stayed until 134 A.D., Hadrian landed in Africa. In 129 A.D. he sailed to Egypt where Antinous, his beloved, died by drowning. Therefore, Hadrian spent twelve of the twenty-one years of his reign away from Italy, gaining a detailed knowledge not only about different local situations, but also about the empire's financial and administrative functioning. As concerns Hadrian's craving for travels, see Schwartz, 1983: 291-301. For the reconstruction of his stopovers through the cross-checking of documentary records see, Halfmann 1986: 190-4; Birley 1997 and 2004.

*Atheniensum modo Roma percolet*⁵⁴. The emperor, who called himself the new Theseus, entirely rebuilt a part of Athens; he was also awarded the title of *Olympios*, the man under whose rule «Athens bloomed again»⁵⁵. Hadrian's religious policy and his marked Hellenism (he also loved to surround himself with Epicurean and Stoic philosophers such as Heliodorus and Epictetus⁵⁶) also indicate a hidden political aim: merging the great Roman Empire with Greek cultural heritage, thus carrying out Alexander the Great's unifying project. In addition, he was a passionate builder of palaces and founder of new cities⁵⁷. Athens represents his urban policy focal point; the creation of *Panhellenion* causes the aggregation of traditionally Hellenic towns. For this reason, it is particularly meaningful the re-evaluation of Eastern provinces' customs and religion which, for the first time, are respected in their peculiarity and not subjected to the capital's supremacy. Today we can still admire the remains of his villa in Tivoli, edified between 125-133 A.D., while in Rome he had a mausoleum built for himself by the Tiber. Unlike the majority of his predecessors, from Vespasian to Trajan, who refused to take actions against western traditionalism for fear of internal dissents and fights (such as those provoked by Nero or, later on, by Domitian), Hadrian was a man of Greek taste in the arts, literature and lifestyle. Finally, the association of imperial worship with that of *Zeus Olympios*⁵⁸ enables us to see the emperor as the union trait between the Latin and the Greek communities and to legitimate, meanwhile, Roman domination of eastern provinces: such renovated appreciation of Greek culture, thus, constitutes a powerful means for imperial ideological propaganda.

A further virtue expected from a man of government is *clementia*. Clemency, referred to as the *inclinatio ad lenitatem in poena exigenda*⁵⁹, indicates true justice, equity in applying the law and temperance; it belongs to the semantic field of

⁵⁴ *Caes.* 14.4.

⁵⁵ Paus. 1.20.7: Ἀθηναί μὲν οὕτως ὑπὸ τοῦ πολέμου κακωθεῖσαι τοῦ Ῥωμαίων αὐτίς Ἀδριανοῦ βασιλεύοντος ἤνθησαν. Regarding Hadrian's association with Olympius see Metcalf, William E. (1974), «Hadrian, 'IOVIS OLYMPIVS'», *Mnemosyne* 27: 59-66. On the other hand, referring to Hadrian's coinage, see Burnett, A. (2008), «The early coinage of Hadrian and the deified Trajan at Rome and Alexandria», *American Journal of Numismatics* 20: 459-77.

Ancient sources restate Hadrian's urbanistic activity, in general terms: Dio. 69.10.1; Eutr. 8.7.2.

⁵⁶ Cfr. Syme 1982/1983: 351: «*Epicureans in the near vicinity of Hadrian that is an attractive topic. He had also an affinity with Plotina, the Augusta*».

⁵⁷ Ancient sources restate Hadrian's urbanistic activity, in general terms: Dio.69.10.1; Eutr. 8.7.2.

⁵⁸ Paus. 1.18.6: πρὶν δὲ ἐς τὸ ἱερόν ἵεσθαι τοῦ Διὸς τοῦ Ὀλυμπίου –Ἀδριανὸς ὁ Ῥωμαίων βασιλεὺς τὸν τε ναὸν ἀνέθηκε καὶ τὸ ἀγάλμα θέας ἄξιον, οὗ μεγέθει μὲν, ὅτι μὴ Ῥοδίοις καὶ Ῥωμαίοις εἰσὶν οἱ κολοσσοί, τὰ λοιπὰ ἀγάλματα ὁμοίως ἀπολείπεται, πεποιοῖται δὲ ἕκ τε ἐλέφαντος καὶ χρυσοῦ καὶ ἔχει τέχνης εὐ πρὸς τὸ μέγεθος ὁρώσιν (...).

⁵⁹ TLL 3, 1334, lin. 37.

moderation. It is sometimes prioritized over the application of mere legislation and, according to this definition, Seneca⁶⁰ pinpointed a connection with the verb *clino*: *clemens est inclinatus as bonitatem et pietatem mentis*. The main characteristics of a *princeps clemens* can be found in two instances of the *Vita Hadriani* and both contribute to outline a tendency to forgiveness as well as a personality trait: 5.5; 14.11. In the first example, Hadrian spares the life of some noticeable representatives, among which the town prefect, Baebius Macer, correspondent of Pliny the Young (*epist.* 3.5), although Attianus had written in his early days of rule recommending that he put him and Laberius Maximus to death in case they opposed to his rise to power. Yet, he refused to do them any harm. From a chronological point of view, *clementia* as a ruler's inherent virtue comes forth rather late; it was used cautiously during Rome's first centuries since a thorough adherence to republican judicial norms was advocated. The term gains increased importance under Cicero who, referring to Caesar, underlines his effective though ruthless use⁶¹.

Only during the principdom did *clementia* receive proper legitimation, precisely when the senate voted to approve the engraving of the shield of bravery with the word *clementia* as homage to Augustus, becoming a crucial element of propaganda. It became part of coinage iconography during Tiberius' times and its personification would become a type set during the 2nd century. The epithet *clementissimus*, instead, made its appearance in the 3rd century as official imperial titulary of Trebonianus Gallus and would become of frequent use for Gallienus, Tacitus, Probus, Carus and for 4th and 5th centuries emperors⁶². Moreover Hadrian, despite becoming the emperor, did not avail himself of his office privileges; he was renowned for his ability to reach people of various social statuses, making friends with plebeians⁶³; he also had an extraordinarily strong memory for all names and not only those of soldiers and veterans⁶⁴. His choice to detach from his predecessor's expansionistic policy should not lead to believe that Hadrian became uninterested in the provinces or in the army⁶⁵. On the contrary, he was a

⁶⁰ Sen. *clem.*, 2.3.1; Sen. *epist.* 88.30.

⁶¹ Cic. *Att.* 9.7. In the wake of Syme's studies, 1964: 119, it was noticed how *clementia* is not present in Caesarian writings as, during Republican times, it was considered typical of a dictator. From an opposite viewpoint, Konstan 2005 states, instead, that, clemency was considered a virtue.

⁶² Dowling 2006: 234-5.

⁶³ He often bathed in the public baths, even with the meanest crowd (*Hadr.* 17.1-4; 17.8).

⁶⁴ Birley, 1997: 32: «astonishing capacity of remember names, not least of soldiers' simple diet». However, Hadrian's influence was not limited to military legislation: his interest in jurisprudence can also be found in his creation of four judiciary districts in Italy, each entrusted to a judge of consular rank who would move to the various locations to hold hearings, instead of forcing the whole territory to depend on Roman courts. However, this provision turned out to be unpopular and lost its effect, only to be reintroduced later during Marcus Aurelius times.

⁶⁵ Henderson 1968: 3: «There are two kinds of 'Pacifist'. The one cries out for peace when there cannot be peace, and ought not, in this imperfect world, to be peace. The other is he who

very careful administrator and reformer of military discipline. In fact, he was extremely interested in both military discipline and training⁶⁶; the army owes him many legal changes on drafting procedures and the improvement of soldier's life⁶⁷. His concern for activities related to the military art can be observed in a short reference to his physical appearance: *statura fuit procerus, forma comptus, flexo ad pectinem capillo, promissa barba, ut vulnera, quae in facie naturalia erant, tegetet, habitudine robusta* (*Hadr.* 26.1). He was the first ruler of the Roman Empire to wear a beard, a change of course which has been described by Zanker, among others, as «philosophical», or «cultivated». For art historian Kleiner, «Hadrian wore a beard in life and in his portraits because he wanted to be 'the Greekling', the *graeculus* (*Hadr.* 1.5), wearing a symbol of symbolizing his attachment to Greek customs»⁶⁸. Another more pragmatic interpretation, instead, might be that he wanted or to cover up the natural blemishes on his face. He was very strongly built, always kept himself fit by training and was also a keen hunter, sharing this passion with his friends. In addition, he maintained sticced to a rigorous discipline and used to traversing all parts of the world bare head, even if during severe storms and frosts (*Hadr.* 22.1; 23.1). The commendation of rulers' virtues carried out so far becomes more important than the historiographical analysis *tout court*: such choice stems from a crisis of traditional aristocratic ideology, which, in turn, was caused by intellectuals' inability to define princedom on a legal and constitutional level. Therefore, a justification for monarchic power becomes growingly looked for outside a constitutional framework; on a literary level, thus, such search translates into a peculiar attention to the nature of the prince. We might say that it was a sort of ideological escamotage that enabled people, with the support of rhetorical *topoi*, to accept a reality concealed behind the ideal definition of *optimus princeps*.

restores, promotes, and organizes peace after long war. Of the second type three Roman Emperors are good examples. These are Augustus, Vespasian, and Hadrian. All three were sane, level-headed, sagacious, and among the least 'enthusiastic' of mankind».

⁶⁶ *HA Hadr.* 10.3: *Si quidem ipse post Caesarem Octavianum labantem disciplinam incuria superiorum principum retinuit ordinatis et officii et inpendiis, numquam passus aliquem a castris iniuste abesse, cum tribunos non favor militum, sed iustitia commendaret, exemplo etiam virtutis suae ceteros adhortatus, cum etiam vicena milia pedibus armatus ambularet, triclinia de castris et porticus et cryptas et topia dirueret, vestem humillimam frequenter acciperet, sine auro balteum sumeret, sine gemmis fibula <sagum> stringeretur, capulo vix eburneo spatham clauderet, aegros milites in hospitiiis suis videret. (...)*

⁶⁷ His most important reform allowed soldiers' sons considered illegitimate to obtain their fathers' inheritance. This provision is described in a letter Hadrian sent to Egypt's magistrate, which is preserved in a papyrus (Select Papyri 2.213, Loeb classical library).

⁶⁸ Zanker 1995: 218; Kleiner 1992: 238; see also Vout 2006: 96-123.

3. THE SCHOLAR BEHIND THE EMPEROR

In a passage from *De Feriis Alsiensibus* (3.5), Fronto addresses Marcus Aurelius and Lucius Verus using these words in relation to Hadrian: *avom tuom item vestrum, doctum quidem principem et navom et orbis terrarum non regendi tantum, sed etiam perambulandi diligentem, modulorum tamen et tibicinum studio devincto fuisse scimus*. The author sketches a brief portrait of Hadrian that is similar to the one we all know: that of a man devoted to the study of letters and a lover of beauty, gifted with an insatiable longing for travelling to discover imperial borders. Both Cassius Dio and the *HA* state his multiple interests and on the same line goes the *Epitome de Caesaribus*: *hic Graecis litteris impensius eruditus a plerisque Graeculus appellatus est*⁶⁹.

Therefore, sources depict Hadrian as a *varius, multiplex, multiformis*⁷⁰ individual, endowed with many personal talents⁷¹ and dedicated to Greek culture. The *Vita Hadriani* follows suit (14.8-11), defining him:

poematum et litterarum nimium studiosissimus. arithmeticae geometriae picturae peritissimus. Iam psallendi et cantandi scientiam prae se ferebat. in voluptatibus nimius; nam et de suis dilectis multa versibus composuit. Amatoria carmina scripsit. Idem armorum peritissimus et rei militaris scientissimus, gladiatoria quoque arma tractavit. Idem severus comis, gravis lascivus, cunctator festinans, tenax liberalis, simulator simplex, saevus clemens, et semper in omnibus varius.

in poetry and in letters was greatly interested. In arithmetic, geometry, and painting he was very expert. Of his knowledge of flute-playing and singing he even boasted openly. He ran to excess in the gratification of his desires, and wrote much verse about the subjects of his passion. He composed love-poems too. He was also a connoisseur of arms, had a thorough knowledge of warfare, and knew how to use gladiatorial weapons. He was, in the same person, austere and genial, dignified and playful, dilatory and quick to act, niggardly and generous, deceitful and straightforward, cruel and merciful, and always in all things changeable.

⁶⁹ Caes. 14.2-3; *HA*, *Hadr.* 1.5: *imbutusque impensius Graecis studiis, ingenio eius sic ad ea declinante, ut a nonnullis Graeculus diceretur.*

⁷⁰ Caes. 14.6. Of a similar opinion is also Tertullian, who defines him *omnium curiositatum exploratur* (*Apolog.* 5.7).

⁷¹ *HA Hadr.* 20.7: *Fuit memoriae ingentis, facultatis immensae; nam ipse orationes et dictavit et ad omnia respondit; 20.9-11: Nomina plurimis sine nomenclatore reddidit, quae semel et congesta simul audiverat, ut nomenclatores saepius errantes emendarit. Dixit et veteranorum nomina, quos aliquando dimiserat. Libros statim lectos et ignotos quidem plurimis memoriter reddidit. Uno tempore scripsit, dictavit, audivit et cum amicis fabulatus est (si potest credi).*

In the final sentence we can clearly notice the use of antonymic pairs of adjectives, which further contribute towards describing the many facets of his personality. The term *varius*, for instance, indicates a changeable, adaptable and moody person but also versatile and complex (Cicero, for example in his work *Accademica*, 1.17, defines Plato as *varius* and *multiplex* thinker; Sallust defined Catiline's intelligence as versatile: *Cat.* 5.4: *quam varium esset eius ingenium*). In addition, to complete Hadrian's character description, the author employs the adjective *gravis*, which can be ascribed to both the physical and the moral semantic realms: Isidorus, in his *Origines*, describes as *gravis* he who is *dignus honore*⁷².

Spartianus continues his narrative informing the reader on the emperor's predisposition for the study of humanities: at the beginning of paragraph 14 he is defined as *litterarum studiosissimus*, namely a dedicated and passionate philologist. In other four instances of the text more details are given about such passion: he was very deft at prose and at verse and very accomplished in all the arts (15.10); he loved the archaic style of writing (preferring Cato to Cicero, Ennius to Vergil, Caelius to Sallust), he used to take part in debates with professors and philosophers and was proficient in astrology, he was on friendly terms with the philosophers Epictetus, Heliodorus and various grammarians, rhetoricians, musicians, astrologers (16.5-11); was democratic in his conversations (20.1); his memory was vast and his ability was so unlimited that he personally dictated his speeches, gave opinions on all matters and he could call by name people whose names he had heard but once (20.7-8; 20.9-10)⁷³. He also authored several works: an *Autobiography*, published under his freedman's name Phlegon, which is very likely to have been a source for Cassius Dio and *HA* author; a *laudatio funebris* in honor of his mother-in-law Matidia as well as hymns in commemoration of Trajan's wife, Plotina. Hadrian's attitude towards intellectuals, who enjoyed great prestige under his ruling, seems to be contradictory⁷⁴: Cassius Dio and the *HA* underline how envious and jealous he was of his cultural entourage's skills to the point that he sentenced some of its members to death (Dyonysius of Miletus and Favorinus of Arelate) only to spare them *in extremis*. Similar attitudes are found in the *HA* with regard to Eudaemon and Heliodorus⁷⁵, towards whom Hadrian's antagonism ended up in the termination of their office. Architect Apollodorus of Damascus'

⁷² Isid. *orig.* 10.112.

⁷³ Yet, negative comments can also be found. See Hadr. 15.10; 20.3.

⁷⁴ Iuv. 7.1-7: *Et spes et ratio studiorum in Cesare tantum; / solus enim tristes hac tempestate Camenas, / respexit, cum iam celebres notique poetae / balneolum Gabiis, Romae conducere furnos / temptarent, nec foedum alii nec turpe putarent / praecones fieri, cum desertiis Aganippes / Vallibus esuriens migraret in atria Clio.*

⁷⁵ *HA Hadr.* 15.3-5: *Nam Eudaemonem prius conscium imperii ad egestatem perduxit, Polyae-num et Marcellum ad mortem voluntariam coegit, Heliodorum famosissimis litteris lacessivit.* See also *Hadr.* 15.1-9.

case seems to have been different: Cassius Dio indicates him (98.4.2) as having been exiled first and put to death later. The Greek source, in favor of the senatorial class, is represented as hostile to the emperor and the *HA* is of no help to us in shedding light on this execution which is very likely not to have been caused only by planning and verbal conflicts. The relationship with Arrian, who dedicated to Hadrian the description of Black Sea's coasts explorations and collected *Dissertationes* of Epictetus, Appianus and Plutarch's, seems to be positive and without clues as to any conflict; all writers appear well integrated in such atmosphere of profound Hellenization pervading the empire while never setting aside Roman customs. During his principedom, the archaizing movement flourished together with the Second Sophistic⁷⁶. However, only few fragments of his production came down to us in the *HA*: Spartianus tells us that he wrote verses for his *dilecti*⁷⁷, oracles for Antinous' death, Hymns to Plotina and inscriptions for his horse Borysthenes⁷⁸.

3.1. HADRIAN'S FRAGMENTS

As we have seen so far, Hadrian was a keen lover of poetry, in addition to being a poet himself. Curious by nature and *studiosissimus*, his literary skill was passed down through *HA*, which awarded him the authorship of two compositions: *Hadr.* 16.4 e *Hadr.* 25.9. While the first one focuses on the emperor's passion for travelling, underlining the hardships of a life on the move, away from the imperial refinements Rome could offer, the second one has always aroused many scholars' interest, especially for its formal accuracy⁷⁹:

⁷⁶ Hadrian's age represents a turning point for Latin literature: from a social point of view, the condition of the lowest classes improved, also thanks to a series of social provisions issued by each emperor. As Castorina maintains (1949), such emerging popularism coincides with the phenomenon of provincialism. This might have been partly caused by the Asianism originated during the Second Sophistic, a literary-historical term referring to the Greek writers who were catalogued and celebrated by Philostratus in his *Lives of the Sophists* (1.481). The intense cultural exchange of the time was personified by these well-paid and acclaimed rhetors, ready to perform in Rome as well as in Athens and in any city of the empire. This model caught on Latin culture too where its first rank representative was Apuleius. The commingling of Greek and Latin cultures was amplified by emperors' philellenism, Hadrian's mainly; the Antonines' cultural background is known to be bilingual. Thus, the role of Greek intellectuals as ambassadors and intermediaries between the upper classes of Hellenized provinces and the center of power is confirmed (of which Plutarch is an example).

⁷⁷ *Ibid.* 14.9.

⁷⁸ *Ibid.* 20.12.

⁷⁹ Only the main aspects of the text are taken under scrutiny because numerous articles have already been dedicated to the composition. It is worth pointing out, however, the following essential bibliography: Hohl 1915: 414; Barnes 1968: 384-6; Baldwin 1970: 372-4; Schwartz 1972/1974: 250-5; Kraggerud 1993: 94; Burgersdijk 2004.

*Animula vagula blandula,
hospes comesque corporis,
quae nunc abibis in loca
pallidula rigida nudula
nec ut soles dabit iocos.*

«O blithe little soul, thou, flitting away,
Guest and comrade of this my clay,
Whither now goest thou, to what place
Bare and ghastly and without grace?
Nor, as thy wont was, joke and play»⁸⁰.

There are numerous instances, mainly in Catullus and in dialogues with himself⁸¹, bringing forth Hadrian's composition's self-pity tone. Such function was known to essayists on rhetoric and it is an example of *interrogatio* through *miserationis gratia*, of which a famous example is contained in Virgil's *Aeneid*⁸². The soul's apostrophe, characterized by a pathetic tone, is in line with many precedents in Greek archaic literary tradition: we must remember, for instance, Archilochus and Theognis with their invocation to *thymos*. After all, the term *animula* does not represent a *hapax*: it is used twice in Plautus⁸³ and in Cicero⁸⁴; a familiar tone and affectionate terms are often employed in inscriptions too, in addition to Catullus, who preferred the term of endearment *ocelle*⁸⁵. The adjectives *vagula* and *blandula* instead, are used to enhance the homeoteleuton created within the composition. Moreover, *vagula* perfectly suits the emperor's *varia multiplex multiformis* personality⁸⁶; thus the word is to be interpreted as meaning fickle as intended in two passages by Cicero in one of which fortune is defined as *vaga volubilisque* and in the other judges it as *errantem et vagam*⁸⁷. According to Baldwin⁸⁸, the poem composition shows Hadrian's literary adroitness since «the flood of diminutives in the verses under discussion is very much in the manner of Roman Comedy; there is also a pronounced flavor of erotic terminology in the verses. (...) The tone of the verses strongly suggests that Hadrian is taking off the conventions of classical epitaph».

In addition, *nudula* and *pallidula* are qualities that can be attributed to the soul as it leaves its bodily shelter, changing location after death and finding itself in the underworld's *loca rigida*. In this way the fragment gains a formal completeness, including platonic influences referred to worldly detachment and which undeniably confirm the vastity of the emperor's cultural interests as well as his ability to compose in Greek (25.10: *multos meliores fecit et Graecos*). In the first

⁸⁰ Translated by Page, T. E. (1960, 4th edition), Loeb Classical Library.

⁸¹ Cat. *Carm.* 8.1-2.

⁸² Verg. *Aen.* 2.69-73.

⁸³ Cas. 134: *mi animule e Men.* 361: *animule mei.*

⁸⁴ Cic. *Ad famil.* 4.5.4: *in unius mulierculae animula.*

⁸⁵ Ronconi 1953: 126.

⁸⁶ Immisch 1915: 201: «Offenbar bezieht *vagula* auf die Wanderlust des großen Reisekaisers».

⁸⁷ Cic. *Pro Mil.* 69 and *De nat. Deorum* 2.2.

⁸⁸ Baldwin 1970: 373.

two lines the soul still abides the body, and the accompanying adjectives convey a positive representation, while in the last two (the fourth and fifth) the author does not miss the opportunity to underline how the short poem's protagonist will no longer be able to entertain worldly *iocos* after death. On the other hand, *nudula* hints at the soul being snatched from its shelter, a temporary refuge where it stays for just a few seconds before starting his nomadic journey again in search for a new home to dwell in. Griffiths⁸⁹ states that, through the poem, the Egyptian figure of *Ba* is introduced, which is a bird with a human head that leaves the body after death and roams toward celestial realms, keeping its contact with matter by returning to the grave. The composition, then, gives birth to a dialogue between man and his soul or, better said, with his *Ba*, which is not a new aspect, especially in the Egyptian Middle Kingdom, in whose literary texts the souls warned their bodies about the dangers to face. The concept of the soul roaming and dialoguing with the body might have been learned by Hadrian after witnessing funerary rituals or after reading papyruses; in addition, the emperor had been initiated to Egyptian rituals by Heliopolis' prophet, Pancrates, even though «the Emperor had shown an interest in Alexandrian cults before his visit to Egypt, and the accidental drowning in the Nile of his beloved Antinous brought to Hadrian a still more intense personal involvement in Egyptian funerary ideas, including the Osirian apotheosis of those drowned in the Nile⁹⁰».

To sum up these considerations, the inclusion of Egyptian and Platonic heritages within the poem confirms the erudite origin of the fragment as well as the author's broad culture. So much so that it appears legitimate to attribute its authorship to Hadrian, given his passionate study of letters and his love for beauty, both supported by a vast scholarship allowing him to engage in the most

⁸⁹ Griffiths 1984: 263-6. See also Byron's translation of the poem: «Ah! Geentle, feeling, wav'ring sprite / Friend and associate of this clay! / To what unknown region borne, / Wilt thou, now, wing thy distant flight? / No more with wonted humor gay, / But pallid, cheerless, and forlorn». Regarding the Egyptian consideration of the soul see Malaise 1972: 419: «Si l'attrait d'Adrien pour la religion égyptienne s'inscrit dans le mouvement de sympathie qui le portait vers l'histoire et la civilisation de la vallée du Nil, il n'est pas exclu que cette dévotion ait commencé à s'éveiller avant le voyage en Égypte, qui devait toutefois constituer une révélation pour cette âme mystique. Les premières années de son règne virent en tout cas l'établissement de diverses mesures destinées à la réglementation des cultes en Égypte».

⁹⁰ Griffiths 1984: 267. See also Plutarch's text *De facie in orbe lunae*, a dialogue set within another dialogue. Both are recounted by the same narrator, Lamprias, who reports an earlier conversation to the participants of the «larger» *dialogue*: the narrator (Lamprias); two mathematicians (Menelaus and Apollonides); a Stoic (Pharnaces); an Aristotelian; Lucius, who represents the Academic position; Theon, a literary authority and Sulla, who tells at the end an eschatological myth which describes the role of the moon in the cosmos. The moon is the place to which souls go when they have left their bodies after death (945 A) or have not yet been born into their earthly bodies (943 A).

various disciplines: a true man of many moods, *semper in omnibus varius* (Hadr. 14.11), as often defined by ancient sources.

BIBLIOGRAPHY

- Baldwin, B. (1994), «Hadrian's character traits», *Gymnasium* 101: 455-6.
- Barnes, T. D. (1968), «Hadrian's farewell to life. Some arguments for authenticity», *CQ* 18: 384-6.
- Birley, E. (1975/1976), «Fresh thoughts on the dating of the *Historia Augusta*», *BHAC* 101: 99-105.
- Birley, A. (1997), *Hadrian. The restless emperor*. London-New York.
- . (2004), «Los viajes de Adriano», in C. Copete & M. Grijalvo (eds.), *Adriano Augusto*. Sevilla, 57-70.
- Bonamente, G. (2010), «*Optimi principes – divi nell'Historia Augusta*», in L. Galli Milic & N. Hecquet-Noti (eds.), *Historiae Augustae Colloquium Genevense*. Bari, 63-82.
- Burgersdijk, D. (2004), «De ziel van keizer Hadrianus», *Hermeneus* 76: 304-14.
- . (2011), «La presence de Salluste dans l'*Histoire Auguste*», in D. Burgersdijk (eds.), *Historie Augustae Colloquium Nanceiense*. Bari, 11-127.
- Cameron, A., (2011), *The Last Pagans of Rome*. Oxford.
- Carney, T. F. (1967), «The Political Legends on Hadrian's Coinage: Policies and Problems», *North American Journal of Numismatics* 6: 291-303.
- Castorina, E. (1949), *I 'Poetae Novell'. Contributo alla storia della cultura latina nel II secolo d. C.*. Firenze.
- Charlesworth, M. P. (1937), «The Virtues of a Roman Emperor: Propaganda and the Creation of Belief», *PBA* 23: 105-33.
- Courtney, E. (1993), *The Fragmentary Latin Poets*. Oxford.
- Den Hengst, D. (1981), *The Preface in the HA*. Amsterdam.
- Dowling, M. B. (2006), *Clemency & Cruelty in the Roman World*. Michigan.
- Duncan-Jones, R. P. (2005), «Implications of Roman Coinage: debates and differences», *Klio* 87: 459-87.
- Galimberti, A. (2007), *Adriano e l'ideologia del principato*. Roma.
- Griffiths, G. (1984), «Hadrian's Egyptianizing *animula*», *Maia* 36: 263-6.
- Haake, M. (2015), «In Search of Good Emperors. Emperors, Caesars, Usurpers in the Mirror of Antimonarchic Discourses in the *Historia Augusta*», in H. Börm (ed.), *Antimonarchic Discourse in Antiquity*. Stuttgart, 269-303.
- Halfmann, H. (1986), *Itinera principum, Geschichte und Typologie der Kaiserreisen im Römischen Reich*. Stuttgart.

- Henderson, B. W. (1968), *The life and the principate of the emperor Hadrian*. Roma.
- Hohl, E. (1915), «Hadrian Abschied vom Leben», *N.J.* 35: 413-5.
- Icks, M. (2008), «Heliogabalus, a Monster on the Roman Throne: the literary Construction of a 'bad' Emperor», in R. M. Rosen & I. Sluiter (eds.), *Kakos. Badness and Anti-Value in Classical Antiquity*. Boston, 477-88.
- Immisch, O. (1915), «Hadrians Abschied vom Leben», *Neue Jahrb. Kl. Alt.* 18: 201-3.
- Kleiner, D. (1922), *Roman Sculpture*. New Haven.
- Klingenberg, A. (2014), «*Optimus et liberalissimus princeps?* Überlegungen zum Verhältnis zwischen Hadrian und dem Senat im Kontext der kaiserlichen liberalitas», *ῥμος – Ricerche di Storia Antica* 6: 48-70.
- Kloft, H. (1970), *Liberalitas Principis. Herkunft und Bedeutung: Studien zur Prinzipatsideologie*. Köln-Wien.
- Konstan, D. (2005), «Clemency as a virtue», *CPh* 100: 337-46.
- Kraggerud, E. (1993), «Hadrian's *animula vagula*, diagnosis and interpretation», *SO* 68: 72-95.
- Lambert, R. (1997), *Beloved & God: The Story of Hadrian and Antinous*. Phoenix.
- Leo, F. (1901), *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer literarischen Form*. Leipzig.
- Mader, G. (2005), «History as Carnival, or Method and Madness in the *Vita Heliogabali*», *CA* 24: 131-72.
- Malaise, M. (1972), «Les conditions de pénétration et de diffusion des cultes égyptiens en Italie», *EPRO* 22: 180-5.
- Manning, C. E. (1985), «*Liberalitas* – the Decline and the Rehabilitation of a Virtue», *G&R* 32: 73-83.
- Noreña, Carlos F. (2007), «Hadrian's Chastity», *Phoenix* 61: 296-317.
- Ramage, E. S. (1997), «Augustus' Propaganda in Gaul», *Klio* 79: 117-60.
- . (1998), «Augustus' Propaganda in Spain», *Klio* 80: 434-90.
- . (2000), «Augustus' Propaganda in Africa», *Klio* 82: 171-207.
- Ridley, R. T. (1983), «*Falsi triumphi, plures consulatus*», *Latomus* 42: 372-82.
- Ronconi, A. (1953), *Studi Catulliani*. Bari.
- Scheithauer, A. (1987), *Kaiserbild und literarische Programm. Untersuchungen zur Tendenz der Historia Augusta*. Frankfurt.
- Schwartz, J. (1972/1974), «Eléments suspects de la *vita Hadriani*», *BHAC* 79: 239-67.
- . (1983), «Remarques sur le voyages d'Hadrien», *BHAC* 81: 291-301.
- Stertz, Stephen A. (1993), «*Semper in omnibus varius*: The Emperor Hadrian and Intellectuals», *ANRW* 34.1: 612-28.

- Strack, P. (1933), *Untersuchungen zur römischen Reichsprägung des zweiten Jahrhunderts II: Die Reichsprägung zur Zeit des Hadrian*. Stuttgart.
- Stuart, D. R. (1928), *Epochs of Greek and Roman Biography*. New York.
- Syme, R. (1968), *Ammianus and the Historia Augusta*. Oxford.
- . (1971), *Emperors and Biography. Studies in the Historia Augusta*. Oxford.
- . (1982/1983), «Hadrian as philhellene. Neglected aspects», *BHAC* 81: 341-62.
- Vollmer, F. (1982), «*Laudationum funebrium historia et reliquiarum editio*», *JKPh* 18: 445-528.
- Vout, C. (2006), «What's in a Beard? Rethinking Hadrian's Hellenism», in S. Goldhill & R. Osborne (eds.), *Rethinking Revolutions Through Ancient Greece*. Cambridge, 96-12.rever?
- Wallace-Hadrill, A. (1981), «The Emperor and His Virtues», *Historia* 30: 298-323.
- . (1983), *Suetonius*. London.
- . (1986), «Image and Authority in the Coinage of Augustus», *JRS* 76: 66-87.
- . (1996), «The Imperial Court», in A. K. Bowman et al. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, Cambridge, 283-308.
- Whitby, M. (1998), *The Propaganda of Power: The Role of The Panegyric in Late Antiquity*. Leiden.
- Winterling, A. (2011), *Zwischen Strukturgeschichte und Biographie. Probleme und Perspektiven einer römischen Kaisergeschichte (Augustus bis Commodus)*. München.
- Zadorojnyi, A. (2007), «Lords of the Flies: Literacy and Tyranny in Imperial Biography», in B. McGing & J. Mossman (eds.), *The Limits of Ancient Biography*. Swansea, 351-94.
- Zanker, P. (1995), *The Mask of Socrates: The Image of the Intellectual in Antiquity*. Berkeley.
- Zecchini, G. (1981), *La politica degli Anicii nel V secolo, Atti del congresso internazionale di studi boeziani*. Roma.
- . (2011), *Ricerche di storiografia tardoantica 2. Dall' Historia Augusta a Paolo Diacono*. Roma.

CÓMODO: OUTRO CALÍGULA, OUTRO NERO¹

COMMODUS: ANOTHER CALIGULA, ANOTHER NERO

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-3383-2474

RESUMO: Neste artigo, procuramos sublinhar as semelhanças entre o tratamento de Cómodo pelo autor da *História Augusta* e de Calígula e Nero por Suetónio. Apesar do menor rigor do estilo e da organização do material, podemos encontrar aí, de forma resumida, não só os *topoi* retóricos relacionados com a tirania, mas também muitos exemplos e expressões frequentemente semelhantes às que o biógrafo dos Doze Césares já tinha utilizado nos retratos daqueles imperadores. Por esta razão, procuramos examinar de que forma o conhecimento do texto de Suetónio pode ser uma importante chave de interpretação para o contexto da *História Augusta*.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; *História Augusta*; História de Roma; Império; Antoninos; Cómodo

ABSTRACT: In this paper, we aim to highlight the similarities between the treatment of Commodus by the author of the *Historia Augusta* and the treatment of Caligula and Nero by Suetonius. Despite the inferior style and organisation of the material, we can find, in an abridged form, not only the rhetoric *topoi* related to tyranny but also many examples and expressions similar to those used by the biographer of the *Twelve Caesars* in his portraits of those emperors. For this reason, we seek to examine how knowledge of Suetonius's text may be an important key to interpreting the context of the *Historia Augusta*.

KEYWORDS: Biography, *Historia Augusta*, History of Rome, Roman Empire, Antonines, Commodus

Quando lemos a biografia de Cómodo na *Historia Augusta*, assalta-nos uma forte impressão de *dejá vu* que nos transporta para o texto de Suetónio. É sabido que este conjunto de *Vidas* segue os princípios biográficos do modelo suetoniano. Mas em alguns casos o modelo vai além dos aspectos estruturais ou da selecção das rubricas a tratar. Percebe-se um reaproveitamento dos motivos já utilizados pelo biógrafo dos *Doze Césares* nos retratos dos imperadores. Não é só o vocabulário – as designações das virtudes e dos vícios estavam consagradas pela retórica romana – mas há argumentos que se repetem de modo flagrante e que parecem

¹ Versão do texto previamente publicado em *Humanitas* 59 (2007) 133-45 com algumas atualizações.

servir o objectivo de caracterizar o biografado por associação com determinados modelos que Suetónio tinha consubstanciado.

Semelhanças de comportamento com os imperadores de Suetónio eram já notadas pelos antigos, como revela o autor (ou autores) da *Hitória Augusta*. Heliogábalo é comparado a Calígula, Nero e Vitélio (*Heliog.* 1.1). Cómodo é, na opinião do senado, pior do que Nero ou Domiciano (*Com.* 19.2). Os pontos de intersecção entre a *Vida de Cómodo* na *Historia Augusta* e o *Calígula* de Suetónio foram já salientadas num artigo de G. Porta 1975: 165-70.

Na própria biografia de Cómodo, na qual nos centraremos neste estudo, há referências explícitas a Calígula e a Nero que favorecem a assimilação na mente do leitor. Com efeito, salienta-se que este filho de Marco Aurélio nasceu no mesmo dia que Calígula (*Com.* 10.2²), coincidência que de modo algum era digna de menosprezo para um romano, como demonstra o relevo que Suetónio dava a este tipo de acasos pressagios³.

A ligação com Nero é estabelecida através do colosso que aquele imperador erigira junto à *Domus Aurea*⁴. Diz o autor da *Historia Augusta* (*Com.* 17.10) que Cómodo substituiu a cabeça de Nero pela sua⁵. Mas esta afirmação não deve ser totalmente exacta, o que aumenta a suspeita de uma tentativa propositada de identificação. O autor parece fazer letra morta o que foi dito na *Vida de Adriano* (19.13) sobre a alteração feita por este imperador aos traços neronianos do colosso⁶. Esta omissão será ainda mais significativa se admitirmos a unicidade do autor da *História Augusta*, hipótese geralmente aceite pelos estudiosos na sequência de Dessau: 1889⁷. Além disso, temos notícia de que a cabeça já recebera os traços do

² *eundem diem natalis habuerat, quem et Caligula*. Adoptámos o texto da H. A. da Loeb Classical Library edition, versão disponível online

(http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/home.html).

³ O nascimento de Cláudio em Lugduno no mesmo dia em que, pela primeira vez, foi dedicada a Augusto uma ara naquela cidade (*Cl.* 2.1); o nascimento de Tito três dias antes das calendas do *insignis annus* da morte de Calígula (*Tit.*1), embora a data seja forçada e contraditória em relação às informações posteriores (*Tit.* 11); a notícia da revolta da Gália contra Nero, que chega no mesmo dia em que, anos atrás, ele mandara assassinar a mãe (*Nero* 40.4) e a morte deste imperador no mesmo dia em que outrora Octávia fora morta por sua ordem (*Nero* 57.1). É considerado como *praessagium* o facto de Galba ter exercido o consulado entre o do pai de Nero e o do pai de Otão, tal como depois ele mesmo sucedeu a Nero no poder e foi substituído por Otão (*Gal.* 6.1). No final da *Vida de Calígula*, tira-se a conclusão de que morrem assassinados todos os Césares cujo primeiro nome seja Gaio (*Cal.* 60); Calígula sugere para o filho de Agripina o nome do tio Cláudio, como de facto aconteceu mais tarde por adopção (*Nero* 6); Tito toma Jerusalém no dia do aniversário da filha (*Tit.* 5.2) e faleceu na mesma *uilla* onde o pai morrera (*Tit.* 11).

⁴ Cf. Suet., *Nero* 31.1: *Vestibulum eius fuit, in quo colossus CXX pedum staret ipsius effigie*.

⁵ *Colossi autem caput dempsit, quod Neronis esset, ac suum imposuit*.

⁶ *et cum hoc simulacrum post Neronis uultum deletum, cui antea dicatum fuerat, Soli consecrasset*.

⁷ Hermann Dessau pôs em questão a tese, até então aceite, do trabalho de vários autores, realizado no início do séc. IV, e propôs a teoria de um só autor que, sob vários pseudónimos, redigiria o conjunto das *Vidas* no final daquele século. Vide M. Meckler 1996 : 364-75 ; Hengst 1981: 11-4; Birley 2003: 137; Birley 2006: 25-7. Segundo Honoré 1987: 166 ss, é obra de um

Sol no tempo dos Flávios⁸. Cómodo oferece, de algum modo, um novo rosto a Nero. Por outro lado, há semelhanças, mesmo vocabulares, com o facto de Calígula querer decepar cabeça de estátuas de várias divindades, de que se destaca a de Zeus Olímpico, e substituí-la pela sua⁹.

Há realmente características na natureza e na fortuna de Cómodo que favorecem a aproximação: desde logo, como Calígula e Nero, chegou ao poder muito jovem. Talvez por isso, são-lhe imputados comportamentos levianos próprios da juventude, como deambular à noite por locais mal frequentados (*Com.* 3.7)¹⁰ ou deixar-se manipular facilmente por terceiros (*Com.* 2.6; 4.5; 5.1-3; 5.6; 6.3)¹¹. À semelhança de Calígula, sofre o efeito da inevitável comparação com um pai com o qual dificilmente pode rivalizar.

Entre as primeiras palavras da biografia (*Com.* 1.3), surge um terrível presságio que anuncia o carácter do futuro imperador: *Faustina cum esset Commodus cum fratre praegnans, uisa est in somnis serpentes parere, sed ex his unum ferociorem* («Faustina sonhou, quando estava grávida de Cómodo e do irmão, que dava à luz duas serpentes, mas uma delas mais feroz»). Este sonho lembra-nos um vaticínio de Tibério, que ao considerar o *ferum ingenium* de Calígula, o classificava como uma cobra (*natrix*) para o povo romano (Suet. *Cal.* 11). Ideia semelhante subjaz à afirmação de Domício, pai de Nero, quando assegura que dele e de Agripina só pode nascer algo de detestável e destinado à perdição pública (Suet. *Nero* 6.2). O desastre aparece anunciado desde o início destas Vidas. De qualquer modo, a serpente poderá também ser entendida como profecia (de tipo oriental) de poder. Segundo Suetónio, corria uma lenda de que Nero tinha sido protegido por uma serpente que aterrorizara uns assassinos enviados por Messalina (*Nero* 6.4)¹². Outra história dizia que Augusto tinha sido concebido por intermédio de uma serpente quando Ácia se encontrava no templo de Apolo (*Aug.* 94.4). E já antes se associava o poder daquele animal ao momento da concepção de Alexandre, entre outros¹³.

Também na educação de Cómodo há semelhanças com os dois Júlio-Cláudios. O menosprezo pelas disciplinas consideradas nobres, ensinamentos de que não soube aproveitar¹⁴, em proveito da música, dança e artes circenses

oficial do escritório do prefeito da cidade. Vide neste volume, a discussão deste de outros assuntos por Cláudia Teixeira.

⁸ Cf. Suet. *Ves.* 18; Plin *Nat.* 34.45; Mart. *Ep.* 1.70.7; *Spec.* 2.1; D. C. 65.15.

⁹ Cf. Suet. *Cal.* 22.2 : (...) *inter quae Olympii Iouis, apportarentur e Graecia, quibus capite dempto suum imponeret.* Vide Porta 1975: 169.

¹⁰ Cf. Suet. *Cal.* 11; Nero 26.1. Também Lúcio Vero, considerado outro Nero em muitos aspectos (*Ver.* 10.8), vagueava à noite disfarçado (*Ver.* 4.6).

¹¹ Para Herodiano (1.1.5-6), a juventude do príncipe é causa dos erros do principado: a preponderância dos favoritos e a arrogância. Vide U. Espinosa Ruiz 1984: 120-121.

¹² Vide Bradley 1978: 52.

¹³ Cf. Plu., *Alex.* 2.6-3.2. Vide Martin, 1991: 329-30.

¹⁴ *sed tot disciplinarum magistri nihil ei profuerunt...*

(Com. 1.4-7), faz lembrar as propensões de Calígula¹⁵ e de Nero¹⁶, imperadores que ficaram famosos pelo seu histrionismo. Salienta-se que se trata de artes que menos convêm a um imperador: *iam in his artifex, quae stationis imperatoriae non erant, ut calices fingeret, saltaret, cantaret, sibilaret, scurram denique et gladiatorem perfectum ostenderet* (Com. 1.8) («Além disso, era artista naquelas técnicas que não convinhão à posição de um imperador, ao ponto de saber modelar cálices, dançar, cantar, assobiar e de exhibir na perfeição a arte do bufão e do gladiador»).

No gosto pelas artes plásticas (*ut calices fingeret*), Cómodo mostra-se semelhante a Nero, que também *habuit et pingendi fingendique... studium* (Suet. Nero 52). Mas, sobretudo, não parece accidental o uso do termo *artifex* por parte de um autor conhecedor de Suetónio: o vocábulo remete imediatamente para uma das mais belas e mais conhecidas páginas do biógrafo dos Césares, relacionada com a morte do último dos Júlio-Cláudios: a célebre exclamação *qualis artifex pereo!* (Nero 49.1)¹⁷. E, evocado no início da biografia de Cómodo, o termo parece carregar um sentido pressaço.

Já G. Porta salientou que a secção 2.6-9 retoma de perto o *Calígula* de Suetónio, sobretudo no que se refere à transformação do palácio em casa de jogo (*in domo aleam exercuit*)¹⁸, à instauração de uma espécie de lupanar palaciano (*mulierculas formae scitioris ut prostibula mancipia per speciem lupanarium et ludibrium pudicitiae contraxit*)¹⁹ e à propensão para levar uma vida despudorada e sumptuosa (*neque umquam pepercit uel pudori uel sumptui*)²⁰, com ecos salustianos (Cat. 14.6; 52.33)²¹. No que respeita a Nero, o juízo de Suetónio é muito semelhante (Nero 29: *suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit...*). A tendência para a sumptuosidade e para a devassidão, características dos tiranos, eram atribuídas pela tradição histórico-biográfica aos piores dos imperadores. Só a mesquinhez de Tibério e de Galba os afastaram da vida faustosa.

¹⁵ Cf. Suet., Cal.53.1: *Ex disciplinis liberalibus minimum eruditioni...*; Cal. 54.1: *Sed et aliorum generum artes studiosissime et diuersissimas exercuit.*

¹⁶ Cf. Suet., Nero 52: *Liberalis disciplinas omnis fere puer attigit. Sed a pilosophia eum mater avertit monens imperaturo contrariam esse; a cognitione veterum oratorum Seneca praeceptor, quo diutius in admiratione sui detineret.* Cf. também Nero 20.1: *Inter ceteras disciplinas pueritiae tempore imbutus et musica...*

¹⁷ Segundo Lorenzo 1981: 523-35, *artifex* era o termo adequado (correspondente do grego τεχνίτης), pelo seu amplo campo semântico (nenhum outro termo para actor designava tão bem a polivalência de Nero).

¹⁸ Cf. Suet. Cal. 41.2: *ac ne ex lusu quidem aleae compendium spernens.*

¹⁹ Cf. Suet. Cal. 41.1: *lupanar in Palatio Constituit.*

²⁰ Cf. Suet. Cal. 36.1: *Pudicitiae neque suae neque alienae pepercit*; Cal. 37.1: *nepotatus sumptibus omnium prodigorum superavit.*

²¹ Vide Porta 1975: 166-8. Este autor acentua a ligação a Suetónio mais que a Salústio. De qualquer modo, temos de ter em conta que eram expressões que se integravam nos *topoi* do discurso contra a tirania, de cariz senatorial, que se reflectiam na historiografia.

O facto de Cómodo beijar publicamente um parceiro sexual evoca de imediato Calígula que, segundo Suetónio, não se coibia de beijar o pantomimo Mnester²²: *Romam ut rediit, subactore suo Saotero post se in curro locato ita triumphauit ut eum saepius ceruice reflexa publice oscularetur. Etiam in orchestra hoc idem fecit* (Com. 3.6) («Quando regressou a Roma, celebrou o trunfo, e colocou o amante Saotero²³ atrás de si, de modo que, virando a cabeça para trás, o beijava frequentemente em público.»). Mas o facto de se tratar de um parceiro sexual passivo (como sugere o termo *subactor*) lembra-nos Esporo, o eunuco que, alegadamente, Nero tratava como esposa (Suet. Nero 28.1) e que também beijava em público²⁴.

O incesto aparece associado aos piores tiranos, talvez por comparação com monarcas orientais, como os Lágidas. O relação incestuosa e violenta com as irmãs – *sororibus dein suis ceteris, ut dicitur, constupratis* (Com. 5.8) («Além de violar as irmãs, segundo se diz») – retoma os rumores acerca do relacionamento de Calígula com as suas irmãs, especialmente Drusila²⁵; e o processo de associação de uma concubina à mãe através do nome – *uni etiam ex concubinis matris nomen imposuit* (Com. 5.8) («até pôs a uma das concubinas o nome da mãe») – lembra-nos que Suetónio aduz, como um dos sinais do alegado incesto de Nero, o facto de ter uma amante parecida com Agripina²⁶.

Outra característica é a busca de divinização de tipo oriental, tão odiada pela mentalidade senatorial, e associada a esta surge a quebra das convenções através do vestuário e aparência²⁷. Já de Calígula se diz que envergava roupas e símbolos divinos (Suet. Cal. 52). Cómodo veste-se como Hércules (Com. 9.4) e *appellatus est etiam Romanus Hercules, quod feras Lanuuii in amphitheatro occidisset* (Com. 8.5) («foi ainda chamado Hércules Romano²⁸, por ter matado animais selvagens no anfiteatro de Lanúvio»). É de notar que, segundo Suetónio, também Nero planeara apresentar-se na arena do anfiteatro, com os atributos de Hércules, a dominar um leão preparado para o efeito²⁹.

Numa perspectiva orientalizante se pode situar também o desejo de rebatizar Roma (Com. 8.6) de acordo com o seu nome: *fuit praeterea ea dementia, ut urbem Romanam coloniam Commodianam uocari uoluerit. qui furor dicitur ei inter*

²² Suet. Cal. 55.1: *Mnesterem pantomimum etiam inter spectacula osculabatur. Vide* Porta 1975: 168.

²³ Liberto de origem Bitínica, criado de quarto (*a cubiculo*) de Cómodo.

²⁴ Suet. Nero 28.2: *Hunc Sporum, Augustarum ornamentis excultum lecticaque uectum, et circa conuentus mercatusque Graeciae ac mox Romae circa Sigillaria comitatus est identidem exosculans.*

²⁵ Suet. Cal. 24.1: *Cum omnibus sororibus suis consuetudinem stupri fecit.*

²⁶ Suet. Nero 28.2: *Nam matris concubitum appetisse... nemo dubitauit, utique postquam meretricem, quam fama erat simillimam, inter concubinas recepit.*

²⁷ Vide Dunkle 1967: 170; Dunkle 1971: 18-9.

²⁸ Em 192. E fez-se representar em moedas e estátuas com os atributos de Hércules: a clava e a pele de leão.

²⁹ Suet. Nero 53: *Destinauerat... imitari Herculis facta; praeparatumque leonem aiunt, quem uel claua uel brachiorum nexibus in amphitheatri harena spectante populo nudus elideret.*

delenimenta Marciae iniectus («Foi, além disso, possuído por aquela insensatez de querer designar a Urbe por ‘Colônia Romana Comodiana’, loucura esta que lhe ocorreu, diz-se, no meio das delícias de Márcia³⁰»). Semelhante propósito se atribuía a Nero³¹, rumor que parece reflectir uma conexão com a prática da fundação de cidades por parte dos reis helenísticos e até de Augusto³². O biógrafo considera tal propósito uma loucura (*dementia... furor*) de Cómodo, tal como Suetónio falara de uma ambição irracional (*cupido, sed inconsulta*) de perpetuar a glória por parte de Nero (*Nero* 55). Se Júlio César, Augusto e Domiciano deram o nome a certos meses, Cómodo foi mais longe: atribuiu o seu nome e títulos aos meses que vão de agosto a dezembro (*Com.* 11.8). Mas, como acontecera nos casos de Nero e Domiciano, nenhuma das designações propostas prevaleceu.

A presença do imperador na arena, repetidamente censurada nesta *Vida*, insere-se numa política populista, já procurada por Calígula e Nero, na mira de cativar as massas, que gostavam de ver a figura distante do imperador tornar-se humanamente próxima pelos hábitos e partilhar os seus gostos desportivos³³. O autor sublinha o insólito de um imperador se submeter à curiosidade do povo (*Com.* 12.12: *et haec fecit spectante saepe populo Romano*), uma desonra que também estava nas intenções de Nero (*spectante populo*), segundo nos diz o biógrafo dos Césares (*Nero* 53). Nesta linha se situa também o ensejo de conduzir quadrigas no circo (*Com.* 8.7), alegação que, de forma condensada (*uoluit etiam in Circo quadrigas agitare*), parece fazer eco de afirmações de Suetónio a respeito do exibicionismo demagógico de Nero³⁴. A busca do apoio popular parece visível na soma exagerada com que Cómodo presenteou o povo: setecentos e vinte e cinco denários por cabeça (*Com.* 16.8)³⁵. De resto, o texto (*Congiarium dedit populo singulis denarios septingenos uicenos quinos*) parece, mais uma vez, próximo do *Calígula* de Suetónio³⁶.

A ideia de representar a concubina Márcia em traje de Amazona (*Com.* 11.9), parece ser inspirada em Nero, que, diz Suetónio, vestiu as concubinas segundo o costume dessas guerreiras míticas (*Nero* 44.1). Também Calígula fez Cesónia cavalgar a seu lado com adornos militares que sugerem uma amazona (*Cal.*

³⁰ Concubina.

³¹ Suet. *Nero* 55: *destinauerat et Romam Neropolim nuncupare*. Tac. (*Ann.* 15.40.3) noticia o desejo de fundação de uma nova cidade e associa o facto ao incêndio de 64.

³² Suet. *Aug.* 60. Embora, no caso de Augusto, o biógrafo considere a designação de *Caesarea* como o tributo de *reges amici et socii* em reconhecimento dos méritos do imperador.

³³ Vide Espinosa Ruiz 1984: 137 n. 139.

³⁴ Suet. *Nero* 22.2: *Mox et ipse aurigare atque etiam spectari saepius uoluit positoque in hortis inter seruitia et sordidam plebem rudimento uniuersorum se oculis in Circo Maximo praebuit*.

³⁵ D. C. 72.16.1, fala de 140 denários. Mas pode tratar-se de contagens diferentes.

³⁶ *Cal.* 17.2: *congiarium populo bis dedit trecentos sestertios*.

25.3)³⁷. E Cómodo fazia-se denominar ele próprio, entre outros epítetos, *Amazonius* (*Com.* 11.9).

Pela crueldade, típica dos tiranos, Cómodo faz, desde logo, lembrar Calígula. Imediatamente a seguir à referida alusão à data de nascimento daquele imperador (*Com.* 10.2), Lamprídio, o suposto autor da *Vida*, introduz a informação de que Cómodo apressava a morte dos que tivessem alguma vez manifestado vontade de morrer (*si quis sane se mori uelle praedixisset, hunc inuitum praecipitari iubebat*) (*Com.* 10.3) – uma reminiscência provável de Suetónio, que conta a história de um homem que, tendo oferecido a vida pelas melhoras de Calígula, foi depois adornado como as vítimas dos sacrifícios, conduzido pelas ruas e atirado do alto das antigas muralhas³⁸. Também o facto de precipitar na piscina o prefeito do pretório, que estava de toga (*Com.* 11.3), é semelhante a uma das punições preferidas de Calígula que, em várias ocasiões, lança pessoas à água: é o caso do tratamento dado à multidão que estava na margem a assistir à inauguração da ponte de Baias (*Cal.* 32.1), aos vencidos do concurso de Lugduno (*Cal.* 20) e ao tio Cláudio, num momento de cólera (*Cl.* 9.1).

De igual modo, a referência a brincadeiras funestas – *in iocis perniciosus* (*Com.* 10.3) – segue de perto a referência de Suetónio ao humor negro do sucessor de Tibério³⁹. Neste contexto, o facto de esventrar um homem corpulento só pelo prazer (*pinguem hominem medio uentre dissicuit, ut eius intestina subito funderentur*) (*Com.* 10.5) soa a refinamento de semelhantes torturas atribuídas a Calígula⁴⁰. O autor quer demonstrar que Cómodo tinha uma crueldade e um humor negro tão ou mais requintados do que o seu modelo júlio-cláudio.

Também na morte da esposa Crispina (*Com.* 5.9), pela sequência dos acontecimentos e pelo vocabulário usado (*uxorem, quam deprehensam in adulterio exegit, exactam relegauit et postea occidit*), parece ecoar o relato do repúdio e morte de Octávia, esposa de Nero, sob a acusação, falsa, de adultério⁴¹.

Sugere um flagrante decalque a alegação de que Cómodo dera ordem para incendiar Roma (*Com.* 15.7): *urbem incendi iusserat, utpote coloniam suam*. O tom, a linguagem, a colocação na estrutura da *Vida* (na *acme* dos crimes) denunciam a influência de Suetónio, que não tem dúvidas em acusar Nero da autoria do incêndio de 64, movido pelo desejo de substituir a fealdade dos monumentos e

³⁷ O pequeno escudo, denominado *pelta*, usado por Cesónia e pelas concubinas de Nero, era atributo das amazonas: cf. Plin. *Nat.* 12.23; Mart. 9.101.5.

³⁸ *Cal.* 27.2: *Alterum, qui se periturum ea de causa uouerat, cunctantem pueris tradidit, uerbenatum infulatumque repositos per uicos agerent quoad praecipitaretur ex aggere. Vide Porta 1975: 169.*

³⁹ *inter varios iocos...* (*Cal.* 33).

⁴⁰ *Cal.* 27.3: *Multos... medios serra dissecuit. Vide Porta 1975: 169.*

⁴¹ Suet. *Nero* 35.2: (...) *etiam relegauit, denique occidit sub crimine adulteriorum adeo impudenti falsoque, ut...*

das ruas por uma nova cidade, planeada de acordo com os seus gostos estéticos⁴². A História ameaça repetir-se. No entanto, Díon Cássio (72.24), contemporâneo dos factos e também voz da hostilidade senatorial, deixa claro que Cómodo não esteve envolvido no incêndio.

Como em Suetónio, a morte é introduzida como consequência natural das acções do príncipe (*Com.* 17.1), uma espécie de castigo que, apesar de tudo, chega tarde, como se permite comentar o biógrafo: *His incitati, licet nimis sero, Quintus Aemilius Laetus praefectus et Marcia concubina eius inierunt coniurationem ad occidendum eum* («Acicatados por estes atos, embora demasiado tarde, o prefeito Quinto Emílio Leto e Márcia, a concubina do imperador, puseram em marcha uma conspiração para o matar.»). Trata-se do género de decesso que entronca na punição habitualmente reservada aos típicos tiranos, como sugerem os paralelismos com as introduções de Suetónio à narrativa da morte de Calígula, Nero e Domiciano⁴³. Destaca-se a participação na conjura dos que lhe estão próximos, o que sublinha a ideia da solidão e desconfiança em que vivem tais governantes.

A colocação do retrato físico depois da narrativa da morte, ou relacionado com esta, também é um método muitas vezes usado por Suetónio. Estabelece-se assim uma espécie de elo entre a caracterização física e moral, de forma a retomar os traços mais marcantes do biografado. Quer se admita a influência de teorias fisiognomónicas em Suetónio, como sugerem alguns autores⁴⁴, quer se negue⁴⁵, reconhece-se a procura de assimilação do aspecto ao carácter.

A insinuação de que Cómodo chamuscava o cabelo e a barba por medo dos barbeiros (*adurens comam et barbam timore tonsoris*) parece uma forma algo suspeita de o conotar com um típico tirano, como é o caso de Dionísio, o Velho⁴⁶. Este género de rumor ganha consistência porque o visado adopta regularmente o uso da barba. Na verdade, este traço distintivo, assumido por Adriano para esconder imperfeições do rosto (cf. *Hadr.* 26.1), tornara-se, de algum modo, numa moda dos imperadores, abandonada mais tarde por Constantino. O próprio pai de Cómodo, Marco Aurélio, usara a barba longa, típica dos filósofos. Ao contrário do que acontecia com os príncipes das dinastias Júlio-Cláudia e Flávia, em quem, à excepção de retratos esporádicos de Nero e Domiciano, o uso da barba se limitara praticamente às expressões de luto, a partir dos Antoninos abria-se à *vox populi* e

⁴² Nero 38.1: (...) *incendit urbem tam palam, ut plerique consularios eius...* Tácito (*Ann.* 15.38.1) não é tão assertivo: considera que a culpa de Nero era apenas uma das versões que corriam. De resto, uma versão muito conveniente para os inimigos de Nero da classe senatorial.

⁴³ *Ita bacchantem atque grassantem non defuit plerisque animus adoriri* (*Cal.* 56.1); *Talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit* (Nero 40.1); *Per haec terribilis cunctis et inuisus, tandem oppressus est <...> amicorum libertorumque intimorum simul et uxoris* (*Dom.* 14.1). Vide Croisille 1970 : 78 n. 5; Gascou 1984: 789-90.

⁴⁴ Vide Evans 1950: 277-82; Couissin 1953: 234-56; Stok 1995: 109-35.

⁴⁵ Vide Baldwin 1983: 498-501; Gascou 1984 : 592-616.

⁴⁶ Cf. Cic., *De off.* 2.7.25 e *Tusc.* 5.20.58 ss.

aos historiadores a possibilidade de aplicarem o velho *topos* do medo dos *tonsores*, se a intenção era caracterizar o governante como odiado e desconfiado.

O desejo expresso pelo senado e pelo povo de que o cadáver de Cómodo fosse arrastado com um gancho e lançado ao Tibre⁴⁷ corresponde ao castigo reservado aos inimigos do Estado e aos piores tiranos (*Com.* 17.4). Recorde-se que Suetónio nos diz que, depois de Tibério morrer, o povo gritou que fosse lançado ao Tibre (*Tib.* 75.1); que Vitélio, depois de linchado, recebeu aquele tratamento (*Vit.* 17.2) e que era este o destino que os cesaricidas planeavam dar ao corpo de Júlio César (*Jul.* 82.4). Também Heliogábalo será objecto de um ultraje ainda maior, uma vez que será lançado à cloaca e depois ao rio (*Hel.* 17.1-3).

Histórias inventadas, fruto da maledicência dos inimigos que Cómodo granjeou na classe senatorial, ficaram vinculadas para sempre à reputação do imperador. O problema de explicar como pôde um pai sábio, como fora Marco Aurélio, gerar um filho tão degenerado é resolvido de forma algo artificiosa, elevando rumores infundados à categoria de provas históricas. Na *Vida* do imperador filósofo são incluídos dois boatos que procuram justificar o facto de forma verosímil perante o público romano. Um, de proveniência vulgar (*ac talem fabellam uulgari sermone contextunt*), apresenta a origem do mal num ritual esotérico em que Faustina é banhada no sangue de um gladiador para se curar de uma espécie de histeria⁴⁸. Admite-se que a verosimilhança do boato residia no próprio contraste entre a santidade do pai e os desmandos do filho, que reunia em si todas as desonras e crimes⁴⁹.

Acrescenta-se outro rumor, mais verosímil, embora improvável, que aponta para adultério. O autor dá-lhe maior crédito, uma vez que começa e acaba o assunto com ele. A começar, enuncia a ideia de que Cómodo não é filho de Marco Aurélio (*Marc.* 19.1), salientando a validade de tal alegação⁵⁰. Mais à frente, retoma o tema do adultério, para salientar o género de pessoas com que Faustina se teria envolvido: marinheiros e gladiadores (*Marc.* 19.7), tipos sociais que parecem ter sido aduzidos com base nos traços de carácter e nas atividades do

⁴⁷ *Corpus eius ut unco traheretur atque in Tiberim mitteretur, senatus et populus postulauit.*

⁴⁸ *Faustinam quondam, Pii filiam, Marci uxorem, cum gladiatores transire uidisset, unius ex his amore succensam, cum longa aegritudine laboraret, uiro de amore confessam. Quod cum ad Chaldaeos Marcus rettulisset, illorum fuisse consilium, ut occiso gladiatore sanguine illius sese Faustina sublauaret atque ita cum uiro concumberet. Quod cum esset factum, solutum quidem amorem, natum uero Commodum gladiatorem esse, non principem, qui mille prope pugnas publice populo inspectante gladiatorias imperator exhibuit, ut in uita eius docebitur* (*Marc.* 19.2-5).

⁴⁹ *Quod quidem ueri simile ex eo habetur quod tam sancti principis filius iis moribus fuit quibus nullus lanista, nullus scaenicus, nullus arenarius, nullus postremo ex omnium dedecorum ac scelerum conluuione concretus* (*Marc.* 19.6)

⁵⁰ *Aiunt quidam, quod et ueri simile uidetur, Commodum Antoninum, successorem illius ac filium, non esse de eo natum sed de adultério.*

filho⁵¹. Sendo o carácter considerado ingénito, como Marco Aurélio era inatacável⁵², a imperatriz teve de arcar com as culpas.

A *Vida* reflete a mentalidade senatorial: representa um forte ataque, usando como arma a moral tradicional. O juízo sobre os Júlio-Cláudios, injusto ou não, estava fixado e servia de modelo para o bem e para o mal. E a fonte da *Vida de Cómodo* é de origem senatorial⁵³. As comparações sugeridas e as acusações denunciavam a ideologia subjacente. Se Calígula e Nero se contam entre os que mais afrontaram o senado⁵⁴, fica também claro, desde o início da *Vida*, que Cómodo foi alvo do ódio da altiva ordem (*Com.* 3.9) em cuja destruição se terá empenhado. Há que ter também em conta o ódio dos membros do *consilium principis* de Marco Aurélio e outros nobres afastados por Cómodo (*Com.* 3.1-3).

O discurso contra a tirania está muito presente e contribui certamente para a aproximação. Do ponto de vista teórico, e partindo do modelo os monarcas helenísticos, todo o tirano revelaria à partida *inciuilitas* ou *superbia*, *saeuitia* ou *crudelitas*, *luxuria*, *rapacitas*, *libido* exacerbada e *impietas* contra os deuses, contra a pátria e contra a família. Trata-se de atributos usados, por exemplo, por Tito Lívio na descrição de Tarquínio-o-Soberbo (1.49 ss), ou Jerónimo, tirano de Siracusa (24.5.3-6). E, quando o suposto tirano não apresentava todas estas características, conclui-se que as dissimulava⁵⁵. Não surpreende, por isso, que se afirme logo no início que Cómodo (*Com.* 1.7) ... *a prima statim pueritia turpis, improbus, crudelis, libidinosus, ore quoque pollutus et constupratus fuit* («desde a primeira infância se mostrava vil, vergonhoso, cruel, lascivo, conspurcado até da boca e pervertido.»)

Mas a verdade é que a *Vida de Cómodo* omite bons feitos, referidos por outras fontes, que ajudariam a equilibrar a imagem do imperador. O ódio a Cómodo não era universal. Há registos de louvores, e mesmo de proveniência cristã⁵⁶. Mas segundo alguns autores, a *História Augusta* parece ser uma obra

⁵¹ *multi autem ferunt Commodum omnino ex adulterio natum, si quidem Faustinae satis constat apud Caietam condiciones sibi et nauticas et gladiatorias elegerisse.*

⁵² Como nota Porta (1975: 165), este contraste lembra a comparação que Suetónio implicitamente estabelece entre o retrato de Germânico (*Cal.* 3.1) e de Calígula (*Cal.* 50.2). *Vide* também Espinosa Ruiz 1984: 139-40.

⁵³ Mário Máximo é um forte candidato. A fonte terá vivido, tal como Díon Cássio (cf. 74.12.2), os acontecimentos de reacção contra Cómodo. *Vide* Espinosa Ruiz 1984: 114 ss.

⁵⁴ Cf. Suet. *Cal.* 26.2. *Nihilò reuerentior leniorue erga senatum...* (cf. *Cal.* 49); Nero 37.3: *in senatus odium ita uenit ut et ipse crudeliter in tanti ordinis perniciem saeuiret fieretque e contempto crudelis.*

⁵⁵ *Vide* Dunkle 1971: 16-7; Tabacco 1985: 87, 131; Brandão 2010: 455-72.

⁵⁶ Talvez por influência da amante Márcia, Cómodo abandonou a perseguição aos cristãos. *Vide* Baldwin 1983: 224-31; Marasco 1996: 229-38.

contra a monarquia hereditária e o cristianismo⁵⁷. Se os Antoninos, com o seu sistema da adoção, pertencem ao período de apogeu e estabilidade do Império Romano, e incluem as melhores referências para o ideal imperial que o autor querará transmitir, Cómodo parece ser a prova da falência do sistema hereditário⁵⁸. Além disso, pertence ao grupo dos imperadores jovens facilmente manobráveis⁵⁹.

O largo peso dado às imprecações do senado (*Com.* 18-19), explicitamente apoiadas na autoridade do senador Mário Máximo (*Com.* 18.1), reflete com clareza a ideologia e a intenção do biógrafo. Cómodo é anatematizado *post mortem* como mais cruel que Domiciano e mais corrompido que Nero (*Com.* 19.2)⁶⁰. O decreto reitera amiúde a expressão *unco trahatur* e o termo *parricida* com o qual também Nero era classificado. Com efeito, Suetónio descreve os *parricidia et caedes* de Nero (*Nero* 33.1), que culminam na destruição da *patria* (*Nero* 38.1). Parece que o autor quer provar que Cómodo ultrapassou largamente os desmandos dos piores dos Júlio-Cláudios: os mais histriónicos, os mais devassos, os mais cruéis, em suma, os que mais desprezaram a moral romana tradicional.

A tipificação e a paródia ajudam a criar o retrato. Muitas características são deduzidas por congruência de caracteres, sem uma preocupação de busca de veracidade. E, do exposto, podemos concluir que o conhecimento de Suetónio ajuda a interpretar o texto da *História Augusta*, que, em certa medida, parece assentar no pressuposto da leitura do anterior.

BIBLIOGRAFIA

- Aymard, J. (1936), «Commode-Hercule fondateur de Rome», *REL* 14: 350-64.
- Baldwin, B. (1990), «Commodus the good poet and good emperor: explaining the inexplicable», *Gymnasium* 97: 224-31.
- Baldwin, B. (1983), *Suetonius*. Amsterdam: Hakkert.
- Birley, A. R. (1997), *Hadrian. The Restless emperor*. London/New York: Routledge.
- . (2003), «The *Historia Augusta* and pagan historiography», in G. Marasco (ed.), *Greek and Roman Historiography in late antiquity*. Leiden/Boston: Brill, 127-49.

⁵⁷ Vide Honoré 1987: 158-62. Na *HA*, mais do que reação contra o cristianismo em si, haverá antes reação contra a intolerância religiosa que emergiu no tempo de Teodósio. Não parece, portanto, uma obra contra o cristianismo, mas contra a unicidade na religião. Vide Birley 2005 144; Birley 2006: 24-5.; Brandão 2012: 67-8.

⁵⁸ Embora se lancem dúvidas de que seja filho do antecessor e herde, portanto, o seu carácter (*Marc.* 19.1-7).

⁵⁹ Como se sugere na *Vida de Tácito: Dii auertant pueros principes et patres patriae dici impuberes et quibus ad subscribendum magistri litterarii manus teneant, quos ad consulatus dandos dulcia et circuli et quaecumque voluptas puerilis invitet.* (*Tac.* 6.5).

⁶⁰ *saeuior Domitiano, impurior Nerone.*

- . (2006), «Rewriting second-and-third-century history in late antique Rome: the *Historia Augusta*», *Clássica. Revista Brasileira de Estudos Clássicos* 19.1: 19-29.
- Bradley, K. R. (1978), *Suetonius' Life of Nero. An historical commentary*. Bruxelles: Latomus.
- Brandão, J. L. (2007), «Cómodo: outro Calígula, outro Nero», *Humanitas* 59: 133-45.
- . (2010), «A diatribe contra a tirania nas *Vidas dos Césares* de Suetónio», in M. Leonor Santa Bárbara *et alii*, *Identidade e cidadania da antiguidade aos nossos dias*. Actas do congresso, vol. I. Porto: Papiro, 455-72.
- . (2012), «Biografia e ideologia no final do século IV. A História Augusta e a figura controversa de Adriano», in F. Oliveira, V. Mantas, J. L. Brandão & R. Sanz Serrano (coord.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa*. Coimbra/Madrid: Imprensa da Universidade. Clássica Digitalia, 65-81.
- Couissin, J. (1953), «Suétone physiognomoniste dans les *Vies des XII Césars*», *REL* 31: 234-56.
- Croisille, J. M. (1970), «L'art de la composition chez Suétone d'après les *Vies* de Claude et de Néron», *AIIS* 2: 73-87.
- Dunkle, J. R. (1967), «The Greek tyrant and Roman political invective of the late Republic», *TAPhA* 96: 151-71.
- . (1971), «The rethorical tyrant in Roman Historiography: Sallust, Livy and Tacitus», *CW* 65: 12-20.
- Espinosa Ruiz, U. (1984), «El reinado de Cómodo: subjectividad y objectividad en la antigua historiografía», *Gerion* 2: 113-49.
- . (1995), «Cómodo y los cristianos: lectura política de las fuentes», *Gerion* 13: 127-40.
- Evans, E. C. (1950), «Physiognomics in the Roman empire», *CJ* 45: 277-82.
- Gagé, J. (1968), «L'assassinat de Commode e les *sortes Herculis*», *REL* 46: 280-303.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Paris: De Boccard.
- Grant, M. (1996), *The Antonines. The Roman empire in transition*. London and New York: Routledge.
- Hengst, D. (1981), *The prefaces in the Historia Augusta*, Amsterdam: Grüner.
- Honoré, T. (1987), «Scriptor Historiae Augustae», *JRS* 77: 156-76.
- Hurley, D. W. (1993), *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*. Atlanta: Scholars Press.
- Di Lorenzo, E. (1981), «A proposito dell'espressione *neroniana qualis artifex pereo* (Suet., Nero 49)», in I. Gallo (a cura di), *Studi salernitani in memoria di R. Cantarella*. Univ. di Salerno, Istituto di Filologia Classica. Salerno: Pietro Laveglia Editore, 523-35.

- Marasco, G. (1996), «Commodo e i suoi apologeti», *Emerita* 64: 229-38.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris: Les Belles Lettres.
- Meckler, M. (1996), «The beginning of the *Historia Augusta*», *Historia* 45: 364-75.
- Porta, G. (1975), «Un Caligola dell' *Historia Augusta*, Commodo», *Atene e Roma* 20: 165-70.
- Sá, C. M. (2006), *A importância do retrato materno na construção das personagens na Historia Augusta* (diss. mestrado apres. FLUL). Lisboa.
- Stok, F. (1995), «Ritratti fisiognomici in Svetonio», in I. Gallo & L. Nicastri (a cura di), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Napoli: Ed. Scientifiche Italiane, 109-35.
- Tabacco, R. (1985), «Il tiranno nelle declamazioni di scuola in lingua latina»: *Memorie della Accademia delle Scienze Morali, Storiche e Filologiche di Torino* II. Classe di Scienze Morali, Storiche e Filologiche, serie V, vol. 9. Torino: Accademia delle Scienze, 1-141.
- Teixeira, C., Brandão, J. L., & Roddrigues, N. S. (2011), *História Augusta, Volume I. Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio, Cómodo*. Tradução do latim, introdução, notas e índice. Coimbra: Imprensa da Universidade, *Clássica Digitalia*.
- Wardle, D. (1994), *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*. Bruxelles: Latomus.
- Warmington, B. H. (2^a1999), *Suetonius Nero*, text, with intr. & notes. Bristol: Bristol Classical Press.

(Página deixada propositadamente em branco)

O presente volume inclui estudos teóricos sobre a Biografia, as suas origens e desenvolvimentos na Grécia e em Roma, que convergem no tratamento biográfico do regime imperial romano. Além da referência a diversos biógrafos, são objeto especial de análise biografias de Josefo, Plutarco, Suetónio, Quinto Cúrcio, Tácito e *História Augusta*, bem como *Vidas* de governantes — Alexandre, Augusto, Tibério, Galba, Otão, Adriano e Cómodo — e de políticos influentes, como Germânico e Agrícola.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de IED financiada por **fct** Fundação para a Ciência e a Tecnologia Projeto UIDB/00196/2020 Criado em 1967

1 2



9 0



IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS